UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

THAILY VIVIANE ANDRÉ

As crianças no gueto de Łódź:

Vidas e mortes no segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944

São Paulo

2018

THAILY VIVIANE ANDRÉ

As crianças no gueto de Łódź:

Vidas e mortes do segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944

Versão original

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Judaicos

Orientadora: Profa. Dra. Marta Francisca Topel

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A555c André, Thaily Viviane
As crianças no gueto de Lodz: Vidas e mortes do segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944 / Thaily Viviane André ; orientadora Marta Francisca Topel. - São Paulo, 2018.
242 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Holocausto. 2. Gueto de Lodz. 3. Crianças. I. Topel, Marta Francisca, orient. II. Título.

ANDRÉ, Thaily Viviane. **As crianças no gueto de Łódź: Vidas e mortes do segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a).:_____

Instituição:_____

Julgamento:_____

Prof(a). Dr(a).:_____

Instituição:_____

Julgamento:_____

Prof(a). Dr(a).:_____

Instituição:_____

Julgamento:_____

Dedico o presente trabalho ao jovem idealista Dawid Sierakowiak, cujo diário inspirou a escolha do tema de minha pesquisa de mestrado, e a todas as crianças e jovens que viveram e sofreram no gueto de Łódź na espera de um futuro que nunca veio. Que suas vidas e seus sofrimentos não tenham sido em vão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação de Estudos Judaicos e Árabes pela oportunidade da realização do curso de mestrado.

Agradeço à minha orientadora, a Profa. Dra. Marta Topel, por ter aceito o desafio de me auxiliar na concretização do meu sonho de pesquisar sobre o gueto de Łódź.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – Brasil (CAPES) pela concessão da bolsa de mestrado que me permitiu realizar o presente trabalho.

Agradeço à minha família pelo apoio constante e pela paciência a mim devotada ao longo do mestrado e da realização dessa pesquisa. Sem eles, nenhuma linha desse trabalho teria sido escrita.

“Pois nós só temos um objetivo: durar mais do que a crise e viver. Nós precisamos viver e ver o momento em que poderemos dizer: Tudo valeu a pena, tendo suportado todas as dificuldades e sofrimentos.... Nós queríamos ser as testemunhas de uma nova era e é isso que somos. Se não fosse por esse momento, então tudo que aconteceu (miséria, humilhação, fome, frio, doenças) teria sido em vão. O propósito de nossa vida, que eles queriam roubar de nós, é: viver esse momento. Todo o resto empalidece perto disso, é insignificante, efêmero. Esse momento até compensa pela morte de centenas de milhares, que morreram antes de serem redimidos. No lugar de todas essas coisas que não podermos dar a vocês, paciente, vocês devem substituir com fortaleza de espírito, resistência ao sofrimento, orgulho diário, e a consciência de ser inocente. De alguma maneira, algum dia, a libertação chegará. Isso é atestado pela nossa história e pela eterna máxima que reinou no mundo até agora: Justiça triunfa sobre a iniquidade. Portanto, é aconselhável ficar em silêncio, morder os dentes, sofrer, e estar preparado para esse momento...” Oskar Rosenfeld, 17 de fevereiro de 1942 (ROSENFELD, 2002, p. 3)

“Tenho certeza de que uma vida maravilhosa e brilhante ainda está esperando por nós”. Dawid Sierakowiak, 30 de abril de 1941 (ADELSON, 1997, p. 187)

RESUMO

ANDRÉ, Thaily Viviane. **As crianças no gueto de Łódź: Vidas e mortes do segundo maior gueto judeu da Polônia ocupada, 1941-1944.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A cidade de Łódź na Polônia abrigava a segunda maior comunidade judaica da Europa, somente superada pela capital Varsóvia. Ocupada pelas tropas alemãs em 8 de setembro de 1939, apenas uma semana após a invasão da Polônia, essa grande cidade industrial foi escolhida pelas autoridades alemãs para se tornar uma cidade digna de pertencer ao Grande *Reich*. Para tanto, foi feita uma reestruturação da cidade, renomeada Litzmannstadt, que incluía torná-la *Judenrein*, livre de judeus. A etapa inicial desse processo seria a criação de um gueto, uma medida temporária a ser empregada enquanto o futuro dos judeus de Łódź não fosse decidido. Contudo, a escolha de Mordechai Chaim Rumkowski como *Judenälteste* do gueto pelos alemães e sua tática de garantir a salvação de sua comunidade através do trabalho o tornou o gueto mais longevo do Holocausto. Em um gueto voltado ao trabalho, as crianças exerceram um papel central que oscilava entre a proteção e a exclusão, ambas de responsabilidade de Rumkowski, o homem que se dizia seu protetor e que acabou por deportá-las ao campo de extermínio de Chełmno. Essa deportação de crianças colocou o gueto de Łódź e seu líder Rumkowski no debate historiográfico, que acabou por marginalizar a história do alvo principal das deportações: as crianças. O presente trabalho tem por objetivo preencher essa lacuna historiográfica.

Palavras-chave: Holocausto. Gueto de Łódź. Crianças.

ABSTRACT

ANDRÉ, Thaily Viviane. **The children in the Łódź ghetto: Lives and deaths of the second largest jewish ghetto in occupied Poland, 1941-1944.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The city of Łódź in Poland housed the second largest Jewish community in Europe, only surpassed by the capital Warsaw. Occupied by German troops on September 8, 1939, just one week after the invasion of Poland, this great industrial city was chosen by the German authorities to become a city worthy of belonging to the Great *Reich*. To this end, a restructuring of the city, renamed Litzmannstadt, was made, which included making it *Judenrein*, free of Jews. The initial stage of this process would be the creation of a ghetto, a temporary measure to be employed as long as the future of the Jews of Łódź was not decided. However, the choice of Mordechai Chaim Rumkowski as the *Judenälteste* of the ghetto by the Germans and his tactic of securing the salvation of his community through labor made this the longest-standing ghetto of the Holocaust.

In a work-oriented ghetto, children played a central role that oscillated between protection and exclusion, both of which were the responsibility of Rumkowski, the man who claimed to be his protector and eventually deported them to the Chełmno extermination camp. This deportation of innocent children placed the ghetto of Łódź and its leader Rumkowski in the historiographic debate, which ended up marginalizing the history of the main target of the deportations: the children. The present work aims to fill this historiographical gap.

Keywords: Holocaust. Łódź Ghetto. Children

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sinagoga reformada ao lado de mansão em Łódź (circa 1900).....36

Imagem 2 – Homem posa diante da Grande Sinagoga de Łódź..... ..37

Imagem 3 – Membros do Conselho Judaico com Rumkowski ao centro (1940). 59

Imagem 4 – Placa anuncia a mudança de nome de Łódź para Litzmannstadt.....61

Imagem 5 – Entrada do gueto assinalada com uma placa datada em 22 de abril de 1940 proibindo a entrada de poloneses e alemães no gueto.....63

Imagem 6 – Hans Biebow posa diante de um carro com os dizeres *Gettoverwaltung* 64

Imagem 7 – Polícia Judaica em 1940 com o chefe Leon Rozenblat 66

Imagem 8 – Stanisław Jacobson, presidente da Corte, em sessão em 25 de maio de 1942 67

Imagem 9 – Placa na entrada do gueto.....68

Imagem 10 – Mapa do gueto de Łódź.....69

Imagem 11 – Dois funcionários do serviço postal do gueto entregando correspondências. 71

Imagem 12 – Rumkowski discursa perante uma multidão em 15 de junho de 1940 ...75

Imagem 13 – Cozinha n° 452 do gueto.....83

Imagem 14 – Adolescentes puxam um carro de mão com pães para o gueto 84

Imagem 15 – Funcionários de um centro de distribuição pesam alimento dos cupons..... 85

Imagem 16 – Mulher do gueto carrega pedaços de madeira em suas costas. 86

Imagem 17 – Himmler visita o gueto em 5 de junho de 1941 e recebe Rumkowski. ...92

Imagem 18 – Entrada do campo cigano no campo de Łódź 96

Imagem 19 – Selecionados para deportação aguardam na prisão central do gueto a ordem de partida (setembro de 1942). 102

Imagem 20 – Rumkowski discursa em cima de sua carruagem..... 127

Imagem 21 – Mordechai Chaim Rumkowski conversa com Hans Biebow..... 131

Imagem 22 – Leon Rozenblat, Rumkowski, Jabukowicz e Dora Fuchs..... 133

Imagem 23 – Rumkowski passeia pelas ruas do gueto em sua carruagem..... 144

Imagem 24 – Relatório de atividades do orfanato do período entre 01/05 à 31/12/1940 168

Imagem 25 – Tabela feita pela Administração do gueto com dados numéricos referentes ao orfanato do gueto entre maio de 1940 e agosto de 1942..... 169

Imagem 26 – Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número de crianças atendidas pelas colônias entre julho e outubro de 1940..... 172

Imagem 27 – Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número mensal de crianças na colônia de Marysin entre os meses de agosto de 1940 e setembro de 1942, distinguindo as crianças por gênero e idade 174

Imagem 28 - Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número de quartos e camas na colônia infantil de Marysin e a condição familiar das crianças ali abrigadas entre setembro de 1940 e agosto de 1942 176

Imagem 29 - Rumkowski com membros de sua administração, incluindo Eliahu Tabaksblat e Moshe Karo 183

Imagem 30 - Tabela feita na ocasião da reforma do currículo escolar (nov-dez 1940) sobre o domínio de línguas dos estudantes do gueto..... 185

Imagem 31 - Criança e professora analisando um mapa na colônia de Marysin.....187

Imagem 32 – Capa do álbum confeccionado pelo Departamento Escolar para Rumkowski. 189

Imagem 33 – Página do álbum com assinaturas dos alunos do gueto..... 189

Imagem 34 - Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 4ª..... 190

Imagem 35 - Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 17a 191

Imagem 36 - Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 22 191

Imagem 37 - Professora e alunas do curso da oficina de costura do gueto 195

Imagem 38 - Frase de Rumkowski escrita em uma parede e que se tornou o lema do gueto: "*Unser einziger Weg is arbeit"* (Nosso único caminho é o trabalho) 198

Imagem 39 - Crianças trabalhando em máquinas de costura em uma oficina no gueto 202

Imagem 40 – Crianças trabalhando em uma fábrica de metal. 203

Imagem 41 - Crianças da colônia de Marysin são colocadas em uma coluna para serem deportadas durante a Sphere 207

Imagem 42 - Crianças deportadas durante a *Gehsperre* de setembro de 1942 embarcando nos vagões que as levariam ao campo de extermínio de Chełmno..... 208

Imagem 43 - Criança selecionada para deportação se despede dos familiares através da cerca da Prisão Central, onde são mantidos os que serão deportados 209

Imagem 44 - Fotografia dos operários da fábrica de móveis do gueto, mostrando o grande número de crianças ali empregadas 210

Imagem 45 - Dedicatória da criança Nádia para a colega Franka Kleczewska 220

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....19
1. O GUETO DE ŁÓDŹ.....27
1.1. A formação de uma grande comunidade: judeus em Łódź antes de 1939.....28
1.2. Meio ano de terror: Łódź entre a chegada dos nazistas e o fechamento do gueto (setembro 1939 - abril 1940) 44
1 3. O gueto cresce: do fechamento às primeiras deportações (maio 1940 – maio 1942).....62
1.4. O início do fim: das primeiras deportações à liquidação do gueto (junho 1942 – agosto 1944).....100
2. RUMKOWSKI E AS CRIANÇAS DE ŁÓDŹ.....109
2.1. Rumkowski como diretor do orfanato de Helenowék 111
2.2. A controvérsia sobre a escolha de Rumkowski como *Judenälteste*.... 119
2.3. As principais correntes do debate historiográfico sobre o papel de Rumkowski como *Judenälteste*.....135
3. SER CRIANÇA NO GUETO DE ŁÓDŹ.....157
3.1. Crianças como objeto de estudo: dificuldades metodológicas.....158
3.2. Crianças nos orfanatos e colônias do gueto.....167
3.3. Crianças nas escolas do gueto.....178
3.4. Crianças como força de trabalho do gueto.....197
3.5. O destino das crianças do gueto.....212
CONCLUSÃO 223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 235

INTRODUÇÃO

Muito já foi escrito sobre o Holocausto, o evento mais abominável da história da humanidade, tão inacreditável por sua crueldade que alguns chegam até a questionar sua veracidade. Esse negacionismo é somente um dos muitos motivos pelos quais continua a ser imprescindível pesquisar e escrever sobre o Holocausto, apesar de ser abrangente a bibliografia sobre o extermínio dos judeus perpetrado pelos nazistas. Afinal, um evento trágico como esse não pode ser esquecido e muito menos negado, sendo fundamental o entendimento de suas motivações e das circunstâncias que permitiram a sua realização a fim de que sirva como lição e alerta para o futuro.

Outro motivo que torna relevante a realização de novos estudos sobre o Holocausto é a amplitude desse extermínio, que passou por diversas fases e que gerou situações diversas que devem ser analisadas de forma mais detalhada devido às suas especificidades inerentes. Apesar de estarem englobadas dentro do objetivo maior do aniquilamento dos judeus europeus, os guetos, campos de concentração e de extermínio e as execuções em massa ofereceram experiências singulares que precisam ser diferenciadas para que sejam compreendidas em toda sua complexidade. Sequer é possível generalizar a vivência em cada uma dessas situações, pois que cada gueto ou campo apresentou características próprias que exigem um estudo particularizado.

A multiplicidade dos estudos da *Shoá* decorre igualmente das diferentes perspectivas através das quais o evento pode ser analisado. Por conseguinte, existem narrativas diversas sobre a mesma situação, dependendo das fontes utilizadas e de qual ponto de vista é adotado, se o das vítimas ou dos perpetradores. A escolha das fontes influi de forma considerável no tipo de história que será feita, se uma história sob a perspectiva das vítimas ou se uma história sob a perspectiva dos perpetradores. Isso porque, enquanto a primeira utiliza testemunhos, memórias e diários feitos pelos judeus durante ou após os acontecimentos descritos, a segunda prioriza o uso de documentos oficiais produzidos pelos nazistas.

Ademais, o grupo das vítimas tampouco é homogêneo, pois os nazistas perseguiram opositores políticos, homossexuais, ciganos, grupos religiosos e judeus. Ainda que o estudo focalize as vítimas judias, é possível desmembrar esse grupo em grupos menores, como mulheres judias, homens judeus, idosos judeus e crianças judias. Tal distinção pode ser justificada pelas diferentes experiências e vivências que

cada um desses grupos menores teve durante o Holocausto, uma vez que cada um foi impactado de uma maneira própria conforme o tratamento diferenciado que recebiam dos nazistas.

Passados mais de setenta anos do final da Segunda Guerra Mundial e do final do Holocausto com a libertação dos últimos guetos e campos, ainda é desconhecido o número exato de vítimas. A inexatidão decorre da falta de documentos e registros de todos que foram perseguidos e mortos, mas estudos aprofundados chegam ao número de 6 milhões de judeus mortos pelos nazistas.

Apesar de ser um número passível de questionamento, a marca dos 6 milhões de judeus mortos é a de maior consenso entre historiadores e centros de pesquisas, sendo adotada por dois importantes centros de documentação do Holocausto, o israelense *Yad Vashem* e o *United States Holocaust Memorial Museum*[1], sediado em Wahsington D.C., nos Estados Unidos. Esses mesmos centros inferem em 1.5 milhões o número de crianças judias mortas pelos nazistas.

Esse grupo característico das crianças mereceu poucos estudos dentro da vasta historiografia do Holocausto, apesar de representarem vinte e cinco por cento das vítimas judias. Algumas justificativas são aventadas, como a ausência de documentos oficiais sobre as crianças, que frequentemente eram excluídas dos registros nazistas por serem vistas invariavelmente como meros apêndices indesejados de suas mães.

Elementos inúteis aos alemães no presente por não poderem servir ao esforço de guerra alemão e potencialmente perigosas no futuro pelo risco de miscigenação, as crianças eram alvos certeiros e fáceis de aniquilamento. De sua inocência característica decorre outro empecilho às pesquisas centradas nas crianças como objeto de estudo, pois que são escassos os materiais deixados por elas e que possam ser utilizados como fontes históricas.

Pela própria idade, a maioria das crianças pequenas não era alfabetizada, nos restando apenas os registros e diários de crianças mais velhas e jovens, cujas experiências não podem ser tomadas como parâmetro para as crianças menores, que tiveram vivências inteiramente diversas devido à sua maneira única de compreender o mundo e os acontecimentos. Outros tipos de materiais por elas deixados, como

---

[1] O United States Holocaust Memorial Museum disponibilizou um estudo pormenorizado sobre o número de vítimas do Holocausto, que está disponível em: “Documenting numbers of victims of the Holocaust and Nazi Persecution”, **Holocaust Encyclopedia**. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>. Acesso em 03 out. 2018.

desenhos, tem sua validade questionada como fonte histórica por alguns historiadores, uma vez que são sujeitos a variadas interpretações.

Há ainda o debate acerca da utilização de testemunhos das crianças, seja feito durante a infância quanto feito a *posteriori*. Em relação aos testemunhos feitos pelas crianças durante o transcorrer dos acontecimentos, se levanta a questão da credibilidade do relato, já que as crianças são vistas como imaginativas e imaturas para compreender a realidade. Já em relação aos testemunhos feitos na idade adulta, quando se rememora os acontecimentos vividos na infância, a dúvida recai na influência da memória e da teleologia sobre a lembrança precisa dos fatos ocorridos.

Apesar das dificuldades no estudo focado nas crianças como tema de pesquisa, a contradição entre a proteção costumeiramente devotada às crianças por sua fragilidade intrínseca e a truculência à qual foram submetidas pelos nazistas por si só justifica um estudo específico sobre elas. Existem obras de qualidade sobre as experiências das crianças no Holocausto, mas a maior parte delas apresenta uma visão genérica, que inclui crianças nos campos, nos guetos e em esconderijos na parte ariana das cidades.

Apesar de importantes, tais estudos incidem na tão comum generalização que empana o entendimento das diversas situações específicas nas quais as crianças estavam inseridas, o que, por sua vez, nos tolhe a dimensão e a profundidade dos sofrimentos a elas inflingidos. Somente analisando em separado cada situação em que viveram, a saber, cada campo e gueto onde haviam crianças, é que podemos alcançar uma maior percepção de suas vivências.

Por tais motivos, se justifica o presente trabalho, cujo objetivo é estudar as diferentes vivências e situações enfrentadas pelas crianças no gueto de Łódź, o segundo maior gueto do período nazista e o mais longevo deles. A duração e o tamanho de sua população por si só justificam um estudo sobre esse gueto, que apresentou características singulares, como sua ênfase no trabalho e a complexidade de sua administração.

Ademais, o líder judeu do gueto, Mordechai Chaim Rumkowski, figura polêmica e que suscita acalorados debates historiográficos, é uma personalidade que merece novos estudos, especialmente se o enfoque são as crianças do gueto. Rumkowski tinha uma relação complexa com as crianças mesmo antes de ocupar a posição de

Judenälteste [2] por ter ocupado o cargo de diretor de um orfanato judeu e se autoproclamar protetor das crianças. Como líder judeu do gueto, Rumkowski desde o início afirmou priorizar as crianças e órfãos, o que fez com que sua escolha de selecionar as crianças abaixo de 10 anos para deportação a fim de salvar o restante do gueto se tornasse ainda mais chocante. Como se não bastasse pedir aos pais que entregassem de forma voluntária seus próprios filhos para deportação a um destino desconhecido, sendo que a maioria dos pais compreendia que seus filhos não estavam sendo deportados para trabalhar em algum lugar, mas que seriam mortos; ainda pior era um pedido como esse feito por alguém que dizia amar e prezar as crianças.

O gueto de Łódź merece maiores estudos pela sua importância, singularidade e grandeza, sobretudo por não ter recebido a devida importância na historiografia, sendo bem menos estudado que o gueto de Varsóvia que, apesar de maior em população, foi de mais curta duração. Mesmo sem ter realizado uma revolta contra os dominadores alemães como ocorreu em Varsóvia, os moradores do gueto de Łódź tiveram muita fibra e resistiram, à sua maneira, contra a desumanidade que os nazistas queriam promover no gueto.

Vivendo corajosamente, enfrentando a fome e o frio, trabalhando com as últimas forças de seus corpos frágeis, se relacionando e sonhando com um futuro digno e esperançoso, os judeus de Łódź conseguiram enfrentar os nazistas mostrando que a humanidade sempre vence a desumanidade. As crianças e jovens de Łódź nos deixam ainda mais evidente que é possível ser humano em um mundo desumano, ainda que seus esforços não tenham sido compreendidos.

Em última instância, esse é o objetivo do presente trabalho: apresentar a luta cotidiana dessas crianças para sobreviver e, mais do que isso, para viver. Luta essa que não consistia em pegar em armas para combater inimigos, mas em persistir com sua humanidade, lutando pelo direito de estudar, de brincar, de ser feliz, de ser criança. Em um mundo que alguns queriam tolher seu direito de viver e de ter uma infância e onde o resto as esqueceu, deixando-as à mercê de sua própria sorte, não havia luta maior do que a de sobreviver em um mundo desumano para poder viver em um mundo mais humano. É para lembrar dessas crianças que lutaram por um futuro, ainda que derrotadas nesta luta, que escrevemos esse trabalho.

---

[2] *Judenälteste* é o título dado pelos alemães aos líderes judeus por eles nomeados, cuja tradução literal seria “o mais velho dos judeus” ou ancião.

Com tal intento, decidi criar três grandes capítulos nos quais abordasse as principais justificativas desse trabalho, enfatizando a singularidade de cada um desses elementos e seu impacto dentro do objetivo central da pesquisa, que é analisar as vivências das crianças no gueto de Łódź.

O primeiro capítulo irá apresentar ao leitor brasileiro a história do gueto de Łódź, a qual está pouco familiarizado por ser praticamente inexistente a bibliografia em português sobre este gueto. Nesse capítulo inicial, apresento o desenvolvimento da cidade de Łódź, explicando como veio a se tornar o pólo industrial que era no início do século XX e como acabou por sediar a segunda maior comunidade judaica da Europa.

Em seguida apresento o gueto de Łódź desde sua concepção por parte dos alemães até a sua liquidação, destacando as diferentes fases pelas quais passou como consequência nas alterações da política nazista. Essa contextualização da história da cidade e do gueto é importante para que se compreenda a situação ímpar que as crianças ali viveram, seja no campo da educação ou no do trabalho, compreensão que não se torna possível sem uma análise das características deste gueto específico.

O segundo capítulo destaca a figura do líder judeu do gueto de Łódź, Mordechai Chaim Rumkowski, com o objetivo de analisar a sua relação com as crianças, uma vez que o poder decisório sobre a vida destas estava em suas mãos. Como Rumkowski teve uma relação prévia com as crianças como diretor de orfanato no entreguerras e desde então esteve cercado de rumores sobre abuso sexual das crianças que deveria amparar, decidi abordar essas experiências pretéritas do líder judeu a fim de entender a relação que teve com as crianças do gueto. Dessa forma, um dos itens desse capítulo vai focalizar o papel de Rumkowski no orfanato de Helenówek, incluindo a acusação de que o diretor abusava sexualmente dos órfãos que estavam sob seus cuidados.

Esse segundo capítulo tem igualmente o propósito de explicar o porquê de Rumkowski ter entrado na historiografia do Holocausto como um colaborador dos nazistas e traidor do próprio povo, sobretudo das crianças que tanto afirmava proteger e cuidar. Para tanto, apresento o debate historiográfico que surgiu a partir da década de 60 e que ainda hoje suscita polêmica sobre sua atuação, trazendo os argumentos principais dos autores e as acusações ou defesas que são feitas sobre as atitudes tomadas pelo líder judeu.

O terceiro e derradeiro capítulo enfoca o objetivo desse trabalho, que é o estudo das situações vividas pelas crianças e jovens no gueto de Łódź. Esse capítulo, apesar de ser o mais central dessa pesquisa, foi colocado por último por entender que a situação específica das crianças no gueto de Łódź só pode ser entendida em sua complexidade e em sua unicidade depois de compreendidas as características também únicas desse gueto e de seu líder.

Esse capítulo se inicia com um pequeno panorama das dificuldades metodológicas, mencionadas anteriormente nessa introdução, que se apresentam aos que buscam recriar as vivências das crianças, buscando sua voz e sua visão dos fatos. Dificuldades como falta de documentos oficiais que levem em consideração as crianças, escassez nos registros produzidos pelas próprias crianças e objeções acerca da crebilidade dos relatos feitos na infância e nas memórias escritas na idade adulta são empecilhos a quaisquer pequisas focadas nas experiências vividas pelas crianças.

Por serem escassas as fontes primárias e secundárias sobre as crianças no gueto de Łódź, decidi utilizar tanto documentos oficiais produzidos pelas autoridades alemãs e judaicas do gueto quanto registros pessoais feitos pelas crianças. Entendo que os documentos possuem limitações por serem produzidas por ou para os perpetradores e por apresentarem números frios e genéricos, mas são necessários para que tenhamos uma noção de grandeza, fundamental para que saibamos o número de crianças inseridas no sistema educacional e na força de trabalho do gueto.

Contudo, conhecer o número e a porcentagem de crianças atendidas nas escolas, abrigadas nos orfanatos, deportadas para campos de extermínio e inseridas na força de trabalho do gueto não nos possibilita vislumbrar o impacto que essas situações tiveram sobre elas e como elas lidaram com as perdas e desafios que a vida no gueto lhes propiciava. Utilizar apenas os documentos e estatísticas nos faz ver a criança unicamente como um número a ser contabilizado e não como um ser humano com sentimentos, o que era justamente a intenção dos nazistas ao realizar o extermínio dos judeus.

Objetivando resgatar a humanidade da criança, acredito ser imprescindível utilizar diários, testemunhos e memórias que nos ofereçam a perspectiva das crianças e jovens. Contextualizando esse material com fontes primárias[3] e secundárias, é

[3] Utilizei na presente pesquisa fontes primárias obtidas em minha visita ao arquivo do *United States Holocaust Memorial Museum* em Washington D.C. em novembro de 2015, na qual tive acesso a

possível utilizá-lo com critério através da comparação e alinhamento com as informações mais seguras fornecidas por documentos oficiais e pesquisas realizadas por importantes historiadores que estudam o gueto de Łódź. Isto posto, entendo que o uso de registros e relatos produzidos pelas crianças na infância ou na idade adulta não impede a historicidade da pesquisa, mas faz com que seja mais rica por possibilitar um entendimento mais próximo possível à realidade vivida pelas crianças no gueto de Łódź.

Para compreender como as crianças viveram durante os quatro anos de existência do gueto de Łódź realizei um trabalho de garimpo, selecionando dados pertinentes às crianças em todas as fontes que oferecem algum tipo de informação sobre o gueto. Portanto, analisei documentos produzidos pela burocracia do gueto que fornecem estatísticas a respeito das atividades do gueto e de sua população, obras de pesquisadores que estudam o gueto de Łódź, diários de crianças e de adultos e em testemunhos orais e escritos feitos no pós-guerra. Após a análise de todas essas fontes e a seleção dos dados sobre as crianças, busquei agrupar as informações a fim de criar um panorama sobre as principais situações vividas pelas crianças no gueto de Łódź, a saber, nas escolas, nos orfanatos e na força de trabalho.

Assim sendo, no capítulo sobre as crianças abordo as principais situações enfrentadas pelas crianças e jovens nesse gueto, a saber, nas escolas, nos orfanatos, na força de trabalho e nas deportações, utilizando diversos tipos de fontes para abranger nosso entendimento sobre cada um desses cenários. Dessa forma, esperamos que possamos recriar, ainda que de forma restrita devido aos diversos empecilhos que uma pesquisa centrada nas crianças como objeto de estudo oferece, as vidas das crianças do gueto de Łódź, para que suas mortes não tenham sido em vão.

---

importantes documentos produzidos pela Administração judaica do gueto para as autoridades alemãs que estão também em arquivos poloneses. Algumas tabelas e gráficos estão reproduzidos nesse trabalho com seus respectivos registros no arquivo.

1. O GUETO DE ŁÓDŹ

A formação do gueto de Łódź em 1940 não foi um acontecimento isolado na história. Ele faz parte de um contexto econômico, político e social, não apenas da Alemanha nazista, que decidiu confinar os judeus daquela e de outras cidades em uma pequena área dessa cidade industrial. Tal acontecimento está igualmente relacionado ao contexto local, o único que pode explicar o porquê de, em menos de um século, Łódź ter visto sua parcela da população de origem judaica se multiplicar rapidamente.

Esse intenso crescimento populacional explica como Łódź acabou abrigando o segundo maior gueto da era nazista, somente atrás da capital Varsóvia, que era a cidade mais populosa da Polônia e com a maior comunidade judaica do país. E esse crescimento populacional, que ocorreu sobretudo no século 19, só é explicado pelo contexto econômico de uma cidade em pleno desenvolvimento industrial; e pelo contexto social de um país que acabou concedendo direitos civis iguais às minorias como os judeus tardiamente. Tais fatores atraíram os judeus para Łódź, permitindo que se integrassem à sociedade e mesmo que se destacassem em diversas áreas, como na indústria, música e arquitetura, deixando a sua marca na cidade e em sua história.

Além disso, a localização do gueto de Łódź não foi acidental. A região norte da cidade e ao redor de Bałuty era historicamente habitada por judeus e, durante a dominação russa, foi escolhida para sediar o distrito no qual os judeus deveriam habitar. Esse distrito, no qual os judeus foram forçados a viver por mais de 35 anos (1827-1862) foi um precedente tímido para o gueto mais isolado da era nazista (1940-1944). Robert Jan Van Pelt (2015, p. 8) lembra em sua obra de que essa era uma prática nazista, a de estabelecer guetos em bairros tradicionalmente judaicos ou que já haviam sediados guetos no passado.

Por essas razões acima explicitadas, se faz necessário voltar à história de Łódź antes de 1939, para apresentar tal contexto, que proporcionou a chegada dos primeiros judeus à cidade, assim como o posterior e rápido desenvolvimento de sua comunidade, que se tornou a segunda maior da Polônia, famosa por sua organização e complexidade, como veremos a seguir.

1.1. A formação de uma grande comunidade: judeus em Łódź antes de 1939

A cidade de Łódź teve início como um vilarejo, controlado pelos bispos católicos de Kujawy residentes em Włocławek (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 11). Apesar de controlado pela Igreja, não existem evidências documentais de que os bispos proibiram o estabelecimento de judeus no vilarejo[4]. A fundação da cidade pode ser datada em 1423 (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 3), mas somente no século 19 ela adquiriria o aspecto de uma cidade propriamente dita, sendo majoritariamente habitada por agricultores e artesãos.

Apesar de ser extremamente difícil de ser definida temporalmente, a presença judaica na localidade era praticamente inexistente até finais do século 18, quando é registrada oficialmente a primeira chegada de um judeu na cidade[5]. Em 1781 é registrado o primeiro judeu nativo de Łódź, Samuel Grosman, no mesmo ano em que a cidade contava com 12 judeus (RAGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 12), em sua maioria oriundos de vilarejos próximos.

Pouco mais de uma década depois, em 1793, uma grande mudança atinge a cidade. Como resultado da partição da Polônia entre Prússia e Rússia, Łódź ficou sob domínio prussiano e protestante, que foi responsável pela secularização das terras que até então eram propriedade da Igreja Católica (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 13). Tal secularização foi positiva para a cidade, pois atraiu muitos migrantes, inclusive judeus. Neste ano, onze judeus foram contabilizados em Łódź (SINNREICH, In; FOGEL, 2015, p. 14), um a menos do que em 1781[6].

O domínio prussiano foi curto, e em 1806 Łódź passou para o domínio francês[7]. Apesar da curta duração do Ducado foi um período extremamente importante para a formação da comunidade judaica na cidade, comunidade esta que não apenas

---

[4] Diferentemente de outras cidades polonesas, Łódź não possuía o *privilegia de non tolerandis Judaeis,* que proibia os judeus de viver em determinado local (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 11).

[5] Joachim Zelkowicz, acompanhado de sua esposa, foi o primeiro judeu a ser registrado em Łódź. (RAGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 11). Contudo, poucos anos depois desapareceu da cidade sem vestígios, provavelmente tendo migrado para outra localidade.

[6] Essa aparente redução da população judaica não necessariamente ocorreu na prática, pois era comum as pessoas evitarem os censos devido a razões fiscais, como argumenta Hubert Rogozinski (In: MACHEJEK, 2015, p. 13).

[7] Łódź passou para o domínio francês através do Tratado de Tylża, que criou o Ducado de Varsóvia, que durou de 1807 até 1815 (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 14).

cresceu numericamente no período com novas migrações, como iniciou o estabelecimento de uma estrutura formal[8]. O estabelecimento de uma congregação oficial ocorreu provavelmente em junho desse mesmo ano de 1806, o que possibilitou o fortalecimento da comunidade através de uma rede de contatos mais estreita entre os judeus da cidade. Em 1808, um ano após a criação do Ducado, Łódź contava com 434 habitantes, sendo 58 deles judeus (GUTMAN, In: 2008, p. xxiv). Em mais uma demonstração da organização e estruturação da comunidade judaica, em 1810 ocorreu a primeira eleição oficial para o Conselho dos Anciões da Congregação de Łódź (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 16).

Com a queda do Império Napoleônico em 1815 e o subsequente Congresso de Viena, incumbido da partição dos territórios sob domínio francês, Łódź passa para outro domínio estrangeiro, dessa vez do Império Russo (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 14). Foi um período de muito desenvolvimento para Łódź, que somente agora deixou de se assemelhar a um pequeno vilarejo para de fato adquirir a aparência de uma cidade, através de seu desenvolvimento industrial. Tal desenvolvimento não ocorreu naturalmente, mas foi estimulado pelo ministro da Indústria durante a chamada Monarquia da Polônia[9], Stanisław Wawrzyniec Staszic, que em 18 de setembro de 1820, designou a cidade para se tornar um centro industrial do país (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 14). Neste ano, foram contabilizados 767 moradores na cidade (LÖW, 2010, p. 55).

Para atrair indústrias e investidores, as autoridades deram concessões, privilégios e ajuda financeira[10]. Para tornar esse desenvolvimento industrial possível, houve uma extensão territorial da cidade[11], o que possibilitou um crescimento econômico e

---

[8] Um exemplo nítido nesse sentido foi a construção da primeira sinagoga em Łódź no ano de 1809, quando a comunidade contava com 98 membros (SINNREICH, In: FOGEL), um grande crescimento em relação ao ano anterior. Essa sinagoga, situada à rua Dworska, atual Wolborska, era de madeira, e por isso teve que ser reconstruída em 1845. O primeiro rabino da cidade, Arie Jehuda, chegou à cidade nesse mesmo ano, oriundo de Widowa (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 15).

[9] Monarquia da Polônia era o título chamada a Polônia sob domínio russo, também conhecida como Polônia do Congresso.

[10] Alguns exemplos de ajuda financeira a fim de atrair investidores foram a concessão de terras para o estabelecimento de indústrias, a isenção de seis anos do pagamento da locação e impostos, permissão de importar produtos e a liberação do exército (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 4).

[11] A cidade passou de 8,3 quilômetros quadrados em 1820 para 10,2 quilômetros quadrados em 1821, extensão que continuou nos anos posteriores, chegando a 27,4 quilômetros quadrados em 1840 (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 8).

populacional. Além dessas concessões, a cidade ainda apresentava vantagens importantes para sediar um centro industrial, que era a disponibilidade de matérias-primas como madeira e água nas proximidades e ligação com uma importante estrada (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 5).

A indústria atraiu novos migrantes, o que gerou um rápido aumento populacional na cidade[12]. Grande parte desses migrantes atraídos por tais concessões eram tecelões e comerciantes dos Estados alemães, da Prússia e da Áustria (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 6). Łódź se tornou a segunda maior cidade da Polônia, apenas atrás da capital Varsóvia, posição que continuaria a ocupar nas décadas seguintes, apesar das guerras e das dificuldades econômicas que iria enfrentar nas décadas porvindouras.

A indústria trouxe um fenômeno que marcaria drasticamente a história da cidade, que foi a chegada de uma nova comunidade, a alemã, em uma cidade até então coabitada por uma maioria polonesa e uma minoria judaica[13]. Essa rápida e considerável migração mudou a estrutura populacional da cidade que, uma década depois, em 1831, era bem diversa, contando com uma grande maioria de origem alemã[14].

Apesar de parecer que seu número diminuiu, na verdade a população e origem judaica na cidade cresceu. Isso porque muitos desses novos imigrantes atraídos pelo crescimento industrial eram judeus, cujo número cresceu exponencialmente em Łódź[15]. Esse crescimento seria ainda maior com o novo status de cidade industrial, que trouxe judeus especialmente de cidades vizinhas e em sua maioria ocupados no comércio. Somente aos poucos esses judeus ingressariam na principal força econômica da cidade, a indústria têxtil.

---

[12] Em uma década, o número de habitantes cresceu de 767 em 1820 para 4.343 em 1831 (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 7). O crescimento continuou na década seguinte, e no início da década de 1840 a cidade contabilizava 17 mil habitantes (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 6).

[13] Em 1820 havia 767 habitantes em Łódź, aproximadamente 66 por cento dos habitantes eram poloneses e os 34 por cento restante da população eram judeus.

[14] Em 1831 havia 4.343 habitantes na cidade, 74 por cento eram alemães, 17 por cento poloneses e apenas 9 por cento judeus (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 7).

[15] Entre 1793, ano em que a cidade recebeu o status de cidade governamental, após a dominação pela Prússia, e 1821, a população judaica da cidade cresceu de 11 para 262 habitantes (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 6).

Tamanho foi esse crescimento da população judaica que, apenas dois anos depois, em 1822, julgou-se necessário limitar o número de judeus que ali residissem (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 16). Tal decisão fez com que a porcentagem de judeus em relação ao total da população declinasse rapidamente em poucos anos[16], queda acentuada sobretudo pela chegada de outros migrantes, como alemães e poloneses oriundos de outras cidades.

Além da restrição quantitativa, outra restrição atinge a comunidade judaica de Łódź, que foi a sua restrição geográfica através da criação de um distrito judaico[17]. E os impedimentos aos judeus não cessavam com a restrição geográfica, como abarcavam também o pagamento de taxas especiais e o impedimento de exercer cargos públicos (PÚS, In: POLANSKI, 1991, p. 8).

Em 1848, algumas das restrições impostas aos judeus de algumas cidades polonesas sob o domínio russo foram abolidas, permitindo a muitos judeus, sobretudo artesãos, virem de locais como a Galícia, então dominada pela Áustria, para Łódź (VAN PELT, 2015, p. 12). Devido às restrições de habitação na cidade, esses judeus puderam apenas residir na parte norte de Łódź, chamada de “cidade velha”, e no distrito de Bałuty, ainda não integrado à cidade (LÖW, 2010, p. 57), integração que só aconteceria durante a ocupação alemã da cidade durante a Primeira Guerra Mundial, conforme veremos posteriormente.

Mesmo restritos, os judeus continuavam unidos em prol do fortalecimento da comunidade[18]. Tal necessidade pode ser explicada, pois que a taxa de natalidade entre os judeus era alta, o que fez com que, mesmo que a entrada de novos judeus em Łódź fosse restringida, houve um crescimento no número de judeus nativos e da comunidade de maneira geral.

---

[16] Tal queda na proporção de judeus em relação ao número de habitantes de Łódź é facilmente comprovada nos registros, que apontam um rápido declínio entre 1823, ano em que os judeus representavam 36 por cento da população, e 1828, quando representavam pouco acima de 10 por cento (SINNREICH, In: FOGEL, p. 14-15).

[17] Em 29 de setembro de 1825, foi publicada uma ordem do governador da Polônia do Congresso, obrigando os judeus a residirem em uma parte limitada ao norte da cidade (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 17). Entretanto, só em 1827 essa medida foi efetivamente colocada em prática, quando 342 judeus foram forçados a viver no recém-criado distrito judaico (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 19).

[18] Em 1859, foi construída uma grande sinagoga de pedra na rua Wolborskiej, pois a antiga sinagoga de madeira já não conseguia comportar seus membros, cada vez em maior número (STEFAŃSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 33-34).

O rápido crescimento da natalidade entre os judeus trouxe um problema residencial, já que estavam confinados em uma pequena área[19]. Não obstante, os judeus conseguiram convencer as autoridades russas a estender o limite do distrito, abarcando outras ruas e aumentando, dessa forma, a área em que podiam residir. Tal restrição de domicílio perdurou por mais de 35 anos, até 1862, quando foram garantidos os direitos civis iguais aos judeus na Polônia[20].

Apesar de conviverem no mesmo espaço e serem considerados iguais perante a lei, a convivência entre judeus, poloneses e alemães era difícil, e relações mais próximas entre esses grupos eram raras, acontecendo mais frequentemente nas camadas mais ricas da sociedade, na qual os judeus, por exemplo, podiam circular mais livremente e sem tanto preconceito, ou entre as crianças (LÖW, 2010, p. 57). As diferenças culturais, sociais, econômicas e religiosas, além do nacionalismo e do preconceito, colocavam barreiras entre esses três grupos, mesmo que aparentemente convivessem juntos. E tal barreira era ainda maior em relação ao judeu, historicamente visto como o “outro”, como um “estranho” em suas roupas e costumes próprios e que, por décadas, viveu segregado do restante da população.

Além de permitir uma maior liberdade de ação aos judeus da cidade, o fim das restrições trouxe uma outra mudança para a comunidade judaica de Łódź, que foi a chegada de muitos judeus oriundos de outras cidades, que agora podiam circular livremente, causando um aumento da população[21]. Entre os judeus que chegavam, vinham também muitos poloneses de cidades vizinhas e vilarejos. Um estímulo à migração para a cidade, fora o já citado desenvolvimento industrial, foi a criação de ferrovias no final do século 19 e início do século 20, que ligavam Łódź a outras cidades

---

[19] Dos 342 judeus que foram viver no distrito judaico em 1827, pouco mais de uma década depois, em 1841, já eram 1.359 judeus vivendo em apenas 19 casas de madeira de um andar e em 5 casas de tijolo de dois andares dentro da área delimitada (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 19).

[20] Em 5 de junho de 1862, quando Aleksander Wielopolski, chefe da administração do Império Russo para os territórios poloneses, garantiu direitos civis iguais aos judeus, cancelando todas as restrições que atingia a comunidade, que agora poderia se integrar social, cultural e economicamente em Łódź (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 20). Essa garantia de direitos, além de acabar com os distritos judaicos, permitiu aos judeus adquirir propriedades, ocupar cargos públicos e os liberou do pagamento das taxas especiais.

[21] Entre 1862 e o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, a população de Łódź cresceu quinze vezes, de 32.344 habitantes (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 21) para 478 mil habitantes (HORWITZ, 2010, p. 2).

da Polônia, como a capital Varsóvia e demais cidades vizinhas (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 9).

Contudo, esse rápido crescimento industrial que, por sua vez resultou em um grande crescimento populacional impulsionado por levas migratórias que chegavam à cidade atraídas pela indústria, trouxe um problema que persistiria até a Segunda Guerra Mundial, e que se revelaria um grande agravante na vida dos habitantes do gueto. Tal problema foi uma rápida e desorganizada urbanização, com a construção de casas e fábricas de maneira rápida e caótica, o que fez com que muitas dessas habitações, especialmente aquelas construídas pelos grandes conglomerados têxteis para servirem de moradia aos seus funcionários, fossem apenas extensões simples e sem instalações adequadas[22].

Enquanto isso a população de Łódź aumentava com a chegada de migrantes, sua comunidade judaica crescia ainda mais, crescimento esse em parte motivado pelos pogroms no Império Russo, desde finais do século 19 ao início do século 20[23]. Tal crescimento não passou despercebido para as autoridades que, entre o final do século 19 e início do século 20, estipularam restrições aos judeus em áreas como a educação e nas profissões (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 15).

Perante essas dificuldades, a comunidade judaica percebeu a importância de se unir e de se organizar para exigir os seus direitos e obter uma maior participação política. Dessa maneira, já em 1897 foram criadas organizações como o *Bund* (*Algemeyner Yidisher Arbeter Bund in Lite, Poyln un Rusland*), movimento operário e socialista judeu, que um dos primeiros partidos do *Bund* a serem criados e que se

---

[22] Não havia sistema de água tratada e esgoto em Łódź até 1914, quando contava com uma população de quase meio milhão de habitantes (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 11). Entretanto, esse serviço, uma vez instalado, não servia a todos os domicílios, e no bairro mais habitado pelos judeus a maioria das residências não contava com essas facilidades. Em 1939 apenas 16 por cento das casas de Łódź contava com água encanada e esgoto (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 17), porcentagem que diminui conforme a renda declina, o que era o caso da maioria dos judeus.

[23] De fato, a população judaica em Łódź cresceu de meros 2.775 judeus por volta dos anos de 1856-1857 (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 15), para 5.380 (ROGOZINSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 21) em 1862, quando então representavam pouco mais de 16 por cento da população. Ou seja, em pouco mais de 5 anos o número de judeus na cidade quase dobrou. Não obstante, esse crescimento nas décadas seguintes seria ainda maior. Em 1897, os judeus representavam pouco mais de 29 por cento, ou impressionantes 98.677 habitantes (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 16). Em 1913 já eram 34 por cento dos moradores da cidade, sendo que no ano seguinte totalizavam 162.500 judeus em Łódź (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 21).

tornou um dos principais de toda a Segunda República Polonesa (LÖW, 2010, p. 60). Outras organizações políticas foram fundadas no início do novo século[24].

Outra forma de se organizar era não através da política, mas da religião. Dessa forma, uma *Kahal*, que representava a comunidade nos aspectos religioso e social, foi se fortalecendo e expandindo as suas atividades[25]. Uma delas foi a criação, em 1899, da Associação de Caridade Judaica de Łódź (PÚS, In: MACHEJEK, 2015, p. 24). Essa associação seria muito atuante em tempos difíceis, como no período da Primeira Guerra Mundial, quando a cidade enfrentaria uma grave crise econômica, auxiliando os judeus necessitados. Ainda no final do século, em 1892, a construção de um grande cemitério judaico murado foi terminada (HORWITZ, 2010, p. 5).

A última metade do século 19 foi um período de grande desenvolvimento para os judeus de Łódź. Além do já citado crescimento populacional, houve um grande crescimento econômico, estimulado pela indústria, uma área na qual os judeus dominavam[26]. Os judeus também participaram da fundação de bancos e casas de crédito[27].

A segunda maior indústria têxtil da cidade era de um judeu, Izrael Kalmanowicz Poznański, que começou a trabalhar com algodão na década de 1850[28]. Poznański foi muito influente e ativo na comunidade judaica, atuando na área social, construindo hospitais e colaborando na construção de sinagogas, escolas e orfanatos (VAN PELT, 2015, p. 12). Além dele, muitos outros judeus foram bem-sucedidos economicamente

---

[24] Alguns partidos criados no período são o Partido Social Democrático Judaico, o Partido Sionista-Socialista dos Trabalhadores, o Poalei Zion, e o Partido Socialista Judaico dos Trabalhadores (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 16).

[25] Ainda no final do século, em 1892, a construção de um grande cemitério judaico murado foi terminada (HORWITZ, 2010, p. 5).

[26] Os judeus controlavam mais de 74% das companhias que lidavam no comércio externo e interno de tecidos fabricados em Łódź e mais de 60% das lojas e armazéns com tecidos na cidade (PÚS, In: MACHEJEK, 2015, p. 25). Das 156 fábricas existentes em Łódź entre 1881 e 1900, 105 eram de propriedade judaica, mostrando a sua forte presença no setor (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxiv).

[27] Os judeus participaram no estabelecimento do Banco do Comércio em 1872, do Banco do Comerciante em 1897 e de outros bancos e casas de crédito da cidade (PÚS, In: MACHEJEK, 2015, p. 26).

[28] Na década de 1870 as indústrias de Poznański passaram por um grande desenvolvimento, dando origem, em 1898, a Sociedade Limitada de Algodão I.K. Poznański, uma empresa familiar. Nessa época, o número de trabalhadores empregados nesse conglomerado têxtil era de 6 mil, chegando a 7 mil em 1913. O maior conglomerado industrial da cidade, não muito maior que a do Poznański, era uma empresa familiar alemã, Scheibler que na década de 1870 já empregava mais de 5 mil trabalhadores, número que chegou a 7.500 em 1914 (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 9-10).

e muitos se tornaram filantropos. Os judeus de Łódź também tinham muitas propriedades e negócios imobiliários. Os poloneses, maioria da população local, se ressentia do sucesso judeu na indústria e no ramo imobiliário, e havia inclusive um ditado que dizia que “Em Łódź as casas são judaicas e só as ruas são polonesas” (In: LÖW, 2010, p. 63, tradução minha).

Outra área dominada por judeus era dos livros, seja através do estabelecimento de editoras ou livrarias[29]. Na área cultural a comunidade judaica também se fortalecia e se organizava, com a criação da associação *Hazomir* [30], O teatro era outra especialidade judaica na cidade[31].

Além disso, muitos pintores judeus se destacavam e organizavam exposições de temas judaicos e gerais, inclusive criando uma Associação de Artistas e Amantes das Belas Artes em 1916, com muitos pintores judeus que queriam se consolidar localmente (MICHALAK, In: MACHEJEK, 2015, p. 66). Houve desenvolvimento igualmente na área educacional, com o estabelecimento de 12 escolas elementares pela comunidade judaica entre 1860 e 1914, uma escola secundária e uma escola vocacional, Talmud-Tora (PÚS, In: MACHEJEK, 2015, p. 32).

Alguns judeus conseguiram enriquecer, sobretudo os que atuavam na indústria têxtil, e uma elite burguesa judaica se formou, caracterizada por uma visão progressiva e reformada do Judaísmo (STEFAŃSKI, In: MACHEJEK, 2015, 35). Essa elite, mais assimilada à cultura polonesa, se diferenciava da maioria judaica de Łódź que falava iídiche, uma vez que preferiam utilizar o idioma polonês ou mesmo o

---

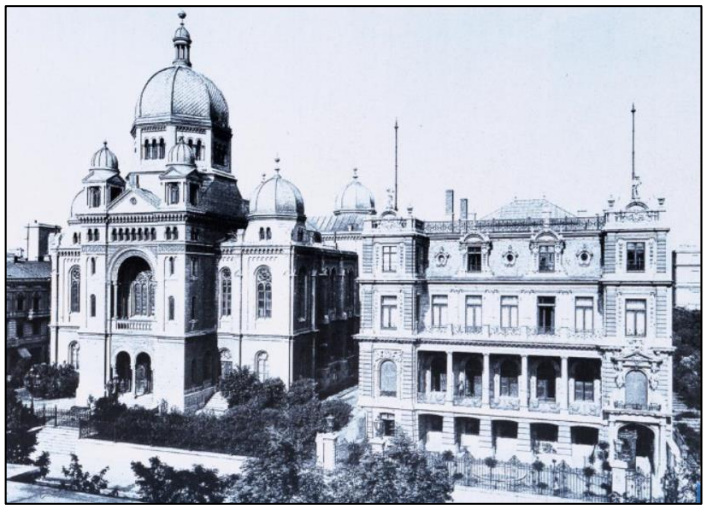
[29] A primeira livraria da cidade foi fundada em 1848 por um judeu, Jankiel Gutsztadt (PÚS, In: MACHEJEK, 2015, p. 29-30). Além disso, jornais judaicos começaram a ser publicados, em sua maioria em iídiche, mas também em hebraico e em polonês. O primeiro deles foi fundado em 1907, e se chamava *Łodzier Nachrichtn* (KEMPA, In: MACHEJEK, 2015, p. 41). Outra conquista na área foi o estabelecimento em Łódź, no ano de 1929, de um departamento do YIVO (*Yidisher Visnshaftlekher Institut)*, importante arquivo e biblioteca de documentos e livros em iídiche, sediado em Vilnus, atual Lituânia (LÖW, 2010, p. 62).

[30] A associação *Hazomir* foi fundada em 1899 e atuava nas áreas do drama, coral e orquestra (KEMPA, In: MACHEJEK, 2015, p. 64), ao lado de outras sociedades similares. Essas sociedades organizavam encontros, performances e concertos pela cidade, abertos para o grande público. O coral *Hazomir* era conhecido em toda a Polônia e muitas vezes se apresentava acompanhado da orquestra sinfônica de Łódź.

[31] Peças judaicas como o cabaré *Ararat* (1927), do poeta Mojżesz Broderson foram apresentadas em outras cidades da Polônia e até em outros países, como na Inglaterra, França e Bélgica (LÖW, 2010, p. 61).

alemão no dia-a-dia. Por se sentirem diferentes dos demais judeus, surgiu o desejo de criarem uma sinagoga própria, progressiva e reformada[32].

Imagem 1– Sinagoga reformada ao lado de mansão em Łódź (circa 1900)



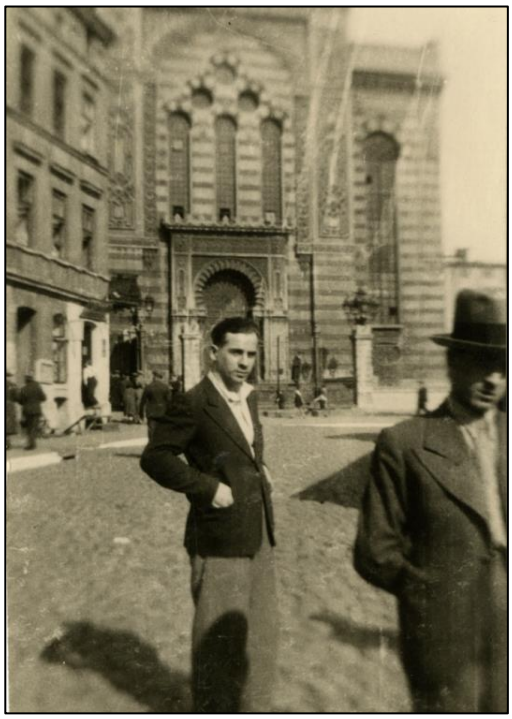
Fonte: The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe

Para competir com essa sinagoga progressiva, os ortodoxos reconstruíram a velha sinagoga da rua Wolborskiej em 1895. Não obstante, essas não eram as únicas sinagogas da cidade neste final de século e início do século 20. Os "*Litwacy*"[33] construíram a sua própria sinagoga entre 1900 e 1904 na rua Wólczańska. Todas essas grandes e ornamentadas sinagogas, que concorriam em beleza e importância, foram queimadas e destruídas pouco depois da chegada dos nazistas em Łódź, em novembro de 1939 (STEFAŃSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 38).

[32] Izrael Poznański, o judeu mais rico e grande empresário têxtil de Łódź, liderou o comitê de construção da sinagoga, que começou a ser construída em 1881 e levou 6 anos para ser concluída. Era um linda e imponente sinagoga, situada no centro da cidade, na esquina das ruas Spacerowa (hoje avenida T. Kościuszki) e Zielona (STEFAŃSKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 37).

[33] *Litwacy* foi o nome pelo qual ficaram conhecidos os judeus provenientes do Império Russo que chegaram à cidade escapando dos pogroms, que tinham costumes e falavam uma língua diferente dos judeus locais.

Imagem 2 – Homem posa diante da Grande Sinagoga de Łódź



Fonte: Photograph 54515 (USHMM)

De fato, a esperança de novos e melhores tempos para os judeus de Łódź, que já estava começando a se concretizar com todas essas conquistas, foi destruída em 1914, quando a começa a Primeira Guerra Mundial. Em dezembro, o exército alemão captura Łódź na famosa Batalha de Łódź, quando os exércitos russo e alemão combateram durante quase um mês naquela região[34].

A dominação alemã gerou um efeito devastador sobre a cidade e sua população. Propriedades foram destruídas e os suprimentos para a cidade reduzidos durante o período de guerra, sendo que a falta do carvão foi o mais sentido e que maior impacto gerou na produção industrial, que quase cessou nesse início de dominação (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 13). A indústria têxtil, motor econômico da cidade, foi afetado não somente pela falta de suprimentos, como sofreu todo tipo de empecilhos. Fábricas foram tomadas pelas forças de ocupação ou fechadas (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 17), o que causou um grande desemprego que, por sua vez, fez com que muitos deixassem a cidade à procura de melhores oportunidades de vida. As fábricas

[34] A vitória alemã foi atribuída a um general, Karl Liztmann (VAN PELT, 2015, p. 15), cujo nome seria homenageado quando os alemães novamente conquistam Łódź em 1939, dias após o início da Segunda Guerra Mundial, nomeando-a Litzmannstadt.

que não foram ocupadas perderam seu principal mercado, a Rússia, devido à ocupação alemã que interrompeu as relações comerciais entre a cidade e seu principal consumidor[35] (VAN PELT, 2015, p. 15).

Novamente os registros populacionais demonstram esse abandono da cidade, apontando uma queda de 40 por cento da população durante os anos de guerra[36]. O desemprego foi um grande motivador desse abandono da cidade, já que em 1913, ano anterior à guerra, mais da metade da população trabalhava na indústria têxtil[37]. Com a perda do mercado russo e o fechamento de fábricas, grande parte desses operários perderam seu sustento[38].

A comunidade judaica de Łódź, apesar de ter sofrido com a guerra e suas consequências econômicas e sociais, se beneficiou em alguns aspectos neste período. Depois da dominação alemã da cidade, os judeus conseguiram algumas liberdades que até então não recebiam sob o domínio russo. Por exemplo, partidos judaicos puderam operar legalmente, e membros desses partidos foram eleitos para participar no governo local (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 71). Além disso, a área mais densamente povoada por judeus, Bałuty[39], ao norte da cidade, que contava com aproximadamente 100 mil habitantes, foi oficialmente incorporada à Łódź em 1915 (LÖW, 2010, P. 55).

Se a ocupação alemã teve um lado positivo na política judaica, o mesmo não se pode dizer em relação à economia, área na qual a comunidade judaica foi extremamente afetada pela pauperização causada pela destruição das fontes de

---

[35] O Império Russo absorvia até então entre 70 a 75 por cento de toda a produção têxtil da cidade (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 8), e a interrupção desse contato abalou intensamente a economia e, consequentemente, a população da cidade, em sua maioria empregada na indústria.

[36] A população local declinou de 630 mil para 342 mil habitantes (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 13), devido à migração, expulsão para trabalho forçado na Alemanha ou pelas mortes causadas pela guerra.

[37] A percentagem de pessoas empregadas na indústria têxtil era de 57,8 por cento da população (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 9).

[38] Em meio ano, entre a entrada das tropas alemãs em dezembro de 1914 e maio de 1915, mais de 250 mil habitantes de Łódź não tinham mais recursos financeiros para se sustentar (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 13).

[39] Além de Bałuty, outras áreas foram incorporadas à cidade durante a dominação alemã, o que fez com que sua área aumentasse de 27,4 quilômetros quadrados em 1840 para 58,57 quilômetros quadrados (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 16).

recursos, através da destruição e posse de indústrias e comércio pelos alemães (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 71), como já foi citado.

A dominação alemã na cidade, que durou quase todos os quatro anos da guerra, trouxe ainda outra consequência para a cidade, mais indireta que as demais, que foi um nacionalismo por parte dos alemães ou seus descendentes que moravam em Łódź. Estes começaram a exaltar a superioridade dos alemães sobre os demais povos, sobretudo os poloneses e judeus com os quais conviviam na cidade. E esse nacionalismo foi exteriorizado em jornais escritos em alemão e mesmo em uma associação, a *Deutsche Verein für Lodz und Umgegend*, que tinha por objetivo reavivar o orgulho alemão e relembrar as origens alemãs da cidade (VAN PELT, 2015, p. 16).

Contudo, conforme os anos foram passando, os alemães foram superados numericamente por poloneses e judeus que afluíam à cidade[40]. Esse ressentimento pela diminuição de sua importância, associado ao nacionalismo redivivo, se tornou um antecedente do sentimento de superioridade dos alemães em Łódź e do antissemitismo que aumentaria no novo século. Isso explica a acolhida calorosa dos alemães de Łódź quando a *Wehrmacht* adentrou a cidade em 1939, e o prazer com o qual assistiam ou mesmo participavam nas ações contra os judeus da cidade no período.

Apesar dessa destruição, Łódź conseguiu uma rápida recuperação nos anos entreguerras, sobretudo na indústria (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 18). Contudo, não conseguiu retornar à prosperidade do pré-guerra, pois o mercado polonês, agora o principal para as indústrias têxteis de Łódź, era muito menor do que o antigo mercado consumidor, o Império Russo[41] (LÖW, 2010, p. 56).

O fim da guerra trouxe mais uma mudança política na conturbada história polonesa, a restituição da Polônia como um Estado independente[42], algo por muito tenho

---

[40] Se em 1840 constituíam quase quarto-quintos da população, no final do século sua proporção se equiparava à dos poloneses e judeus, enquanto em 1914, pouco antes da dominação alemã, eram apenas um-sexto da população (VAN PELT, 2015, p. 14).

[41] Além da diminuição da demanda, houve outro prejuízo econômico para os industrialistas da cidade, que foi a perda de capital até então depositado em bancos russos e que foi tomado pelos bolcheviques após a Revolução Russa (VAN PELT, 2015, p. 19). A cidade, cuja economia estava em pleno crescimento antes de 1914, agora enfrentava uma recessão econômica, com uma população menor e pauperizada e indústrias fechadas ou enfrentando dificuldades.

[42] Essa mudança foi estabelecida na Conferência de Paz de Versalhes, que redefiniu o mapa da Europa após a guerra.

esperado pelos poloneses que, por tanto tempo, foram dominados por vários impérios. Uma das consequências dessa independência e do estabelecimento da chamada Segunda República Polonesa foi a promoção da cidade para centro administrativo da nova província de Łódź, criada em outubro de 1919 (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 13).

Uma das condições para a criação do Estado polonês era que se ratificasse o Tratado dos Direitos das Minorias, que assegurou os direitos civis de mais de 3 milhões de judeus vivendo em território polonês. A partir de então, era permitido aos judeus não apenas o direito à cidadania, como também o direito para poder manter suas próprias escolas judaicas e falar a sua língua própria, o iídiche (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 18).

A *Kehilá,* que representava a comunidade judaica perante a administração local, responsável por coletar impostos dos judeus para o governo, conseguiu, uma vez assegurados os direitos dos judeus como minoria, estender o seu âmbito de ação. Os serviços que já prestava à comunidade, como apoio social aos necessitados e como regulador de questões religiosas, por exemplo apontando rabinos, puderam ser intensificados a fim de servir melhor a comunidade.

Integrados agora à sociedade, os judeus eram uma comunidade economicamente diversa. A maioria deles trabalhava na indústria têxtil, a principal indústria de Łódź. Apesar de alguns grandes e famosos empresários, donos de grandes indústrias, a maioria das indústrias têxteis eram pequenas unidades ou mesmo oficinas têxteis operadas nas próprias casas dos proprietários (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 20). Andrea Löw (2010, p. 56) explica que muitos judeus não encontravam empregos em grandes fábricas, devido a obrigação de trabalharem no sábado e não poderem observar o *shabat*. Dessa forma, a saída encontrada foi construir pequenas oficinas têxteis em suas próprias casas, o que justifica a predominância desta ocupação entre os judeus do que entre funcionários de grandes indústrias.

Contudo, os judeus também estavam entre os grandes proprietários, sendo que metade das grandes e médias indústrias eram propriedades de judeus, que ficaram famosos por seu sucesso. Não obstante, ricos empresários como Izrael Poznański eram a exceção[43]. Além dos grandes e pequenos empresários envolvidos na indústria

[43] A maioria dos judeus, quase estrondosos 70 por cento nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, eram pobres, e mais de 40 por cento deles dependia de apoio assistencial para sobreviver (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p

têxtil, outras profissões comuns entre os judeus, especialmente após a garantia dos direitos civis em 1918, eram em bancos, na medicina, advocacia e nas artes em geral (LÖW, 2010, p. 56).

Assim como havia acontecido no período da Primeira Guerra Mundial, o entreguerras foi um economicamente problemático para a comunidade judaica de Łódź. Enquanto muitas indústrias se recuperavam ou se desenvolviam, muitos empresários judeus iam à falência[44]. Essa comunidade essencialmente pobre, mas organizada, continuou a crescer numericamente no período entreguerras[45].

A comunidade judaica se organizou ainda mais politicamente na década de 20, em várias correntes políticas. Um dos partidos era o conservador *Agudat Israel*, fundado em 1912 e presidido por Jakub Mincberg[46]. O movimento sionista era representado por vários partidos independentes, cujo mais importante, a Organização Sionista na Polônia, de centro, era o mais poderoso da cidade. Contudo, na década de 30, com a crise econômica mundial, os partidos de esquerda, como os socialistas do *Bund*, conseguiram se sobressair no cenário político, assim como os sionistas revisionistas da direita, uma tendência aos extremos que estava acontecendo ao redor do mundo (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 73). Esses partidos também criavam e apoiavam jornais, a maioria publicados em iídiche, cujo número chegou a 15 no entreguerras (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 78). Não obstante, a maioria deles foi de curta duração.

A *Kehilá* sofreu influência de todos esses partidos, e cada hora um deles tinha a primazia política sobre a comunidade. Na década de 20, a disputa pelo poder ficava entre sionistas e ortodoxos, mas no final da década os conservadores do *Agudat Israel* conseguiram vencer, com a já citada eleição de Jakub Mincberg em 1928 (LÖW, 2010,

---

[44] A própria companhia de Poznański, com seu complexo têxtil, entrou na década de 1930 com muitas dívidas junto à bancos italianos, que acabaram tomando a fábrica dos descendentes do rico Izrael Poznański (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 80).

[45] Em 1931 havia 202.497 judeus em Łódź, sendo a maior parte constituída por mulheres, que somavam 105.839 pessoas, o equivalente a mais de 52 por cento da população judaica da cidade (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 21). Neste ano, a população total da cidade era de aproximadamente 604 mil habitantes, sendo 59 por cento poloneses, 32 por cento judeus e 9 por cento alemães (HORWITZ, 2010, p. 3). Em 1939, haviam 222 mil judeus em Łódź, totalizando 34,5 por cento da população (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 21), de um total de 672 mil pessoas (LÖW, 2010, p. 56).

[46] Jakub (Lajb) Mincberg se tornaria o presidente da comunidade judaica entre 1928 e 1939 (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 70-72). Mincberg deixou a cidade em 6 de setembro de 1939, com o avanço do exército alemão, deixando aberta uma vaga na presidência da comunidade, que acabaria por ser preenchida por Mordechai Chaim Rumkowski, o qual se tornaria o *Judenälteste* do gueto de Łódź.

p. 59), e mantiveram o poder sobre a *Kehilá* ao longo da próxima década, poder só interrompido pelos nazistas ao dissolverem-na. Durante o seu governo, a comunidade expandiu a sua ação, sobretudo social, auxiliando os judeus carentes.

E de fato a ajuda social se fazia necessária nessa virada de década, já que Łódź foi, assim como grande parte do mundo, afetada pela Grande Depressão americana e que se tornou uma grande crise econômica mundial nos anos iniciais da década de 1930. Sendo uma cidade que vivia da indústria, especialmente voltada para o mercado externo, ela foi duramente atingida, crise agravada pela superprodução de suas indústrias em 1929[47].

Apesar desse declínio econômico originado com a ocupação alemã durante a Primeira Guerra, e do qual a indústria têxtil nunca mais conseguiu retornar aos níveis do pré-guerra, Łódź conseguiu uma pequena recuperação, o que por sua vez atraiu uma nova leva de migrantes à cidade, que fez com que a população quase retornasse ao seu número de 1914[48]. Não obstante as dificuldades enfrentadas, a cidade mostrava sua força industrial mesmo no entreguerras, e entre 1921 e 1939 sempre foi responsável por mais de metade de toda a produção têxtil na Polônia e de todos os empregos na área (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 16).

Como vimos, a comunidade judaica de Łódź, apesar de ser organizada e bem estruturada, não era coesa e homogênea, mas fragmentada nas dimensões religiosa, política e socioeconômica, como salienta Andrea Löw (2010, p. 59). Além de enfrentarem disputas internas e problemas econômicos, a comunidade judaica começou a enfrentar outro tipo de problema na década de 30, que era o aumento do antissemitismo. Entre os alemães, esse antissemitismo se intensificou em 1933, ano em que Hitler sobre ao poder na Alemanha.

Contudo, o antissemitismo entre a parcela da população polonesa igualmente cresceu, especialmente após 1935, mas ainda não era visto pelos judeus como uma ameaça à sua sobrevivência (LÖW, 2010, p. 63). Os judeus de Łódź, assim como acontecia também em outras cidades do país, começaram a enfrentar preconceito

---

[47] A pequena recuperação industrial da década de 20 foi interrompida por tal crise, que perdurou até 1935-1936, sendo que 1931 representou o pico da crise, com um grande desemprego, que chegou a 55 mil desempregados, majoritariamente causado pelo declínio de produção das indústrias (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 15).

[48] Se em 1914 haviam 630 mil habitantes na cidade, e em 1918 apenas 342 mil, em 1939 já eram 672 mil, crescimento em grande parte devido à migração (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 16).

aberto e agressões verbais ou mesmo físicas, especialmente após 1938, ano em que perceberam de fato que sua existência estava sendo ameaçada.

Os diversos partidos políticos judaicos deram soluções diferentes a tal crescimento do antissemitismo. Contudo, como a ameaça era um fator que unia a todos, os concorrentes *Agudat Israel* e as correntes sionistas se uniram em 1933 para protestarem junto ao governo polonês contra a Alemanha e pedirem a proteção dos judeus poloneses perseguidos pelos nazistas naquele país.

Além disso, promoveram um boicote em Łódź de produtos alemães e um protesto popular, realizado em 9 de abril de 1933 e apoiado por muitos poloneses, contra o governo alemão, ocasião em que propriedades alemãs na cidade foram danificadas (LÖW, 2010, p. 64). Tais danos aumentaram a animosidade dos alemães locais contra os judeus, a quem consideraram culpados pelas depredações ao seu patrimônio.

Apesar das já mencionadas dificuldades econômicas, os anos entreguerras também foram de grande desenvolvimento em outras áreas para o restante da população. Assim como a comunidade judaica florescia e se organizava politicamente e criando novas instituições, a população não-judaica seguia o mesmo caminho. Enquanto os judeus estabeleciam suas próprias escolas, o governo da cidade criou uma rede educacional, através de decisão tomada pelo conselho da cidade em 1919, que garantia que todas as crianças tivessem vaga garantida na escola primária até 1922-1923[49]. Escolas secundárias e para a especialização e professores igualmente foram fundadas no período, assim como teatros e uma efervescente vida cultural, na qual os judeus também se destacavam, como vimos anteriormente.

Finalizando essa retrospectiva histórica sobre as origens e o desenvolvimento de Łódź antes da Segunda Guerra Mundial, podemos resumir a história da cidade em duas etapas, conforme divisão feita por Wiesław Pús (In: POLANSKY, 1991, p. 3): a primeira entre 1423 a 1820, quando Łódź era apenas uma pequena e obscura cidade, e a segunda entre 1821 a 1939, anos de rápido crescimento e desenvolvimento. Essa segunda etapa pode ser subdividida em quatro períodos de tempo menores e distintos, segundo divisão feita pelo mesmo autor: entre 1821 a 1865, que marca o nascimento da Łódź industrial; entre 1866 a 1914, com um rápido desenvolvimento industrial, urbanização e crescimento populacional; entre 1914 a 1918, os anos da

[49] Até então, a educação era algo secundário em uma cidade preocupada com o desenvolvimento industrial, e em 1919 apenas metade das 70 mil crianças em idade escolar (entre 7 e 14 anos) estava inscrita em algum tipo de escola (PÚS, In: POLANSKY, 1991, p. 14).

Primeira Guerra que marcaram a devastação da cidade; e entre 1918 a 1939, os anos da Segunda República Polonesa, com uma reconstrução da indústria e aumento populacional.

Iremos agora abordar um novo período da história de Łódź, entre 1939 e 1945, os anos da Segunda Guerra Mundial, em que a cidade esteve sob domínio nazista. Um período quando uma das três comunidades que coabitavam na cidade, os judeus, seriam segregados dos poloneses e alemães em um gueto isolado que, para a maioria dos que ali foram enviados, significaria a sua morte.

1.2. Meio ano de terror: Łódź entre a chegada dos nazistas e o fechamento do gueto (setembro 1939 - abril 1940)

Importante se faz a contextualização sobre a origem do gueto de Łódź, idealizado pelos nazistas pouco tempo após sua conquista da cidade apenas uma semana após a invasão da Polônia em 1° de setembro de 1939, fato que, por sua vez, deu início à Segunda Guerra Mundial. Esse gueto, o mais longevo da era nazista, foi fechado entre na virada de abril e maio de 1940, e liquidado em agosto de 1944. Nesses mais de 4 anos de existência, centenas de milhares de pessoas viveram neste gueto, por períodos mais ou menos longos, e ali encontraram sua morte por doença ou inanição, ou dali partiram para o seu destino final em campos de extermínio como Chełmno ou Auschwitz.

Ainda sobre a importância de Łódź como um gueto de trabalho, a função das crianças é ainda mais destacada, por não se adequarem em um tal mercado de trabalho. Muitas delas fingiram ser mais velhas para poderem trabalhar e, dessa forma, sobreviver um pouco mais, garantindo o seu sustento e o de sua família através de seu trabalho. Portanto, para entendermos o papel único das crianças em um gueto de trabalho e liderado por um homem com uma relação que poderia ser chamada de controversa em relação às crianças, precisamos compreender a história desse gueto, de sua idealização até sua liquidação para, posteriormente, abordarmos a especificidade da criança face ao desafio de viver, ou melhor, sobreviver e se adequar às terríveis condições do gueto.

Nos capítulos posteriores retomarei alguns momentos históricos do gueto já apresentados neste primeiro capítulo quando se interligarem com o nosso objeto de estudo, as crianças, em suas diversas vivências no gueto.

A história do gueto tem início em 8 de setembro de 1939, uma sexta-feira, uma semana após a invasão da Polônia, quando entra em Łódź o oitavo batalhão da *Wehrmacht* nazista, sob o comando do General Blaskowitz (DOBROSZYCKI,1984, p. xxx). Após uma noite marcada por bombardeios, os soldados vitoriosos desfilaram orgulhosamente pela avenida principal da cidade, a *ulica Piotrkowska*. Não foi um acontecimento totalmente inesperado para os habitantes da cidade, pois que logo na manhã do dia 2 de setembro, apenas um dia pós-invasão da Polônia, a cidade já havia sido bombardeada pelos alemães, obrigando a população a se proteger em abrigos (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 22)[50].

Os três principais grupos que habitavam a cidade, os poloneses, os judeus e os alemães, demonstraram reações diferentes em relação aos novos conquistadores. Łódź é uma cidade que já havia passado por muitas mudanças históricas que a fizeram pertencer à diferentes países e impérios. Mais uma vez era dominada por um povo estrangeiro, os alemães[51].

Contudo, dessa vez havia uma diferença em relação às dominações pretéritas, pois que a Alemanha era agora um país de uma ideologia, em cuja raiz estava o antissemitismo. Por isso, não é de se estranhar que a comunidade judaica, que então constituía mais de um terço da população de Łódź, assistisse à entrada dos soldados alemães assustados e com medo dos novos dominadores (LÖW, 2010, p. 65). Já a maioria polonesa da população, mesmo que em grande parte também antissemita, igualmente se amedrontou ante os novos conquistadores. Afinal, a tão sonhada independência da Polônia havia durado somente duas décadas, e novamente o país seria dividido e dominado por russos e alemães, dois povos que constantemente dominaram o país ao longo de sua história.

Enquanto isso, a minoria alemã local, composta pelos chamados alemães étnicos, festejou a entrada dos seus compatriotas na cidade, recebendo-os com efusivas demonstrações de carinho, acenando com a bandeira nazista e entregando flores aos soldados (LÖW, 2010, p. 65). Na praça principal da cidade, *Plac Wolnośći*, situada no

---

[50] Dawid Sierakowiak (ADELSON, 1997, p. 55), que escreveu um importante diário iniciado em junho de 1939 e que, portanto, noticiou todos os acontecimentos da guerra e do gueto no momento em que aconteciam, registrou em 2 de setembro que o primeiro alarme tocou na cidade às 5 da manhã, e que todos se dirigiram ao quartel-general para esperar o perigo passar. Enquanto isso, bombas atingiam vários pontos da cidade, como a estação de trem Kaliska, e aviões alemães podiam ser vistos cruzando os ares de Łódź, sendo que dois deles foram derrubados pelas forças polonesas.

[51] Os alemães eram velhos conhecidos, uma vez que a cidade fez parte da Prússia e também passou todo o período da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, sob jugo alemão.

final da *Piotrkowska*, os soldados foram recepcionados com pão e sal, ofertados pelos alemães locais, e naquela noite receberam uma festa, com direito a fogos de artifício, música e dança, uma manifestação da alegria dos alemães étnicos[52] (HORWITZ, 2010, p. 10).

Muitos poloneses e judeus se adiantaram à entrada do exército alemão e deixaram a cidade nos dias que se seguiram após os primeiros bombardeios no dia 2 de setembro[53], especialmente autoridades judaicas, como foi o caso do presidente da *Kehilá,* Jakub Mincberg. A maioria dos que deixaram a cidade eram judeus mais abastados, que tinham condições para partir e contatos em outras cidades ou países, e poucos judeus ricos e empresários continuavam na cidade quando o gueto foi fechado, o que resultou em uma maioria confinada no gueto composta por pessoas da classe média e baixa, sendo grande parte de operários (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xliv).

Enquanto muitos deixavam a cidade rumo à Varsóvia ou mesmo aos territórios russos fugindo das tropas alemãs, judeus de pequenas cidades e vilarejos rumaram para Łódź, buscando proteção em uma cidade maior. Esse era o mesmo motivo que fez com que muitos deixassem a cidade rumo à capital, acreditando que em uma grande cidade estariam mais protegidos, especialmente em Varsóvia, que teria mais recursos para resistir às investidas bélicas alemãs.

Uma das famílias que deixou a cidade antes da chegada das tropas alemãs foi a de Mary Berg[54], que escreveu um famoso diário sobre o gueto de Varsóvia (Berg, 2010). Os Wattenbergs deixaram Łódź no começo de setembro de 1939, ao ouvir que tropas alemãs se aproximavam da cidade. A bordo de três bicicletas, e comprando mais uma no caminho, eles foram para Varsóvia, mas voltaram à Łódź em 15 de

---

[52] Sierakowiak (1997, p. 62) conta em seu diário, no registro do dia 8 de setembro, dia da invasão, que tais demonstrações de alegria dos alemães étnicos era uma demonstração do nacionalismo alemão que sempre esteve presente, mesmo que escondido, na parte alemã da população de Łódź, e que agora "*mostra a sua verdadeira face".*

[53] Não existem registros exatos sobre quantos deixaram a cidade, a maioria homens, mas o número pode chegar a 60 mil, entre poloneses e judeus (LÖW, 2010, p. 66).

[54] Nascida Miriam Wattenberg em 20 de abril de 1924 na cidade de Łódź, em uma família abastada, Mary tinha uma somente uma irmã mais nova, Ann (PENTLIN, In: BERG, 2010, p. xxi). Seu pai era dono de uma galeria de arte e viajava sempre para o exterior a fim de comprar obras de arte, e sua mãe era norte-americana, nascida em Nova York, mas criada na Polônia desde os 12 anos de idade. A cidadania americana da mãe de Mary seria muito providencial, pois graças a ela a família conseguiu deixar o gueto de Varsóvia rumo aos Estados Unidos, onde a família sobreviveu à guerra.

outubro, só para encontrar a galeria de arte da família e seu apartamento saqueados (BERG, 2010, p. 11), o que acontecia com muitas das propriedades abandonadas por aqueles que deixavam a cidade. Percebendo o erro que havia sido ter voltado para a cidade, o pai de Mary voltou para Varsóvia em novembro, mas a mulher e as duas filhas permaneceram em Łódź.

Contudo, nesse mesmo mês de novembro, como parte do confisco e liquidação de propriedades judaicas implementado pelos alemães, o qual veremos mais para frente nesse capítulo, a galeria e o apartamento da família foram confiscados, obrigando Mary, sua mãe e irmã a morarem com parentes na cidade (BERG, 2010, p. 16). Na virada do ano, as três foram ao encontro de seu pai em Varsóvia, onde ficaram até serem transferidas para os Estados Unidos.

Não obstante a multidão que deixava a cidade, boa parte dos que deixaram Łódź nesses primeiros dias retornou à cidade, assim como a família Wattenberg, muitos já no dia imediato, devido ao caos encontrado nas estradas, com multidões de civis e soldados em marcha e devido as dificuldades da própria guerra, como bombardeios (LÖW, 2010, p. 66). Com tais empecilhos, a maioria dos judeus preferiu permanecer na cidade. Ademais, não era fácil deixar familiares e toda uma vida para trás, em troca de um futuro incerto em outro país, até porque era necessário contatos e dinheiro para tal mudança, o que a maioria da população judaica não tinha. Eles esperavam poder permanecer em seu lar e ali aguardar a guerra terminar, pois não podiam prever que a guerra duraria o quanto durou e nem que os judeus seriam alvos de um genocídio de escala sem precedentes.

Apesar de ouvirem notícias, desde a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha em 1933, sobre as ações antissemitas ali perpetradas, culminando na *Kristallnacht* de 1938, muitos judeus poloneses acreditavam que tais notícias poderiam ser exageradas[55], por não ser possível tamanha barbaridade em pleno século 20 (LÖW, 2010, p. 67). Entretanto, os judeus de Łódź logo perceberam que havia motivos reais para ficarem amedrontados com os nazistas.

---

[55] Walter Laqueur (1981, p. 11-12) diz que tal incredulidade pode ser explicada pelo impacto histórico da Primeira Guerra Mundial, quando notícias mentirosas ou exageradas sobre crimes cometidos pelos alemães durante a guerra, e depois desmentidos publicamente, fizeram com que se acreditasse que as novas atrocidades atribuídas aos nazistas também fossem exageradas ou puras invenções, criadas pelos Aliados.

Pouco tempo após a chegada dos primeiros soldados alemães à cidade, autoridades polonesas e judaicas, assim como a *intelligentsia* e membros de diversos partidos foram presos e mortos (LÖW, 2010, p. 67). Além disso, soldados entraram nas casas de judeus para saquear, saque esses muitas vezes acompanhado por violência. Judeus também eram parados por soldados nas ruas para terem seus pertences roubados ou mesmo para lhe infringirem golpes.

Não apenas soldados batiam e saqueavam judeus, como muitos poloneses locais aproveitaram a situação[56] e, movidos pelo seu antissemitismo e ressentimento perante seus vizinhos judeus, entravam nos apartamentos para saquear, sabendo que não seriam punidos por isto pelas autoridades alemãs (LÖW, 2010, p. 68). Tais ataques começaram logo no dia 10 de setembro, dois dias após a chegada das tropas alemãs, como relata Sierakowiak em seu diário (1997, p. 62).

Mary Berg também comenta que, nos meses de outubro e novembro, poucas crianças frequentavam a escola, por receio de sair de suas casas, pois que era recorrente crianças serem usadas pelos alemães para “entretenimento”[57].

Entretanto, o alvo maior dos alemães e mesmo dos poloneses que participavam em tais ações eram os judeus ortodoxos, fáceis de serem identificados pelas suas vestimentas e penteados. Era comum terem as suas barbas cortadas e serem forçados a cantar, pular e se rastejar (LÖW, 2010, p. 70). Se é verdade que muitos poloneses antissemitas participavam ou mesmo assistiam com prazer tais humilhações de seus compatriotas judeus, igualmente verdadeiro é que nem todos os poloneses eram antissemitas, e se mantinham em dolorosa passividade.

De fato, pouquíssimos deles fizeram algo para impedir os alemães de agredir os judeus, a maioria por medo de serem eles próprios agredidos e denunciados como

---

[56] A partir de então, os judeus que andavam nas ruas, especialmente quando saiam do trabalho, eram retidos e obrigados a realizarem trabalhos forçados como limpar ruas e propriedades privadas. Em frequentes ocasiões foram obrigados a fazer trabalhos inúteis, com a única finalidade de serem humilhados publicamente. As mulheres tinham que lavar as ruas com suas roupas de baixo, e homens foram forçados a limpar um pátio cheio de excrementos humanos devido a um cano quebrado com as próprias mãos nuas (LÖW, 2010, p. 69). Como consequência de tais atos, muitos judeus evitavam sair e encontravam refúgio apenas em suas próprias casas, e mesmo lá não estavam protegidos, pois podiam ser retirados a força e arrastados para a rua, para cumprir com os mesmos degradantes propósitos alemães.

[57] Berg (2010, p. 16) cita um exemplo que aconteceu com duas de suas colegas, quando alemães entraram em suas casas, bateram em seus pais, revistaram toda a casa e se prenderam com as meninas em um cômodo. Ali, ordenaram que elas tirassem suas roupas, que a mais velha tocasse uma valsa no piano enquanto a mais nova dançasse, até que esta desmaiou, o que fez com que a mais velha gritasse. Os nazistas foram embora, deixando as meninas cheias de manchas negras e azuladas no corpo.

“amigos dos judeus” (*Judenfreunde*) na Gestapo. Obrigados a assistir tais demonstrações de ódio, muitos poloneses abaixavam as cabeças, incapazes de assistir seus vizinhos judeus serem humilhados e agredidos. Isso nos mostra que não podemos, como ocorre frequentemente fazem, generalizar e classificar toda a população polonesa de antissemita, apesar deste ser um preconceito comum entre a população. Löw (2010, p. 70) afirma que há muitas gradações no comportamento dos poloneses em relação ao destino dos judeus, desde apoio às ações antissemitas alemãs até sacrifícios feitos por poloneses para esconder e salvar judeus.

Menos de uma semana depois da entrada do exército alemão em Łódź, na tarde do dia 13 de setembro, chega à cidade o símbolo maior do antissemitismo, Adolf Hitler (HORWITZ, 2010, p. 10). O *Führer* chegou em um carro, depois de ter pousado em um campo próximo à cidade. Acompanhado por soldados, membros da *SS*, e da polícia alemã auxiliar, Hitler foi recebido efusivamente por alemães étnicos, que saudavam o líder com a tradicional mão erguida acompanhada pelos dizeres *“Heil Hitler”.* A comitiva apenas deteve a sua marcha para assistir a centenas de judeus em cafetãs típicos, forçados a trabalhar na construção de uma via. Um jornal alemão local, *Freie Presse,* que reportou a visita de Hitler à cidade, salientou em uma reportagem publicada no dia seguinte, que aquele era o primeiro trabalho produtivo que tais judeus haviam feito em toda sua vida[58].

Nesses poucos dias de ocupação alemã anteriores à visita do *Führer,* muitos acontecimentos já haviam afetado a comunidade judaica de Łódź, como pela desorganização de sua liderança (HORWITZ, 2010, p. 10). Muitos que participavam de seu conselho fugiram da cidade após a chegada dos alemães e outros antes disso, como o próprio presidente Jakub Mincberg, que deixou a cidade rumo a Vilnius, na Lituânia, no dia 6 de setembro (WALICKI, In: MACHEJEK, 2015, p. 70), após ouvir que as tropas da *Wehrmacht* se aproximavam.

Sem o seu presidente, o conselho da *Kehilá* convocou novas eleições para o dia 12 de setembro, na qual o então vice-presidente, Leizer Pływacki, também do partido *Agudat Israel,* foi escolhido como o novo presidente. Para ocupar a vaga agora aberta de vice, foi escolhido um nome que logo se tornaria bem conhecido dos judeus de Łódź, Mordechai Chaim Rumkowski, que até aquele momento era um representante

---

[58] “*Der Führer fuhr durch Łódź”,* **Freie Presse**, 14 de setembro de 1939. In: HORWITZ, 2010, p. 10

no conselho de uma minoria sionista (HORWITZ, 2010, p. 14). Entretanto, poucos dias após sua eleição, Pływacki também deixou a cidade.

Um mês depois, no dia 13 de outubro, após a dissolução da *Kehilá* pelos alemães, Rumkowski foi nomeado como *Judenälteste*, o chefe da comunidade judaica de Łódź, pelo novo chefe civil da cidade ocupada pelos alemães, *Stadtkomissar* Albert Leister. O comissário alemão instruiu o líder judeu a escolher um novo conselho[59] para lhe ajudar em suas novas tarefas.

Contudo, no dia 7 de novembro, menos de um mês após o estabelecimento do *Beirat,* o grupo foi dissolvido e a maioria dos seus integrantes foi presa e morta pelos alemães[60] (TRUNK, 2008, p. 34). Muitos sobreviventes alegam que o próprio Rumkowski esteve por trás de tais mortes, entregando tais membros do conselho aos alemães, pois que estes não o serviam como desejava e não acatavam todas as suas decisões. Porém, argumenta Gutman (In: TRUNK, 2008, p. xxxiii) não há evidências de que essas execuções foram motivadas por vingança pessoal, e que inclusive há documentação apontando o contrário[61], de que Rumkowski tentou sim salvar seus companheiros do *Beirat.* Vemos, desde o início sua indicação como *Jundeälteste,* que os acontecimentos relacionados à Rumkowski seriam alvo de controvérsia entre historiadores, assunto que irei aprofundar no capítulo seguinte deste trabalho.

Na verdade, a ideia de escolher um líder da comunidade judaica não foi de Leister, que apenas cumpria na cidade a tarefa pela qual estava responsabilizado baseado na ordem de Reinhard Heydrich[62]. Nesta carta, endereçada a todos as autoridades alemãs estabelecidas nas cidades polonesas ocupadas, Heydrich determinou que anciãos judeus (*Judenältesten*) fossem escolhidos dentre homens que já ocupavam posições altas na comunidade judaica do pré-guerra.

---

[59] O conselho judaico de Łódź era chamado de *Beirat* e composto por 31 homens, os quais foram convocados em 16 de outubro. O primeiro encontro desse novo conselho judaico aconteceu no dia seguinte, 17 de outubro (LÖW, 2010, p. 74-75).

[60] Apenas 4 pessoas do conselho foram poupadas, sendo o próprio Rumkowski e outros três membros (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 26).

[61] Lucjan Dobroszycki (1984, p. xlvi) elucida que Rumkowski foi até o escritório local da Gestapo para intervir por seus colegas, contudo não conseguiu seu intento e ainda deixou o prédio com marcas de golpes.

[62] Reinhard Heydrich, chefe do Serviço de Segurança do *Reich*, divulgou em 21 de setembro de 1939 uma diretiva conhecida como *Schnellbrief* na qual que ordenava o estabelecimento nos territórios ocupados de um conselho de anciões judeus, cuja função seria cooperar com os alemães e cumprir suas ordens (LÖW, 2010, p. 72).

Os alemães, sempre com uma hierarquia bem estabelecida e organizada, que cumpria ordens com rigor, deram um outro passo na transformação da cidade industrial, na qual três grupos étnicos conviveram por alguns séculos com certa animosidade, em uma cidade digna de ser chamada alemã. Esse foi o motivo da visita de nazistas de alto escalão à Łódź, tais como Himmler e Goebbels[63].

A impressão que Goebbels teve da cidade foi extremamente negativa, conforme podemos constatar nas anotações que fez em seu diário (HORWITZ, 2010, p. 22), chamando Łódź de cidade horrorosa e os judeus de Bałuty de "animais". Goebbels concluiu, após a sua rápida visita pela cidade e pelo seu bairro judaico:

> Esses (os judeus) não são mais seres humanos, eles são animais. Por esta razão, nossa tarefa não é mais humanitária, mas cirúrgica. Medidas precisam ser tomadas aqui, e elas precisam ser radicais, não se enganem. (In: HORWITZ, 2010 p. 22, tradução minha)

Essas medidas que precisavam ser tomadas eram variadas, abrangendo vários aspectos da vida dos judeus de Łódź, sendo algumas delas mais drásticas e outras um pouco mais sutis, contudo ainda radicais, como definiu Goebbels.

Entre as menos drásticas, ainda que deveras impactante para a comunidade judaica, estava o bloqueio de contas bancárias dos judeus e a limitação de poder retirar de suas contas apenas 250 złoty por semana (HORWITZ, 2010, p. 23) por semana de suas contas e de possuir no total apenas 2 mil złoty em espécie, medidas implementadas ainda em setembro. Além dessa restrição financeira, outras restrições foram impostas aos judeus da cidade, como a expropriação de suas propriedades e bens pelas autoridades[64].

Em 19 de outubro, um departamento criado por Hermann Göring, o *Haputtreuhandstelle Ost*, conhecido pela sigla *HTO,* para liquidar as empresas judaicas ou transferi-las por preços módicos para os alemães que chegavam aos territórios ocupados, começou a sua tarefa em Łódź, liquidando as fábricas e comércios cujos donos eram de origem judaica (PODOLSKA, 2004, p. 10). Além disso, os alemães exigiram que os empresários e donos de fábricas judeus entregassem

---

[63] Heinrich Himmler, chefe da *SS*, esteve na cidade em 28 de outubro, na posição de Comissário do Reich para a Consolidação do Germanismo (PODOLSKA, 2004, p. 10). Poucos dias depois, outro importante braço direito de Hitler, Joseph Goebbels, chegou em Łódź. O Ministro da Propaganda do *Reich* chegou à cidade em 2 de novembro para discutir com líderes do partido e para conhecer a nova conquista alemã.

[64] No mesmo mês de setembro, as propriedades abandonadas por aqueles que deixaram a cidade devido à aproximação das tropas alemãs já haviam sido tomadas pelas autoridades alemãs (HORWITZ, 2010, p. 13).

todas as suas matérias primas e itens manufaturados. Ademais, lojas e fábricas judaicas foram saqueadas e depredadas, e muitos funcionários judeus que trabalhavam em comércios arianos foram demitidos.

Algumas profissões foram impedidas de serem exercidas por judeus[65], que também foram impedidos de viajar e de usar o transporte público, além de transitar pela principal avenida da cidade, *ulica Piotrkowska*[66]. No dia 7 de novembro, data em que a proibição de andar por esta avenida principal foi divulgada, foi determinado que o casamento misto entre judeus, poloneses e alemães não mais seria permitido pelas autoridades (PODOLSKA, 2004, p. 11).

Como resultado dessas apropriações pelos alemães de fábricas e comércios judaicos e da proibição de exercerem determinadas profissões muitos judeus ficaram sem meios de sustentar a sua família[67]. Esse empobrecimento foi agravado pela falta de comida na cidade, após um mês de ocupação alemã. A falta de comida fez com que filas gigantescas se formassem em frente a lojas que vendiam pão e, mesmo após ficarem horas em pé na fila, nem todos saíam dali com o pão que intendiam comprar.

Com poucos alimentos e grande demanda, os preços subiram, o que agravou a situação daqueles que estavam sem desempregados ou sem suas propriedades que até então lhe ofereciam sustento. Dawid Sierakowiak, na entrada do dia 13 de outubro de seu diário (1997, p. 80) conta que a fome já começava a atingir a população da cidade, e que sua mãe enfrentava filas há 3 dias sem conseguir um único pão. Sua família sobrevivia com batatas e cascas, uma mostra da fome e das dificuldades em conseguir alimentos que encontrariam, uma vez isolados no gueto.

Outra ordem que atingiu a comunidade judaica nesses primeiros meses de ocupação foi a imposição de usar uma distinção nas roupas que identificasse quem

---

[65] Algumas restrições profissionais consistiam em proibições como trabalhar no transporte, no comércio de têxteis e couro, além da proibição de médicos judeus atenderem pacientes não-judeus (HORWITZ, 2010, p. 14).

[66] Principal avenida da cidade até os dias atuais, *ulica Piotrkowska* era onde estavam localizados os principais comércios da cidade e onde residia a classe mais abastada da sociedade (HORWITZ, 2010, p. 23).

[67] Sierakowiak (1997, p. 75) relata que tal situação afetava a homens em diversas áreas de atuação, como homens de negócios, donos de lojas, proprietários de fábricas, revendedores, negociantes, dentre outros. Esses novos desempregados recorriam a bicos para sobreviver, ou mesmo vendiam os seus pertences para comprar comida. A própria família de Sierakowiak foi afetada, já que o seu pai perdeu o emprego, deixando a família sem dinheiro.

era judeu. Łódź foi uma das primeiras cidades em que tal distinção foi imposta[68]. Nesta mesma ordem foi estipulado que os judeus não podiam sair de suas casas sem permissão no horário entre 17 horas e 8 da manhã (TRUNK, 2008, p. 18). O não cumprimento das ordens ocasionaria na pena de morte, e se houvesse atenuantes poderia ser aplicada uma multa ou prisão, de acordo com a circunstâncias. Todavia, o *Gauleiter* Arthur Greiser[69], mudou a distinção em uma ordem divulgada no dia 11 de dezembro (DOBROSZYCKI, 1984, p. xxxvii). Tal ordem substituía a anterior e estipulava que os judeus usassem em suas roupas uma estrela amarela no peito e uma nas costas (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 25).

A anexação da região de *Warthegau*, situada na parte oeste da Polônia, pela Alemanha aconteceu em 8 de novembro de 1939, data que marca a integração de Łódź ao *Reich* alemão (HORWITZ, 2010, p. 25). A cidade, bem no limite do território anexado, acabou sendo incluída nessa anexação por ser uma cidade metropolitana que podia abrigar muitos alemães que foram enviados aos territórios poloneses dominados e que já viviam em cidades, diferentemente de outros alemães que foram habitar em áreas mais rurais e que estavam acostumados à vida no campo. Ademais, essa foi uma solicitação dos muitos alemães étnicos que viviam em Łódź, e que foi transmitida a Hitler pelo próprio Greiser, o governador de *Warthegau,* que reconhecia a importância da cidade para a região que controlava (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxiv).

Mesmo sendo medidas bastante severas, tais ordens ainda não eram as mais drásticas. Elas tinham por objetivo principal dificultar o sustento dos judeus e força-los a imigrar. Vendo que tais medidas não surtiram o efeito desejável, pois que a maioria dos judeus permaneceu na cidade, outras soluções foram propostas e implementadas. Provavelmente a mais drástica foi o estabelecimento de um gueto, onde os judeus locais seriam confinados e separados dos arianos, ou seja, dos

---

[68] A obrigatoriedade da distinção foi anunciada em 14 de novembro com a ordem do presidente do distrito de Kalisz, do qual Łódź fazia parte, *Regierungspräsident* Friedrich Übelhör (TRUNK, 2008, p. 18). Übelhör exigiu que todos os judeus, independentemente de idade ou sexo, usassem no braço direito uma faixa de 10 centímetros de largura, na cor amarela. A ordem foi publicada no jornal *Lodscher Zeitung*, jornal local, em 16 de novembro.

[69] Arthur Greiser era governador de toda a região de Posen, renomeada *Warthegau* ou *Wartheland* após a sua anexação ao *Reich* e da qual Kalisz fazia parte juntamente com outras duas regiões (Poznán e Inowrocław, ou *Posen* e *Hohensalza* em alemão). Portanto, Greiser era superior de Friederich Übelhör, presidente do distrito de Kalisz, e de Albert Leister, comissário de Łódź (H.E.A.R.T., 2007, s/p).

poloneses e alemães étnicos. Presumivelmente, a concepção de tal gueto foi ideia do presidente de Kalisz, Friedrich Übelhör, que havia emitido a ordem de usar a faixa amarela (HORWITZ, 2010, p. 27).

O gueto seria apenas uma solução temporária para a questão judaica enquanto não fosse decidido o futuro dos judeus no novo mundo idealizado pelos nazistas[70]. Contudo, a criação de um gueto, apesar de temporária, não era uma medida fácil de ser implementada. Não bastava construir muros ao redor do bairro judaico. Uma série de requisitos eram necessários, e os alemães delinearam todos eles antes de implementarem tal medida, a fim de saberem o que precisariam fazer para colocá-la em prática (HORWITZ, 2010, p. 27).

Por exemplo, se os judeus fossem isolados no gueto, sem permissão para trabalhar na cidade, eles não teriam como conseguir o seu sustento e, portanto, os alemães precisariam fornecer alimentos aos seus moradores. Por outro lado, tentando evitar gastos “desnecessários” com judeus, já que os próprios judeus eram vistos como desnecessários pelos alemães, era imprescindível que aqueles contribuíssem, através de dinheiro vivo ou de bens. Ainda havia a necessidade de um sistema de distribuição de alimentos no gueto, um problema que teria que ser solucionado pelo governo, já que os judeus seriam isolados no gueto, sem contato com o mundo exterior e, portanto, sem ter como comprar alimentos.

Outro problema era a contenção de doenças contagiosas em um gueto fechado, o qual necessitaria de precauções como desinfetantes, médicos, instrumentos médios e uma rede hospitalar. Além disso, se fazia necessária a criação de um cemitério para enterrar os que morriam no gueto, para que a disposição desorganizada e sem cuidado dos corpos não representasse um risco à saúde da população. É interessante salientar que tais medidas requereriam igualmente planejamento governamental e de agências de saúde pública (HORWITZ, 2010, p. 27). Ou seja, desde o planejamento se percebia que o gueto traria uma série de problemas aos governantes alemães, além de muitos gastos inevitáveis e indesejáveis.

Todavia, na falta de alguma solução mais adequada para se livrar da população judaica, a ideia do gueto seguiu em frente, sendo formalizada em 10 de dezembro, quando Übelhör escreveu seu memorando secreto anunciando a criação do gueto

---

[70] O prefeito de Łódź afirmou, em carta datada de julho de 1941 (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxv), quando o gueto já contava com mais de um ano de existência, que tal gueto seria uma medida provisória e que existiria até, no máximo, outubro de 1940; ou seja, por meio ano somente.

(ADELSON, 1989, p. 23). No memorando ele salientou a importância da participação de outros grupos como representantes do partido (*NSDAP - Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), da polícia de segurança, da *SS*, e também de departamentos municipais para tal empreendimento.

Enquanto os primeiros se responsabilizariam pela mudança para o gueto e pela segurança, os departamentos municipais cuidariam da organização do gueto, como da comida, saúde, habitação e finanças (HORWITZ, 2010, p. 27). Um dos principais departamentos alemães responsáveis pelo gueto era o Departamento de Suprimento de Alimentos e Economia (*Ernährungs Wirtschaftsamt*), coordenado por Hans Biebow e renomeado para Administração do Gueto (*Gettoverwaltung*). Biebow seria a autoridade alemã que exerceria o controle mais próximo ao gueto e que maior contato teria com Rumkowski, líder judeu do gueto (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 27-28).

O plano inicial de Übelhör consistia em dividir os judeus em dois grupos, um que ficaria confinado no gueto e outro que poderia trabalhar na parte ariana da cidade[71], sendo guardados em barracas vigiadas pelos alemães (ADELSON, 1989, p. 26). Esses judeus escolhidos seriam trabalhadores capazes que, uma vez considerados incapazes de continuar a trabalhar, por doença ou quaisquer outros motivos, seriam transferidos para o gueto. Em uma estimativa exagerada, o *Regierungspräsident* de Kalisz calculou que 320 mil judeus seriam confinados no gueto (ADELSON, 2008, p. 23).

Friedrich Übelhör termina o seu memorando confidencial e secreto com a seguinte frase, que nos faz compreender que, enquanto o gueto era apenas uma medida temporária, o desejo de tornar Łódź *Judenrein* (livre de judeus) era um objetivo permanente para os nazistas:

> É óbvio que o estabelecimento do gueto é apenas uma medida temporária. Eu reservo para mim a decisão de quando e como a cidade de Łódź será limpa de judeus. Em todo caso, o objetivo final deve ser acabar completamente com esse abcesso pestilento. (In: ADELSON, 1989, p. 26, tradução minha)

Mas os alemães não seriam os únicos responsáveis pela organização do gueto, como requisitaram a cooperação de seus futuros habitantes, os judeus. Eles seriam responsáveis pelo trabalho *in loco*, cuidando da distribuição de alimentos, das

---

[71] Essa ideia de deixar alguns judeus selecionados trabalharem fora do gueto foi descartada em algum momento entre a decisão de 10 de dezembro de 1939 de estabelecer o gueto e a divulgação oficial do estabelecimento do gueto em 8 de fevereiro de 1940, não se sabe se por decisão do próprio Übelhör ou se do seu superior Greiser (TRUNK, 2008, p. 11).

cozinhas públicas, das habitações, da supervisão de hospitais e clínicas, de fornecer água tratada e esgoto encanado, da limpeza pública e do cemitério (HORWITZ, 2010, p. 28). Para realizarem tais tarefas de maneira adequada, os judeus precisariam conduzir pesquisas e estatísticas da população do gueto e de sua flutuação demográfica, para poderem saber quantos alimentos e outros materiais necessitavam.

Um dos principais motivos apresentados pela liderança nazista para isolar os judeus do restante da população era a crença de que eles seriam os responsáveis pela disseminação de doenças comuns à época, como tifo e tuberculose[72]. Ademais do benefício de se livrar dos judeus da cidade, o gueto ainda traria outro, que era liberar espaço físico para os alemães étnicos provenientes de outras regiões[73].

Todas as medidas de restrições e imposições aos judeus eram implementadas pelas autoridades alemãs a fim de dificultar destes em Łódź e iniciar os preparativos para o estabelecimento do gueto. Nesse ínterim, a comunidade judaica da cidade continuava a ser alvo de ações violentas. Novembro de 1939 foi um mês particularmente difícil para a comunidade. Além da ordem que obrigava o uso de faixas amarelas nos braços e do estabelecimento da *HTO* que liquidaria as empresas judaicas, houve um ataque em um conhecido café da cidade frequentado por judeus[74].

Ainda em novembro, ocorreu mais um ataque à comunidade judaica, dessa vez não diretamente aos judeus, mas um ataque ao símbolo maior da comunidade, que eram as suas grandiosas e imponentes sinagogas[75]. Nesse conturbado mês de novembro

---

[72] Essa crença não tinha comprovação nas estatísticas; pelo contrário, casos de tuberculose, por exemplo, eram mais escassos nos bairros de maior concentração judaica. Representando quase 30 por cento da população, os judeus representavam apenas 13 por cento das mortes pela doença (HORWITZ, 2010, p. 39-40).

[73] Mais de 20 mil alemães étnicos chegaram a Łódź no fim de 1939 das regiões da Galícia e Volínia, regiões situadas próximas às fronteiras atuais da Ucrânia e da Polônia, atraídos pelas promessas nazistas de melhores condições de vida na cidade recém-anexada (HORWITZ, 2010, p. 31).

[74] Esse ataque aconteceu um dia antes da visita de Joseph Goebbels à cidade, no dia 1° de novembro, quando alemães armados entraram no Café Astoria, muito popular entre atores, escritores, políticos e educadores judeus, atiraram no lustre e pediram a todos os seus documentos (HORWITZ, 2010, p. 22). Depois ordenaram que todos comparecessem na manhã seguinte, 2 de novembro, no escritório da Gestapo na rua Zgierska, quando mais de 100 homens foram presos. Quando Rumkowski decidiu ir à Gestapo pedir a libertação destes homens, ele foi escarnecido e espancado. Do total de homens presos em Radogoszcz, 46 foram fuzilados e 50 foram libertados após pagar fiança (LÖW, 2010, p. 76). Outros 15 homens foram levados à floresta próxima de Łagiewnicki e fuzilados (PODOLSKA, 2004, p. 11).

[75] No dia 10, houve o primeiro incêndio em uma das sinagogas da cidade, a que ficava localizada na *ulica Spacerowa,* e no mesmo dia os alemães ordenaram forçaram vários judeus a demolir a estátua de Tadeusz Kościuszko situada na Plac Wolności. Nos próximos dias, outras sinagogas seriam queimadas, e restariam apenas duas, sendo que uma delas, a da *ulica Zachodnia*, foi destruída em

aconteceu a primeira dissolução do *Beirat* (conselho judaico), já anteriormente citada, quando apenas Rumkowski e outros três membros do conselho foram poupados. O resto do conselho foi levada para a prisão de Radogoszcz, antiga fábrica ao norte da cidade, próxima ao cemitério judaico, onde a maioria foi torturada e morta (HORWITZ, 2010, p. 23).

E o final de novembro ainda trouxe outras duas notícias desagradável aos judeus. Uma delas, divulgada no dia 30 no jornal local *Lodscher Zeitung,* determinava que as lojas ainda remanescentes nas mãos de judeus fossem marcadas com uma faixa amarela e a inscrição *Jude,* judeu (TRUNK, 2008, p. 10). E ainda no final de novembro, uma ordem dada por um membro do alto escalão nazista, Reinhard Heydrich determinou que 15 mil judeus e poloneses seriam expulsos de Łódź, sobretudo os políticos e intelectuais. No fim, apenas 10 mil foram expulsos da cidade, dentre eles muitos judeus que foram violentamente retirados de suas casas sem terem tempo de pegar seus pertences. Essa ordem tinha o duplo objetivo de se livrar de membros indesejáveis da sociedade e contrários à política nazista, além de abrir espaço para os novos recém-chegados de origem alemã (HORWITZ, 2010, p. 26)

Antes da virada do ano, outra ordem foi divulgada, ordenando o fechamento das escolas polonesas e judaicas, cujas propriedades foram confiscadas pelos alemães (PODOLSKA, 2004, p. 13). Enquanto isso, outras medidas eram tomadas no sentido de uma “germanização” da cidade como, por exemplo, a mudança do nome da cidade para Lodsch, jeito alemão de se pronunciar Łódź. Além disso, as ruas da cidade também foram renomeadas, recebendo nomes de líderes alemães e até mesmo de personagens de contos alemães. Essa germanização era importante para os nazistas, pois Łódź, uma vez integrada ao *Reich*, recebeu o posto de sexta maior cidade alemã, e não podia ter o aspecto oriental e decadente que possuía, na visão dos líderes nazistas que visitavam a cidade (HORWITZ, 2010, p. 32).

Para tanto, escolheram Wilhelm Hallbauer como diretor do departamento de construção da cidade, a fim de modernizar sua arquitetura, renovando a cidade para se tornar digna de ser uma cidade alemã. A tarefa de Hallbauer não era fácil, pois era uma cidade densamente habitada, com mais de 11 mil habitantes por quilômetro quadrado. Os prédios eram antigos, sendo a maioria deles, quase 60 por cento,

---

meados de 1940, e apenas uma pequena sinagoga que ficava em um pátio de uma casa sobreviveu (PODOLSKA, 2004, p. 12).

habitações de um único quarto (HORWITZ, 2010, p. 35). Era uma cidade que, como vimos, cresceu rapidamente e de forma desorganizada, e não oferecias as condições necessárias para ser uma grande cidade alemã.

Em 11 de dezembro, começou a prisão das pessoas mais proeminentes da cidade, como professores, engenheiros, médicos, ativistas e ricos, tanto judeus quanto poloneses[76]. Outra etapa dessa germanização aconteceu em 24 de janeiro de 1940, quando tiveram início os primeiros preparativos para o estabelecimento do gueto, com a primeira transferência de judeus para a zona escolhida para sediar o gueto[77]. Afinal, uma parte fundamental da germanização da cidade era se livrar de judeus, ou seja, tornar a cidade *Judenrein*, pois era dessa forma que Hitler queria que todas as cidades alemãs fossem, puramente arianas.

Rumkowski selecionou uma equipe para essa ação, e a enviou para o distrito a fim de procurar apartamentos vagos para receber os recém-chegados. Mal tiveram tempo para cumprir com tal tarefa, pois que, no meio dessa mesma tarde, enquanto procuravam tais apartamentos, o primeiro grupo de judeus já começava a sua marcha rumo ao norte da cidade, chegando com suas malas e pertences arrumados às pressas[78]. Os selecionados para mudança eram ordenados a permanecer em colunas, sob as vistas de policiais alemães, e o trajeto com seus pertences era feito a pé, exceção feita a idosos e portadores de deficiências, que eram transportados em carroças (HORWITZ, 2010, p. 43).

No dia 5 de fevereiro de 1940, Rumkowski notificou as autoridades alemãs de que havia formado um novo conselho judaico, formado por 21 membros, os quais, segundo Isaiah Trunk (2008, p. 35) e Michael Unger (In: ZELKOWICZ, 2002, p. 21), eram pessoas do terceiro escalão da comunidade. A formação de um novo conselho não foi uma determinação das autoridades alemãs, que aceitaram a decisão de Rumkowski por considerarem apenas uma formalidade, já que na prática o conselho

---

[76] Dawid Sierakowiak (ADELSON, 1997, p. 105-108) comenta sobre essas prisões no dia 14 do mesmo mês e sobre o fato de muitos serem deportados à força, mas só no dia 24 escreve em seu diário que ouve notícias de que muitos daqueles presos foram mortos.

[77] Nesta mesma data, Rumkowski, juntamente com o advogado judeu Henryk Neftalin e Dora Fuchs, sua secretária alemã, foi informado pelas autoridades alemãs de que o presidente da polícia havia divulgado uma ordem para a imediata transferência dos primeiros judeus que residiam fora do limite do futuro gueto para dentro do distrito escolhido para sediá-lo (HORWITZ, 2010, p. 42).

[78] Esse transporte foi precoce, pois que o anúncio oficial da criação do gueto foi divulgado somente em 8 de fevereiro.

não tinha nenhum poder decisório. Lucjan Dobroszycki destaca a singularidade do conselho de Łódź:

> Enquanto que em muitas comunidades os Conselhos Judaicos constituíam um corpo coletivo em termos de sua organização estrutural, era uma instituição de um só homem em Łódź desde o começo. (DOBROSZYCKI, 1984, p. xlvi, tradução minha)

Imagem 3 – Membros do Conselho Judaico com Rumkowski ao centro (circa 1940)

Fonte: Photograph 63020 (USHMM)

O anúncio oficial da criação do gueto foi divulgado somente em 8 de fevereiro por Johannes Schäfer, *SS-Brigadenführer* e presidente da polícia de Łódź (DOBROSZYCKI, 1984, p. xxxvii). Neste anúncio, publicado no jornal local *Lodscher Zeitung* e em cartazes pela cidade, foi divulgado também qual seria o perímetro do gueto e os procedimentos para a mudança de judeus que viviam fora dessa área para o gueto[79] e dos poloneses e alemães que viviam dentro desse perímetro para outras áreas da cidade (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 28). Tal mudança começou efetivamente alguns dias depois, no dia 12 de fevereiro (HORWITZ, 2010, p. 46). Na

[79] Mary Berg (2010, p. 18-19) escreveu em seu diário que ouviu no dia 1° de março em Varsóvia o relato de um dono de fábrica de Łódź que havia conseguido chegar à capital. No relato, o homem descreveu a turbulenta transferência de judeus para o gueto, afirmando que os nazistas permitiam que as pessoas levassem apenas vinte quilos de bagagem consigo, que entravam nas casas arrancando doentes e pessoas que se escondiam ali, e que roubavam, batiam e até matavam judeus nesse processo. Berg também explica como esse homem, assim como outros judeus ricos de Łódź, conseguiam deixar a cidade pouco antes do fechamento do gueto. Havia algumas formas de fugir, seja subornando agentes da Gestapo, ou mesmo se escondendo em caixões, já que o cemitério ficava fora do gueto. Pouco tempo depois de serem confinados no caixão, quando ele já se encontrava fora do limite do gueto, a pessoa abria o caixão e fugia.

ordem, Schäfer estipula que todos os alemães étnicos e poloneses que vivessem na área que se tornaria o gueto deveriam deixá-la até 29 de fevereiro (TRUNK, 2008, p. 22).

Essa transferência envolvia milhares de pessoas em caminhos opostos, e seriam necessários muitos dias para terminar essa grandiosa operação. Para manter a ordem tão cara aos alemães regras foram estabelecidas, por exemplo, em relação ao horário dessas mudanças[80].

Muitos judeus possuíam comércios e fábricas, os quais teriam que abrir mão. Por isso, antes da partida de cada grupo, cada participante era requisitado a fazer um inventário de seus bens para os alemães (ADELSON, 1989, p. 32). Na verdade, os judeus já não possuíam mais muitos bens nesta época, pois desde novembro de 1939 suas contas bancárias já haviam sido controladas pelos alemães e muitas de suas propriedades expropriadas pelas autoridades, conforme mencionado anteriormente.

O procedimento de enviar judeus ao perímetro do gueto estava acontecendo há quase um mês, prazo esse que desagradou os alemães, que queriam terminar essa etapa o mais rápido possível. Acreditando que os judeus eram culpados pelo atraso, por quererem atrapalhar a deportação ou tentarem evita-la, as autoridades nazistas resolveram castigar os judeus na noite do dia 6 de março de 1940, que ficou conhecida como “Quinta-feira Sangrenta”. Nesta data, os alemães tiraram judeus à força de suas casas e os encaminharam até a avenida principal, *Adolf-Hitler Straße*, onde atiraram em quase 200 deles (HORWITZ, 2010, p. 49).

Entretanto, não se limitaram a tal violência, como deportaram aproximadamente 500 judeus para o Governo Geral e ainda levaram mais 160 judeus para uma floresta próxima, Zgierz onde foram mortos (TRUNK, 2008, p. 14). No dia 13 de março, começou a evacuação dos doentes, deficientes e crianças de orfanatos, num total de aproximadamente 250 pessoas, para o gueto (PODOLSKA, 2004, p. 14).

O historiador Gordon Horwitz, em sua obra sobre o gueto e a germanização da cidade de Łódź (2010, p. 51), destaca a posição de Rumkowski durante esse mês de transferência dos judeus para o gueto, repleto de ocorrências violentas contra os judeus, como de uma quase indiferença em relação a esses acontecimentos, alegando que o *Judenälteste* permaneceu em seu escritório discutindo assuntos

[80] O primeiro grupo sairia às 8 da manhã, e a cada duas horas novos grupos deveriam percorrer o mesmo trajeto, sendo os grupos constituídos por 150 poloneses saindo do distrito judaico para o centro da cidade, e por 300 judeus percorrendo o sentido contrário (HORWITZ, 2010, p. 46).

educacionais e selecionando habitações adequadas para seletos conhecidos seus que estavam sendo transportados para os limites do futuro gueto. Não obstante, o autor justifica tal posição de indiferença por parte do líder judeu como uma incapacidade sua de poder agir contra tais ocorrências, preferindo então dedicar-se a assuntos sobre os quais tinha algum poder.

No dia 11 de abril, a cidade foi renomeada. Dessa vez, seu nome não seria apenas substituído pela forma alemã Lodsch de pronunciar a difícil palavra polonesa Łódź, como receberia um novo nome. A partir de então e até o final da guerra a cidade passaria a se chamar Litzmannstadt[81].

Imagem 4 – Placa anuncia a mudança de nome de Łódź para Litzmannstadt

Fonte: https://no.wikipedia.org/wiki/Fil:Litzmannstadt.jpg

Esse mês de abril também é marcado por um acontecimento que marcaria todo o destino do gueto de Litzmannstadt, que foi a sugestão dada por Rumkowski ao prefeito da cidade, Marder, em carta datada de 5 de abril de 1940, para que se utilizasse a

[81] O nome da cidade era um tributo ao general Karl Litzmann que havia sido responsável pela vitória alemã contra os russos na região durante a Primeira Guerra (HORWITZ, 2010, p. 53) e que agora pertencia ao partido nazista, *NSDAP*.

mão-de-obra especializada judaica[82]. Essa ideia foi corroborada por pessoas como o alemão Günter Schwarz, dono de uma fábrica têxtil em Litzmannstadt[83].

Dessa forma, antes mesmo de ser fechado, o gueto se delineava como um gueto de trabalho, uma missão a qual Rumkowski seria um dos seus mais fervorosos defensores, uma vez que o gueto foi isolado. A partir de maio de 1940, a vida da comunidade judaica de Litzmannstadt mudaria permanentemente. É o que abordarei a seguir.

1.3. O gueto cresce: do fechamento às primeiras deportações (1940 - 1942)

No mês de abril de 1940 várias medidas foram discutidas e implementadas a fim de preparar o fechamento do gueto[84], que ocorreu oficialmente em 1° de maio de 1940, com 163.177 pessoas confinadas[85]. Completamente isolado do resto da cidade, sendo provavelmente o gueto mais isolado dentre todos os guetos da era nazista (FOGEL, 2015, p. 29), o gueto de Litzmannstadt tinha apenas uma única entrada, fortemente vigiada e controlada por policiais alemães e judeus.

---

[82] Rumkowski estimava que a mão-de-obra especializada judaica consistia de aproximadamente de 8 a 10 mil pessoas (TRUNK, 2008, p. 83). Esses trabalhadores especializados trabalhariam em oficinas no gueto e produziriam artigos, os quais seriam entregues às autoridades, em troca de salário ou mesmo de alimentos para a população que seria confinada no gueto (HORWITZ, 2010, p. 58).

[83] Günter Schwarz havia escrito um memorando no final de março no qual afirmava que haviam aproximadamente 17 mil judeus especializados que seriam confinados no gueto (HORWITZ, 2010, p. 59). Tais trabalhadores poderiam ser utilizados, juntamente com outros que fossem treinados, como mão-de-obra em fábricas no gueto, onde até 100 mil pessoas podiam ser empregadas na produção de artigos.

[84] Uma das etapas finais antes de tal fechamento foi a instalação de arames farpados, para dificultar a saída de pessoas do gueto e a entrada de produtos de fora do gueto via contrabando. Uma ordem do chefe de polícia Johannes Schäfer datada de 19 de abril de 1940 e publicada no dia seguinte no *Lodscher Zeitung* já anunciava que os preparativos para o fechamento do gueto estavam adiantados e que a entrada e saída de pessoas do gueto estava restringida a partir de então (ADELSON, 1989, p. 39).

[85] Tal número foi calculado pelo Departamento de Estatísticas do gueto em junho de 1940 (DOBROSZYCKI, 1984, p. xxxix). Esse número, bem inferior aos 222 mil judeus que moravam em Łódź em 1939 (SINNREICH, In: FOGEL, p. 21), era o que sobrou da comunidade judaica após muitos judeus terem deixado a cidade e depois das expulsões e assassinatos perpetrados pelos alemães.

Imagem 5 – Entrada do gueto assinalada com uma placa datada em 22 de abril de 1940, proibindo a entrada de poloneses e alemães no gueto

Fonte: Photograph 01929 (USHMM)

Esse isolamento do gueto, maior do que em outros grandes guetos como Varsóvia, Vilna, Lublin ou Cracóvia, era um isolamento ocasionado pelo distanciamento geográfico do gueto, situado numa região periférica, do restante de Litzmannstadt. Esse isolamento natural foi agravado de maneira deliberada pelos alemães, que demoliram os prédios situados ao redor do gueto, a fim de isolá-lo ainda mais da parte ariana da cidade (LOEWY, In: ROSENFELD, 2002, p. xix).

No dia 5 de maio chegou à Litzmannstadt Hans Biebow[86], que foi designado para ser o diretor da Divisão do Gueto do Departamento de Suprimento de Alimentos e Economia (*Ernährungs und Wirtschaftsamt Hauptstelle*), divisão renomeada para Administração do Gueto (*Gettoverwaltung*) ao receber autonomia própria em 29 de outubro de 1940 (PODOLSKA, 2004, p. 16), quando percebeu-se que o gueto não era mais uma medida temporária. No início, a divisão era composta por 24 membros, número que rapidamente aumentou para 58 funcionários ainda no mês de maio (HORWITZ, 2010, p. 65). Seu escritório ocupava três andares de prédio na *Hermann-Göring Straße,* na região central da cidade, fora dos limites do gueto. Biebow era

[86] Hans Biebow era um empresário alemão de 37 anos, membro do partido nazista desde 1937, oriundo de Bremen, norte da Alemanha. Apesar de ser um bem-sucedido empresário do café, empregando 250 funcionários antes da guerra, ele aceitou o cargo em Łódź provavelmente por dois motivos principais, sendo o primeiro futuros lucros que a posição lhe daria e o segundo a isenção de prestar serviço militar e lutar no front (DOBROSZYCKI, 1984, p. xli-xlii).

subordinado ao prefeito de Łódź, cumprindo o papel de administrar o gueto em seu nome (DOBROSZYCKI, 1984, p. xli).

Imagem 6 – Hans Biebow posa diante de um carro com os dizeres *Gettoverwaltung*

Fonte: Photograph 65731 (USHMM)

A Administração alemã do gueto contava com uma série de departamentos, cada um com uma função específica. Havia o Escritório do Trabalho e Manufatura, que cuidava das indústrias do gueto e de sua mão-de-obra[87]. Havia o Departamento da Administração de Bens, responsável pela tomada dos bens em mãos dos judeus e que mantinha um depósito onde guardava tais bens no número 39 da *Hermann-Göring Straße.* Tal departamento também responsabilidade na transferência de matérias-primas para o gueto (HORWITZ, 2010, p. 66-67).

Fora esses dois departamentos mais voltados para a indústria e sua produção, havia outros departamentos como o Financeiro, que lidava com transações, contabilidade, e circulação do dinheiro no gueto; e o Departamento Central de Compras, que adquiria medicamentos, alimentos, e outros suprimentos para o gueto, além de controlar os carregamentos de produtos que chegavam na estação ferroviária do gueto (HORWITZ, 2010, p. 67).

[87] Esse departamento ainda intermediava as transações entre os fornecedores do gueto e os clientes alemães, seja no setor público, como na produção de uniformes para a *Wehrmacht*, seja no setor privado, voltado ao abastecimento de mercadorias para a população alemã.

A segurança, outro quesito fundamental para o gueto, era preocupação de órgãos policiais como da Polícia de Proteção (*Schutzpolizei* - Schupo) e a Polícia Secreta (*Geheime Staatspolizei* - Gestapo), estabelecidas em abril, e da Polícia Criminal (*Kriminalpolizei* - Kripo), estabelecida em 19 de maio (PODOLSKA, 2004, p. 14-15), cada uma com uma função determinada dentro da Administração do Gueto. Por exemplo, a Kripo era responsável por impedir o comércio ilegal e o mercado negro no gueto, um grande problema para as autoridades, e sua sede na *ulica Kościelny,* ao lado da única igreja situada dentro do perímetro do gueto, a Igreja da Virgem Maria, era conhecida por todos pelos interrogatórios e pela tortura que lá aconteciam (HORWITZ, 2010, p. 69-70).

Alguns membros da *Kripo* dominavam o ídiche e o hebraico (FRIEDMAN, 1980, p. 337), o que facilitava o contato com os habitantes do gueto, cuja maioria não dominava o alemão. Contudo, a Gestapo era a mais temida força policial, a qual todas as outras polícias eram subordinadas, e por esse motivo tudo que ocorria no gueto deveria ser informado e aprovado pela Gestapo[88].

Paralelamente à administração alemã se desenvolvia a Administração judaica do gueto, presidida pelo *Judenälteste* Rumkowski, que igualmente se desenvolveu e se organizou em vários departamentos (HORWITZ, 2010, p. 70-72). Havia a divisão de Assistência Social do gueto, responsável pelo cuidado aos órfãos, idosos e os desabrigados; o Departamento de Abastecimento de Alimentos, muito importante para os habitantes do gueto, controlando o recebimento e distribuição dos alimentos; o Departamento de Cozinhas, que cuidava das cozinhas comunitárias do gueto; a Divisão de Finança e Economia, responsável pelas finanças e também pela manutenção dos prédios do gueto, além da retirada do lixo; escritórios responsáveis pela luz e pelo gás; Banco Central; Departamento Central das Oficinas do gueto, responsável pelas fábricas e oficinas e pela entrega dos artigos manufaturados para as autoridades alemãs; o Departamento das Escolas, responsável pela rede de escolas do gueto nos níveis primário e secundário; entre outros departamentos.

---

[88] A Gestapo de Łódź estava sob o comando do *SS-Hauptsturmführer* Robert Schefe, substituído em janeiro de 1942 pelo *SS-Hauptsturmführer* Dr. Otto Bradfisch, e pelo *SS-Obersturmführer* Günter Fuchs (DOBROSZYCKI, 1984, p. xl).

Rumkowski sentiu a necessidade de criar uma polícia própria, conhecida como Polícia Judaica[89] (*Jüdischer Ordnungsdienst* - OD*)* e fundada em 1° de março de 1940 (TRUNK, 2008, p. 40), cuja tarefa era manter a ordem interna, patrulhar o gueto dia e noite, guardar a entrada do gueto e os depósitos de alimentos, supervisionar a distribuição dos alimentos, impedir contrabando, prender ladrões e criminosos.

Imagem 7 – Polícia Judaica em 1940 com o chefe Leon Rozenblat (sentado, centro)

Fonte: Photograph 63009 (USHMM)

O gueto também possuía a sua própria Corte, criada em junho de 1940 por Rumkowski, contando com 10 juízes (TRUNK, 2008, p. 44), além de magistrados e advogados de defesa, e que também era responsável pela prisão central (HORWITZ, 2010, p. 72).

[89] Além de um departamento central, situado à *ulica Lutomierska*, a Polícia Judaica mantinha cinco delegacias e uma seção especial, *Sonderabteilung,* responsável pela busca de bens valiosos e de investigações especiais (HORWITZ, 2010, p. 72). A Polícia Judaica, composta por cerca de 1.200 policiais (FRIEDMAN, 1980, p. 337) não era armada, por determinação das autoridades alemãs (TRUNK, 2008, p. 40), que não queriam entregar armas nas mãos de judeus, com medo que se rebelassem.

Imagem 8 – Stanisław Jacobson, presidente da Corte, em sessão em 25 de maio de 1942

Fonte: Photograph 74511A (USHMM)

O principal departamento do gueto, contudo, era o Secretariado Central, conhecido como *Zentrale*, estabelecido na *Plac Kościelny*, e que abarcava o Departamento Presidencial, o Departamento Pessoal, a Secretaria de Petições e Pedidos, um Caixa Principal e a Divisão de Cemitério. Para ficar mais próximo à Biebow, com quem estava em constante contato[90] Rumkowski transferiu a *Zentrale* para a mesma praça (HORWITZ, 2010, p. 74). Todos os dias, às 8 da manhã, representantes do *Gettoverwaltung* se encontravam com Rumkowski para tratar de assuntos relacionados à administração do gueto.

Todos esses departamentos empregavam boa parte da mão-de-obra do gueto[91]. Quanto mais o gueto avançava em sua existência, maior era a sua burocracia. E igualmente maior era a necessidade de conseguir um bom emprego, como eram considerados os trabalhos de escritório; pois, além de serem menos cansativos do

[90] Biebow estabeleceu ainda no dia 6 de maio um escritório da Divisão do Gueto do Departamento de Suprimento de Alimentos e Economia dentro do gueto, na praça Bałuty, a fim de administrar o gueto mais de perto.

[91] Em fevereiro de 1941, quando o gueto não tinha completado ainda um ano de existência, a administração do gueto empregava 5.500 pessoas, o que representava 6 por cento da população adulta do gueto no período (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxii). Em julho do mesmo ano, o número já havia subido para 7.316 funcionários e em dezembro subiu ainda mais, para 9.221 empregados na administração (TRUNK, 2008, p. 38). Meio ano depois, em agosto de 1942, já eram 12.880 funcionários.

que os trabalhos manuais nas fábricas do gueto, ainda garantiam maiores benefícios, como uma alimentação melhor.

Uma semana depois do estabelecimento do gueto, no dia 8 de maio, um novo anúncio do chefe de polícia alemão ordenou ser proibido qualquer contato entre a chamada “população civil” e os judeus, incluindo relações comerciais, sob pena de pagar multa de 150 RM ou de ser preso. Os judeus seriam proibidos de sair do gueto, proibição estendida ao próprio Rumkowski, e igualmente seria proibida a entrada de alemães e poloneses no gueto. Exceções podiam ocorrer se autorizadas, caso em que a permissão deveria ser identificada através da assinatura e carimbo do chefe de polícia ou da *Schupo*, *Kripo* ou *Stapo* (ADELSON, 1989, p. 41).

Imagem 9 – Placa na entrada do gueto

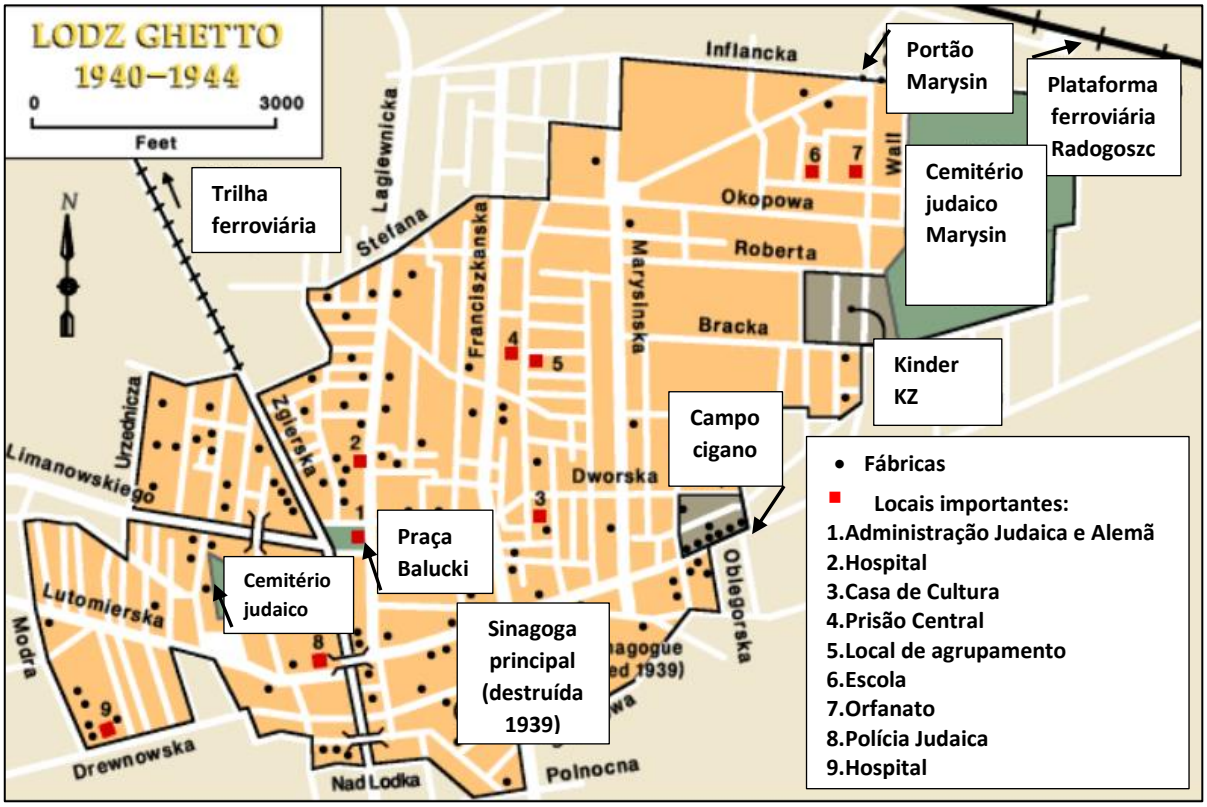
Fonte: Photograph 01927 (USHMM)

Legenda: “Zona residencial dos judeus: Entrada proibida”

O gueto foi situado em duas seções da cidade, sendo a primeira Bałuty, uma área periférica negligenciada pelas autoridades e cujos habitantes, em sua maioria judeus, eram marginalizados pelo restante da população (ADELSON, 1989, p. 35). A segunda seção era a “Cidade Velha”, o bairro mais antigo de Łódź e onde o gueto judaico do século 19 foi situado. Complementando a área do gueto, o subúrbio de Marysin, onde estava localizado o grande cemitério judaico. Essas áreas continham o maior número

de casas de madeira em perigo de sofrerem algum dano de toda a cidade[92]. A esmagadora maioria das residências não tinha aquecimento, água e esgoto encanado[93].

Figura 10 – Mapa do gueto de Łódź (legenda com tradução minha do inglês)



Fonte: https://www.ushmm.org/wlc/en/media_nm.php?ModuleId=0&MediaId=404#

O gueto era densamente povoado e populoso, uma vez que mais de 163 mil pessoas viviam em uma área de 4,13 quilômetros quadrados sendo que, destes, apenas 2,41 eram habitáveis, o que dava uma densidade de 68 mil pessoas por quilômetro quadrado (TRUNK, 2008, p. 16). Dessa forma, a maioria dos apartamentos continha mais de uma família e não raramente mais de uma dezena de pessoas compartilhava um único cômodo.

[92] Dos 3.361 prédios do gueto, 1.402 eram de madeira e 1.959 de alvenaria ou mistos (TRUNK, 2008, p. 15).

[93] Aproximadamente 7 por cento das casas do gueto tinha esgoto encanado, quase 15 por cento tinha água e 10 por cento tinha gás, sendo que única facilidade que a maioria das casas, aproximadamente 67 por cento, tinha quando do estabelecimento do gueto era luz elétrica (ADELSON, 1989, p. 35).

Uma vez selado, o gueto logo apresentou problemas às autoridades alemãs. Mesmo após Übelhör, *Regierungspräsident* da região de Kalisz, ter antecipado em dezembro de 1939 custos e dificuldades que a implementação de um gueto representaria, a realidade se mostraria ainda mais difícil. O prefeito da cidade de Litzmannstadt, Karl Marder, calculou que no primeiro mês de existência, maio de 1940, o gueto custaria 750 mil *Reichsmarks* (RM), a moeda alemã, ao governo, custo que subiria nos meses subsequentes, chegando a quase 3 milhões já no mês seguinte, junho (HORWITZ, 2010, p. 63).

As autoridades, sem a intenção de gastarem seu dinheiro com judeus, pensaram em maneiras de fazer os próprios judeus custearem a manutenção do gueto. Havia algumas fontes possíveis, como tirar o dinheiro que ainda pertencia aos judeus, dinheiro esse calculado pelos alemães em 5 milhões RM (HORWITZ, 2010, p. 63), o que já vinham fazendo há alguns meses. Uma maneira de extrair dos judeus o restante do seu dinheiro era introduzir uma moeda própria do gueto[94], para que, dessa forma, os judeus fossem obrigados a entregar seu dinheiro a fim de trocá-lo por notas do gueto. Alguns historiadores afirmam que a ideia de uma moeda própria do gueto foi uma ideia de Rumkowski sugerida aos alemães (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiii).

Outra forma de obter recursos dos judeus era extrair bens como joias, metais preciosos, artigos de couro, roupas e peles, pertences que alguns judeus conseguiram trazer na mudança para o gueto ou que estavam na posse de judeus que já habitavam o bairro judaico e que não precisaram se mudar (HORWITZ, 2010, p. 64).

Havia ainda outra maneira de retirar dinheiro dos judeus, de forma indireta. As autoridades haviam percebido que muitos judeus confinados no gueto recebiam correspondências de amigos e familiares que viviam em outras cidades e países e que, em muitas ocasiões, os remetentes enviavam dinheiro aos seus conhecidos no gueto[95]. Além disso, depósitos eram feitos por esses amigos e familiares em contas

---

[94] A moeda do gueto tinha o nome oficial de *Mark-Quittungen* (recibos de marco), porém era conhecida popularmente de *Rumki* ou *Chaimki*, em uma clara referência a Rumkowski. O novo dinheiro circulava na forma de moedas e notas, decoradas com símbolos judaicos como a estrela de Davi e a Menorá e assinadas por Rumowski com o título *Der Älteste der Juden in Litzmannstadt.* A moeda entrou em circulação no dia 26 de junho, sendo que a partir de 8 de julho nenhuma outra moeda seria mais aceita no gueto (PODOLSKA, 2004, p. 15).

[95] O sistema postal do gueto recebeu em seu primeiro ano de existência 135 mil pacotes de regiões da Polônia e outros 14 mil do exterior, mais de um milhão de cartas e 64 mil cheques. Neste primeiro ano, a quantia recebida via serviço postal atingiu a marca de 1,7 milhões de marcos, sendo que tal valor

de bancos locais, depósitos cuja soma ultrapassava 40 mil RM (HORWITZ, 2010, p. 64), somente no mês de maio de 1940, o primeiro mês do gueto.

As autoridades se apropriaram de tais recursos através do controle de correspondências e bancos. Em 12 de junho, um anúncio foi divulgado no gueto sobre a censura das correspondências que saiam do gueto pedindo dinheiro ou outros itens, ordenando que seriam permitidas apenas cartas pedindo depósito na conta do Escritório de Alimento e Gerenciamento do Gueto no Banco Municipal de Litzmannstadt (TRUNK, 2008, p. 76). No mesmo anúncio se afirmava que a Administração do gueto pagaria em dinheiro vivo ao beneficiado o valor depositado por alguém de fora do gueto.

Imagem 11 – Dois funcionários do serviço postal do gueto entregando correspondências

Fonte: Photograph 33779 (USHMM)

Além dos problemas que esse início do gueto apresentava aos alemães, como custos altos e um complexo sistema administrativo, problemas graves afetavam os

subiu nos anos subsequentes, totalizando aproximadamente 4 milhões em 1941 e mais de 5 milhões em 1942 (FRIEDMAN, 1980, p. 339).

habitantes confinados no gueto, além da pauperização que já os atingia. Um dos primeiros problemas foi um surto de disenteria logo após o fechamento do gueto e que rapidamente se espalhou entre a população[96]. Nesse mês de junho, no dia 12, foi feito um censo no gueto, que apontava 160.320 mil pessoas em um espaço de 4,13 quilômetros quadrados (PODOLSKA, 2004, p. 15), o que aponta uma diminuição de aproximadamente 3 mil habitantes em menos de um mês e meio desde o estabelecimento do gueto.

O Departamento de Saúde era responsável pela prevenção e combate a epidemias, que forçaram a ampliação da rede hospitalar do gueto de três para cinco hospitais[97], conforme registro de março de 1942 (TRUNK, 2008, p. 56). Além dos hospitais, o gueto contava com uma maternidade, cinco clínicas ambulatoriais, duas clínicas de cuidados preventivos, dois postos de socorro, uma clínica dental e sete farmácias (TRUNK, 2008, p. 57).

Não obstante disenteria não era o único problema de saúde a afetar os habitantes do gueto. Logo no primeiro mês de existência, em maio 433 pessoas morreram, e mais do dobro morreu em junho, em um total de 888 pessoas (HORWITZ, 2010, p. 78). Epidemias eram frequentes[98] e constituíam uma constante durante toda a existência do gueto, ceifando milhares de vidas.

Na primeira semana de julho a polícia alemã ordenou um registro dos animais que haviam no gueto e de seus donos, com a alegação de que o controle dos animais era uma medida sanitária contra a raiva que havia se espalhado entre os animais do gueto, uma epidemia que não existia na realidade. Seguindo ordens, Rumkowski ordenou no dia 2 de julho que todos os donos de cães fossem se registrar até o dia 4

---

[96] De 56 casos registrados de disenteria em maio, estrondosos 2.195 casos foram registrados no mês seguinte, junho, causando um total de 243 mortes pela doença no período. As maiores vítimas fatais da doença eram crianças pequenas e idosos, sendo que, dessas 243 mortes, 99 eram de crianças abaixo de 8 anos e 92 de idosos acima dos 60 anos (HORWITZ, 2010, p. 78).

[97] A demanda de cuidados médicos exigia constante ampliação, que fica evidente ao analisarmos o crescimento do número de leitos de 227 em maio de 1940, quando o gueto foi fechado, para 2.100 em março de 1942, menos de dois anos depois (TRUNK, 2008, p. 57). Contudo, tal ampliação não era suficiente para o grande número de pacientes, que crescia de forma mais rápida do que o oferecimento de novos leitos. Por exemplo, no segundo semestre de 1940 foram 4.297 pessoas que procuraram atendimento nos hospitais do gueto e 122.841 visitas aos consultórios, números que se elevaram para 11.931 pessoas atendidas nos hospitais e 242.249 atendidas nas clínicas ao longo do ano de 1941 (TRUNK, 2008, p. 57).

[98] A epidemia de disenteria que afetou a população durante o verão de 1940 foi um exemplo, sendo responsável por grande parte das 1.366 mortes registradas no gueto no mês de julho de 1940 (HORWITZ, 2010, p. 117).

do mesmo mês[99]. No dia 18 do mesmo mês, todos os donos de cães foram convocados a comparecer com seus animais no dia 22 de julho para uma inspeção, na realidade uma desculpa para a eliminação de tais animais. A partir de então, não era mais permitido ter nenhum animal no gueto, sob ameaça de punição (HORWITZ, 2010, p. 87)

Apesar das dificuldades do gueto, Łódź podia ser considerado um gueto mais igualitário que os demais, pois que as disparidades sociais eram menores do que em outros guetos (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xliii). Os ricos e os pobres não eram tão diferentes em sua fome e nas condições difíceis nas quais viviam quanto acontecia em guetos como o de Varsóvia, por exemplo, onde o contrabando e o comércio privado permitiam que muitos judeus vivessem em uma condição razoavelmente satisfatória[100]. Racionamento de alimentos era uma situação que atingia quase toda a população, com exceção de uma pequena elite da Administração do gueto[101].

Apesar de ter uma população maior, a taxa de mortalidade no gueto de Varsóvia em relação ao total da população era geralmente mais baixa do que a taxa de mortalidade no gueto de Łódź[102]. As mortes for Łódź foram ocasionadas em sua maioria por doenças e inanição, com alguns suicídios e assassinatos, em sua maioria perpetrados pela polícia alemã. A fome, inclusive, era o maior problema do gueto (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xliv) que, sendo mais isolado do que os demais, não permitia contrabandos de alimentos oriundos da parte ariana da cidade, como

---

[99] As listas com esses registros indicam a existência de mais de 300 cães no gueto, de várias raças diferentes (HORWITZ, 2010, p. 86).

[100] Dawid Sierakowiak (1997, p. 166-167) exemplifica essa situação ao descrever a visita de uma prima de sua mãe, que havia conseguido fugir do gueto de Varsóvia e adentrar o gueto de Łódź, e compartilhou sua experiência no gueto da capital destacando que enquanto muitos morriam de fome nas ruas, sem condições sequer de serem enterrados, outros viviam como reis.

[101] Dawid Sierakowiak (1997, p. 114), que em abril de 1941 trabalhava na distribuição de legumes para os operários de oficinas, menciona que as pessoas que trabalhavam nos escritórios recebiam porções de alimentos maiores e de melhor qualidade, e que policiais judeus possuíam vários cupons de ração, conseguindo assim mais alimentos, enquanto que os demais habitantes do gueto possuíam somente um cupom por pessoa.

[102] Em 1940 o gueto de Litzmannstadt teve aproximadamente 39 mortes por mil habitantes, enquanto o gueto de Varsóvia teve aproximadamente 23 mortes por mil habitantes. Em 1942 o número de mortes cresceu enormemente nos dois guetos, devido ao agravamento das condições de alimentação e da maior disseminação de doenças, mas ainda assim o gueto de Litzmannstadt, com suas quase 160 mortes por mil habitantes, superou o de Varsóvia, com 140 mortes por mil habitantes (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xliii).

acontecia no gueto de Varsóvia, ficando a alimentação praticamente restrita às pequenas quantidades trazidas pela administração alemã.

Essa era uma das explicações para o gueto de Łódź ser voltado ao trabalho, pois que, através deste, os judeus podiam garantir o seu sustento e mostrar aos alemães a sua importância, a fim de que continuassem a receber provisões, de preferência em melhores condições e em maior número.

Esse isolamento do gueto também dificultou o recebimento de informações do exterior, pois o contato com não-judeus era mais restrito do que em outros guetos (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xlvii). A falta de informações, por sua vez, dificultou o entendimento do real propósito das deportações, pois que a notícia dos campos de extermínio como Chełmno, a meros 60 quilômetros de distância da cidade, demorou para chegar ao gueto, e quando chegou era tarde demais. Tal desinformação pode explicar porque não houve em Łódź revoltas como em outros guetos, como em Vilna e Varsóvia, onde os judeus pegaram em armas no famoso Levante de Varsóvia de 1943.

Enquanto que o verdadeiro destino dos primeiros deportados de Łódź no início de 1942, que era o campo de extermínio de Chełmno, só ficou conhecido por alguns habitantes do gueto durante a deportação de crianças, idosos e doentes em setembro de 1942, os habitantes do gueto de Varsóvia sabiam da existência deste campo muito tempo antes. Ali, já em janeiro de 1942, quando as deportações de Łódź para Chełmno tiveram início, a resistência judaica do gueto havia recebido informações de seus contatos poloneses sobre a existência do campo e do destino dos judeus para lá deportados, e em fevereiro a imprensa clandestina do gueto já divulgava informações a respeito para a população[103] (DOBROSZYCKI, 1984, p. xx-xxi).

A imprensa clandestina do gueto era inexpressiva, enquanto que em outros guetos, como o da capital, era forte e lida por muitos habitantes. Munidos de mais informações e contatos, no gueto da capital os judeus sabiam que não havia escapatória para eles, e uma morte digna lutando contra os opressores parecia melhor do que uma morte passiva sob as mãos dos alemães. Já no gueto de Łódż havia a esperança de que o

[103] A resistência passou tais informações ao governo polonês no exílio em Londres e para outros contatos, que foram disseminadas pelos Aliados, como anotou Emmanuel Ringelblum em seu diário do gueto de Varsóvia após ter ouvido, em 26 de junho de 1942, uma notícia na rádio inglesa informando a população sobre Chełmno (DOBROSZYCKI, 1984, p. xxii).

trabalho preservaria a vida de seus habitantes, pois que dessa forma se mostravam úteis aos alemães.

Os poucos rumores que chegavam de extermínio eram negados por Rumkowski que, em seus discursos, constantemente afirmava aos judeus que eles encontrariam salvação através do trabalho, e essa afirmação se tornou uma crença geral entre a população. E tal crença dificultou o entendimento do real destino deles frente às bestas nazistas, lhes dando esperança de que eles sobreviveriam para ver o fim da guerra. Contudo, a maioria não chegou a viver para ver as tropas russas libertar a cidade e o gueto.

Em um dos seus frequentes discursos, proferido em 3 de janeiro de 1942, mês que marcaria o início da primeira deportação do gueto, Rumkowski tentou acalmar a população e negar rumores de uma possível deportação, afirmando:

> As histórias que circulam hoje são cem por cento falsas... Tenham em mente que no centro de todos os meus projetos está o propósito de que pessoas honestas possam dormir em paz. Nada de mal irá acontecer a pessoas de boa vontade... Eu lhe dou a minha palavra de honra de que nenhum mal espera escondido nas asas do novo registro...As autoridades nos respeitam porque nós constituímos um centro de produtividade. (In: ADELSON, 1989, p. xviii, tradução minha)

Imagem 12 – Rumkowski discursa perante uma multidão em 15 de junho de 1940

Fonte: Photograph 91662 (USHMM)

Todavia, duas semanas depois, confirmados os boatos da deportação, Rumkowski admitiu que maus tempos estavam por vir, mas deu uma nova esperança aos

habitantes do gueto, afirmando que havia uma escapatória, o trabalho: “Só o trabalho pode nos salvar da pior calamidade*”* (In: ADELSON, 1989, p. xviii, tradução minha).

É curioso que Hans Biebow, chefe da administração alemã do gueto, pareceu lutar pela existência do gueto e pela sobrevivência dos judeus, mostrando aos seus superiores alemães a importância do gueto. Provavelmente não era uma demonstração de simpatia aos judeus, nem tampouco de uma preocupação para com eles, mas sim justificável por interesses pessoais, sobretudo monetários. Biebow por certo se beneficiava dos contatos comerciais entre a produção do gueto e seus compradores, seja o governo alemão ou particulares. Mesmo se seus interesses fossem escusos, Biebow acabou, direta ou indiretamente, preservando a vida dos judeus de Łódź por mais tempo.

Biebow não era o único lucrando com o trabalho sofrido dos judeus confinados no gueto, pois muitas outras autoridades se beneficiaram da situação, como o *Regierungspräsident* da região de Kalisz, Friedrich Übelhör. Ele, que havia sido um dos responsáveis pela criação do gueto, agora lutava por sua continuação, como comprova a carta[104] de Rolf Heinz Hoppner, chefe de reassentamento da região de Poznán, dirigida em 16 de julho de 1941 para Adolf Eichmann, chefe do RSHA (DOBROSZYCKI, 1984, p. lii). Nesta carta, Hoppner comenta sobre a posição de Übelhör a respeito dessas propostas: “Existe uma sensação de que o presidente da região de Łódź, Übelhör, não quer que o gueto deixe de existir, pois parece que ele está fazendo um bom lucro dele” (DOBROSZYCKI, 1984, p. lii, tradução nossa).

O mesmo prefeito da nova cidade germanizada de Litzmannstadt, Marder, que em sua carta de julho de 1941, já citada anteriormente, afirmou que o gueto era uma medida temporária, destinada a durar por menos de seis meses – entre maio e outubro de 1940, previsão de quando seria liquidado -, justificou nesta mesma carta o motivo de o gueto ter continuado além do prazo estipulado previamente. E esse motivo tinha a ver justamente com esse perfil de trabalho que o gueto tomou, se transformando em um “elemento significativo no sistema econômico” da cidade (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xlv).

---

[104] A carta, cujo título é “Solução do Problema Judaico” trata sobre algumas medidas pensadas para solucionar o problema dos judeus em *Wartheland*, como a criação de um campo de trabalho, a esterilização das mulheres judias e a morte daqueles considerados inaptos ao trabalho, uma proposta considerada por Hoppner como “mais humana” perante a previsão de que a fome se agravaria no inverno próximo.

O foco no trabalho, além de empregar os judeus, garantir sua subsistência, acalmar os ânimos políticos e mostrar a utilidade dos judeus para os alemães, ainda trouxe um outro benefício, principalmente para os alemães, que era resolver a questão dos altos custos do gueto. Se, nos meses iniciais, as autoridades alemãs previram custos crescentes, como citamos anteriormente, pouco tempo depois o gueto era autossuficiente (ADELSON, 1989, p. xix). Na verdade, apenas seis meses depois de selado, o gueto já cobria seus custos com alimentação e outros cuidados, dando lucro aos alemães, o que despertou o interesse pela continuidade do gueto.

Contudo, nem sempre o gueto conseguiu dar lucro, pois no início, conforme previsto pelas autoridades, os gastos geraram um grande déficit no gueto. Em agosto de 1940, quando a maioria dos judeus já havia entregado seus pertences, a maioria dos habitantes do gueto não possuía mais dinheiro (HORWITZ, 2010, p. 93). Uma das formas de diminuir os gastos com o gueto foi a de cortar o suprimento de alimentos para o gueto por vários dias em setembro, o que gerou protestos por parte da população.

Rumkowski anunciou em 20 de setembro de 1940 (TRUNK, 2008, p. 90-91) que os custos com o gueto chegaram a 665 mil marcos (ZELKOWICZ, 2002, p. 32), o que representava quase toda a renda de aproximadamente 700 mil marcos que recebia dos alemães para a manutenção do gueto. Contudo, apesar das autoridades tentarem diminuir os gastos com o gueto, Rumkowski resolveu instituir uma ajuda financeira aos mais carentes[105] a fim de que comprassem alimentos (TRUNK, 2008, p. 59).

Essa ajuda social custaria à administração 995 mil marcos, aumentando os custos do gueto no mês de setembro para 1.665 mil marcos[106] e forçando Rumkowski a pedir um empréstimo aos alemães para cobrir as despesas, o que foi aprovado pelas

---

[105] O auxílio foi concedido a 124.773 mil habitantes, o equivalente a 79 por cento da população do gueto, que não tinham como se sustentar[105] (TRUNK, 2008, p. 59).

[106] Os mais de 60 mil adultos indigentes receberiam 9 marcos do gueto por mês, as quase 15 mil crianças de até 14 anos receberiam 7 marcos e outros 7 mil idosos com mais de 60 anos receberiam 10 marcos mensais. Além disso, esses que não tinham como se sustentar eram isentos de pagar aluguel (HORWITZ, 2010, p. 95). Em 17 de janeiro de 1941, a ajuda mensal aumentou para os adultos, que receberiam a partir de então 10 marcos, e para os idosos, sendo que os que tinham até 70 anos receberiam 12 marcos, os que tinham até 80 receberiam 14 marcos e os que tinham mais de 80 anos receberiam 16 marcos mensais (DOBROSZYCKI, 1984, p. 11). E na metade do ano, em julho de 1941, mais uma vez a quantia aumentou para 12 marcos para as crianças até 14 anos, 15 marcos para adultos até 60 anos, 17 marcos para idosos entre 61 e 70 anos e 20 marcos para aqueles acima de 71 anos. Não obstante, no inverno de 1941-1942 Rumkowski diminuiu a ajuda, que a partir de então seria de apenas 12 marcos, independentemente da idade (TRUNK, 2008, p. 60).

autoridades alemãs, que concederam um empréstimo ao gueto no valor de três milhões de Reichsmarks (UNGER, In: ZELKOWICZ, 2002, p. 33).

Josef Zelkowicz (2002, p. 33), que depois se tornou um dos membros do Arquivo do gueto, foi escolhido como um dos inspetores cuja tarefa era visitar os lares do gueto a fim de verificar quais famílias necessitavam de auxílio financeiro. Não era uma tarefa fácil determinar quais pessoas necessitavam de auxílio financeiro e quais não, uma vez que todos no gueto passavam necessidade, tarefa que ele define da seguinte maneira em uma de suas notas:

> Olhe aqui, o destino deles depende do que você escrever. Com um só golpe miserável da caneta, você determinará se eles vão continuar a receber o minúsculo auxílio que talvez os poupe da morte, mas que é suficiente apenas para uma mísera existência, ou, se você os privar desse último recurso de auxílio, o auxílio monetário, eles se tornarão como peixe em terra seca que não podem senão se contorcer na agonia da morte até que o último espasmo expele suas almas...(ZELKOWICZ, 2002, p. 86, tradução minha)

À primeira vista, poderia se questionar o motivo de Rumkowski ter decidido pedir um empréstimo aos alemães para oferecer auxílio assistencial aos pobres do gueto justamente quando os altos custos de manutenção do gueto estavam desagradando às autoridades alemãs. Contudo, esse não foi um ato totalmente altruísta do líder judeu, uma vez que, no próprio anúncio de 20 de setembro, Rumkowski apresenta outra motivação sua para tal decisão, que foi a constatação de que muitos estavam desempregados no gueto. Inclusive, o seu anúncio começa com a seguinte afirmação:

> A fim de introduzir calma e ordem no gueto e não ter nenhuma pessoa faminta aqui, eu decidi reconstruir a ajuda social em novas bases, até que eu receba trabalho suficiente para o meu Departamento do Trabalho e vai haver trabalho. De acordo com minhas informações e registros, existem aproximadamente cem mil pessoas que ficaram sem trabalho no gueto. (TRUNK, 2008, p. 90, tradução minha)

Em seguida, ordena que todos os que recebessem ajuda fossem obrigados a trabalhar em um emprego a ele designado e do qual receberiam um salário. Os que não trabalhassem “honestamente e conscientemente” seriam retirados dos seus postos e deixariam e receber o auxílio social. O plano de Rumkowski, como se refere várias vezes ao longo do anúncio, é considerar todos os habitantes do gueto trabalhadores em potencial (TRUNK, 2008, p. 90).

Desde semanas iniciais do gueto começou o estabelecimento de oficinas e da mobilização de mão-de-obra especializada como alfaiates e carpinteiros, movimento que se aceleraria a partir de setembro de 1940. Um dos motivos para tal aceleração foi a preocupação de Rumkowski com a ordem no gueto, pois percebeu que o

desemprego era fonte de descontentamento em grande parte da população[107] e que formações de homens sem ocupação se congregavam no meio da rua (HORWITZ, 2010, p. 77). Com medo de protestos e rebeliões, Rumkowski incentivou o estabelecimento de oficinas no gueto que pudessem empregar um maior número de trabalhadores, pois que o trabalho era uma maneira de garantir o sustento dos moradores, o que por sua vez traria calma ao gueto e confiança em seu líder (HORWITZ, 2010, p. 78).

Em maio de 1940, primeiro mês do gueto, foi estabelecida a primeira oficina de costura, com 300 funcionários (TRUNK, 2008, p. 39). Em setembro de 1940, antes do anúncio que delineava o plano de Rumkowski de ampliar o trabalho no gueto, havia 17 fábricas, sendo que, menos de três anos depois, em 1943, o número de fábricas no gueto chegava a 117 (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xli).

Com o aumento do número de fábricas, consequentemente aumentou também o número de pessoas empregada nesses empreendimentos[108], o que foi facilitado com a decisão do *Judenälteste* de conceder auxílio social. E a proporção de pessoas empregadas aumentava cada vez mais, especialmente após a deportação daqueles incapacitados de trabalhar, as crianças e os idosos, ocorrida em setembro de 1942[109].

As condições de trabalho nestas fábricas eram precárias. O trabalho era cansativo, geralmente com uma carga de 12 horas diárias, além de mal remunerado, com uma renda que geralmente mal dava para comprar os alimentos que os cupons de ração davam direito. As fábricas, pequenas e mal ventiladas, não eram apropriadas a uma jornada de trabalho tão longa, e não raro faltavam máquinas e instrumentos necessários, obrigando os trabalhadores a fazer tarefas com as mãos. Era exigida dos judeus uma alta produtividade, apesar de constantemente passarem mal e até desmaiaram devido à subnutrição, conforme registrado em vários relatos e diários.

---

[107] No censo realizado em junho de 1940, o número de desempregados representava 54 por cento da população do gueto (TRUNK, 2008, p. 157).

[108] Se em setembro de 1940 havia aproximadamente 40 mil pessoas, de um total de 140 mil habitantes do gueto, empregadas nas fábricas, em junho de 1942, menos de dois anos depois, o número havia subido para aproximadamente 68 mil (TRUNK, 2008, p. 156). No final de setembro do mesmo ano, após as deportações, o número de pessoas empregadas nas fábricas do gueto havia subido mais uma vez e atingido o número de mais de 74 mil pessoas, de um total de 83.400 habitantes do gueto (TRUNK, 2008, p. 53).

[109] Se no início de 1941 a intenção era ter 25 por cento da população empregada, na virada de 1942 para 1943, após as primeiras deportações, quase 95 por cento da população adulta estava empregada no gueto (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xli).

Biebow, em um relatório aos seus supervisores datado de abril de 1943, afirma que, enquanto os poloneses nas fábricas da parte ariana de Litzmannstadt recebiam a meta de fazer de 180 a 200 solas de sapatos de madeira por dia, a meta para os trabalhadores judeus do gueto era de 300 a 320 solas por dia (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xli). Apesar das péssimas condições de trabalho, a maioria dos judeus preferia trabalhar, seja para receber uma porção a mais de sopa rasa por dia nas fábricas, seja porque, ao trabalhar, se ocupavam e, dessa forma, esqueciam um pouco a fome.

Para tanto, era necessária uma organização das fábricas e oficinas – conhecidas no gueto como *ressorts*, palavra oriunda do alemão *Arbeitsressorte*, que significava departamentos de trabalho - e dos milhares de funcionários que empregariam, o que ocorreu em 1° de outubro de 1940, quando foi estabelecido o Departamento Central das Oficinas do gueto que, por sua vez, abarcava os departamentos de Alfaiataria, o de Calçados, e o Têxtil, entre outros (PODOLSKA, 2004, p. 16).

No dia 18 de outubro, Übelhör, responsável por toda a região de Kalisz, liderou uma reunião com chefes da administração e polícia alemãs (TRUNK, 2008, p. 17). Cientes de que o gueto de Łódź não seria mais uma solução temporária, foi discutida a questão da administração e manutenção do gueto de maneira que fosse autossuficiente, ou seja, que seus custos de manutenção fossem sustentados pelos próprios judeus, sem necessitar de dinheiro alemão (UNGER, In: ZELKOWICZ, 2002, p.23). Ou seja, tanto para administração judaica, a cargo de Rumkowski, quanto para administração alemã, setembro e outubro de 1940 foram meses de virada, quando se percebeu que as medidas temporárias pensadas para sustentar o gueto até esse mês de outubro, quando seria liquidado, teriam que sofrer modificações para se transformarem em medidas permanentes que pudessem tornar o gueto sustentável a longo prazo.

O gueto de Litzmannstadt foi um negócio lucrativo para os nazistas, gerando uma renda de mais de 46 milhões de RM durante os mais de quatro anos de existência do gueto às custas de muito suor, sofrimento, fome e de centenas de milhares de mortes[110]. Isso mostra que o gueto de Litzmannstadt foi o mais duradouro de toda a

[110] Biebow, em relatório aos seus superiores em Berlim, reporta que entre novembro de 1940 e agosto de 1942 o gueto teve um lucro de mais de 20 milhões RM, deduzidos já o custo de aproximadamente 33 milhões RM de manutenção do gueto. No período seguinte, entre setembro de 1942 e setembro de 1944, o lucro do gueto foi de mais de 26 milhões RM, descontados os mais de 43 milhões de RM de manutenção do gueto (ADELSON, 1989, p. xix).

era nazista devido ao trabalho realizado por dezenas de milhares de trabalhadores judeus, especializados ou não, e pela atuação de líderes judeus como Rumkowski e de autoridades alemãs como Biebow, Marder e Greiser, os quais lutaram pela continuação do gueto, pois que essa continuidade os beneficiaria de alguma forma. Israel Gutman chega a dizer que:

> Resumindo, pode-se afirmar com certeza que a principal razão para a longevidade do gueto de Łódź era o seu sistema de trabalho e produção e o interesse das autoridades locais em sua continuação. (In: TRUNK, 2008, p. xlvi-xlvii, tradução minha)

No mês seguinte, 17 de novembro de 1940, foi criado outro importante departamento do gueto, o Arquivo, destinado a coletar documentos oficiais sobre o gueto (PODOLSKA, 2004, p. 16). Tais documentos eram variados, reportando casos de suicídios, de doenças, da quantidade e composição das rações, anúncios de Rumkowski e da polícia alemã. É graças a esses registros, em grande parte preservados, que hoje podemos conhecer sobre o gueto de Litzmannstadt com maiores detalhes do que em outros guetos, através da Crônica do Gueto de Łódź[111].

O estabelecimento do Arquivo foi permitido pelos alemães, apesar de não saberem muito a respeito, em uma tentativa por parte de seus membros de esconder das autoridades alemãs[112] e das comissões nazistas que ocasionalmente visitavam o gueto as atividades e registros por eles realizados, como a Crônica, cuja criação era desconhecida pelos alemães (DOBROSZYCKI, 1984, p. xvii).

O Arquivo tinha por intenção inicial, conforme autorizado pelos alemães, recolher documentos sobre os vários departamentos do gueto. Não obstante, em uma iniciativa de Henryk Neftalin, responsável pelo Arquivo e outros departamentos similares como o de Estatística e o de Registro, o Arquivo começou a compilar informações para uma história do gueto de Łódź[113].

---

[111] A Crônica do Gueto foi resultado do trabalho de arquivistas como Joséf Zelkowicz, Oskar Rosenfeld, Oskar Singer e outros, de um total de 10 a 15 membros que formavam o Arquivo ao longo de sua existência (DOBROSZYCKI, 1984, p. xii-xiv).

[112] Por este motivo, Bernard Ostrowski, um de seus arquivistas e o único sobrevivente entre seus membros, descreveu o Arquivo como uma entidade semiclandestina, em depoimento feito ao Yad Vashem em 1947, após o fim da guerra (DOBROSZYCKI, 1984, p. x).

[113] O objetivo dessa história, que se tornou a Crônica do Gueto de Łódź, era poder fornecer aos futuros pesquisadores da sociedade judaica uma fonte sobre a vida dos judeus em um dos seus mais difíceis períodos, como definiu Neftalin em um discurso realizado nas comemorações do primeiro ano da existência do Arquivo (DOBROSZYCKI, 1984, p. x).

A Crônica foi escrita em polonês de 12 de janeiro até 1° de setembro de 1942, sendo depois escrita em alemão até 30 de julho de 1944, próximo à liquidação do gueto, em agosto (DOBROSZYCKI, 1984, p. xv). Além da compilação da Crônica, a partir de 12 de janeiro de 1941 até julho de 1944 o Arquivo publicou um boletim interno diário de informações em polonês e alemão[114] (TRUNK, 2008, p. 47).

Comida era, indubitavelmente, o maior problema para os habitantes do gueto, como demonstrado nos registros diários da Crônica. Assim como aconteceu posteriormente em Auschwitz, onde a fome era uma fixação para os prisioneiros como nos conta Primo Levi em suas obras, no gueto de Litzmannstadt a falta de comida era a maior reclamação, dentre outros problemas como a restrição da liberdade de ir e vir, da falta de higiene e da jornada de trabalho pesada. A distribuição de alimentos no gueto, feita pela administração do gueto, passou por diversas tentativas de melhorar e facilitar o acesso à comida, principalmente no primeiro ano, testando formas mais eficazes de alimentar a população do gueto (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 35).

Nos dias iniciais do gueto, as pessoas tinham que comprar alimentos nas lojas licenciadas do gueto, o que se provou um problema, já que abriu espaço para a inflação dos preços (HORWITZ, 2004, p. 99). Isso porque, como o suprimento de alimentos era distribuído e negociado com os alemães, quem tinha dinheiro podia comprar mais, estocar e esperar a demanda aumentar, para então vender com preços altíssimos. Tal maneira de distribuição de alimentos foi problemática, porque, além da inflação que gerava, ocasionava outras dificuldades como o acesso dos mais pobres aos alimentos, já que não possuíam dinheiro suficiente para comprar comida.

Dessa maneira, outra sugestão foi proposta ainda no final de maio para o problema da distribuição de alimentos, que foi entregar a representantes de prédios ou de blocos a distribuição de comida através de comitês residenciais (HORWITZ, 2010, p. 99). Esse novo sistema, que teve início em junho de 1940, funcionava através dos comitês que se responsabilizavam por distribuir os alimentos racionados pelo Departamento de Provisão a cada morador de seu prédio (TRUNK, 2008, p. 105). O pão era o único alimento cuja venda ainda não era racionada. Entretanto, outros problemas surgiram,

---

[114] Boletim em polonês e alemão, chamado respectivamente de *Biuletyn Kroniki Codziennej* (Boletim da Crônica Diário) e *Tageschronik* (Crônica Diária). A Crônica contava, além das informações mais técnicas dos boletins diários como sobre o tempo e o número de mortes, de ensaios e artigos assinados pelos próprios arquivistas sobre a vida no gueto, abordando temas variados e que davam um aspecto menos formal e mais próximo aos problemas diários enfrentados pelos habitantes do gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. xvi).

como de deixar as famílias dependentes de uma pessoa que podia enganar, e por esse motivo Rumkowski acabou por desmantelar os comitês residenciais alegando corrupção (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 35).

Em 12 de agosto Rumkowski anunciou o plano de introduzir cozinhas comunitárias como uma maneira de reduzir a fome do gueto, que no verão de 1940 havia se tornado um grande problema para a população (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 36), gerando protestos realizados nos dias 10 e 11 de agosto. A causa da fome, além do racionamento dos alimentos, era o empobrecimento geral da população, o que fazia com que quase metade da população não tivesse dinheiro para comprar sequer a sua quantia de alimento por direito (TRUNK, 2008, p. 105-106).

Contudo, tal anúncio não foi suficiente para acalmar com o ânimo da população. No dia 26 de agosto outro anúncio foi feito divulgando a distribuição de um quilo de batata aos mais pobres do gueto para amenizar a fome (SINNREICH, In: FOGEL, 2015, p. 36). Além disso, em 20 de setembro Rumkowski instituiu uma ajuda financeira aos mais carentes do gueto, conforme vimos anteriormente (TRUNK, 2008, p. 106).

Imagem 13 – Cozinha nº 452 do gueto

Fonte: Photograph 24895 (USHMM)

Em 30 de dezembro de 1940 foi introduzido o cupom para retirada de alimentos, como uma nova tentativa de uma distribuição mais justa de alimentos[115] (PODOLSKA,

[115] Essa se tornou a forma principal de recebimento de comida no gueto, sendo aperfeiçoada ao longo de 1941. Rumkowski determinou, em anúncio de 27 de dezembro que, a partir daquele momento, o pão, único alimento até então não racionado, também seria distribuído juntamente com os outros

2004, p. 17). Dessa forma, toda a distribuição de alimentos seria controlada pela administração judaica do gueto e não mais por privados em restaurantes e cozinhas particulares. Foi uma forma encontrada mais equitativa e sujeita a menos problemas do que as tentativas anteriores de distribuição[116].

Além das pequenas quantidades e das restrições de vários alimentos que eram inexistentes no gueto, cortes nos suprimentos eram constantes, mesmo naqueles alimentos habituais do gueto, como pão e batata. Ademais, o fornecimento de alimentos pelos alemães se constituía de alimentos em seu pior estado, cujas condições não mais permitiam sua entrega à população alemã. O gueto recebia os restos da produção do *Reich,* como carnes estragadas, batatas congeladas, pães duros e da pior qualidade. Para agravar a situação, em Łódź não havia contrabando (GUTMAN, In: UNGER, 2009, p. 20), o que significava que não havia outra maneira de se conseguir alimentos no gueto.

Imagem 14 – Adolescentes puxam um carro de mão com pães para o gueto

Fonte: Photograph 24415 (USHMM)

alimentos racionados, cuja compra seria possível através dos cupons individuais (TRUNK, 2008, p. 108).

[116] Não obstante, havia privilégios para os funcionários da administração judaica, que recebiam cupons especiais com a letra B (identificação de *Beirat*, como era chamada a administração judaica em Łódź, e também para chefes e especialistas das diversas fábricas do gueto, que recebiam um suplemento de vários artigos como carne, muito rara no gueto, farinha e açúcar, entre outros produtos alimentícios distribuídos ocasionalmente. Contudo, não era um grupo numeroso que recebia tais privilégios, mas sim uma elite que girava em torno de 1.500 pessoas em março de 1942 (TRUNK, 2008, p. 111).

A implementação do sistema de cartões de ração alimentar exigiu certo planejamento, já a partir de 5 de novembro, quando teve início um registro geral de todos os habitantes do gueto, realizado em cada prédio residencial (HORWITZ, 2010, p. 100). O cartão dava direito a retirar alimentos nos centros de distribuição do bairro, e era individual. Além disso, outros departamentos foram criados pela administração judaica do gueto para cuidar dessa distribuição de alimentos e sopas através do sistema de cupons. Um deles foi o Departamento de Cartão de Ração, criado em 1° de janeiro de 1941, enquanto um Departamento de Cupons foi estabelecido em 29 de janeiro do mesmo ano, para distribuir cupons para retirada de sopas nas oficinas e para receber demais alimentos (TRUNK, 2008, p. 38).

Imagem 15 – Funcionários de um centro de distribuição pesam alimento dos cupons

Fonte: Photograph 29427 (USHMM)

A fim de que produzissem e gerassem lucro aos alemães, os habitantes do gueto precisavam e um mínimo de alimentos para sua subsistência. No outono de 1940, a produtividade das fábricas do gueto caiu como consequência da fome que se agravou durante o verão[117].

Entre maio e dezembro de 1940, 6.851 mortes foram registradas em oito meses de existência do gueto, sendo 928 mortes apenas no mês de dezembro (HORWITZ,

[117] Um exemplo de como a fome afetava a produtividade foi o fechamento de uma fábrica que empregava quase 400 judeus durante os dias 1 e 2 de dezembro em decorrência da exaustão da força de trabalho (HORWITZ, 2010, p. 109). E no dia 3 do mesmo mês, em outra fábrica, 20 alfaiates desmaiaram devido à fraqueza.

2010, p. 112), devido à inanição e a epidemias como a de disenteria[118], além do tifo e da tuberculose, doenças bem comuns no gueto (SIERAKOWIAK, 1997, p. 129). O número alto de mortes no mês de dezembro é resultado do inverno polonês, que foi particularmente frio nesse final de 1940 e início de 1941. As temperaturas congelantes agravaram as condições de vida no gueto, já que a maioria das residências do gueto não tinha aquecimento. As pessoas morriam congeladas, seja nas ruas ou em suas casas (HORWITZ, 2010, p. 114).

E o novo ano não prometia melhoria de vida para os habitantes do gueto. Pelo contrário, o inverno continuava e o número de mortes crescia, chegando a 1.218 mortes registradas no mês de janeiro[119]. Um agravante foi a cessação da distribuição de carvão e madeira, que era distribuída esporadicamente ao longo de 1940, entre os meses de novembro de 1940 e janeiro de 1941, durante o rigoroso inverno polonês (TRUNK, 2008, p. 124). Esses tipos de combustível eram extremamente necessários não apenas para aquecimento dos lares e fábricas, mas igualmente para cozinhar os alimentos. No desespero, as pessoas queimavam portas, janelas e suas próprias camas a fim de conseguirem fogo em seus lares para que não morressem congeladas.

Imagem 16 – Mulher do gueto carrega pedaços de madeira em suas costas

Fonte: Photograph 65723 (USHMM)

[118] A epidemia de disenteria que grassou no verão de 1940, com 7.880 casos registrados entre os meses de junho e agosto e atingindo o pico de 3.413 casos em julho, ceifou 1.191 vidas entre maio e dezembro de 1940, conforme reportado pelo Departamento de Estatísticas do gueto (TRUNK, 2008, p. 200). Essa doença, tipicamente agravada no verão, começou a perder sua força a partir de setembro.

[119] Conforme o inverno ia avançando e as temperaturas aumentando, o número de mortes começou a declinar lentamente, com 1.069 mortes registradas em fevereiro (TRUNK, 2008, p. 117).

As mortes não aconteciam somente devido ao frio intenso, como eram causadas pela fome que abateu o gueto durante esse duro inverno de 1940-1941. A fome era responsável pelo maior número de mortes no gueto através de suas consequências, como inchaço, escorbuto, descalcificação dos ossos, debilitação e doenças cardíacas (TRUNK, 2008, p. 207). Tentando aliviar a fome e diminuir o número de mortes, Rumkowski aumentou em 21 de janeiro de 1941 a ração de pão semanal para a população em geral, mas, como recebia a mesma quantidade de suprimentos dos alemães, teve que retirar essa quantidade de algum lugar.

A forma encontrada de aumentar a quantia de pão ofertada para a população foi tirar a ração de pão suplementar[120] que os operários que realizavam intensos trabalhos físicos nas fábricas recebiam, o que por sua vez deu origem a uma greve de tais trabalhadores, que teve início em 23 de janeiro de 1941 (UNGER, In: ZELKOWICZ, 2002, p. 205). A greve de janeiro de 1941 foi a maior e mais importante das greves e protestos que ocorreram no gueto contra as determinações de Rumkowski. Ela teve início no *ressort d*e carpintaria que se situava à *ulica Urzednicza*, onde os trabalhadores pararam de trabalhar no dia 23 de janeiro, ocupando em seguida a fábrica.

Os trabalhadores já estavam descontentes desde quando sua sopa suplementar foi retirada e substituída pelo pão suplementar, mas o descontentamento aumentou quando até esse pão extra foi retirado, o que deu origem a greve que exigia ainda um aumento de salário[121]. Eles foram avisados pelo responsável pela carpintaria de que Rumkowski, ciente das exigências dos trabalhadores, recusou negociar a volta do pão e sopa suplementares e do pagamento em alimentos, mas que concordou em estudar o aumento de salário (ZELKOWICZ, 2002, p. 207).

---

[120] A população, que recebia 300 gramas de pão diárias, receberia a partir de então 400 gramas, porém os trabalhadores que, além da sua ração diária recebiam um complemento de 300 a 500 gramas de pão pelo seu trabalho, deixariam de receber tal privilégio e passariam a receber a mesma quantia que os demais habitantes do gueto (TRUNK, 2008, p. 114).

[121] Os carpinteiros, que recebiam 30 *pfennings* por hora, exigiam um aumento de 20 *pfennings* para os trabalhadores especializados e 10 *pfennings* para os trabalhadores comuns, além do pagamento de metade do salário em forma de alimentos e da volta da sopa e do pão suplementar (ZELKOWICZ, 2002, p. 206).

Ordenados a voltar ao trabalho, os operários se recusaram e a greve começou[122] com a ocupação do prédio pelos carpinteiros. Rumkowski ordenou ao chefe da polícia judaica, Rosenblatt, enviar um contingente policial até a fábrica, caso os operários se recusassem a desocupar o *ressort* voluntariamente (ZELKOWICZ, 2002, p. 208). Enquanto alguns trabalhadores mais velhos deixaram a fábrica, outros ocuparam o andar superior, fechando-o, e a polícia invadiu o prédio com cassetetes de borracha, a única arma da polícia judaica permitida pelos alemães, sendo atacados pelos trabalhadores com pedaços de madeira e outras ferramentas. Muitos policiais e operários foram feridos durante o enfrentamento (DOBROSZYCKI, 1984, p. 14).

No dia imediato, 24 de janeiro, Rumkowski fez uma proclamação em alemão, afixada na entrada de todos os *ressorts*, anunciando que, ciente de que novas greves e manifestações iriam ocorrer em outras fábricas, determinou um bloqueio em todas elas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 15).

No dia 29 de janeiro o trabalho nas fábricas recomeçou aos poucos, com a volta de alguns operários em determinados *ressorts*. No dia 1° de fevereiro uma assembleia de carpinteiros, a categoria que deu início à greve, decidiu voltar ao trabalho e colocando um fim à greve que já durava uma semana (ZELKOWICZ, 2002, p. 231). No dia seguinte, as fábricas estavam operando normalmente, sendo que os trabalhadores não conseguiram as exigências que solicitaram, como o retorno do pão e da sopa suplementares.

Apesar do aparente fracasso da greve dos carpinteiros, ela é extremamente importante como um exemplo de resistência judaica no gueto de Łódź, historicamente lembrado pela passividade de sua população que contrastaria com a de outros guetos nos quais houve revoltas ou levantes, e frequentemente esquecida pelos historiadores.

O motivo alegado por Rumkowski para não ceder a tais exigências era que o retorno das 500 gramas de pão extra recebidas pelos trabalhadores iria acabar com a ração suplementar de 100 gramas de pão para o restante da população, medida implementada em janeiro, durante o inverno e a fome que se agravaram no gueto

---

[122] Toda a greve e suas decorrências foram muito bem descritas por Josef Zelkowicz em suas anotações, depois compiladas em livro no capítulo “A greve dos carpinteiros” (ZELKOWICZ, 2002, p. 203-232, tradução nossa), um dos membros do Arquivo, que documentou todos os episódios, inclusive realizando entrevistas com pessoas envolvidas, como com Freund, o responsável pelo *ressort* de carpintaria, com Rosenblatt, o chefe de polícia, e com o inspetor Frankel, que comandou a operação da polícia, dentre outros, pedindo que dessem a sua versão dos acontecimentos.

(ZELKOWICZ, 2002, p. 222). Segundo Cytrynowicz, chefe de uma das fábricas em greve, entrevistado por Josef Zelkowicz (2002, p. 222), Rumkowski não queria favorecer um grupo de habitantes do gueto, a saber os trabalhadores, sobre outros, pois que essa atitude poderia abrir precedentes aos alemães para retirarem do restante da população a ração de pão que recebiam e favorecendo apenas os trabalhadores[123].

Essa preocupação do *Judenälteste* acrescenta mais um ponto polêmico na discussão historiográfica sobre as suas atitudes como líder da comunidade judaica Łódź, uma vez que, apesar de ter escolhido a estratégia da salvação pelo trabalho ao selecionar para deportação os que não eram capazes de trabalhar - a saber, idosos, crianças e doentes -, Rumkowski não se preocupava somente com os trabalhadores, mas com toda a população. Essa preocupação também fica evidente ao analisarmos o caso do auxílio social que era fornecido em Łódź aos mais necessitados, como as mesmas crianças e idosos que posteriormente foram deportados, que foi uma ação de autoria de Rumkowski, e que não era comum em outros guetos da era nazista.

No dia 31 de janeiro, a Crônica do gueto reporta que as autoridades alemãs determinaram a redução do tamanho do gueto com a exclusão de algumas ruas, o que ocasionaria a mudança forçada de aproximadamente 7 mil pessoas que até então moravam nestas ruas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 21). Em fevereiro de 1941 foi inaugurada a estação de trem Radegast em Marysin (DOBROSZYCKI, 1984, p. 23), ampliando a capacidade de transporte de alimentos e outros suprimentos para o gueto e dos produtos feitos nas fábricas do gueto para a Alemanha.

Em 7 de março de 1941 apareceu a primeira edição do *Geto-tsaytung,* o jornal oficial do gueto que publicava ordens e decretos do *Judenälteste* em 18 números, até o mês de setembro de 1941 (PODOLSKA, 2004, p. 17), quando parou de ser publicado devido à falta de papel. O jornal teve a aprovação das autoridades alemãs e passava uma imagem positiva de Rumkowski[124] como líder que se esforçava pelo

---

[123] No discurso que fez perante uma assembleia de gerentes de fábricas e de membros da Administração do gueto em 01 de fevereiro de 1941, Rumkowski afirma que ainda que alguns trabalhadores perdessem suas porções complementares de pão, sua perda seria compensada pelo aumento da quantia de pão recebida pelos membros de sua família, que passariam a receber 400 gramas de pão por pessoa. O líder ainda disse em seu discurso que os grevistas eram “elementos irresponsáveis” e movidos pelo egoísmo, sendo inaceitável que pedissem maior quantia de pão em detrimento do resto da população, uma vez que acreditava que a comida devia ser distribuída de forma justa e equitativa para toda a população (ADELSON, 1989, pp. 106-109)

[124] Rumkowski era enaltecido em poemas e ensaios dedicados ao líder judeu, os quais estavam presentes em todas as edições do jornal (FRIEDMAN, 1980, p. 340).

bem do povo (HORWITZ, 2010, p. 117-118). O *Geto-tsaytung* continha 4 páginas, custava 10 pfennings e tinha por intenção apresentar as determinações do *Judenälteste* e “indicar qual o comportamento adequado” aos cidadãos, conforme reportado pela Crônica do gueto em 6 de março (DOBROSZYCKI, 1984, p. 31). Foi um sucesso imediato, tendo a primeira edição se esgotado em duas horas por uma população sedenta de notícias e que só recebia falsos rumores (DOBROSZYCKI, 1984, p. 32).

Em 18 de maio, o Departamento de Provisões, responsável pela distribuição de alimentos e padarias do gueto, desenvolveu um novo tipo de rede de pontos de distribuição de comida no gueto[125], contando com 45 padarias e mercearias, 45 quitandas, 16 pontos de produtos lácteos e outros 16 pontos de distribuição de carne (TRUNK, 2008, p. 48). Mas tais medidas não conseguiam impedir a fome, que continuava a ceifar vidas, inclusive de jovens[126].

Ainda neste mês de maio Rumkowski fez uma visita oficial ao gueto de Varsóvia, liderado por Adam Czerniaków. O propósito dessa viagem era conseguir trazer médicos judeus de Varsóvia para o “seu gueto”, como sempre se referia ao gueto de Łódź, como narra Sierakowiak em seu diário na entrada do dia 14 de maio de 1941 (1997, p. 127). Na volta ao gueto de Łódź, em 21 de maio, acompanhado de doze médicos da capital (DOBROSZYCKI, 1984, p. 55), ele se dirigiu ao povo dizendo que, se reclamavam da fome, deveriam ir até o gueto da capital, onde a fome era ainda maior, e que Łódź poderia ser comparada ao paraíso em relação às condições do gueto de Varsóvia (HORWITZ, 2010, p. 127).

Mas a realidade era que a fome grassava no gueto, e no dia imediato ao discurso de Rumkowski dizendo que a fome em Varsóvia era bem pior que em Łódź, completavam duas semanas que não havia sido distribuída uma nova cota de alimentos no gueto. Levados pela fome ao desespero, muitos cometeram suicídio

---

[125] Antes dessa reconfiguração da rede de provisão de alimentos com a divisão por tipo de alimento distribuído, havia 57 pontos de distribuição de produtos alimentícios gerais.

[126] Dawid Sierakowiak (1997, p. 120) cita que apenas em sua classe da escola em Marysin, aberta em 27 de abril de 1941, três alunos já haviam morrido de fome e exaustão em menos de três semanas, como registra em seu diário no dia 13 de maio de 1941 (SIERAKOWIAK, 1997, p. 127). O próprio Sierakowiak (1997, p. 128) foi um dos que lutou pela distribuição de uma sopa suplementar para os alunos mais enfraquecidos pela fome, convencendo o conselho estudantil a fazer um requerimento junto ao Departamento de Cozinha a esse respeito, conquista que conseguiu e usufruiu, já que sua fraqueza e magreza o habilitava a receber a sopa suplementar.

nesse período, especialmente mulheres que alegavam não aguentar ver seus filhos passando fome sem ter o que lhes ofertar[127].

O mês de maio ceifou 999 vidas no gueto, em um ano em que 11.437 habitantes de Łódź morreram devido a “doenças do gueto”, como a desnutrição, responsável por 2.134 mortes. Interessante é notar que, enquanto o número de mortes causadas por doenças como a disenteria diminuiu ao longo da existência do gueto devido a maiores cuidados no descarte dos resíduos humanos, outras doenças se tornaram cada vez mais mortíferas no gueto, como a tuberculose e a inanição[128], devido ao agravamento das condições do gueto, como fome e frio prolongados.

Mesmo fracos e doentes, os habitantes do gueto continuavam a trabalhar, motivados pelos discursos de Rumkowski que reiterava constantemente que o trabalho seria a sua salvação. As fábricas do gueto estavam trabalhando intensamente, e os bens que produzia estavam deixando as autoridades alemãs satisfeitas. Por isso, muitas delas visitaram o gueto para ver o funcionamento das fábricas, como o *Gauleiter* de Warthegau Arthur Greiser, que visitou o gueto e seus *resorts* no começo de maio, acompanhado por Rumkowski (HORWITZ, 2010, p. 130).

Porém, uma autoridade ainda maior visitaria Łódź, o chefe da polícia e da *SS,* que chegou à cidade em 7 de junho (PODOLSKA, 2004, p. 17). Rumkowski, avisado um dia antes da chegada de Himmler, preparou o gueto aumentando a segurança e colocando suas melhores roupas, sendo cumprimentado pelo alemão que estava em um carro conversível, parte de uma comitiva composta por seis luxuosos carros (HORWITZ, 2010, p. 130). Nesse rápido encontro entre Himmler e Rumkowski, o alemão perguntou ao *Judenälteste* sobre a condição de comida no gueto, ao que o judeu respondeu que os trabalhadores tinham o suficiente para se alimentar. Heinrich Himmler se encontrou ainda com Hans Biebow, autoridade alemã do gueto, e visitou uma de suas fábricas (HORWITZ, 2010, p. 130-131).

---

[127] Dentre esses casos, há o de uma mulher de 46 anos que deixou uma carta antes de tirar sua vida afirmando que, não podendo mais ouvir os gritos desesperados de seus três filhos famintos e sabendo que o *Judenälteste* se orgulhava tanto de cuidar dos órfãos do gueto, tinha a esperança que seus filhos, uma vez órfãos, pudessem receber ajuda social da comunidade (HORWITZ, 2010, p. 128).

[128] Se em 1940 apenas 121 mortes foram relacionadas à inanição, o número de mortes subiu assustadoramente para 2.134 ao longo de 1941 e para 2.811 apenas na primeira metade de 1942 (TRUNK, 2008, p. 208).

Imagem 17 – Himmler visita o gueto em 5 de junho de 1941 e recebe Rumkowski

Fonte: Photograph 74507B (USHMM)

Enquanto isso, no Reich, Goebbels e Hitler faziam planos para livrar a Alemanha dos seus remanescentes judeus, compartilhando a opinião, registrada no diário de Goebbels em 24 de setembro de 1941:

> …que os judeus devem ser retirados de toda Alemanha. As primeiras cidades que devem ser libertas de judeus são Berlim, Viena e Praga. Berlim vem em primeiro na fila, e eu tenho esperança que nesse ano ainda conseguiremos deportar uma parte substancial dos judeus de Berlim para o Leste. (In: LOOSE, 2009, p. 31, tradução minha)

A tarefa de deportar os judeus do *Altreich* foi incumbida a Himmler que, apenas três meses antes, havia tido uma boa impressão do gueto em sua visita. Acreditando que o gueto comportava mais 60 mil habitantes (LOOSE, In: LOOSE, 2009, p. 47), como afirmou em carta endereçada ao *Gauleiter* Arthur Greiser no dia 18 de setembro, o escolheu como destino para os judeus deportados da Alemanha e dos territórios anexados.

Avisadas desta decisão do *Reichsführer SS* ainda em setembro, as autoridades alemãs de Łódź, como Greiser, o *Regierungspräsident* Friedrich Ubelhör e o novo prefeito de Litzmannstadt Werner Ventzki, se opuseram à decisão, temerosas de que este grande número de deportados iria romper o frágil desequilíbrio financeiro e social do gueto, já deficiente em moradia e alimentos. Greiser conseguiu convencer Himmler a reduzir esse número para 20 mil judeus e 5 mil ciganos (LOOSE, In: LOOSE, 2009, p. 44).

Antes da deportação dos judeus do *Reich,* outra leva de deportados chegou ao gueto de Łódź no final de setembro, majoritariamente judeus de pequenas cidades e guetos vizinhos, num total de mais de 3 mil pessoas (HORWITZ, 2010, p. 134). Sempre bem informado, o jovem Dawid Sierakowiak (1997, p. 176) reporta em seu diário, no dia 24 de setembro, a notícia sobre a chegada dos deportados e os efeitos que estava causando sobre o preço dos alimentos no gueto, que subiam rapidamente conforme aumentava a demanda. Havia outra mudança causada pela chegada desses deportados que foi o fechamento das escolas[129], como a que Sierakowiak frequentava em Marysin, para abrigar os recém-chegados, já que o gueto não tinha mais apartamentos disponíveis.

Entre meados de outubro e início de novembro de 1941, chegaram em vinte transportes – cinco de Viena e de Praga, quatro de Berlim, dois de Köln, um de Luxemburgo, de Frankfurt am Main, de Hamburgo e de Düsseldorf - 19.953 judeus, cuja maioria, 10. 661 pessoas, tinha mais de cinquenta anos (HORWITZ, 2010, p. 134). Os selecionados para deportação foram informados em sua origem de que poderiam levar consigo uma bagagem de até cinquenta quilos, contendo lençóis, ferramentas, roupas, alguma comida e cem *Reichsmark* alemães, os quais eram obrigados a trocar por *Rumkis*, a moeda corrente do gueto (LÖW, 2010, p. 227).

É possível apenas imaginar a reação dos judeus da Europa Ocidental, em sua maioria aculturados e assimilados, quando adentraram o gueto pela primeira vez após deixar a estação Radegast em Marysin e andar em fila pelas ruas sujas do gueto, com seus prédios velhos. Os deportados que até então viviam em grandes cidades da Alemanha ou em territórios anexados pelos nazistas enfrentaram muitas restrições e um declínio em seu padrão de vida nos últimos anos desde que os nazistas tomaram o poder. Contudo, não haviam vivenciado esse tipo de fome, privação e doenças que eram parte da vida diária do gueto, às quais aqueles habitantes já estavam, na medida do possível, familiarizados.

Um sentimento de completa estranheza, é como descreve o historiador Andrea Löw (2006, p. 231, tradução minha) sobre essas primeiras impressões do gueto pelos

---

[129] O dia 26 de setembro foi determinado como último dia do ano letivo de 1941 (ADELSON, 1997, p. 177), mas o retorno às aulas, previsto para meados de outubro, foi postergado devido a chegada dos deportados da Europa Ocidental, com decisão de Rumkowski anunciada perante os professores do gueto, conforme registro de Sierakowiak (ADELSON, 1997, p. 179) em 4 de outubro. Neste mesmo dia 26 de setembro chegou a Łódź o primeiro transporte de deportados de Włocławek (DOBROSZYCKI, 1984, p. 77).

judeus recém-chegados ao gueto de Łódź: "Absoluta estranheza – dessa forma poderíamos descrever o sentimento dessas pessoas após a sua chegada. Este não era o seu mundo, eles não pertenciam àquele lugar".[130]

O sentimento de estranhamento era igualmente compartilhado pelos habitantes do gueto quando viram pela primeira vez os judeus ocidentais andando pelas ruas. Houve comentários sobre a sua aparência saudável, suas roupas finas, os cortes e penteados de cabelos, um luxo que as mulheres do gueto não mais conheciam.

Esse estranhamento de ambos os lados causou alguns problemas no relacionamento entre esses dois grupos de judeus. Ademais, havia ressentimento da parte dos habitantes do gueto em relação aos judeus ocidentais, vistos como responsáveis pelo fechamento de escolas e pela redução na porção de comida, já que o pão foi reduzido em 3 de novembro, apenas algumas semanas após a sua chegada, de 330[131] para 280 gramas por dia (LÖW, 2010, p. 237), pois que o suprimento de alimentos fornecido pelos alemães ao gueto não aumentou, enquanto que o número de habitantes cresceu rapidamente.

A comida que os deportados trouxeram consigo rapidamente acabou, e a fome do gueto, a qual os judeus ocidentais ainda não estavam familiarizados, aqueceu o mercado negro e aumentou a inflação dos preços dos alimentos. Isso ocorria porque, na tentativa de adquirir mais pão e outros alimentos, os deportados vendiam os seus bens como roupas e sapatos, aumentando a demanda por comida e consequentemente o seu valor (HORWITZ, 2010, p. 136).

Como anteriormente mencionado, o gueto já estava lotado e não havia mais apartamentos ou mesmo quartos disponíveis para os recém-chegados. A única opção, segundo as autoridades, era fechar as escolas e acomodar cada transporte em um desses prédios. Esses lugares foram chamados de Coletivos (*Kollektive*), e nomeados de acordo com o nome do transporte, como Viena I, Berlin II, Praga IV e assim por diante. Como eram usados como escolas, esses prédios não estavam preparados para acomodar milhares de pessoas (HORWITZ, 2010, p. 135).

---

[130] "*Absolute Fremdheit – so könnte man vielleicht treffend das Gefühl dieser Menshen bei ihrer Ankunft beschreiben. Dieses war nicht ihre Welt, hier gehörten sie nicht hin"* (LÖW, 2010, p. 231).

[131] A ração de 400 gramas para todos do gueto, que ocasionou a greve dos carpinteiros em janeiro, havia sido reduzida nesse mesmo mês de setembro para 330 gramas, conforme anunciou a Crônica do Gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 74).

Rumkowski criou um departamento para lidar com os recém-chegados no dia 1° de novembro de 1941. Tal departamento ficou conhecido como “UM”, abreviatura de *Umsiedlung* (Reassentamento), e seu objetivo era cuidar das necessidades dos judeus ocidentais e servir elo entre eles e a administração do gueto[132]. Não obstante, os Coletivos também elegeram pessoas dentre eles que dominavam outras línguas para servir como líderes e porta-vozes perante as autoridades.

As condições nos coletivos eram ainda piores do que nas residências do gueto, com grande concentração de pessoas em um mesmo ambiente que sequer possuía as condições higiênicas necessárias, o que facilitava a epidemia de doenças como tifo, disenteria e febre tifoide (TRUNK, 2008, p. 215). Essas condições explicam a alta mortalidade entre os deportados da Europa Ocidental logo após a sua chegada ao gueto, aliada ao fator da idade, já que muitos dentre os recém-chegados eram idosos e, portanto, mais propensos às doenças e a inanição.

Em abril de 1942, conforme as condições do gueto deterioravam com o aumento da fome e da proliferação de doenças como a tuberculose, o padrão se manteve, apesar de que a taxa de mortalidade dos dois grupos cresceu drasticamente, sendo de aproximadamente 16 mortes por mil habitantes dentre os judeus locais e de 37 mortes por mil habitantes dentre os judeus ocidentais, o que mostra como esse grupo foi impactado pelas condições de vida no gueto, às quais os habitantes locais estavam mais familiarizados (TRUNK, 2008, p. 216).

No dia 5 de novembro de 1941, chega a Łódź o primeiro transporte dos ciganos de Burgenland, que foram colocados em um campo separado do gueto (PODOLSKA, 2004, p. 17). Vivendo em condições ainda piores e no meio de uma epidemia de tifo, os ciganos foram deportados para Chełmno em janeiro de 1942[133].

---

[132] O advogado Henryk Naftalin, muito proeminente na administração do gueto e diretor do Departamento de Estatísticas, foi nomeado seu diretor até fevereiro de 1942 (LÖW, 2010, p. 247).

[133] Os ciganos foram deportados para Chełmno entre 5 de janeiro e 12 de janeiro de 1942, quando o pequeno campo cigano fora do gueto foi liquidado, com a morte por gás de aproximadamente 4.300 dos 5.007 mil ciganos que chegaram em Łódź em novembro (PODOLSKA, 2004, p. 18). Os ciganos foram os primeiros habitantes do gueto de Łódź a serem deportados para Chełmno, mas ainda em janeiro os judeus do gueto fariam o mesmo trajeto até suas mortes.

Imagem 18 – Entrada do campo cigano no gueto de Łódź

Fonte: Photograph 74532A (USHMM)

Enquanto os novos habitantes judeus do gueto tentavam se adaptar às duras condições de vida, as autoridades alemãs faziam planos para uma nova deportação, da qual o gueto de Litzmannstadt seria não mais o destino, mas a origem. O destino seria uma pequena localidade, Chełmno, onde estava sendo preparado um campo de extermínio desde outubro de 1941 e que entrou em atividade em 8 de dezembro com a instalação de vans através das quais os judeus eram asfixiados com gases letais (HORWITZ, 2010, p. 151-152). Em 2 de janeiro de 1942 o *Gauleiter* de Warthegau decretou que seu território se tornasse livre de judeus, o que começou por pequenas cidades, como Koło, Dąbie, Łłodowa, Iżbica e Bugaj, de onde partiram mais de seis mil judeus para as suas mortes o recém-construído campo de Chełmno (TRUNK, 2008, p. 230).

O gueto de Łódź estava sobrecarregado após a chegada dos novos deportados da Europa Ocidental, totalizando 163.623 habitantes em dezembro de 1941 (DOBROSZYCKI, 1984, p. 85), e precisava ler aliviado através de deportações. Rumkowski provavelmente ouviu sobre as iminentes deportações no início de dezembro, quando recebeu ordens de selecionar 20 mil judeus para deportação, número que conseguiu reduzir pela metade após argumentar com as autoridades alemãs (DOBROSZYCKI, 1984, P. 96).

A notícia foi anunciada pelo *Judenälteste* em discurso realizado em 20 de dezembro, comunicando que os escolhidos para deportação seriam os criminosos e outros elementos indesejáveis como os envolvidos no mercado negro (TRUNK, 2008,

p. 230). No início de janeiro de 1942 foi estabelecida uma comissão para cuidar das deportações, composta por cinco membros nomeados por Rumkowski[134].

Cuidando para que os escolhidos para deportação não se escondessem, Rumkowski anunciou em 30 de dezembro que todos aqueles que abrigassem tais pessoas seriam igualmente deportados, ameaça que reforçou com um novo anúncio publicado no dia 14 de janeiro (TRUNK, 2008, p. 231). Para tranquilizar os selecionados e dar-lhes esperança de que seriam apenas transferidos para outro local a fim de trabalhar, foi-lhes permitido levar consigo 12 quilos e meio de bagagem e vender seus móveis e utensílios em troca de dinheiro (TRUNK, 2008, p. 232). Ademais, os selecionados receberiam ainda 10 *Reichsmarks*, peças de inverno como sapatos e luvas, além de pão e salsicha para a viagem (HORWITZ, 2010, p. 146). Mesmo tentados por tais promessas, a maioria dos selecionados tentou fugir da deportação através de contatos que lhes garantissem proteção e trabalho ou mesmo apelando para Rumkowski, geralmente um trabalho que se provou infrutífero.

Apesar das condições duras que enfrentavam no gueto, a incerteza do futuro dava aos selecionados um medo que ficou patente no dia determinado para partida, quando nem metade dos que seriam deportados se apresentaram no local determinado (DOBROSZYCKI, 1984, p. 124). O uso da força pela polícia judaica foi necessário para trazer os selecionados até os trens que iriam deportá-los.

Enquanto isso, Rumkowski estava com líderes e dignitários do gueto numa exibição de produtos têxteis em uma fábrica, onde estava afixada uma placa com os dizeres: “O trabalho é nosso único caminho” (In: HORWITZ, 2010, p. 150). Na ocasião, ao lado de itens que afirmava poderiam ter sido feitos em Paris ou Nova Iorque, Rumkowski citou as deportações, salientando que os selecionados haviam merecido tal destino pela sua conduta imprópria, mas ao mesmo tempo assegurando que seu futuro seria melhor do que no gueto, pois trabalhariam em fazendas onde não seriam confinados como em Łódź (HORWITZ, 2010, p. 151).

De meados de janeiro até o dia 29 do mesmo mês, 14 transportes deixaram o gueto rumo a Chełmno, levando 10.103 pessoas para suas mortes. A primeira metade de fevereiro foi de tranquilidade para os habitantes do gueto, os quais acreditavam que o

---

[134] A comissão era composta por Henryk Neftalin, chefe do Departamento de Estatísticas, Leon Rozenblat, comandante da polícia judaica, Szaja-Stanisław Jakobson, juiz da corte do gueto, Salomon Hercberg, comandante da prisão do gueto, e Grynberg, diretor da divisão criminal da polícia judaica (DOBROSZYCKI, 1984, p. 97).

perigo havia passado após a deportação de janeiro e que aqueles que haviam permanecido estavam seguros. Contudo, tal sensação de segurança era ilusória, como foi rapidamente percebido pela população que, estarrecida, presenciou mais uma série de deportações entre 22 de fevereiro e 2 de abril de 1942, quando mais 34.073 pessoas, composta equilibradamente por homens e mulheres, foi deportada para Chełmno (TRUNK, 2008, p. 232).

Não obstante, no gueto o destino desses deportados era desconhecido, conforme reporta a Crônica do Gueto em fevereiro de 1942, e alguns fatos, como o corte no recebimento dos 10 RM distribuídos aos deportados em janeiro e a ordem dada por policiais alemães para os escolhidos deixarem suas bagagens e mesmo os alimentos que levavam para a viagem provocava ainda mais mistério e conjecturas sobre o destino dos entes queridos deportados (DOBROSZYCKI, 1984, p. 128).

As deportações não foram a única desgraça a abater o gueto no início de 1942. Além do frio do rigoroso inverno, a fome, companheira constante dos habitantes do gueto, foi agravada devido a uma diminuição no suprimento de alimentos como batata e farinha e até com a suspensão de itens como vegetais, que deixaram de ser entregues no gueto por um longo período (TRUNK, 2008, p. 232). A fome foi a principal causa das mortes ocorridas no gueto nos meses iniciais de 1942[135].

Abril foi mais um mês no qual a esperança voltou a reinar no gueto, cuja população acreditou que as deportações finalmente haviam cessado. Entretanto, ainda em 18 de abril Rumkowski acabou com tais esperanças com o anúncio que exigia que todos os habitantes desempregados com mais de 10 anos de idade comparecessem perante uma comissão médica (DOBROSZYCKI, 1984, p. 149). Isentos de cumprir com esta ordem eram os que estavam empregados, o que fez com que estes saíssem em busca frenética atrás de emprego[136], e os que judeus ocidentais que chegaram ao gueto em outubro de 1941.

---

[135] A fome foi a principal responsável pelo impressionante número de 1.877 mortes em janeiro, 1.875 em fevereiro e 2.244 em março, número que representava um recorde de mortes em um único mês desde a criação do gueto em maio de 1940. A falta de alimentos ocasionou um crescimento em um outro tipo de morte, o suicídio, que levou muitos desesperados pela fome a tirarem suas próprias vidas de várias formas (HORWITZ, 2010, p. 154-155).

[136] No dia 19 de abril, Sierakowiak (1997, p. 202) reporta em seu diário que 10 mil cartões de trabalho haviam sido distribuídos pelo Departamento do Trabalho por pessoas que tinham contatos e que, desesperadas, buscavam um certificado que as protegesse de uma possível deportação.

Porém, outro anúncio, divulgado em 29 de abril, tornava pública a deportação que teria início em 4 de maio, cujos selecionados não seriam os desempregados que passaram pela comissão, mas os judeus ocidentais deportados para Łódź meses antes e que não foram analisados pelos médicos alemães.

O motivo para tal escolha do grupo de deportados é desconhecido, mas algumas suposições são aventadas, como o fato de que a maioria dos judeus ocidentais tinha acima de 60 anos, de muitos deles não serem empregados no gueto e até porque muitos não tinham uma boa relação com Rumkowski (TRUNK, 2008, p. 233-234). Foram excluídos os que tinham medalhas e os feridos na Primeira Guerra Mundial, além daqueles que serviam como tradutores, médicos e enfermeiras. Não obstante, não eram deportados apenas os desempregados dentre os judeus ocidentais como também os que possuíam trabalho, como afirma Sierakowiak (1997, p. 209) em 1°de maio de 1942.

Dois dias depois do anúncio da iminente deportação, Sierakowiak (1997, p. 209) relata que os judeus da Europa Ocidental trocavam um esplêndido terno novo por seis quilos de batatas e um par de sapatos, coisa rara de encontrar no gueto, por ¾ de quilo de pão, e que nem assim conseguiam muitos compradores, pois poucos queriam se privar de sua já escassa comida[137].

Entre 4 e 15 de maio, 10.914 pessoas foram deportadas de Łódź para Chełmno, dentre eles 10.501 judeus da Europa Ocidental que chegaram meses antes ao gueto (TRUNK, 2008, p. 236), dos quais quase dois terços eram mulheres. Dessa forma, o começo de 1942 viu sair do gueto para nunca mais voltar 54.990 pessoas, deportadas entre janeiro e maio, número que representava quase um terço da população total de 162.681 pessoas residentes no gueto em 1° de janeiro de 1942 (DOBROSZYCKI, 1984, p. 107). Depois do final dessas deportações iniciais, em junho de 1942 o gueto contava com 104.469 pessoas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 193), somadas os mais de 7 mil deportados que continuavam a chegar de cidades vizinhas como Pabianice, Brzeziny e Ozorków. No dia 16 de maio, após as deportações e a chegada de

[137] Para conter o mercado negro que tentava impedir a todo custo, Rumkowski postergou a entrega do cupom da ração de maio, o que gerou indignação da população debilitada pela fome, com o objetivo de impedir a troca de bens por alimentos para os selecionados para deportação (ADELSON, 1997, p. 213). Com menos comida disponível a inflação no preço dos alimentos disparou, chegando no dia 12 de maio um quilo de pão a custar mil RM, quantia que praticamente ninguém possuía no gueto (ADELSON, 1997, p. 216).

alimentos para a população, a inflação diminuiu e um quilo de pão custava 200 RM, conforme afirma Sierakowiak (ADELSON, 1997, p. 217).

1.4. O início do fim: das primeiras deportações à liquidação do gueto (junho 1942 –agosto 1944)

Se as deportações haviam cessado em maio de 1942, o temor delas permanecia, alimentado por rumores que aventavam a possibilidade de novas deportações. Por exemplo, a visita do *Gauleiter* Arthur Greiser ao gueto em 4 de junho, acompanhado por uma comitiva alemã e guiados por Rumkowski e Jakubowicz, diretor do Departamento Central de Oficinas, deixou a população apreensiva. A Crônica do Gueto reportou em 4 de junho que essa apreensão se devia ao fato de que:

> A população sabe e entende que essa não é uma inspeção ordinária, mas que diz respeito a algo maior, mais importante – a questão de sua própria existência. O resultado da inspeção de hoje ainda é desconhecido, mas uma boa impressão pode ser lida nos rostos dos visitantes. Mas o que é precisamente que o habitante do gueto deseja; o que ele quer e o que ele espera dessa comissão? Ele só quer ser deixado em paz, não ser separado de sua família, de ser autorizado a suportar essas condições severas, e de ter o seu trabalho reconhecido. Se ele for reconhecido, ganhará o direito de permanecer no gueto e, consequentemente, e lhe será atribuída uma modesta ração de comida. (In: DOBROSZYCKI, 1984, p. 199, tradução minha)

De fato, o gueto era cada vez mais uma grande oficina de trabalho, e aqueles que não se mostrassem parte integrante desta engrenagem seriam excluídos. No mês de julho, enquanto novos grupos de judeus chegavam ao gueto de Łódź oriundos de cidades polonesas como Kalisz, um rumor começou a se espalhar pelas ruas do gueto, hábito que era bem comum em um local onde as notícias confiáveis eram escassas.

No dia 9 de julho, o jovem Dawid Sierakowiak escreve em seu diário (ADELSON, 1997, p. 243) que um rumor alegava que as crianças, os idosos e as pessoas incapacitadas para o trabalho seriam deportadas em breve. Muitos não acreditaram em tal previsão, negada inclusive pelas autoridades, conforme afirma a Crônica do Gueto em 23 de junho de 1941, pois que muitos desses rumores se provaram infundados no gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 210-211). Mas infelizmente esse era um rumor que se concretizaria dentro de dois meses.

Nesses meses de julho e agosto, judeus de outras cidades vizinhas como de Zdunska Wola, Wielun, Belchatów e outras continuavam a chegar ao gueto e, apesar de não trazerem consigo bagagem, traziam muitas histórias dos horrores pelos quais

passaram na liquidação de suas comunidades judaicas. Além de presenciarem milhares de assassinatos, ainda foram separados dos seus familiares idosos, crianças ou doentes e apenas poucos sobreviventes considerados aptos para o trabalho foram deportados para Łódź (ADELSON, 1997, p. 263-264). Entre os meses de maio e agosto de 1942, mais de 14.441 judeus foram deportados de cidades menores para o gueto de Litzmannstadt (TRUNK, 2008, p. 239).

A mesma seleção dos aptos e inaptos começou no gueto na manhã de 1° de setembro de 1942, data que marcava o terceiro ano da guerra, quando os alemães entraram nos hospitais e retiraram destes todos os doentes, que eram brutalmente jogados em caminhões militares (DOBROSZYCKI, 1984, p. 248). Enquanto milhares corriam para as portas dos hospitais em uma busca desesperada de salvar seus entes queridos ali internados, a polícia judaica permanecia diante dos hospitais, barrando a entrada de familiares e a saída de pacientes (ZELKOWICZ, 2002, p. 253). Mesmo assim, muitos conseguiram fugir, pulando da janela, se escondendo em sótãos ou mesmo se fingindo de membros da equipe médica (TRUNK, 2008, p. 240). Apesar da terrível notícia, os habitantes do gueto estavam ainda mais alarmados pelos rumores que diziam que essa era somente a primeira etapa de uma tragédia ainda maior, que seria a deportação de crianças abaixo de 10 anos e de idosos acima de 65 anos, como relata Josef Zelkowicz (2002, p. 255) em suas anotações pessoais.

Para cumprir com a cota determinada pelos alemães, no dia seguinte a polícia judaica realizou buscas nas casas dos familiares dos pacientes e, caso não encontrassem o foragido, levavam alguém da família em seu lugar (ADELSON, 1997, p. 266). No dia 4 de setembro, Rumkowski veio a público confirmar os boatos, pedindo à população que entregassem suas crianças e seus idosos, perante uma audiência em completo desespero (TRUNK, 2008, p. 242).

Imagem 19 – Selecionados para deportação aguardam na prisão central do gueto a ordem de partida (setembro de 1942)

Fonte: Photograph 30742 (USHMM)

No dia 5 de setembro, para evitar que as pessoas se escondessem, as autoridades determinaram uma *Shpere* (iídiche para a palavra alemã *Gehsperre*), ou toque de recolher, proibindo a população de sair às ruas enquanto os policiais e médicos entravam nos apartamentos para retirar idosos, crianças e doentes. Entre 5 e 12 de setembro, foram deportadas 15.859 pessoas[138], segundo cálculo do diretor de Estatísticas de Łódź (TRUNK, 2008, p. 247).

Com a diminuição em seu número de habitantes de 105.961 em 1° de setembro para 89.446 em 1° de outubro, a área do gueto foi novamente reduzida, como anunciou a Crônica do Gueto em 22 de setembro, forçando 5 mil habitantes a deixarem suas casas nas ruas excluídas do gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 259).

Depois de meados de setembro, enquanto a população restante no gueto tentava seguir suas miseráveis vidas apesar da dor da separação brusca de filhos pequenos e pais debilitados, dor que não poupou uma família sequer no gueto, a situação no gueto pareceu se tranquilizar[139]. Com uma população quase inteiramente composta por trabalhadores, que representavam mais de 4/5 da população, a vida parecia

[138] As deportações de setembro de 1942 serão analisadas de forma mais detalhada no capítulo 7 deste presente trabalho, no qual abordo o destino das crianças do gueto, uma vez que essa deportação de setembro foi composta em grande parte por crianças.

[139] Isaiah Trunk (2008, p. 248) chega a afirmar que os dois anos seguintes até a liquidação do gueto seria “um período de relativa calma”.

estável, e até as condições de alimentação melhoraram levemente (TRUNK, 2008, p. 248).

E essa percepção na melhoria qualidade de vida foi rápida, pois já em 27 de setembro a Crônica do Gueto destacava que os alimentos estavam chegando em maior quantidade e em melhor qualidade, e que a fome não era mais uma preocupação imediata (DOBROSZYCKI, 1984, p. 262-263). Uma grande mudança surgiu a partir das deportações de setembro, que foi a diminuição da importância de Rumkowski[140] e da autonomia do gueto, cada vez mais controlado pelos alemães.

A imensa maioria dos itens produzidos no gueto era destinada ao esforço de guerra, fornecendo roupas e instrumentos para *Wehrmacht* e a *Luftwaffe.* Em um período em que a Alemanha enfrentava grande derrotas militares e não tinha mais mão-de-obra suficiente para produzir itens para o exército e para a população em geral, o responsável pelo suprimento da *Wehrmacht,* o arquiteto Albert Speer, Ministro do Armamento do *Reich,* sabia da importância dos judeus de Litzmannstadt, que podia produzir 5 mil uniformes em uma semana (DOBROSZYCKI, 1984, p. lx).

Em meados de 1943 começou uma disputa entre os altos rankings alemães sobre o destino do gueto de Łódź. Heinrich Himmler, *Reichsführer SS* e Odilo Globocnik[141] queriam transformar Łódź em um campo de concentração. Globocnik queria, conforme declarado em carta datada de 21 de junho a Rudolf Brandt, chefe da Equipe Pessoal de Himmler, liquidar o gueto e transferir seus habitantes e maquinários para um grande campo de concentração na região de Lublin por ele controlada (TRUNK, 2008, p. 249). Himmler compartilhava desse desejo e promoveu uma reunião em setembro de 1943 para acertar os detalhes da transformação do gueto em campo de concentração (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxi), na qual participaram Hans Biebow, membros da administração alemã de Łódź e Adolf Eichamman, chefe dos Assuntos Judaicos da RSHA[142].

---

[140] A questão da autoridade de Rumkowski e de seu papel único como *Judenälteste* será abordada mais detalhadamente no capítulo 2, por ser objeto de um debate historiográfico extremamente polêmico pela complexidade de sua problemática, a saber, a própria figura de Rumkowski e de suas escolhas controversas.

[141] Odilo Globocnik, chefe da Polícia e da SS no distrito de Lublin e responsável pela *Operação Reinhard* - que exterminou aproximadamente um milhão e setecentos judeus do Governo Geral nos campos de Treblinka, Sobibór e Bełżec entre meados de 1941 até novembro de 1943. Mais sobre a Operation Reinhard em: Holocaust Encyclopedia. United States Holocaust Memorial Museum. <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005195>. Acesso em: 16 mai. 2017

[142] Sigla para *Reichssicherheitshauptamt*, Gabinete Central de Segurança do Reich.

Não obstante, dois empecilhos impediram a transferência dos judeus do gueto para a região de Lublin, que foi a aproximação do Exército Vermelho desta região e a oposição de Speer, que defendia a importância do gueto para o esforço de guerra alemão. Himmler prosseguiu em seu propósito de liquidar o gueto de Łódź, adaptando-o às novas circunstâncias. Dessa forma, em 3 de dezembro Himmler enviou uma ordem secreta a Oswald Pohl, líder do WVHA[143] para anunciar a transformação do gueto de Litzmannstadt em um campo de concentração[144] cujo controle ficaria a cargo de Pohl (TRUNK, 2008, p. 249).

Contudo, mais uma vez Speer interferiu, enviando várias comissões das Alto Comissariado das Forças Armadas (OKW - *Oberkommando*) para visitar as fábricas do gueto (TRUNK, 2008, p. 250). Além disso, autoridades menores, como Greiser e Biebow, se opuseram a liquidação do gueto, tendo o primeiro se encontrado com Himmler em fevereiro a fim de manter o gueto funcionando. Pohl, por sua vez, havia visitado o gueto no mesmo mês (TRUNK, 2008, p. 250), mas acabou ficando por fora da negociação de Greiser com Himmler, não conseguindo o domínio sobre o gueto.

Em maio, entretanto, é decidido pela RSHA e por Himmler que o gueto, que tinha a maior população judaica concentrada na Europa dominada (PODOLSKA, 2004, p. 20), deve ser liquidado, decisão conhecida por Greiser. Não obstante, Albert Speer e a Inspeção de Armamentos tentavam impedir a liquidação do gueto[145]. Greiser, porém, em carta dirigida a Himmler no dia 9 de junho, o comunica sobre a interferência da Inspeção de Armamentos e afirma que estava finalizando as preparações para o fechamento do gueto. No dia seguinte, Himmler respondeu a Greiser em telegrama agradecendo o aviso e ordenando-o para cumprir com suas ordens (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxiii).

---

[143] Sigla para *Wirtschaftsverwaltungshauptamt,* Gabinete Central de Economia e Administração do Reich.

[144] Para tanto, foram enviados em meados de dezembro Adolf Eichamm e o Dr. Max Horn, chefe da corporação da SS Ostindustrie GbmH (*Osti)*, cujo papel era estabelecer campos de trabalho após a liquidação de guetos no Governo Geral, para estudar a capacidade de trabalho do gueto. Após visita pelas fábricas do gueto, chegaram à conclusão, expressa em carta a Pohl datada de 24 de janeiro de 1944, que o gueto não era rentável e que sua produtividade era muito baixa, sendo melhor aproveitado como campo de concentração sob a direção da *Osti* (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxi).

[145] Speer chegou a solicitar estatísticas sobre o emprego e a produção do gueto a fim de apresentar ao *Führer* e demonstrar a utilidade do gueto para o esforço de guerra alemão (TRUNK, 2008, p. 251-252).

Nesse ínterim, a população do gueto se preparava para a tão temerosa deportação final, que sentia cada vez mais perto, especialmente após janeiro de 1944, quando Rumkowski, cumprindo ordens das autoridades alemãs, realiza listas sobre os habitantes do gueto em relação ao gênero, sexo e trabalho realizado. Biebow preparava a liquidação do gueto começando com a redução da sua equipe administrativa, que foi empregada em fábricas do gueto e na estação de Radogoszcz. A população do gueto continuava trabalhando e resistindo à deportação[146].

Em junho, porém, a liquidação do gueto não podia ser mais postergada, e a primeira medida neste sentido foi a proclamação de Rumkowski datada de 16 de junho, seguindo ordens da Gestapo, de que as pessoas deviam se apresentar voluntariamente para trabalhos fora do gueto, caso contrário seriam levadas à força (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxiii). Como resultado, entre 23 de junho e 14 de julho foram deportadas 7.196 pessoas para Chełmno, conforme relata a Crônica no dia 14 de julho (DOBROSZYCKI, 1984, p. 526), atraídas por promessas[147].

Em 15 de julho Rumkowski avisou uma população aliviada que totalizava 68.700 pessoas que as deportações haviam cessado (TRUNK, 2008, p. 258). A Crônica, em entrada do dia 15 de julho, reporta que o gueto “nunca esteve tão feliz”, e que as pessoas se abraçavam e se beijavam, acreditando que não haveria novas deportações. Para reafirmar essa esperança, os pedidos da *Wehrmacht* continuavam a chegar e o trabalho no gueto continuava intenso. Todavia, a alegria foi de curta duração, sendo não o fim das deportações, mas apenas uma interrupção temporária decorrente da dissolução do campo de extermínio de Chełmno em 14 de julho de 1944 devido à aproximação do Exército Vermelho (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxiii).

Dois dias depois do anúncio do fim das deportações, o temor voltou[148] e humor do gueto subitamente mudou da alegria sem mácula de apenas dois dias atrás para o

---

[146] A resistência às deportações ocorria desde o anúncio de Rumkowski de 12 de fevereiro que ordenava a transferência de 1.500 pessoas para trabalhos fora do gueto, decisão que os habitantes do gueto hesitaram em cumprir por medo de qual seria o destino de tais transportes (TRUNK, 2008, p. 252-253).

[147] Dentre essas promessas, podemos destacar a de receber roupas e sapatos, poder levar 15 quilos de bagagem e poder pegar sua ração de alimentos sem esperar na fila. E, para dar a ilusão de que estavam indo trabalhar na Alemanha, Biebow determinou que cada deportado recebesse 10 RM (TRUNK, 2008, p. 255).

[148] O temor ocorreu após a população do gueto ter ouvido boatos que, na realidade, eram verídicos, de que Biebow teria transmitido a Henryk Neftalin, chefe do Departamento de Estatísticas, uma ordem da Gestapo para fazer uma lista da população do gueto de acordo com sexo, idade e capacidade para o trabalho, para ser entregue até o dia 19 de julho.

pânico de uma nova deportação, conforme destaca a Crônica do Gueto no dia 17 de julho (DOBROSZYCKI, 1984, p. 528). No dia 30 a Crônica do Gueto afirma que a população do gueto era de 68.561 habitantes (DOBROSZYCKI, 1984, p. 536). Essa foi a última entrada da Crônica. No dia 31 de julho o Exército Vermelho se aproximava de Varsóvia, a apenas 130 quilômetros de distância de Łódź.

No dia 2 de agosto, cartazes assinados por Rumkowski apareceram em iídiche e em alemão nas paredes do gueto, afirmando que, por ordem do prefeito de Litzmannstadt, o gueto seria transferido para outro local não determinado em vários transportes diários, começando no dia imediato (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxiv). A deportação ocorreria por fábricas, e todos os trabalhadores das fábricas designadas deveriam se apresentar na estação de trem de Radogoszcz com suas famílias, levando uma bagagem de até 20 quilos (TRUNK, 2008, p. 260). Nos dias seguintes, cartazes semelhantes assinados por Rumkowski designaram a deportação de trabalhadores de outras fábricas.

Experientes após terem presenciado tantas deportações de familiares e conhecidos, os habitantes do gueto não quiseram se apresentar voluntariamente para deportação, preferindo esconder-se em porões e sótãos até que os russos, cuja chegada parecia iminente pelo barulho da artilharia próxima, liberassem o gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxv). Rumkowski, ao perceber no dia 3 de agosto que a esmagadora maioria dos operários das fábricas designadas para deportação não compareceu na estação de Radogoszcz, fez o possível para convencer os habitantes do gueto a partirem voluntariamente, realizando discursos, reuniões e afixando vários cartazes diários nos quais pedia a colaboração da população na liquidação do gueto (TRUNK, 2008, p. 260-261).

No dia 7 de agosto, Rumkowski e Biebow resolveram apelar para os trabalhadores do gueto em um discurso conjunto, no qual o alquebrado judeu somente disse poucas palavras antes de passar a vez para o alemão, que afirmou merecer a confiança dos judeus de que preservaria suas vidas e de que trabalhariam na Alemanha para o esforço de guerra, visto ter “cooperado durante quatro anos e meio, sempre fazendo o seu melhor” (TRUNK, 2008, p. 290). Mas alertou que, na falta de voluntários para deportação, ele tomaria as medidas cabíveis com o uso da força.

Contudo, tal discurso não surtiu o efeito desejado, uma vez que os habitantes do gueto não acreditavam nas promessas de Biebow. Como continuavam a não comparecer na estação de trem, e inclusive deixavam de comparecer nas fábricas

para não serem de lá retirados para deportação, as autoridades alemãs decidiram agir com brutalidade, enviando a polícia alemã, que trabalhava em conjunto com a polícia judaica, para cercar ruas e fazer buscas em cada uma das residências, forçando os habitantes a entrar nos caminhões que os levariam até os trens (TRUNK, 2008, p. 263).

No dia seguinte, 9 de agosto, Rumkowski anunciou que a partir do dia imediato todas as fábricas seriam fechadas e que a parte ocidental do gueto seria bloqueada, e que todos os que habitavam esta área deviam se mudar para a parte oriental da ponte que dividia o gueto (TRUNK, 2008, p. 292). Para garantir a mudança, a proclamação afirmava que nenhuma comida seria distribuída na parte ocidental do gueto, o que forçava os famintos habitantes a irem para a outra parte do gueto, num movimento que provocou tumultos e grandes filas para atravessar a ponte de madeira que ligava os dois setores do gueto (TRUNK, 2008, p. 264). Mesmo assim, os vagões continuavam a partir esvaziados, pois que a população se agarrava a qualquer oportunidade de escapar à deportação.

No dia 17 de agosto, uma ordem assinada apenas pela Gestapo anunciava o fechamento de outra parte do gueto e que os que não deixassem a área designada seriam mortos (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxv). Outro anúncio publicado em 22 de agosto comunicava aos habitantes sobre uma nova redução da área do gueto, repetindo as mesmas ameaças do anúncio anterior (TRUNK, 2008, p. 265). A polícia alemã invadia todos os apartamentos das áreas agora abandonadas, garantindo que estavam vazios e matando aqueles que encontravam escondidos. Em 24 de agosto foi divulgado o último anúncio assinado pelo *Judenälteste*, que ordenava o desligamento das luzes elétricas nos apartamentos e fábricas abandonados com a diminuição da área do gueto (TRUNK, 2008, p. 266).

Rumkowski partiu no último transporte que levava os últimos judeus do gueto de Łódź para suas mortes em Auschwitz em 28 de agosto de 1944 (PODOLSKA, 2004, p. 21), juntamente com sua esposa, seu filho adotivo e seu irmão Józef acompanhado da esposa (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxv). O fim do uma vez plenipotenciário e agora alquebrado Mordechai Chaim Rumkowski é bem representativo do fim da comunidade judaica uma vez rica e vibrante de Łódź, da qual agora apenas uma sombra restava com os últimos cadáveres vivos que sobraram no gueto, limpando os vestígios de quatro anos e meio de fome, doença e trabalho escravo.

Depois do último transporte partir levando Rumkowski, restaram no gueto dois grupos de pessoas. O primeiro era composto por aproximadamente 500 pessoas[149] lideradas por Aaron Jakubowicz, chefe do Departamento de Trabalho, que conseguiu a proteção para trabalhadores especializados, oficiais da administração judaica e conhecidos de Jakubowicz (TRUNK, 2008, p. 268).

Já o segundo grupo consistia de aproximadamente 850 pessoas (PODOLSKA, 2004, p. 21)[150] selecionadas para formar o *Aufräumungskommando* (Unidade de Limpeza) e realizar a tarefa de limpar a área evacuada e retirar dali bens deixados durante as deportações, sob o comando de Hans Biebow que vez ou outra realizava seleções e matava judeus do grupo. Os remanescentes do grupo viveram no gueto esvaziado até 17 de janeiro de 1945 quando, ouvindo a artilharia do Exército Vermelho que se aproximava, Biebow ordenou que os judeus comparecessem para uma última chamada.

Sabendo que a intenção era matá-los, a maioria dos judeus se escondeu enquanto os alemães fugiam, e conseguiu presenciar a entrada do Exército Russo em Łódź, ocorrida em 19 de janeiro de 1945. Essas centenas de testemunhas, calculadas em 877, saíram de seus esconderijos no gueto como provas vivas dos acontecimentos pelos quais foram vítimas os judeus de Łódź durante quatro anos e meio de confinamento (TRUNK, 2008, p. 269).

Durante esses quatro anos e meio de existência, aproximadamente 205 mil judeus passaram pelo gueto de Litzmannstadt, mas somente 70 mil restavam em agosto de 1944, quando as últimas deportações para Auschwitz marcaram a liquidação do gueto (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xlvii). Deste total, aproximadamente 145 mil pessoas foram deportadas, mais da metade delas para o campo de extermínio de Chełmno entre meados de janeiro de 1942 e meados de julho de 1944, e aproximadamente 67 mil para Auschwitz em agosto de 1944 (TRUNK, 2008, p. 267). O restante morreu no próprio gueto, abatido pelas “doenças do gueto” como a inanição e suas consequências.

---

[149] Em outubro de 1944, os membros desse grupo foram divididos entre homens e mulheres, sendo os primeiros levados para o campo de Oranienburg-Sachsenhausen e as segundas levadas para Ravensbrück (DOBROSZYCKI, 1984, p. lxvi). Metade desses homens foi transferida para o campo de trabalho de Königswusterhausen, perto de Berlin, e as mulheres também foram transferidas de Ravensbrück para outros campos alemães. Isaiah Trunk (2008, p. 268) afirma que a maioria das pessoas deste primeiro grupo sobreviveu à guerra.

[150] Número exato desconhecido, podendo variar entre 500 a 1.000 pessoas (TRUNK, 2008, p. 268).

2. A RELAÇÃO DE RUMKOWSKI COM AS CRIANÇAS

Escrever sobre o gueto de Łódź é escrever, em primeiro lugar, sobre as suas autoridades, principalmente a figura do seu *Judenälteste* Mordechai Chaim Rumkowski, o homem responsável por transformar o gueto em uma grande fábrica alemã. Rumkoswki é criticado por muitos historiadores por ter sido conivente com os alemães e agido como tirano de seu próprio povo, mas ao mesmo tempo é exaltado por outros historiadores por ter feito o que estava sob seu alcance para tentar salvar da insânia nazista o maior número possível de judeus da comunidade de Łódź.

Rumkowski é importante para esta pesquisa sobretudo pela relação particular que tinha com as crianças desde que se tornou presidente de um orfanato no pré-guerra e depois priorizando-as em sua administração do gueto até o ano de 1942, quando proferiu o inimaginável pedido para as mães e pais do gueto para que entregassem seus filhos para deportação a fim de garantir sua própria sobrevivência. Antes de entregá-las aos nazistas para serem mortas, o líder judeu havia pensado em um futuro para tais crianças, criando escolas e até colônia de férias para o seu lazer. Não obstante, para a esmagadora maioria dessas crianças infelizmente não houve futuro.

As crianças são o ponto central da vida de Rumkowski, às quais se dizia devotado, mesmo antes de ter sido nomeado *Judenälteste.* O secretário particular de Rumkowski no gueto, Szmul Rozensztajn, afirmou que o líder era constantemente importunado por pessoas nas ruas lhe pedindo emprego e favores, sendo que as únicas que não lhe incomodavam ao lhe abordarem eram as crianças. Rozensztajn afirmou que seu chefe tinha um sincero interesse paternal pelas crianças e que as crianças, por sua vez, se sentiam à vontade em sua presença, pois que sentiam a sinceridade de suas intenções (ROZENSZTAJN, In: ADELSON, 1989, p. 111).

Gordon Horwitz, historiador que centrou sua pesquisa no gueto de Łódź, definiu a relação de Rumkowski com as crianças da seguinte forma:

> Crianças eram a obra de sua vida, a origem, para o bem e para o mal, de sua reputação e posição na comunidade. E no gueto também a importância de Rumkowski era medida, em seus olhos e nos dos outros, em relação à sua própria imagem favorecida como defensor e protetor delas. (HORWITZ, In: GODA, 2017, p. 58, tradução minha)

A Crônica do Gueto afirma que todos os habitantes do gueto sabiam que as crianças e jovens eram “a maçã dos olhos do presidente Rumkowski” e que as

atividades que fazia antes da guerra[151] lhe deram “uma excelente reputação como o mais sensível patrono e protetor das crianças”, reputação que continuou a levar em sua função de *Judenälteste* (DOBROSZYCKI, 1984, p. 122)

Por ser a relação de Rumkowski com as crianças tão intensa, não é difícil de entender que foi precisamente seu discurso proferido em setembro de 1942, no qual exigiu que as crianças fossem entregues à deportação para que os adultos pudessem ter mais chance de sobreviver no gueto, que se tornou o ponto de virada na vida do gueto e do próprio *Judenälteste*. Gordon Horwitz chega a afirmar que esse momento foi decisivo no debate historiográfico que surgiu em torno da análise de seu papel como líder, pois que, além de ser uma decisão polêmica e questionável, a deportação das crianças foi o primeiro grande fracasso de Rumkowski como líder e até como homem (HORWITZ, In: GODA, 2017, p. 59).

Sascha Feuchert, professor de Literatura alemã que estuda o Holocausto, compartilha dess opinião[152], ao afirmar que foi o discurso proferido pelo *Judenälteste* aos pais e mães do gueto pedindo que entregassem suas crianças para deportação que o colocou no centro desse debate historiográfico, pela sua afirmação polêmica de que seria necessário amputar os membros (a saber, as crianças e idosos do gueto) para proteger o corpo (a população adulta ativa).

A historiadora Déborah Dwork atribui ao papel de protetor das crianças de Rumkowski o destaque que este recebeu por ter determinado que justamente as crianças fossem deportadas, que causou mais choque do que se tal anúncio fosse feita por outro líder que fosse indiferente para com elas:

> Se o sem filhos Rumkowski pudesse ser visto como um homem que tivesse evidenciado desdém ou total desrespeito pelas crianças, sua decisão poderia ser interpretada como pura monstruosidade: o raciocínio anormal de um homem anormal. Mas em seu papel como presidente do gueto, Rumkowski procurou proteger as crianças judias de Łódź. Os autores da Crônica eram extremamente reservados no tratamento dado a Rumkowski, e suas análises dele não podem ser vistas como julgamentos críticos. No entanto, eles não teriam descrito os sentimentos calorosos do presidente para com as crianças de forma tão detalhada se ele não fosse comumente visto como seu amigo. (DWORK, 1991, p. 177, tradução minha).

---

[151] Referência ao seu cargo de diretor do orfanato de Helenówek antes da guerra.

[152] FEUCHERT, Sascha. “Das Getto Łódź/Litzmannstadt in fiktionalen Texten: Ein Versuch”. In: IBLER, Reinhard. **The Holocaust in the Central European Literatures and Cultures**: Problems of Poetization and Aestheticization. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2016, p. 10

Por estas razões, acredito ser de extrema importância abordar de forma mais detalhada a relação de Rumkowski com as crianças antes e durante a guerra. Farei isso nos seguintes subitens: o primeiro tratando especificamente de Rumkowski como diretor do orfanato de Helenowék antes da guerra, quando entrarei nos rumores de abuso sexual que circulavam no período; e o segundo focalizando Rumkowski como *Judenälteste* e sua relação com as crianças do gueto, quando abordarei o debate historiográfico que existe a respeito de sua polêmica atuação como líder da comunidade judaica de Łódź.

2.1. Rumkowski e o orfanato de Helenowék

Mordechai Chaim Rumkowski nasceu em 18 de março de 1877 (TUSHNET, 1972, p. 5) em Illino, no distrito de Wielka Luki, Império Russo (CONROY, 2006), em uma família de modestas posses. Após frequentar a *Cheder*, escola primária judaica, Rumkowski estudou por mais quatro ou cinco anos em uma escola de educação elementar russa (HORWITZ, 2010, p. 17). Sua língua materna era iídiche, mas também dominava o russo e o polonês, além do hebraico aprendido na *Cheder* (TUSHNET, 1972, p. 5).

Na virada do milênio ele se mudou para Łódź, cidade que estava em pleno crescimento industrial, na esperança de melhores condições de vida, mas não existem registros seguros sobre a data exata de sua chegada à cidade (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiii). Sua primeira tentativa de enriquecer foi no ramo mais forte da cidade, o da indústria têxtil, fundando uma fábrica de seda (UNGER, 2004, p. 12). Porém, assim como aconteceu com muitos outros donos de fábricas durante a Primeira Guerra Mundial[153], Rumkowski foi forçado a deixar o ramo após a falência de sua fábrica (LÖW, 2010, p. 73). Sem perspectiva de retomar os negócios na indústria têxtil, Rumkowski decidiu se tornar um agente de seguros (UNGER, 2004, p. 12).

Fracassado nos negócios, o então duas vezes viúvo e sem filhos Rumkowski (TUSHNET, 1972, p. 5) voltou sua energia para a comunidade judaica, participando

[153] Conforme anteriormente mencionado no primeiro capítulo, a indústria têxtil de Łódź foi grandemente afetada durante a Primeira Guerra Mundial pela falta de suprimentos como o carvão e pela perda do maior mercado, o Império Russo, que absorvia quase oitenta por cento da produção têxtil de Łódź e que deixou de comprar depois da interrupção das relações comerciais com a cidade, dominada pelos alemães durante a guerra.

ativamente na proteção às crianças órfãs (LÖW, 2010, p. 73). Tal envolvimento começou em 1920, quando foi convidado para colaborar na administração de acampamentos de verão para jovens judeus, mantidos pela *American Joint Distribution Committee*[154] (HORWITZ, 2010, p. 17).

Para cuidar dessa tarefa, a *Kehilá* escolheu três homens, sendo dois deles membros do socialista *Bund*[155] e o terceiro Rumkowski, escolhido não por sua filiação política, mas pelo interesse que demonstrava pelas crianças. Leonard Tushnet aventa que a escolha de Rumkowski, membro do partido minoritário *Allgemeinen Zionisten*, pode ser justificada por "sua integridade, sua solicitude especial pelos órfãos, e seus entusiásticos esforços para o cuidado deles" (TUSHNET, 1972, p. 6, tradução minha).

Desse interesse surgiu a ocupação seguinte de Rumkowski, a de diretor de um orfanato em Helenówek, nas cercanias de Łódź, do qual foi um dos fundadores (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiii). A ideia de construir um orfanato surgiu em 1926, quando Rumkowski sugeriu que os acampamentos de verão fossem transformados em uma instituição que funcionasse ao longo do ano, oferecendo treinamento agrícola para preparar jovens para um futuro no ramo, seja na Polônia ou na Palestina, já que toda direção dos acampamentos era sionista (HORWITZ, 2010, p. 17).

A concepção dessa instituição, segundo Rumkowski, foi inspirada pela morte recente de Yosef Urison, um filantropo da cidade, pois que uma obra desse tipo iria ao encontro dos ideiais de Urison. Sendo uma homenagem a ele, Rumkowski propôs que a instituição fosse nomeada *Beit Yosef* (a casa do Yosef) e que se tornasse um orfanato e um centro de treinamento agrícola. O apelo ao nome do filantropo concedeu a Rumkowski apoio suficiente de pessoas que, inspiradas pela ideia de homenagear Urison por tudo que havia feito pela comunidade, resolveram participar na realização deste projeto, investindo em sua obra (HORWITZ, 2010, p. 17).

---

[154] *American Jewish Joint Distribution Committee*, mais conhecida como *Joint* ou pela sigla JDC, é uma organização judaica de ajuda humanitária fundada em 1914 com o objetivo de ajudar judeus afetados durante a Primeira Guerra Mundial. Em pouco tempo o *Joint* diversificou seu âmbito de ação assistencial, incluindo a proteção de órfãos através da fundação de centenas de abrigos na década de 20, atendendo cerca de 40 mil crianças órfãs apenas na Polônia. BEIZER, Michael. "American Jewish Joint Distribution Committee." **YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe.** 25 Jul. 2017. Disponível em: <http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/American_Jewish_Joint_Distribution_Committee>. Acesso em: 26 abril 2018.

[155] Os outros dois homens seriam Solomon Ravin and Abraham Kagan (TUSHNET, 1972, p. 6).

Gordon Horwitz, importante historiador e professor universitário estado-unidense, analisando o comportamento de Rumkowski na concretização do orfanato em Helenowék, chega à seguinte conclusão:

> Esse sucesso foi quintessencialmente Rumkowskiano: afirmando-se onde outros podiam hesitar, confidencialmente propondo abrangentes e ambiciosos projetos, carregando outros junto com seu entusiasmo, beneficiando a comunidade judaica, e durante todo o tempo colhendo honra e posição que poderiam alavancar sua carreira. (HORWITZ, 2010, pp. 17-18, tradução minha)

Rumkowski não se preocupou apenas com a construção física do orfanato, mas também com a educação dos órfãos, o que o fez viajar até Varsóvia para encontrar o famoso pedagogo Janusz Korczak, quem, anos depois, inserido no gueto da mesma cidade juntamente com seus órfãos, decidiu acompanhá-los na deportação que os levaria a suas mortes. Munido das técnicas pedagógicas de Korczak, Rumkowski retornou à Łódź decidido a criar um orfanato modelo que preparasse as crianças para a vida, inclusive para uma posterior emigração à Palestina, criando uma escola agrícola adjacente ao orfanato com o fim de ensinar habilidades necessárias à vida na Terra Prometida (LÖW, 2010, p. 73).

O agora diretor de Helenówek esteve desde o princípio envolto em rumores, como o de ser “excessivamente íntimo com alunas mulheres e professoras” (FRIEDMAN, 1980, p. 335, tradução minha). Esses rumores continuaram quando se tornou presidente do gueto e vivia cercado por mulheres jovens e bonitas, selecionadas pessoalmente por Rumkowski para cargos na administração do gueto e no secretariado. As jovens mulheres que eram escolhidas por ele e que sempre estavam ao seu redor eram chamadas de “harém de Rumkowski”[156]..

Contudo, a acusação mais grave era a de manter uma relação demasiadamente íntima com algumas crianças do orfanato, abusando das próprias crianças que deveria proteger e amparar. Inclusive muitos sobreviventes e historiadores defendem que as tendências pedófilas de Rumkowski seriam uma motivação escusa por detrás de sua apregoada devoção pelas crianças desde os tempos de dirigente do orfanato de Helenowék e como um *Judenälteste* que se autoafirmava protetor das crianças do gueto. Gordon Horwitz destaca a “evidente hipocrisia de seu status de protetor

---

[156] Philip Friedman cita o exemplo de uma fábrica de roupas para mulheres onde apenas mulheres jovens e bonitas foram empregadas, em um total de aproximadamente setenta jovens funcionárias (FRIEDMAN, 1980, p. 338).

corajoso e ao mesmo tempo de suposto predador dos jovens" (In: GODA, 2017, p. 56, tradução minha).

O best-seller internacional de Steve Sem-Sandberg[157] reviveu essa polêmica quando foi publicado em 2009, uma vez que o autor, apesar de não ser um historiador nem um estudioso da história do gueto, defende que a acusação de "que Rumkowski abusava sistematicamente de seus órfãos é fato mais que fundamentado" (SEM-SANDBERG, 2012, p. 591). O autor afirma ter pesquisado extensivamente nos arquivos municipais de Łódź e de ter baseado seu romance ficcional em fatos históricos registrados na Crônica do Gueto, mas não cita referências diretas de onde teria retirado os fatos que narra.

Para justificar sua opinião de que o abuso de crianças por parte do líder judeu é um fato consumado e não um simples rumor, Sem-Sandberg cita o testemunho de Lucille Eichengreen, única referência mencionada explicitamente pelo autor em seu posfácio. Eichengreen é uma sobrevivente do gueto de Łódź, que só escreveu suas memórias quase meio século após o fim da guerra[158]. Alguns anos depois da publicação do seu primeiro livro, Lucille Eichengreen escreveu outro livro de memórias, centrado na figura de Rumkowski e em seu relacionamento com os órfãos do gueto[159].

Eichengreen teria ouvido pela primeira vez os rumores sobre o abuso de crianças por Rumkowski poucas semanas após sua chegada ao gueto nos transportes vindos do *Reich* em outubro de 1941. Se sentindo deslocada naquele lugar inóspito, tão diferente de sua Hamburgo natal, Cecilia[160] se tornou amiga de um senhor que vendia nas ruas do gueto itens que restaram de sua antiga loja em Łódź, Schlomo Berkowicz (EICHENGREEN, 2000, p. 6). Comerciante na cidade do pré-guerra e vivendo no

---

[157] Steve Sem-Sandberg é um escritor sueco que escreveu uma obra de ficção sobre o gueto de Łódź centrando o romance em Rumkowski, tendo recebido o título na versão inglesa de *The Emperor of Lies*, cuja tradução literal seria "o imperador das mentiras". SEM-SANDBERG, Steve. **Os destituídos de Łódź**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

[158] EICHENGREEN, Lucille. **From ashes to life**: my memories of the Holocaust. San Francisco: Mercury House, 1994

[159] EICHENGREEN, Lucille. **Rumkowski and the Orphans of Lodz**. San Francisco: Mercury House, 2000

[160] Lucille Eichengreen nasceu Cecilia Landau, mas quando emigrou para os Estados Unidos após o fim da guerra trocou seu nome para Lucille, depois adotando o sobrenome do esposo, Dan Eichengreen.

gueto desde a sua criação, esse judeu de meia-idade contou o que sabia sobre o líder judeu de Łódź para a curiosa jovem alemã.

Ao longo de semanas de encontros semanais, Schlomo Berkowicz contou a Eichengreen que desde março de 1938 havia rumores sobre Rumkowski ter abusado de crianças do orfanato de Helenowék, que haviam surgido após uma das órfãs ter denunciado o diretor do orfanato a Sergei[161], amigo de Berkowicz. A menina seria a adolescente Luba de 15 anos, que teria se dirigido até o escritório de Sergei para contar que foi molestada por Rumkowski, assim como a menina Bronia, de 11 anos, e o menino Julek, de 13 anos (EICHENGREEN, 2000, pp. 14-15).

Tomando por exemplo ilustrativo essas três crianças é possível perceber que nem todas que estavam abrigadas em Helenowék eram órfãs, pois muitas delas foram abandonadas pelos pais por motivos diversos, sobretudo financeiros. Das três crianças que teriam confessado ter sofrido abuso sexual, apenas uma delas era órfã, a adolescente Luba[162]. Julek, um menino loiro, alto e de olhos azuis, vivia em Piotkow, cidade próxima a Łódź, com seus pais e uma irmã mais velha. Apesar de não ser órfão, foi deixado no orfanato porque seus pais afirmavam não ter condições financeiras de velar pelo menino. Ademais, Julek era gago, outro motivo alegado pelos pais para enviar o garoto à Helenowék (EICHENGREEN, 2000, p. 16).

A terceira criança era Bronia, uma inteligente e vivaz menina que era anã. Órfã de mãe aos 2 anos de idade, ela viveu com o pai e dois irmãos mais velhos em um vilarejo próximo a Łódź. Quando tinha 3 anos foi deixada no orfanato por seu pai, que alegava ser demasiadamente pobre para alimentar mais uma boca, sendo que a família nunca a visitou enquanto viveu em Helenowék. Quando o gueto foi formado, Bronia voltou a viver com o pai e os irmãos em um quarto no gueto (EICHENGREEN, 2000, pp. 40-42).

---

[161] Mencionado no livro de Lucille Eichengreen somente pelo primeiro nome, Sergei certamente corresponde a Sergey Nutkevitsh, membro do Bund eleito para o parlamento polonês em 1938 juntamente com outros sete colegas de partido (JACOBS, Jack. **Bundist Counterculture in Interwar Poland.** New York: Syracuse University Press, 2009, p. 108). Assim sendo, iremos utilizer neste trabalho o seu sobrenome, apesar de este não ser explicitado na obra de Eichengreen.

[162] Única órfã entre as três crianças que denunciaram Rumkowski, a menina Luba tinha 15 anos quando tomou a iniciativa de procurar o parlamentar Sergei para fazer a denúncia dos abusos sofridos por ela e pelas outras crianças. Os pais de Luba teriam morrido quando era bem pequena, vivendo Helenowék dos 3 aos 17 anos de idade, quando o gueto foi criado e conseguiu encontrar um quarto para viver sozinha (EICHENGREEN, 2000, p. 57-58).

Luba presumivelmente procurou Sergei Nutkevitsh para lhe confidenciar seu segredo porque ele era um homem respeitado pela sua posição como membro do *Bund* e como parlamentar no *Sejm*[163], sendo admirado por todos em Łódź[164]. Depois do encontro em seu escritório, o parlamentar foi pessoalmente ao orfanato para conversar novamente com Luba e com os outros dois mencionados por ela, Julek e Bronia, que teriam igualmente sido molestados por Rumkowsi. As histórias relatadas por todos coincidiam, mas Nutkevitsh achou que as crianças pareciam assustadas e com medo, percepção que o fez presumir que teriam sido ameaçadas por funcionários de Helenowék para que não contassem o que aconteceu (EICHENGREEN, 2000, pp. 15-16).

Todas as crianças disseram que Rumkowski as teria levado para uma pequena sala no fundo do orfanato, exigido que elas se despissem e tocado em suas partes íntimas. Chocado pelos relatos, Sergei Nutkevitsh deu início a uma investigação para averiguar a veracidade das acusações, mantendo uma série de entrevistas com as crianças e também com professoras do orfanato. Todos os funcionários de Helenowék teriam negado os abusos, afirmando categoricamente que era uma invenção das crianças, sendo ameaçados pelo parlamentar de demissão caso retaliassem contra as crianças pelas denúncias feitas contra o diretor Rumkowski (EICHENGREEN, 2000, p. 17).

Depois da investigação, certo de que os abusos teriam de fato acontecido, Nutkevitsh foi acompanhado pelo amigo Schlomo Berkowicz ao Departamento de Bem-estar Social de Łódź para apresentar uma denúncia formal contra Mordechai Chaim Rumkowski, mas não recebeu atenção por parte funcionários do departamento (EICHENGREEN, 2000, p. 17). Contudo, a situação iria mudar quando, em outubro de 1939, as autoridades nazistas elegem o então diretor de Helenowék como *Judenälteste*, dando-lhe poder sob todos os judeus de Łódź. Sergei Nutkevisth, antecipando a retaliação que sofreria pelo agora poderoso Rumkowski pela denúncia

---

[163] *Sejm* é a câmara baixa, equivalente a Câmara dos Deputados, no parlamento polonês.

[164] Lucille Eichengreen (2000, p. 14) afirma que Sergei Nutketish era conhecido e admirado na cidade, o que pode ser explicado não somente pela sua posição de parlamentar no Sejm, mas também pelo seu engajamento no movimento socialista judaico. Nutkevitsh foi um dos fundadores da organização juvenil bundista *Tsukunft* (Futuro) e da organização infantil bundista *Skif* (*Sotsyalistishe Kinder Farband,* União das Crianças Socialistas) em Łódź (FUKS, Khayim Leyb. “Sergey Nutkevitsh”. **Yiddish Leksikon**. 2018. Disponível em: <yleksikon.blogspot.com/2018/01/Sergey-nutkevitsh.html>. Acesso em abr. 2018.

feita contra ele, deixou a cidade em direção à Rússia (EICHENGREEN, 2000, pp. 21-22)[165].

Essa denúncia foi arquivada, o que explica o fato de ser pouco mencionada por historiadores. Não obstante, ela foi destacada por Solomon Bloom, que escreveu uma das primeiras análises historiográficas sobre Mordechai Chaim Rumkowski[166], resultado de pesquisas efetuadas em arquivos europeus e no Yivo de Nova York. Bloom, de forma pioneira em um periódico fora da Polônia, abordou os rumores de que Rumkowski gostava de ficar demasiadamente próximo às crianças e que ele seria acusado de intimidades com meninas maiores e funcionárias do orfanato que dirigia. O historiador ainda cita a existência de "um relatório de um processo legal misteriosamente abandonado antes de ser julgado" (BLOOM, 1949, n.p.).

Lucille Eichengreen, em entrevista concedida em 2001[167], afirma que conheceu pessoalmente Sergei Nutkevisth em 1975 na cidade de Los Angeles, quando ouviu do próprio ex-parlamentar de Łódź que sua denúncia havia sido arquivada por falta de evidências e que Mordechai Rumkowski o teria procurado durante toda a guerra, acreditando que ele estava escondido no gueto.

Todavia, não há mistério algum nesse arquivamento, pois menos de dois meses depois de Nutkevitsh ter feito oficialmente a denúncia Rumkowski se tornou a autoridade maior dentre os judeus de Łódź. Além de deter poder suficiente para punir o parlamentar pela acusação, como o mesmo antecipou, o *Judenälteste* podia determinar quais acusações teriam continuidade e quais seriam excluídas, e obviamente acusações contra ele entrariam nessa segunda categoria.

Arquivada e desprezada por influência de Rumkowski, que usou o poder que detinha como *Judenälteste* para apagar quaisquer vestígios de denúncias à sua

---

[165] Sergei Nutkevitsh deixou Łódź com direção à zona soviética, fixando residência em Vilna. Em 1941 emigrou para o Canadá e depois para os Estados Unidos, onde se estabeleceu. FUKS, Khayim Leyb. "Sergey Nutkevitsh". **Yiddish Leksikon**. 2018. Disponível em: <yleksikon.blogspot.com/2018/01/Sergey-nutkevitsh.html>. Acesso em abr. 2018.

[166] Solomon Frank Bloom (1903-1962) foi um historiador romeno radicado nos Estados Unidos. Em 1949 o seu artigo "Dictator of the Lodz Ghetto: The strange History of Mordechai Chaim Rumkowski" foi publicado na revista *Commentary Magazine*.

[167] Transcrição da entrevista concedida por Lucille Eichengreen a Joan Ringelheim para o United States Holocaust Memorial Museum de Washington D.C. que consta no Arquivo RG-50.030*0417, p. 93. "Oral interview with Lucille Eichengreen". **United States Holocaust Memorial Museum**. Nov. 7, 2001. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/oh_findingaids/RG-50.030.0417_trs_en.pdf>. Acesso em: março 2018.

pessoa, a acusação de pedofilia acabou por ser menosprezada dentro da historiografia do gueto e de seu líder judeu, sendo que Eichengreen acabou por se tornar a única voz[168] que intentou trazer à tona o lado negro do apregoado amor de Mordechai Chaim Rumkowski pelas crianças.

Publicando no ano 2000 seu livro no qual rememora as denúncias contra o presidente do gueto ouvidas há mais de meio século, Lucille Eichengreen recebeu críticas e a incredulidade de muitos historiadores[169]. Não obstante, a sobrevivente do gueto de Łódź alega que não poderia ter escrito antes um livro como esse, no qual acusa um líder judeu de pedofilia, uma vez que não se falava sobre essa temática de abuso sexual de crianças até a década de 1980.

E confessa que outro motivo pelo qual não escreveu suas memórias anteriormente foi o fato de ser "muito dolorido ir à público com algo do qual você não se orgulha" (USHMM, 2001, p. 108, tradução minha), já que Eichengreen não estava segura de ter tomado a decisão certa sobre as acusações de pedofilia que ouviu e sobre as próprias investidas que sofreu por parte do *Judenälteste* quando trabalhou como uma das secretária da Administração Judaica do gueto.

Eichengreen, na mesma entrevista, afirmou que a maior resistência que encontrou por parte de historiadores e mesmo do público em geral na aceitação da veracidade de seu testemunho foi na Alemanha, onde a questão do papel dos líderes judeus nos guetos havia se tornado um tema acalorado. Quando confrontada no país no qual teve início o programa de aniquilamento dos judeus europeus sobre a validade de sua crítica ao líder judeu de Łódź, a sobrevivente tinha uma resposta pronta, conforme explicou na entrevista:

> Se vocês não tivessem invadido a Polônia, se não tivessem criado os guetos, se não tivessem nos mantido presos dentro dos guetos, nós não teríamos anciões judeus (*Jewish elders*). Então, vocês não

---

[168] Obviamente muitos sobreviventes do gueto de Łódź sabiam dos rumores de pedofilia e da acusação que pairava sobre Rumkowski, mas preferiram silenciar a respeito. Um exemplo é o sobrevivente Abraham Cykiert que escreveu um capítulo no qual enaltece Rumkowski, a quem atribiu o mérito pela singularidade do gueto de Łódź. Nesse capítulo, a única referência ao passado de Rumkowski está nesta frase misteriosa: "Eu conheço muitas histórias horríveis sobre Rumkowski de antes da guerra" (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 132). Presumivelmente é uma referência aos casos de abusos sexuais que Rumkowski manteve no orfanato de Helenówek, mas que o sobrevivente não quis mencionar de forma clara para que não manchasse a boa imagem que tenta criar do líder judeu.

[169] Contudo, alguns historiadores reconhecidos, como Isaiah Trunk, reconhecem a obra de Lucille Eichengreen como um testemunho verdadeiro e importante. Em uma nota de rodapé, Trunk defende que: "Até onde eu saiba, a segunda autobiografia de Eichengreen é imcomparável como um testemunho ocular em primeira mão de que Rumkowski era, de fato, um predador sexual" (TRUNK, 2008, p. 456n85, tradução minha).

> deveriam ter um problema porque esses são fatos. (USHMM, 2001, p. 109, tradução minha).

Por ser um tema tão polêmico, a saber, se é possível responsabilizar os líderes judeus selecionados pelos nazistas para cumprir suas ordens nos guetos por estes criados como uma medida temporária até que fosse decidida a Solução Final para o "problema" dos judeus europeus, é que se faz necessário apresentar o debate historiográfico que se estabeleceu a respeito da figura de Mordechai Chaim Rumkowski e de suas ações como ancião judeu do gueto de Łódź.

2.2. Rumkowski e a controvérsia sobre a sua escolha como *Judenälteste*

Mordechai Chaim Rumkowski foi uma figura polêmica durante toda a existência do gueto de Łódź, objeto de um "interesse inevitável" pelos seus contemporâneos e cuja presença ninguém poderia ignorar (HORWITZ, In: GODA, 2017, p. 56). Odiado pela maioria dos habitantes do gueto, temido por muitos e admirado por alguns pelo poder de que era detentor, seu nome estava em muitas das conversas cotidianas do gueto, juntamente com outros tópicos comuns de conversa, como a fome constante e as próximas distribuição de comida.

Não obstante, essa polêmica figura de Łódź, o seu judeu mais poderoso, era quase um desconhecido fora do pequeno cerco do gueto. Rumkowski entrou no debate da história mundial quase duas décadas após a liquidação do "seu" gueto de Łódź, como a ele comumente se referia. Não foi uma estreia triunfal, uma vez que ocorreu quando foi citado no livro igualmente polêmico de Hannah Arendt sobre o julgamento do nazista Adolf Eichmann[170], como um dos exemplos destacados pela autora em sua tentativa de criar um "perfil dos líderes judeus durante o período nazista" (ARENDT, 2011, p. 135). Ao afirmar que "para um judeu, o papel desempenhado pelos líderes judeus na destruição de seu próprio povo é, sem nenhuma dúvida, o capítulo mais sombrio de toda uma história de sombras" (ARENDT, 2011, p. 134), a autora cita Rumkowski e Leo Baeck, este último rabino-chefe de Berlim, como dois exemplos de judeus que cooperaram com os alemães no extermínio do povo judeu.

---

[170] ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Livro originado de uma série de artigos que Arendt escreveu sobre o julgamento de Adolf Eichmann, ocorrido em Israel ao longo de 1961, ao qual a autora cobriu para a revista americana *The New Yorker.*

Em um livro que, mesmo passados mais de cinquenta anos desde sua publicação em 1963 ainda suscita debates acalorados, Hannah Arendt inovou ao atenuar a culpa de líderes nazistas como Adolf Eichmann, minorando a motivação cruel de suas atitudes. A “banalidade do mal”, conceito desenvolvido pela autora ao longo da obra, seria a de cumprir um papel no extermínio dos judeus não motivado por um antissemitismo enraizado ou por uma sede de matar, mas unicamente por uma fidelidade ao regime e pelo acatamento de ordens por parte dos nazistas.

Essa mudança de paradigma tirou oficiais subordinados como Eichmann[171] do imaginário de criminoso antissemita fanático ou mesmo de um monstro - como não raro foi chamado durante seu julgamento -, colocando-o ao invés como um mero burocrata submisso e fiel às ordens dos seus superiores. Ao mesmo tempo, na obra supracitada, o judeu deixou de ocupar unicamente o rótulo de vítima indefesa que até então possuía para receber um papel de colaborador dos nazistas em alguns casos. Particularmente foi atribuído esse papel de colaborador aos líderes dos *Judenräte,* os vários conselhos judaicos que funcionaram nos guetos da Polônia e em outros territórios ocupados, que poderiam ser considerados, como sugere Arendt, coniventes com o extermínio de seu próprio povo ao auxiliar os alemães na elaboração das listas de deportados, dentre outras atitudes condenáveis, segundo a filósofa alemã.

Um dos historiadores mais importantes do Holocausto, Raul Hilberg, escreveu uma obra[172] na qual aborda três grupos principais que participaram, de uma forma ou outra, do Holocausto. O primeiro grupo teve um papel ativo em tal extermínio, recebendo o título de perpetradores, isto é, as lideranças nazistas e alemães “comuns” que de alguma maneira, contribuíram na morte dos judeus. O segundo grupo seria o das vítimas, os judeus aprisionados e assassinados na Shoá, seja em campos, em guetos ou em tiroteios em valas comuns. O terceiro e último grupo, provavelmente o mais polêmico deles, foi o dos expectadores (*Bystanders*), composto por pessoas ou países que, tendo oportunidade e/ou capacidade de impedir o extermínio ou de ao menos de

---

[171] Adolf Eichmann ocupou um cargo importante no extermínio dos judeus, obtendo a patente de *SS-Obersturmbannführer*, o equivalente a tenente-general, tornando-se chefe do Departamento da Gestapo IV B4, responsável pela deportação e pelo transporte dos judeus para o seu extermínio. Não obstante, Eichmann não era um dos idealizadores do Nazismo e nem fazia parte do topo da hierarquia nazista, podendo ser considerado um subalterno em relação a superiores seus na Gestapo como Heinrich Müller, Reinhard Heydrich e posteriormente Ernst Kaltenbrunner, e a líderes do alto escalão nazista como o chefe da *SS* Heinrich Himmler e ao *Führer* Adolf Hitler.

[172] HILBERG, Raul. **Perpetradores, Vítimas e Espectadores**: a catástrofe judaica, 1933-1945. New York: Harper Collins, 1993

auxiliar a alguns judeus, não o fizeram. Neste grupo estariam incluídos a Igreja Católica, os Aliados e países neutros durante a guerra.

Importante ressaltar que o autor coloca os líderes judeus no segundo grupo, o das vítimas, sendo inclusive os primeiros a serem citados neste grupo. Hilberg justifica a razão de ter colocado esses líderes no grupo das vítimas e não dos colaboradores dos nazistas, alegando que eles também estavam no “caldeirão” (*cauldron*) do sofrimento imposto aos judeus pelos nazistas. Raul Hilberg (1993, p. 116) inclusive cita Rumkowski como um típico exemplo de um líder judeu que, apesar de receber privilégios em relação aos outros judeus a ele subordinados, estava convencido que seu trabalho era uma obrigação, um fardo pesado que devia carregar em prol de seu povo, representando um papel quase divino de ser o salvador de seu povo ou, pelo menos, de sua comunidade.

Ademais, principalmente no caso dos líderes de comunidades cercadas na Polônia, como era o caso de Rumkowski no gueto de Łódź, a sua inclusão no rol das vítimas também foi justificada pelo autor (HILBERG, 1993, p. 117) pelo fato de a imensa maioria deles terem perecido junto com suas comunidades, seja antes da liquidação de seus guetos, como no caso de Adam Czerniaków, ou nos dias finais do gueto, como no caso de Mordechai Chaim Rumkowski.

Não entrarei no presente trabalho na análise pormenorizada ou na crítica do livro supracitado de Hannah Arendt, tanto por não ser o objetivo da pesquisa, quanto não ter espaço para me estender sobre tal assunto, sobremaneira complexo. Afinal, muitos autores já fizeram críticas à Arendt e sua argumentação sobre a banalidade do mal desde a publicação de sua obra até os dias atuais, o que torna esse debate demasiadamente intrincado para ser aqui abordado de forma adequada em poucas linhas.

Contudo, ao abordar Rumkowski e seu papel como líder não há como se isentar de entrar na discussão sobre sua atuação como líder do gueto de Łódź, pois que esta foi comentada na maioria das obras analisadas no presente trabalho, seja através da crítica tardia de historiadores ou nas impressões de seus próprios subordinados contemporâneos, a saber, os habitantes do gueto, registradas em diários ou em memórias. Finalmente, após a crítica de Arendt sobre os líderes judeus e os *Judenräte,* a importância de Rumkowski, exercendo o papel de *Judenälteste* de Łódź, se tornou um aspecto primordial no estudo do gueto que dirigiu e, por isso, não pode ser ignorada neste trabalho.

Tendo como base essa justificativa, a análise do papel exercido por Rumkowksi do tipo de liderança que assumiu se faz necessária em minha tentativa de compreendermos a situação das crianças no gueto de Łódź, já que o destino das mesmas estava nas mãos daquele líder.

Um dos historiadores mais importantes desse gueto, Gordon Horwitz, explica da seguinte forma essa centralidade da figura do *Judenälteste* em qualquer pesquisa sobre a história do gueto e de seus habitantes:

> De fato, Rumkowski, - o homem que, desde o início, tomou a direção na formação do gueto e que, nos piores momentos, enfrentou os ventos fatais da vida e da morte - está merecidamente no centro das considerações sempre que a atenção se volta para a compreensão do gueto. e o destino de seus habitantes. (HORWITZ, In: GODA, 2017, p. 57, tradução minha)

Vale igualmente analisar a liderança de Rumkowski em contraponto à de Adam Czerniaków, líder do gueto de Varsóvia, comparação feita por muitos autores, inclusive por Hannah Arendt (2011, p. 135), que destaca este último como um dos poucos líderes judeus que teriam se recusado a “cruzar a linha”, preferindo se suicidar do que colaborar na deportação dos judeus do gueto de Varsóvia, planejada pelos alemães em julho de 1942.

Czerniaków escreveu um diário[173] no qual cita, em algumas ocasiões, Chaim Rumkowski, líder do gueto vizinho de Łódź. Josef Kermisz, que fez a introdução ao diário quando de sua publicação[174], salienta que o líder judeu de Varsóvia sempre fez questão de demonstrar aos seus governados de que ele não era um “instrumento cego” dos alemães, criticando aqueles que os serviam tanto em Varsóvia quanto em outros guetos, como Rumkowski, a quem chamava de “aquele homem tolo arrogante” (HILBERG, 1999, p. 19).

Outro aspecto que não pode ser ignorado é a rápida ascensão de Rumkowski à liderança da comunidade judaica de Łódź após a ocupação da cidade pelos nazistas. O seu caso foi único, já que ele não ocupava um posto de liderança da comunidade

---

[173] O diário de Adam Czerniaków, mantido entre o início da guerra em setembro de 1939 até pouco antes de sua morte em julho de 1942, relata os principais acontecimentos do gueto de Varsóvia desde a sua criação até as deportações de 1942, que motivaram o suicídio de Czerniaków. Posteriormente esse diário foi compilado e transformado em livro pelo aclamado historiador Raul Hilberg, juntamente com Stanislaw Staron e Josef Kermisz em 1968.

[174] Dr. Josef Kermisz foi um historiador judeu sobrevivente do Holocausto, responsável pelo estabelecimento do Arquivo do Yad Vashem em 1953, ao qual dirigiu até 1979. Foi um dos responsáveis pela compilação e publicação do diário de Adam Czerniaków. Dr. Karmisz faleceu em 2005, em Israel.

judaica antes da invasão alemã na Polônia em setembro de 1939, uma vez que era usual os nazistas escolherem como líderes dos novos conselhos figuras de destaque na comunidade judaica pré-guerra, como já foi mencionado[175].

É importante frisar que, apesar de muitos membros ou mesmo líderes das antigas *Kehillot* permanecerem à frente da comunidade judaica após a ocupação de suas cidades pelos alemães[176], sua tarefa obviamente mudou nos recém-estabelecidos *Judenräte* ou *Beirat* pelos nazistas (HILBERG, 2005, p. 234). A mudança foi sua atuação diante da comunidade que deviam organizar e proteger, pois que antes da guerra a sua principal tarefa consistia em garantir bem-estar de seus cidadãos, sobretudo daqueles menos afortunados, fornecendo ajuda social, estabelecendo orfanatos, asilos e hospitais, e gerenciando sinagogas e escolas judaicas. Uma vez sob jugo nazista, aos líderes judeus cabia somente cumprimento das ordens de seus superiores alemães e a transmissão de suas diretrizes e ordens à população judaica, cujo bem-estar não mais podiam garantir.

A promoção de Mordechai Chaim Rumkowski ao cargo maior dentre os judeus de Łódź só pode ser compreendida dentro de um amplo contexto, que remonta a acontecimentos ocorridos há uma década e meia antes de seu anúncio como *Judenälteste.* Nesse sentido, é providencial retornar ao mês de julho de 1924, quando ocorreu a primeira eleição da *Kehilá,* a comunidade judaica de Łódź, quando Rumkowski foi eleito representante do Partido Sionista no conselho judaico (UNGER, 2004, p. 12). Mais tarde, foi escolhido como membro da Diretoria Executiva da *Kehilla* sem, contudo, obter destaque como líder.

Apesar de ter sido membro do Partido Sionista, o relacionamento de Rumkowski com os companheiros do partido nem sempre foi harmônico e, por isso, não raro surgiam impasses entre eles. Um desses impasses ocorreu em 1936 durante as eleições municipais de Łódź, na qual os partidos de esquerda, dentre eles os

---

[175] Raul Hilberg afirma que a norma da administração civil alemã era eleger o presidente do conselho pré-guerra ou, na ausência deste, seu adjunto ou outro membro do conselho (HILBERG, 2005, p. 233). No caso de Łódź, foi o que aconteceu após a defecção do presidente Mincberg e do vice Pływacki ainda em setembro de 1939.

[176] Em um levantamento feito após a guerra pelo YIVO de Nova Iorque (TRUNK, 1996, p. 574), de um total de 740 membros dos *Judenräte* estabelecidos pelos alemães, 43 por cento deles eram membros da *Kehilá* de sua comunidade ou de órgãos municipais antes de 1939.

socialistas e o *Bund*[177], conseguiram a maioria dos votos. Temendo que uma ascensão da esquerda acontecesse igualmente nas eleições para a *Kehilá,* o governo polonês decidiu postergar indefinidamente as eleições para o conselho judaico, no que foi apoiado pelo partido que liderava a *Kehilá,* o conservador *Agudat Israel*, que igualmente partilhava do temor da ascensão da esquerda.

Em protesto à aliança da liderança da *Kehilá* como o governo polonês, considerado antissemita, outros partidos que compunham o conselho judaico, como o Partido Sionista de Rumkowski, resolveram deixar seus postos na liderança da comunidade em protesto à decisão do *Agudat Israel.* Contudo, diferentemente de seus companheiros de partido, Rumkowski permaneceu no conselho, não respeitando a decisão de seu partido e se tornando, a partir de então, o único membro sionista na Diretoria Executiva da *Kehilá,* como uma exceção em uma esmagadora maioria de oriundos do *Agudat Israel* (UNGER, 2004, p. 12).

A decisão de Mordechai Chaim Rumkowski de apoiar a decisão da liderança da comunidade ao invés de acatar as diretrizes do seu partido teria sido, presumivelmente, motivada pelo medo de perder sua influência no conselho caso resignasse de sua posição na *Kehilá* como forma de protesto (LÖW, 2010, p. 73). Essa postura de Rumkowski indicaria sua clara busca por poder, que acabaria por levá-lo até a posição de *Judenälteste* e, sobretudo, aponta sua maneira pragmática de obtê-lo.

Supostamente por esse mesmo motivo teria Rumkowski permanecido na cidade, enquanto muitos de seus conhecidos e membros da *Kehilá* deixaram Łódź, buscando fugir das tropas alemãs que se aproximavam. O autor Andrea Löw (2010, p. 75) acredita que a permanência de Rumkowski só pode ser explicada por sua busca de poder e seu quase “zelo missionário” em representar os judeus de Łódź perante os novos conquistadores.

A permanência de Rumkowski no conselho judaico no meio de tantas dissidências é apontada como um dos motivos que teria levado o já idoso negociante ao posto mais alto da liderança judaica de Łódź após sua dominação pelos alemães. Contudo, o real motivo pelo qual Rumkowski foi escolhido como o líder dos judeus pelo comissário alemão da cidade, Albert Leister, ainda é objeto de debate entre os

---

[177] *Bund* era um partido operário de esquerda, cujo nome oficial era União Judaica Trabalhista da Lituânia, Polônia e Rússia, criado em 1897 em Vilnus, Lituânia, e estabelecido no ano seguinte em Łódź.

historiadores. A questão que se coloca é como alguém que não estava entre os principais líderes da comunidade antes de 1939 e que era representante de uma pequena minoria sionista acabou sendo o escolhido para dirigi-la, em uma ascensão estranhamente rápida.

O historiador Michael Unger (2004, p. 17) ressalta que o apontamento de Rumkowski como *Älteste* provocou perplexidade, dado que, além de ser uma figura controversa já na época devido aos rumores de pedofilia que o cercavam desde Helenówek, ele pertencia ao segundo ou mesmo terceiro escalão da liderança judaica. Consequentemente, sua escolha por parte dos alemães gerou inúmeras suposições, tanto entre contemporâneos do "presidente" do gueto como entre historiadores, que propõem desde motivos escusos até o acaso como responsável por tal apontamento.

Para citar somente algumas hipóteses aventadas para a explicar escolha do chefe do gueto de Łódź pelos nazistas, uma consagrada é a mencionada por Löw (2010, p. 74). Segundo ele, sobre a base de depoimentos de alguns sobreviventes de que Rumkowski teria sido escolhido pelos alemães devido ao seu cabelo branco e a sua aparência respeitável, apropriada à figura de um *Judenälteste*[178]. Rumkowski, então com 62 anos, aparentava ser mais velho do que realmente que era devido aos volumosos cabelos brancos, sendo sua aparência para alguns, como o sobrevivente Arnold Mostowicz[179], a única explicação plausível para a escolha de Rumkowski, que quase nada havia conquistado em sua vida até então.

Já outro importante historiador do gueto, Alan Adelson (1989, p. xvi), lembra ainda que Rumkowski sabia falar alemão, razão alegada por muitos historiadores como passível de influenciar a escolha de um líder judeu pelos nazistas, pois nem todos os membros da *Kehilá* sabiam falar esta língua[180]. Raul Hilberg salienta, em sua célebre obra[181], que dominar a língua dos conquistadores era um dos fatores que poderia

---

[178] *Judenälteste*, na tradução literal do alemão, significa "o mais velho dos judeus" ou "ancião judeu".

[179] Mostowicz (115-116) compara a aparência de Rumkowski a Santo Nicolau, St. Nicholas no original.

[180] Outros historiadores, contrariando Hilberg, afirmam que foi justamente o domínio precário de Rumkowski da língua alemã o responsável pelo seu apontamento, ao relatar um episódio no qual um oficial da Gestapo, ao entrar no prédio da Kehilla, teria perguntado quem ali era o *Älteste* (mais velho ou ancião, título comumente dado ao dirigente da comunidade judaica) Rumkowski teria respondido que era ele, porque, em seu parco alemão, teria cometido o erro de traduzir a palavra em seu sentido literal e não em seu significado de líder do *Ältensrat* (conselho dos anciãos judeus, chamado de *Kehilla* ou *Beirat*).

[181] HILBERG, Raul. **La destrucción de los judíos europeus**. Madrid: Akal, 2005, p. 233

alterar a composição dos novos conselhos judaicos instituídos pelos nazistas em relação aos conselhos anteriores à guerra, pelo fato de que os nazistas preferiam lidar com judeus com os quais podiam se comunicar facilmente.

O contemporâneo Dawid Sierakowiak ressalta em seu diário em 08 de outubro de 1939 que Rumkowski teria oferecido aos alemães logo após a dominação da cidade a quantia de 700 judeus por dia[182] para que executassem trabalhos diversos (ADELSON, 1997, p. 78). O organizador do diário, Alan Adelson, destacou esse comentário, sustentando que essa decisão voluntária de Rumkowski teria sido crucial para que os alemães o elegessem para ocupar a posição de *Judenälteste*, pois demostrava que estava disposto a cooperar com as autoridades nazistas. Já para Rumkowski, a decisão de oferecer aos alemães uma quantia de judeus para realizar diversos trabalhos teria por justificativa impedir o ataque desprevenido aos judeus nas ruas, forçados a realizar as degradantes tarefas impostas pelos alemães.

Outros historiadores, tais como Gordon Horwitz (2010, p. 16), Helene Sinnreich (In: FOGEL, 2015, p. 31) e Michael Unger (2004, p. 16) alegam que essa foi uma escolha natural, uma vez que no momento que Leister teve que escolher um líder, Rumkowski ocupava o cargo mais alto da *Kehilá,* após o então presidente Pływacki ter deixado a cidade, seguindo os passos do presidente anterior, Mincberg, que foi um dos primeiros a deixar Łódź antes da invasão das tropas alemãs. Essa opinião é contestada por muitos, dentre eles a maior parte dos habitantes do gueto, que acreditava que Rumkowski havia feito um esforço para conseguir tal posição, negociando com os alemães e fazendo promessas a eles.

Sobreviventes do gueto, a exemplo de Lucille Eichengreen[183], aventam que a escolha de Rumkowski pelos nazistas foi arbitrária, que as autoridades alemãs entraram no prédio da comunidade judaica de Łódź, apontaram ao acaso ao grisalho Rumkowski e então falaram que a partir de então ele seria o *Judenälteste*

---

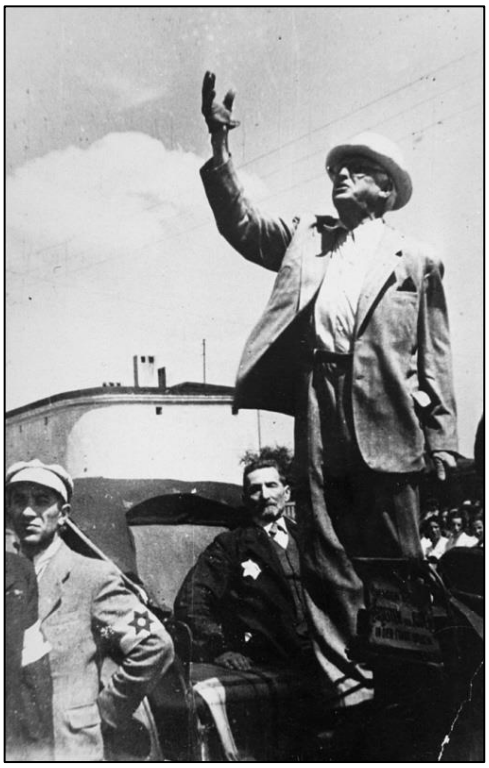
[182] Dawid Sierakowiak estava bem informado, relatando em seu diário no dia imediato o fato de que, no dia 07 de outubro, a comunidade judaica ofereceu às autoridades alemãs 700 trabalhadores judeus para serem recrutados ao trabalho não remunerado (PODOLSKA, 2004, p. 10). É importante lembrar que na ocasião Rumkowski estava na posição de presidente da *Kehilla* e que seu apontamento como líder judeu pelos alemães ocorreu menos de uma semana depois, no dia 13 de outubro de 1940, o que poderia indicar que essa decisão de Rumkowski tenha influenciado na sua escolha como *Judenälteste*.

[183] Nascida Cecilia Landau, foi deportada de Hamburgo em outubro de 1941 para o gueto de Łódź e foi a única de sua família a sobreviver à guerra. Permaneceu no gueto até sua liquidação em agosto de 1944, partindo no primeiro transporte destinado à Auschwitz. Passou ainda pelos campos de Neuengamme e Bergen-Belsen, onde foi libertada em 1945. Atualmente vive na Califórnia, Estados Unidos.

(EICHENGREEN, 2000, p. 21); arbitrariedade que historiadores como Unger (2004, p. 17) contestam. De qualquer maneira, Löw (2010, p. 75) salienta que não se pode aceitar a declaração de Rumkowski, feita durante sua visita ao gueto de Varsóvia em maio de 1941, de que não queria assumir a posição de liderança que teria sido forçado pelos alemães a aceitar, uma vez que todas as evidências apontam o contrário, a saber, o esforço que empreendeu para conseguir tal posição.

O sobrevivente de Auschwitz Primo Levi, apesar de nunca ter vivido em Łódź, pesquisou a história do gueto e chegou à conclusão de que a razão exata que determinou a escolha de Rumkowski é desconhecida, mas aventa algumas hipóteses, também levantadas por outros autores. Por exemplo, a de que Rumkowski teria sido apontado por sua aparência, mas não por ser uma figura respeitavelmente idosa e sim como uma “zombaria no torpe estilo nazista”, já que o judeu em questão aparentaria ser “um tolo com ares de honestidade; em suma, um objeto ideal de escárnio” (LEVI, 2004, p. 53).

Imagem 20 – Rumkowski discursa em cima de sua carruagem



Fonte: Photograph 05640 (USHMM)

Outra hipótese lembrada pelo escritor italiano é a de que Rumkowski teria feito manobras para ser escolhido, as quais não enuncia, mas que podem ser as

destacadas pelos historiadores supracitados. Essa opinião é compartilhada pelo historiador Philip Friedman (1980, p. 335), que alega que Rumkowski teria buscado, através todo tipo de estratagemas, seu apontamento como *Älteste*, apesar dos riscos que a posição poderia acarretar devido à grande responsabilidade associada a tal cargo. As razões para querer essa difícil posição seriam o seu natural desejo de poder aliado a um "sentimento profundo de missão histórica", podendo ser o redentor de seus companheiros judeus, segundo Friedman (1980, p. 336).

Essa imagem que Primo Levi faz de Rumkowski, a saber, de um tolo com ar majestoso, é complementada por outros adjetivos que utiliza para descrever a figura do *Judenälteste* de Łódź como alguém que "amava apaixonadamente a autoridade" e que, ao longo dos anos em que ocupou tal posição de liderança, teria vivido um "emaranhado de sonho megalomaníaco, de vitalidade bárbara e de real capacidade diplomática e organizativa" (LEVI, 2004, p. 53).

Levi (2004, p. 53-54) faz uma descrição particularizada de Rumkowski como o "monarca absoluto" que ambicionava receber obediência e respeito de seu povo, mas que também esperava receber amor e adoração. Para tanto, se utilizava dos numerosos artistas ao seu dispor no gueto, encomendando selos e retratos com sua imagem em destaque, e hinos de louvor que o enaltecessem como provedor da paz e da ordem que reinavam no gueto graças ao seu comando seguro.

O historiador alemão Andrea Löw (2010, p. 73) define Rumkoswki como possuidor de uma personalidade enérgica e dominante. Outro historiador, Israel Gutman (In: TRUNK, 2008, p. xxxiii) acrescenta que desde antes da guerra já era possível detectar suas características, como a busca pela honra e poder, seu autoritarismo, persistência, poder de persuasão, habilidade de organização e de exploração dos outros para cumprir seus objetivos. Com tal temperamento "irascível e agressivo", Rumkowski não seria muito querido pelos outros e por isso se dizia que ele não tinha amigos, somente colegas (CONROY, 2006)

É importante destacar o que afirma Alan Adelson (1989, p. xvi) em relação a Rumkowski, que ele corporificou o paradoxo da liderança judaica durante o Holocausto, podendo ser provavelmente considerado o judeu mais controverso da história moderna. Realmente tal controvérsia persiste até hoje, polarizando os que defendem Rumkowski por sua tentativa de preservar a vida dos judeus do gueto através do trabalho e salvar o máximo possível de judeus, e os que o culpam por ter sido o tirano do próprio povo (ADELSON, 1989, p. xix).

Independentemente das razões pelas quais foi apontado, Rumkowski foi o *Judenälteste* que mais deteve poder dentre todos os líderes judeus dos guetos da Europa nazista (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiv). Esse poder dava a ele algumas regalias, como a permissão, concedida pelo comissário Leister em 13 de outubro de 1939, na ocasião de seu apontamento como *Älteste*, de viajar pelo gueto livremente dia e noite e de escolher os membros do novo conselho judaico, o *Beirat*, como era conhecido em Łódź. No anúncio oficial de apontamento, além de conceder a Rumkowski tais privilégios, Leister ainda determina: *"*Todas as pessoas da raça judaica são obrigadas a obedecer completamente a todas as ordens de Rumkowski. Oposição a ele será punida por mim*"* (In: ADELSON, 1989, p. 19, tradução minha).

No dia seguinte, Leister, o comissário alemão da cidade*,* lhe concedeu mais poder, ao dissolver todas as agências e instituições judaicas existentes, permitindo a Rumkowski que as reconstituísse (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiv). E, uma vez que o gueto foi estabelecido, o *Judenälteste* obteve poder sobre todos os aspectos da organização e funcionamento interno do gueto, inclusive de sua complexa burocracia. A autonomia que o gueto de Łódź aparentava ter em sua organização era atribuída ao poder quase soberano que Rumkowski parecia deter, o que lhe dava maior importância perante os habitantes do gueto.

Buscando cristalizar sua autoridade, Rumkowski elegeu em 5 de fevereiro de 1940 um novo *Beirat,* após a dissolução de 7 de novembro do primeiro conselho montado após a sua nomeação como *Judenälteste* pelos alemães em 13 de outubro de 1939. Se o primeiro conselho foi constituído por membros mais importantes e participativos da comunidade judaica, o segundo foi constituído por membros do terceiro escalão da comunidade judaica pré-guerra (TRUNK, 2008, p. 35).

O historiador Philip Friedman (1980, p. 336) afirma que os novos membros não participavam da liderança judaica antes da guerra e que alguns dentre eles inclusive eram assimilacionistas e convertidos ao Cristianismo, ainda assim considerados racialmente judeus pelos nazistas, mas que não se sentiam judeus de fato. O cronista Israel Tabaksblat (In: CONROY, 2006) afirma que os novos membros seriam criminosos sem moral que executavam todas as ordens cegamente. Muitos historiadores e sobreviventes supõem que Rumkowski estaria por detrás das mortes dos primeiros membros por não serem leais a ele e que os membros posteriores teriam sido escolhidos justamente por sua posição de subserviência e inferioridade, não representando ameaça à autoridade do líder judeu.

Rumkowski acreditava tanto em seu poder que chegou a afirmar em algumas ocasiões que, quando a guerra acabasse, ele seria escolhido pelos alemães para comandar um protetorado no qual seriam concentrados todos os judeus da Europa (ADELSON, 1989, p. xvi). Essa previsão evidencia duas coisas, sendo a primeira que ele acreditava que os alemães venceriam a guerra e a segunda de que desconhecia ou não acreditava nos rumores de que os alemães teriam a intenção de exterminar todos os judeus europeus.

Em 1941, no auge de seu poder após a transformação do gueto em um grande complexo industrial, o *Judenälteste* andava pelas ruas do gueto de forma imponente em sua "carruagem" puxada por um cavalo e dava discursos públicos frequentes para uma multidão que se reunia para ouvir as novidades do gueto. É interessante mencionar que chamava a todos e a tudo no gueto de "seu", desde habitantes até o gueto como um todo, em um claro sinal de megalomania (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxvii-xxxviii). Portanto, não é de se estranhar que, dentre os vários apelidos que Rumkowski recebeu dos judeus de Łódź, alguns deles ironizavam essa postura soberba do seu líder, chamando-o de "Rei Chaim", "Imperador Mordechai Chaim", "Chaim o Terrível", ou mesmo pelo apelido pejorativo "O Velho" (um trocadilho sarcástico do título de *Älteste)* (FRIEDMAN, 1980, p. 337).

Enquanto Rumkowski se inebriava com o poder que satisfazia suas ambições, as autoridades alemãs não concederam tamanho poder a um judeu por respeito ou reconhecimento, o que não seria mesmo cabível a nazistas que, em sua maioria, eram antissemitas, seja por convicção ou por importunismo. Os oficiais alemães buscavam se beneficiar em cada oportunidade e, por isso, a concessão de um poder aparentemente ilimitado a Rumkowski teria sido providencial, como apontam muitos historiadores, a exemplo de Michael Unger (2010, p. 33).

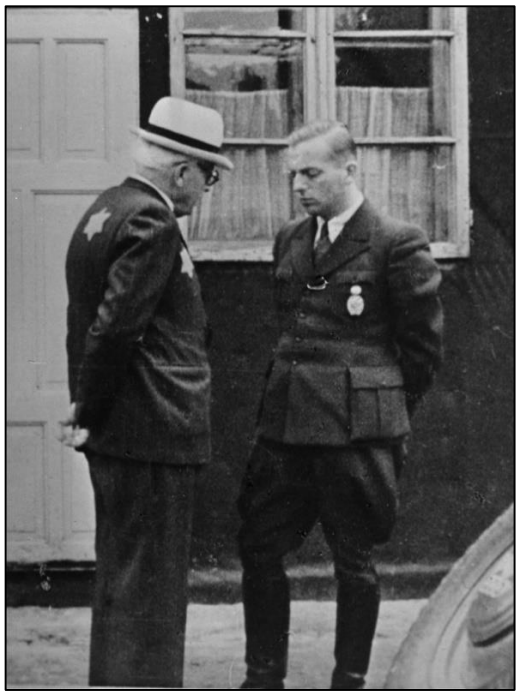
Unger afirma que, enquanto o líder judeu se banhava em poder inigualável sobre seus pares judeus, não consultando ninguém ao tomar decisões, esse poder era, na realidade, um pseudo-poder. Os alemães propositalmente faziam com que o poder concedido a Rumkowski parecesse total a ele próprio e aos "seus" judeus para que, dessa forma, ele fosse o alvo principal de descontentamento e o único culpado pelo sofrimento enfrentado pelos habitantes do gueto.

Assim sendo, providencialmente esses habitantes esqueciam que, por trás de Rumkowski e sua aparente soberania, estavam os líderes alemães, de quem efetivamente partiam as ordens que este pseudo-ditador apenas transmitia. Isaiah

Trunk (2006, p. 401) corrobora essa opinião, acrescentando que era mais conveniente aos alemães lidarem com um único líder do que com um corpo representativo de lideranças judaicas; ademais, a centralização do poder em um único homem facilitava o domínio dos nazistas sobre ele, pois que era mais fácil domar um do que um grupo amiúde heterogêneo.

Desde os primeiros dias do gueto, Rumkowski ficou atento para qualquer sinal de desrespeito de sua pessoa por parte das autoridades alemãs, especialmente de membros do baixo escalão nazista. Se algum oficial alemão falasse com ele de uma maneira desrespeitosa ou lhe desse uma ordem que ele não aprovava, Rumkowski imediatamente o reportava para Biebow[184]. O *Judenälteste* confiava que a sua relação com o líder alemão era forte e que este o ouviria em suas reclamações, crença baseada na estreita cooperação e comunicação entre eles.

Imagem 21 – Mordechai Chaim Rumkowski conversa com Hans Biebow



Fonte: Photograph 29112 (USHMM)

[184] Um exemplo disso foi a discussão que Rumkowski teve com um sargento de polícia alemão sobre a utilização de algumas carroças do gueto. O sargento queria que algumas carroças fossem emprestadas para que os poloneses que antes viviam no perímetro do gueto pudessem tirar o restante de suas coisas, mas Rumkowski disse que tais carroças eram necessárias para transportar alimentos e retirar o lixo, e que os poloneses deveriam arranjar seu próprio transporte. O alemão chamou o líder judeu de insolente, o que fez Rumkowski reportá-lo ao alto escalão nazista, alegando que não merecia tal insulto, já que cumpria as ordens alemãs corretamente e completamente. Biebow, sabendo do ocorrido, concordou com Rumkowski que oficiais de polícia não deveriam tratá-lo dessa maneira, e elogiou o judeu como alguém que cumpria as ordens com zelo (HORWITZ, 2010, p. 83-84).

Na maior parte das vezes Rumkowski era apoiado por Biebow em suas reclamações contra oficiais alemães. Contudo, Rumkowski não era inatingível e, quando tentava ultrapassar nos limites recebidos por autoridades alemãs, era advertido, como aconteceu em junho de 1942, quando a administração alemã fez uma acusação oficial contra Rumkowski (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxiv).

A relação conturbada do líder judeu com o líder alemão de Łódź teve seu ápice quando o jovem Hans Biebow supostamente teria batido no idoso Rumkowski após este ter sido denunciado à Gestapo por um oficial alemão, que descobriu que o *Judenälteste* não havia retirado da lista de rações alimentares o nome de 3 mil pessoas deportadas em setembro de 1942. Rumkowski dividia essa quantia de alimento sobressalente com Biebow, parceria que denunciou para os agentes da Gestapo quando de sua acusação, o que fez com que o jovem alemão batesse selvagemente no ancião judeu, que ficou várias semanas no hospital. Eventualmente Biebow se desculpou a Rumkowski pela agressão. (FRIEDMAN, 1980, p. 347).

Enquanto isso, entre os seus iguais, o *Judenälteste* se comprazia com bajuladores e pessoas servis a ele, não suportando aqueles que não concordavam com ele (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxvii). Inclusive, teria colocado nas primeiras listas de deportações do gueto, no início de 1942, os nomes dos líderes políticos da resistência e demais opositores de sua política, objetivando consolidar seu poder e sua soberania (ADELSON, 1989, p. xviii). Ele se envaidecia com os elogios que ouvia, com a pompa com que era recebido e com os poemas e músicas dedicados a ele (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxix).

Não obstante, toda essa autoconfiança foi abalada com as deportações de setembro de 1942, quando Rumkowski percebeu que não podia resistir às iniciativas alemãs, que não dependiam dele e nem de sua polícia judaica para realizar a captura dos selecionados para deportação, uma vez que a Gestapo poderia realizar as apreensões no caso de hesitação ou demora por parte dos policiais judeus. A deportação dolorosa de crianças e idosos em setembro de 1942 escandalizou o gueto e tornou o *Judenälteste* mais frágil diante de seus habitantes, o que pode ter contribuído na diminuição da frequência de suas aparições públicas.

Sua posição como líder, até então inquestionável, começou a ser colocada em dúvida, o que fez outros judeus influentes do gueto tentarem aproveitar a fraqueza do *Judenälteste* para subir de posição (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xl). Com a ajuda dos alemães, sobretudo de Biebow, alguns conseguiram tirar parte do poder de

Rumkowski, como David Gertler[185], que conseguiu o apontamento para chefiar Divisão de Suprimentos, uma das mais importantes do gueto, e Aaron Jabukowicz, que recebeu a chefia das fábricas do gueto, outra área fundamental da estrutura do mesmo.

Imagem 22 – Leon Rozenblat, Rumkowski, Jabukowicz e Dora Fuchs (circa 1941-42)

Fonte: Photograph 05634 (USHMM)

Rumkowski saiu vencedor desse duelo pelo poder, pois que conseguiu permanecer na liderança do gueto até a sua liquidação. Alguns sobreviventes e historiadores alegam que a permanência de Rumkowski ocorreu apesar da vontade de Biebow, que teria conspirado contra "O Velho" para colocar Gertler na posição de *Judenälteste.* Se não conseguiu fazer tal substituição, seria porque o próprio Biebow tinha superiores na hierarquia nazista que não confiavam em Gertler[186] e que preferiam Rumkowski, presumivelmente mais manipulável do que o jovem e ambicioso Gertler.

---

[185] David Gertler atuava como um informante da Gestapo desde o início do gueto em maio de 1940, comunicando o que acontecia no gueto aos alemães, especialmente sobre atividades políticas e bens escondidos pelos judeus (UNGER, 2004, p. 50). Aparentemente Gertler contava com o apoio de Biebow para conseguir a liderança da comunidade, recebendo a importante Divisão dos Suprimentos (FRIEDMAN, 1980, p. 347). No início, os habitantes do gueto pareceram apoiar a mudança, uma vez que os novos líderes Gertler e Jabukowicz decretaram algumas mudanças positivas nas condições de trabalho e na quantidade de alimento distribuída nas rações alimentares. Contudo, tais mudanças se mostraram temporárias, e em pouco tempo os habitantes do gueto já estavam desiludidos. David Gertler acabou preso pela Gestapo em 1943 em circunstâncias obscuras e deportado a Auschwitz, de onde conseguiu sobreviver até o final da guerra, quando se mudou para Munique (UNGER, 2004, p. 50).

[186] Testemunhos, como o de Esther Frankl ao Yad Vashem (UNGER, 2004, p. 50), aventam o nome de Otto Bradfisch, chefe da Gestapo em Łódź desde 1942, depois eleito prefeito da cidade, como uma das

2.3. As principais correntes do debate historiográfico sobre o papel de Rumkowski como *Judenälteste*

Após sua morte em Auschwitz e o final da guerra, particularmente depois da discussão sobre o papel dos *Judenräte* iniciada por Hannah Arendt em sua cobertura do julgamento de Eichmann, Rumkowski entrou para o julgamento da história. E, como acontece em qualquer tipo de julgamento, sempre há os defensores e os acusadores. Nesse caso, a intenção era determinar se Rumkowski poderia ser acusado de ser quase um perpetrador por ter selado a morte de muitos judeus por ele escolhidos para deportação; de ser um colaborador que cumpriu cegamente ordens dos nazistas, mesmo sendo estas nocivas ao seu povo; ou inocentado por ser apenas mais uma entre as quase 6 milhões de vítimas do Holocausto.

Em última instância, o que se discutiu era sua escolha de ter cooperado na morte de milhares de judeus de Łódź objetivando salvar alguns; ou seja, se seria justificável esse raciocínio, por conseguinte, escusável sua atitude, ou se raciocínio algum poderia isentar um judeu por ter sido, mesmo que indiretamente, responsável pela morte de seus iguais.

Essas questões são possivelmente as que tornam a figura de Rumkowski a mais polêmica dentre todos os líderes judeus do período nazista (CONROY, 2006), visto que há inúmeras respostas, que divergem entre si. Nesse debate, estão incluídos historiadores, sobreviventes e mesmo aqueles que pereceram nas mãos dos nazistas, mas que tiveram suas opiniões sobre o seu dirigente e as registraram em diários.

Sendo impossível discorrer sobre todas essas opiniões referentes às atitudes e escolhas de Mordechai Chaim Rumkowski, escolhi abordar as duas correntes principais de pensamento sobre a culpabilidade do *Judenälteste* de Łódź pelo quase fenecimento da outrora grande comunidade judaica desta importante cidade industrial; em outras palavras, as posições de defesa e de acusação do tribunal da história.

---

autoridades que não confiava em Gertler e preferia Rumkowski na liderança. Bradfisch foi condenado em 1961 a 10 anos de prisão pela morte de 15 mil judeus quando era líder do *Einsatzgruppen 8,* e em 1963 foi condenado a um total de 13 anos por cumplicidade na morte de 22 mil judeus de Łódź deportados a Chełmno. Bradfisch ficou preso em Munique entre 1958, quando o encontraram com nome falso, e 1965, quando foi solto após cumprir apenas 7 anos do total de 13 anos de condenação pela participação em 37 mil mortes na União Soviética e em Łódź devido a dores cervicais. Otto Bradfisch morreu em 1994, aos 91 anos, na Alemanha natal. Jornais da época noticiaram o seu julgamento, como nas reportagens do *Jewish Telegraphic Agency* (1963) e *Der Spiegel* (1964).

A corrente acusatória busca responsabilizar Rumkowski por todas as mortes pelas quais teria exercido alguma função, seja selecionando nomes para listas de deportação ou imputando uma morte lenta e sofrida aos milhares de judeus forçados a trabalhar numa longa jornada de trabalho, sem oferecer alimento necessário para que os trabalhadores pudessem cumprir sua tarefa com condições mínimas de se sustentar. Os historiadores e sobreviventes que endossam essa opinião argumentam que Rumkowski poderia ter se negado a colaborar com os alemães, não fornecendo nomes para a deportação ou através do suicídio, como fez Czerniaków.

A corrente que tenta inocentá-lo alega que Rumkowski não poderia saber à época que todo o gueto seria liquidado e que, por mais úteis que os judeus quisessem se mostrar aos alemães através de seu trabalho, eles não eram considerados imprescindíveis aos olhos dos nazistas. E, outrossim, que até ele próprio seria levado pelas autoridades nazistas para a sua morte, pois que a fúria antissemita era mais importante que qualquer produtividade por parte dos judeus para o esforço de guerra alemão; sobretudo quando era iminente a derrota alemã na guerra, como já era no verão de 1944, ano em que o gueto de Łódź foi liquidado.

De uma forma genérica, é possível colocar os historiadores contemporâneos na segunda corrente, que argumentam que o *Judenälteste* não tinha o conhecimento que hoje temos do Holocausto, como meros ouvintes do que se passou há mais de 70 anos atrás. Vivendo um dia de cada vez, como era comum nos tempos incertos da guerra, Rumkowski não poderia ter sabido que os alemães resistiriam por mais de cinco anos às ofensivas dos Aliados e que, portanto, teriam tempo de liquidar o gueto antes da sua libertação por tropas do Exército Vermelho.

Rumkowski fez uma aposta, acreditando que o trabalho dos judeus mostraria a sua utilidade aos nazistas e que, portanto, garantiria sua sobrevivência. A partir de uma perspectiva do tipo darwiniano, ele sabia que não poderia salvar a todos, mas acreditava que pelo menos os mais aptos, no caso os mais saudáveis e produtivos, seriam preservados. Contudo, é importante destacar que essa é uma generalização, conforme foi exposto, uma vez que não há consenso nas opiniões dos historiadores sobre Rumkowski.

Enquanto isso, em outra generalização, é possível colocar a maioria dos sobreviventes do gueto na primeira corrente, uma vez que muitos deles sentiram e

ainda sentem um “ódio feroz” ao antigo líder, como enfatiza Michael Unger[187] em seu trabalho historiográfico sobre a personalidade e opiniões sobre o *Judenälteste* de Łódź. A sobrevivente Lucille Eichengreen, por exemplo, admite não ter piedade e nem compaixão pela morte de Rumkowski em Auschwitz[188], pois que, para ela, o *Judenälteste* teria sido não apenas um instrumento nas mãos dos nazistas, como ainda teria “refinado e implementado” as medidas deles (EICHENGREEN, 2000, p. 96).

Essa visão negativa de Rumkowski criada após o final da guerra pelos sobreviventes é ressaltada por um dos próprios sobreviventes, Abraham Cykiert, quando afirma que a imagem de culpado atribuída a Rumkowski e as controvérsias a seu respeito foram criadas pelo mecanismo de defesa dos sobreviventes do gueto, para aliviar seus próprios sentimentos inconscientes de culpa (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 132).

Outro sobrevivente que escreveu suas memórias décadas depois de sair do gueto de Łódź foi Arnold Mostowicz[189]. Em seu livro, ele relata cenas cotidianas do gueto onde viveu por mais de quatro anos, e um assunto que não poderia ter deixado de fora ao discorrer sobre fatos corriqueiros do gueto era sobre o *Judenälteste*, que sempre foi um dos tópicos de conversa mais populares no gueto. De fato, Mostowicz dedica um capítulo inteiro a Rumkowski, cujo título traduzido ao português seria “Era uma vez um Rei...”[190], apelido recorrente do líder judeu no gueto, devido ao seu comportamento altivo e por andar em uma carruagem nas ruas do gueto.

Não obstante, Mostowicz diverge de Eichengreen em sua conclusão feita igualmente no pós-guerra sobre as atitudes do líder judeu, possivelmente por ter conseguido deixar as marcas do sobrevivente um pouco de lado e se colocar na

---

[187] Michael Unger é um importante pesquisador do gueto de Łódź, escreveu um livro em que busca reavaliar a imagem de Rumkowski. UNGER, Michael. **Reassessment of the Image of Mordechai Chaim Rumkowski**. Jerusalem: Yad Vashem, 2004, p. 7-8

[188] Por ter cooperado na deportação dos doentes, idosos e crianças, Eichengreen não lamenta a morte do líder do gueto onde viveu por quase 3 anos, e de quem afirma ter sofrido abuso sexual. Ela escreveu suas memórias quatro décadas depois dos eventos descritos, mas justifica que tudo que viveu no gueto deixou nela fortes marcas e grandes ressentimentos, principalmente por Rumkowski, a quem não conseguiu perdoar nem mesmo décadas depois, em sua velhice tranquila nos Estados Unidos.

[189] Arnold Mostowicz nasceu em Łódź em 1914 e viveu no gueto durante toda a existência deste, exercendo a profissão de médico. Depois da guerra, viveu em Varsóvia, onde morreu em 2002.

[190] “*There Once was a King...”.* MOSTOWICZ, Arnold. **With a Yellow Star and a Red Cross**: a Doctor in the Łódź Ghetto. Middlesex: Vallentine Mitchell, 2005, cap. 8, p.111-126

posição mais neutra de um escritor, profissão que abraçou após o fim da guerra, conseguindo sobreviver para ver as consequências futuras das ações de Rumkowski.

Assim, Mostowicz começa o capítulo mencionado comentando sobre o lançamento, da publicação em língua inglesa da Crônica do Gueto, escrita por membros do Arquivo do gueto de Łódź. O lançamento foi feito na década de 1980, enquanto ele escrevia suas memórias do gueto. Mostowicz escreve que, se pudesse participar do processo editorial dessa obra, iria sugerir que na capa fossem retratados dois heróis do gueto: Mordechai Chaim Rumkowski e ele mesmo, a quem se refere na terceira pessoa, pelo fato de sido um dos poucos sobreviventes do grande massacre da comunidade judaica de Łódź.

Ao se questionar sobre o relacionamento entre esses dois “heróis”, ele se pergunta qual a posição que tomaria, como sobrevivente, em relação ao *Judenälteste*, que não sobreviveu para ser julgado pelas suas ações e poder justificá-las. Mostowicz se questiona se ficaria na posição de vítima, de acusador, de testemunha ou em uma mistura de todas elas; uma vez que era, concomitantemente, vítima e testemunha dos eventos ocorridos no gueto, podendo ainda se colocar na posição de acusador, tão comum entre sobreviventes do gueto como Lucille Eichengreen. Contudo, antes de se colocar em tal posição, ele examina os fatos para ver se a acusação seria de fato uma conduta válida de sua parte.

Primeiramente, infere que os que acusam Rumkowski de ter cometido crimes contra os judeus o fazem porque teria consentido e assinado a sentença de morte para milhares de judeus de Łódź e que, por esta razão, muitos chegam a igualar o líder judeu aos nazistas em sua parcela de culpa por essas mortes (MOSTOWICZ, 2005, p. 113). Ademais, Rumkowski não somente seria comparado aos odiosos nazistas, como ainda era comparado com o “aluno modelo” que seria Adam Czerniaków, elogiado por muitos por ter preferido se suicidar a entregar listas de deportados aos alemães.

Através desta comparação tão corriqueira, seria natural que Rumkowski tenha recebido a fama de “mau aluno” ou de mau líder. Mostowicz não nega a veracidade de algumas acusações feitas ao *Judenälteste* de Łódź, admitindo que Rumkowski não teria sido modelo de comportamento como líder e que teria agido como um pai austero que se utiliza de chutes e tapas para exercer seu poder a fim de disciplinar seus inferiores.

Arnold Mostowicz (2005, p. 120) presume que Rumkowski sabia que era odiado por muitos, mas que acreditava que, assim como um filho um dia compreende a necessidade da rigidez paterna, os habitantes do gueto acabariam por compreender suas atitudes e seriam gratos a ele. Sua expectativa não se concretizou, visto que a maioria dos sobreviventes o retiveram na memória como uma figura detestável e como a própria personificação do mal, sendo retratado por estes não raro unicamente em tons negros, quando, segundo o autor, a realidade seria muito mais complexa (MOSTOWICZ, 2005, p. 121).

A questão levantada por Mostowicz, contudo, é qual conduta seria considerada a mais adequada por parte do *Judenälteste,* sobretudo levando em consideração os empecilhos que haviam em Łódź para o estabelecimento de um movimento de resistência, tais como o isolamento do gueto, a falta de armas ou os meios de consegui-las.

Arnold Mostowicz então dirige-se ao que chama de “honorável Corte da história” que intenciona julgar pessoas e seus atos, ressaltando que, em um mundo que não reagiu ao extermínio dos judeus, havia uma única possibilidade de escapar aos nazistas, a saber, a derrota dos alemães pelos Aliados antes que pudessem terminar o genocídio que já estava em pleno curso. O autor diz que a possibilidade de isso acontecer seria equivalente a um milagre que, de fato, não se concretizou.

Além do mais, se utilizando da comparação recorrente que contrapõe os atos dos pares Czerniaków e Rumkowski, Mostowicz (2005, p. 123) ressalta que o primeiro, frequentemente inocentado na corte da história, nada teria feito para contribuir na concretização desse milagre, enquanto que o segundo, amiúde considerado culpado pelos mesmos acusadores, teria feito o que acreditava válido a fim de tornar esse milagre possível.

A maneira pela qual Rumkowski teria almejado contribuir para tal milagre seria a sua aposta no trabalho, acreditando que produtividade dos judeus de Łódź poderia garantir sua sobrevivência por mais tempo, até que os alemães fossem derrotados e os habitantes do gueto libertos. Mostowicz frisa que essa não era uma aposta tão infundada aparenta, uma vez que o gueto de Łódź foi o mais longevo da era nazista e que, caso o Exército Vermelho não tivesse detido temporariamente sua ofensiva em

agosto de 1944 diante do rio Vístula,[191] o gueto poderia ter sido libertado quando ainda contava com quase 70 mil habitantes (MOSTOWICZ, 2004, p. 124)[192].

Outro sobrevivente que compartilha da visão positiva de Mostowicz sobre Rumkowski e que acredita que o *Judenälteste* teria se tornado o maior herói judeu se ao menos o Exército Vermelho tivesse acelerado sua marcha pela Polônia é Abraham Cykiert. No artigo que escreveu sobre a singularidade do gueto de Łódź[193], atribuída por Cykiert à Rumkowski, o sobrevivente defende que o líder não recebeu o merecido reconhecimento por seus heroicos quatro anos à frente da liderança do gueto e que suas ações não foram controversas, dada a situação alterada do gueto. Dentro dessa situação e da moral da época, o comportamento de Rumkowski foi completamente racional e que qualquer um que tivesse a mesma oportunidade que ele na ocasião teria agido da mesma maneira (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 132).

Cykiert atribui a sua sobrevivência e a de outros sobreviventes do gueto de Łódź a um único ato feito por Rumkowski, sobre o qual recai a singularidade deste gueto, único a continuar existindo em 1944 e contando então com um terço da população original quando do isolamento do gueto, impressionantes 68 mil habitantes, em um momento no qual praticamente todas as comunidades judaicas da Polônia haviam sido dizimadas (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, pp. 129-130). Esse ato isolado, que fez com que se tornasse o gueto mais longevo, foi a decisão de Rumkowski em abril de 1940 de oferecer o trabalho de milhares de judeus de Łódź para o esforço de guerra alemão, transformando o gueto, que estava em vias de ser isolado do restante da cidade, em um gueto de trabalho. Foi graças a essa atitude de Rumkowski que o queto de Łódź fosse o mais importante dentre seus pares,

---

[191] O rio Vístula é o mais longo da Polônia e atravessa a capital Varsóvia. Em 1º de agosto de 1944, com a aproximação do Exército Vermelho da capital, teve início o Levante de Varsóvia, no qual a resistência polonesa, esperando contar com o apoio das tropas russas, se insurgiu contra os dominadores alemães. No entanto, o Exército Vermelho se deteve, levando à rendição dos poloneses após dois meses de resistência contra os vitoriosos alemães. Varsóvia foi destruída, e a retomada da ofensiva soviética no Vístula só ocorreu em janeiro de 1945, sendo que a capital devastada foi libertada pelos russos em 17 de janeiro e Łódź foi libertada dois dias depois, em 19 de janeiro de 1945, cinco meses depois da liquidação do gueto.

[192] Essa possibilidade de sucesso também é aventada pelo historiador Isaiah Trunk (1996, p. 413) que salienta esses poderiam ter sido salvos caso que a guerra tivesse acabado antes de 1945, o que não era uma possibilidade absurda devido ao enfraquecimento da Alemanha nesse ponto da guerra.

[193] CYKIERT, Abraham, “The Uniqueness of the Lodz Ghetto and Rumkowski”. In: SAMUSIA, Pawła; PUSIA, Wiesława. **Fenomen getta łodzkiego.** Łódź: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego, 2006, pp. 129-134

recebendo a visita de Himmler e sendo objeto de discussão nos altos escalões nazistas pela renda e produtos que proporcionava aos alemães.

Abraham Cykiert acredita que Rumkowski deva ser julgado por essa atitude, que poderia ter feito com que o gueto durasse até a libertação pelas tropas russas que, se não tivssse estancado sua marcha no Vístula, teria tornado Rumkowski no “maior herói da época do Holocausto” e que a sobrevivência de 68 mil judeus teria eclipsado o levante do gueto de Varsóvia como o maior feito dos judeus. Por um azar do destino, segundo Cykiert (In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 132), com essa tática soviética Rumkowski teria deixado injustamente de receber seu merecido lugar de destaque na história e entrado nela como um vilão.

Arnold Mostowicz lembra que mesmo que a aposta de Rumkowski fosse acertada e lhe fosse atribuída a salvação da maior comunidade judaica da Europa ocupada, ainda assim ele não seria considerado um herói, já que poderia ser responsabilizado pela morte de outros 100 mil judeus de Łódź que pereceram no gueto ou que foram por ele selecionados para deportação e, consequentemente, para suas mortes (MOSTOWICZ, 2004, p. 125).

Contudo, o historiador Israel Gutman (In: TRUNK, 2008, p. xli) salienta que essa hipótese de que o gueto de Łódź poderia ter sido preservado de seu extermínio caso o Exército Vermelho tivesse seguido seu avanço no Vístula é inaceitável. Primeiramente, argumenta, porque é um terreno perigoso para um historiador trabalhar com suposições do que poderia ter acontecido, e segundo porque, para o autor, seria possível aos alemães o massacre de aproximadamente 70 mil habitantes de Łódź em curto período de tempo, como chegaram a fazer em algumas ocasiões como no caso dos judeus húngaros.

Mesmo que tal aposta não tenha sido bem-sucedida, Arnold Mostowicz evidencia que ainda assim essa tática de Rumkowski tornou possível a sobrevivência de quase dez mil judeus de Łódź transportados a Auschwitz tardiamente no verão de 1944, aos quais a máquina da morte nazista não teve tempo de processar, pois o campo já estava sendo cercado pelos Aliados (MOSTOWICZ, 2005, p. 125). Outros autores falam em um número menor de sobreviventes, entre 5 e 7 mil, o que ainda assim representa o maior grupo de sobreviventes dentre os guetos poloneses (CONROY, 2006).

Enquanto isso, o gueto de Varsóvia foi liquidado um ano e meio antes de Łódź, tendo sobrevivido poucos judeus que, em sua maioria, estavam escondidos no lado

ariano da cidade. Assim sendo, Arnold Mostowicz defende que esses milhares de sobreviventes do gueto de Łódź, que teriam sido poupados devido à aposta de Rumkowski na salvação pelo trabalho, poderiam servir como um “crédito póstumo” ao *Judenälteste*, mérito que não recebeu da severa corte da história. Portanto, enquanto o suicídio aparentemente louvável de Czerniaków em nada teria contribuío para salvar os judeus de Varsóvia, a tática de “sacrifício dos elementos ‘improdutivos’ do gueto” utilizada por Rumkowski resultou em um número maior de sobreviventes, mesmo que com um custo terrível (CONROY, 2006).

A argumentação de Arnold Mostowicz e de Abraham Cykiert deixa claro que há exceções nas duas correntes principais de pensamento, pois que nem todos os sobreviventes condenam Rumkowski sem remissão. O mesmo acontece em relação a outra corrente, a que busca inocentar ou justificar as atitudes do líder judeu, na qual não podemos inserir todos os historiadores, uma vez que muitos não o isentam de sua responsabilidade na morte de seus concidadãos. Um exemplo claro dessa exceção é o historiador Philip Friedman[194], que adota uma postura bastante crítica no capítulo dedicado ao *Judenälteste* de Łódź em seu livro[195] em que analisa as atitudes de alguns líderes de guetos do período nazista.

Friedman (1980, p. 333) inicia seu exame abordando a autoimagem de Rumkowski como messias e salvador do seu povo, a partir da qual faz uma distinção entre os falsos messias de Israel e os falsos messias do Holocausto. A diferença entre esses dois tipos de falsos messias seria que, enquanto os primeiros trariam alguma mensagem de esperança aos judeus, os segundos não podiam sequer receber o título de “falsos messias”, uma vez que não traziam mensagem positiva alguma. Ao contrário, eram ditadores que, na melhor das hipóteses, poderiam ser chamados de “falsos salvadores” pelo papel que impuseram a si mesmos de responsáveis pela salvação de suas comunidades, em uma megalomania que teria sido inspirada pelas ideias de messianismo oriundas do próprio Nazismo.

---

[194] Philip Friedman nasceu em uma família judaica de Lwów, Polônia, em 1901. Historiador, viveu Łódź antes da Segunda Guerra, lecionando em uma escola hebraica. Durante a guerra, viveu escondido na parte ariana da sua cidade natal, Lwów. Após a guerra, retornou à Łódź, onde lecionou na Universidade de Łódź, até decidir deixar a Polônia e emigrar para os Estados Unidos em 1948, onde morreu em 1960.

[195] FRIEDMAN, Philip. **Roads to Extinction**: Essays on the Holocaust. New York: Conference on Jewish Social Studies, 1980

Em seguida, o historiador polonês (FRIEDMAN, 1980, p. 334) traz uma argumentação extremamente interessante ao afirmar que esse tipo de líder judeu que se colocava na posição de salvador do seu povo exercia o seu poder com o mesmo estilo coercitivo dos nazistas e que, apesar de serem odiados ou temidos por muitos dos habitantes do gueto, se aproveitavam dos sentimentos messiânicos que existiam em alguns, sobretudo os mais crentes, que ainda aguardavam a vinda do Messias naquele momento difícil, para exercer seu poder.

Contudo, Friedman salienta que não havia um movimento messiânico propriamente dito, mas sim uma apropriação, por parte de alguns líderes judeus, do *Führerprinzip*[196]*.* Tal apropriação teria sido estimulada pelos próprios nazistas que objetivavam tornar os judeus partícipes em sua própria destruição, evidenciando a autoridade dos líderes judeus perante seus subordinados, a fim de serem responsabilizados pelo sofrimento destes.

O sociólogo Zygmunt Bauman compartilha da mesma opinião, afirmando que a intenção de responsabilizar os judeus pela destruição de seu próprio povo já seria perceptível desde 1939, quando da ordem de Reinhard Heydrich de estabelecer os conselhos judaicos[197], aos quais seriam atribuídas tarefas importantes nos guetos que seriam estabelecidos pelos alemães. Concedendo autoridade aparentemente ilimitada aos líderes judeus sobre suas comunidades, os nazistas tornavam o poder destes “mais visível e convincente” (BAUMAN, 1998, p. 146) aos olhos de seus dirigidos.

A perversa lógica nazista teria alterado a “rotina do genocídio” (BAUMAN, 1998, p. 144), o qual ordinariamente se inicia com a destruição da liderança do povo marcado, tirando sua coesão e potencial defensivo. Bauman afirma que o genocídio perpetrado pelos nazistas inverteu essa lógica, uma vez que a destruição do povo judeu ocorreu não pela destruição da liderança local, mas justamente “pelo reforço da estrutura comunitária e o papel integrador desempenhado pelas elites nativas” (1998, p. 147).

---

[196] *Führerprinzip* é um termo alemão que permite muitas traduções como “princípio de liderança” ou “princípio de autoridade” e se baseava na existência de uma hierarquia de poderes, com um líder maior, o *Führer*, que exerceria total poder sob os demais. O Nazismo, com sua estrutura ditatorial, difundiu esse conceito.

[197] A ordem de Heydrich foi transmitida em 21 de setembro de 1939 através de um despacho rápido (*Schnellbrief*) para todas as autoridades alemãs das cidades polonesas recém-conquistadas a fim de que estabelecessem anciões e conselhos judaicos, preferencialmente compostos por autoridades das comunidades judaicas do pré-guerra (BAUMAN, 1998, p. 146).

Não obstante, a postura dos líderes judeus escolhidos pelos nazistas teria variado de forma considerável, destaca Bauman (1998, p. 142) que, mais uma vez, compartilha sua opinião com Philip Friedman (1980, p. 334). Apesar de manter um tom condenatório ao longo do capítulo, previamente mencionado, no qual focaliza o papel de Rumkowski como *Judenälteste,* Friedman não ignora a dificuldade que se apresenta ao analisarmos a conduta dos líderes judeus durante o Holocausto.

À vista disso, o historiador enfatiza que, embora alguns líderes judeus se compraziam no poder, ainda assim não podem ser considerados tiranos ou traidores, pois que a situação em que estavam era um fenômeno inédito e particularmente dramático na já triste história do povo judeu. Essa tragédia dos pseudo-salvadores como Rumkowski, enfatiza o autor (FRIEDMAN, 1980, p. 334), estaria envolta em um "profundo complexo de contradições internas e externas" e que, portanto, se faz necessário muito tempo e estudo para fazer uma apreciação das atitudes desses líderes de forma completa e precisa, se é que isso seria algo possível de ser feito.

Afinal, como lembra Gordon Horwitz, no artigo no qual analisa Rumkowski e sua importância nos estudos sobre o gueto de Łódź [198], os habitantes do gueto testemunhavam eventos sem precedentes, chocantes e estressantes, que forçavam os líderes e os moradores do gueto a confrontar coisas inimagináveis (HORWITZ, In: GODA, 2017, p. 58). Diante de uma tragédia inédita, não se pode saber *a priori* qual seria a conduta adequada, sobretudo por não se saber quais seriam os resultados e nem qual seria o desfecho da guerra.

Michael Unger, um dos mais importantes pesquisadores do gueto de Łódź, escreveu um livro no qual busca reavaliar a imagem de Rumkowski[199]. Nesta obra, Unger menciona alguns historiadores como Philip Friedman em sua supracitada obra, da qual faz uma leitura de Friedman como um historiador que "critica feroz e asperamente Rumkowski" ao incluí-lo, juntamente com Merin e Gens, no que chama de "categoria dúbia de 'falso messias'" (UNGER, 2004, p. 8).

A leitura que fiz do capítulo de Friedman me fez chegar a uma conclusão que diverge da de Unger, uma vez que não considero o historiador polonês tão crítico do

---

[198] HORWITZ, Gordon J. "An Overwhelming Presence: Reflections on Mordechai Chaim Rumkowski and His Place in Our Understanding of the Łódź Ghetto". In: GODA, Norman J.W. **Jewish Stories of the Holocaust**: New Transitional Approaches. New York: Berghahn Books, 2017, pp. 55-72

[199] UNGER, Michal. **Reassessment of the Image of Mordechai Chaim Rumkowski**. Jerusalem: Yad Vashem, 2004

Judenälteste. Entendo que Philip Friedman, apesar de ressaltar a megalomania e a eterna busca por poder por parte do líder judeu, que orgulhosamente desfilava pelas ruas paupérrimas do gueto com sua carruagem igualmente miserável[200], não deixa de apresentar as dificuldades e limitações por ele enfrentadas em sua tentativa de salvar os judeus sob sua proteção.

Um exemplo desta postura de Friedman é quando defende que Rumkowski não compreendia que o destino dos judeus já estava selado pelos nazistas, acreditando que ele poderia trazer a salvação para o seu povo (1980, p. 343), uma análise que mostra certa ingenuidade por parte do ancião judeu em sua crença de que poderia fazer a diferença no destino de seu povo, salvando ao menos parte dele.

Imagem 23 – Rumkowski passeia pelas ruas do gueto em sua carruagem

Fonte: Photograph 65707 (USHMM)

Friedman ainda destaca a “terrível pressão” que Rumkowski sofria dos alemães para entregar listas de deportações e que teria hesitado quando solicitado, no final de 1941, para dar início às deportações que ocorreram no início do ano seguinte, preferindo se consultar com rabinos do gueto para saber o que dizia a Torá sobre uma participação sua em tal ação (FRIEDMAN, 1980, p. 345-346). O autor afirma ainda

[200] Assim como Friedman, muitos autores ressaltam a carruagem na qual andava o *Judenälteste* de Łódź como um exemplo de sua megalomania e de sua autoimagem de rei dos judeus. Primo Levi ressalta a ironia de um rei em um gueto: “(Rumkowski) Tinha uma carroça puxada por um pangaré esquelético, e nela percorria as ruas apinhadas de mendigos e pedintes de seu minúsculo reino” (LEVI, 2005, p. 396).

que o amor de Rumkowski pelas crianças era genuíno e que seu discurso pedindo à população do gueto para que entregassem seus filhos para a deportação em setembro de 1942 foi “de partir o coração, mesmo para aquele teimoso homem velho”, que não conseguiu sair de casa durante os dias da ação (FRIEDMAN, 1980, p. 346-347), imobilizado que estaria pelos eventos.

O sobrevivente Abraham Cykiert que trabalhou como mensageiro da secretária de Rumkowski, Dona Fuchs, entre maio de 1942 e agosto de 1944, afirma que, apesar de ver Rumkowski poucas vezes e nunca ter falado diretamente com ele, sabia que ele vivia nervoso e sob a pressão de obedecer a Hans Biebow, que constantemente lhe abusava. Tamanha era a pressão que Rumkowski sofria que pensou em se suicidar quando ficou sabendo da deportação de crianças em setembro de 1942, sendo impedido pelos seus colegas, que alegaram que se ele morresse todo o gueto seria liquidado (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 133). Para Cykiert, a visão que tinha quando um jovem de 16 anos do poderoso líder judeu era a seguinte:

> Eu vejo seu comportamento pessoal como uma combinação super-humana de primitividade, falta de educação, ambição, atuação teatral e desamparo; vivendo à beira do desespero. Ele era literalmente um judeu solitário que carregava a responsabilidade pela sobrevivência do gueto por mais de 4 anos. (CYKIERT, In: SAMUSIA; PUSIA, 2006, p. 133, tradução minha)

O historiador Philip Friedman é da opinião, conforme mencionado anteriormente, que Rumkowski e os demais pseudo-salvadores, não podem ser considerados tiranos ou traidores, uma vez que, vivenciando uma situação inédita que propiciava contradições tanto internas quanto externas, não podiam escapar à tragédia, que era a sua própria tragédia como pseudo-salvadores. Seu poder de salvar as suas comunidades não era real, era um pseudo-poder, que os transformava somente em pseudo-salvadores.

Portanto, pelas justificativas e atenuantes que Philip Friedman dá ao pseudo-salvador Mordechai Chaim Rumkowski, chego a uma opinião que diverge da leitura que Unger faz do mesmo autor. Isso porque, segundo meu entendimento, Unger dá a impressão que Friedman faz uma crítica a Rumkowski em tons negros, sendo que, na realidade, sua argumentação é muito mais complexa, assim como é a própria figura do *Judenälteste,* como aponta o autor ao longo do capítulo. Outro ponto no qual discordo de Unger é quando ele afirma que Friedman coloca Rumkowski em uma “categoria dúbia de ‘falso messias’” (UNGER, 2004, p. 8), pois que, como citei anteriormente, Friedman começa o capítulo em questão diferenciando o falso messias

do pseudo-salvador como Rumkowski, sendo que em nenhum momento o chama de messias, apesar de admitir que em algumas ocasiões o próprio ancião se sentisse como tal, no papel missionário que se deu de salvar os judeus de Łódź.

Michael Unger também prefaciou o livro do arquivista do gueto Josef Zelkowicz[201] que, em seus registros pessoais, não podia se abster de falar sobre o onipresente *Judenälteste*, a quem chama de uma "trágica figura". Unger retoma essa ideia de tragicidade em seu livro autoral sobre Rumkowski, concordando que Rumkowski era trágico e polêmico ao mesmo tempo, possuindo uma personalidade complexa que explica a dificuldade em definí-lo e classifica-lo como culpado ou inocente. Em uma frase inspirada, Unger resume toda a problemática ao redor de Rumkowski que, em última instância, reside em sua personalidade múltipla e controversa:

> O resultado é um complexo e delicado quadro de uma trágica e contraditória personalidade, um homem cuja natureza e comportamento frequentemente levou à repugnância e uma profunda rejeição, mas que também demonstrou coragem, devoção, e uma firmeza de propósito. (UNGER, 2004, p. 11, tradução minha)

Unger chega à conclusão de que há muitos tons de cinza, o que significa que Mordechai Chaim Rumkowski não poderia ser classificado como um criminoso cruel, como muitos o viram e até hoje o veem, e tampouco como um salvador, um messias do povo judeu, como queria se mostrar à época.

Sua intenção nesta obra que faz um revisionismo da figura de Rumkowski parece ser a de mostrar a complexidade do *Judenälteste,* complexidade esta inerente não apenas à sua personalidade ambígua, mas igualmente ao momento em que vivia e à posição que ocupava, como um rei que, na realidade, era apenas um marionete dos alemães, vivendo uma situação inédita de brutalidade em um mundo em guerra, com países absortos em seu nacionalismo e que desprezavam a tragédia do povo judeu. Se Unger consegue ser exitoso de maneira geral em seu objetivo, sou da opinião de que o historiador desliza em alguns pontos de sua argumentação, nos quais peca por cair no mesmo espírito de simplificação que tanto condena em sua obra, como na análise parcial que faz de Friedman, conforme destaquei em parágrafos anteriores.

Um sobrevivente que compreendeu essas nuances de cinza e que foi o maior defensor desse tipo de argumentação não-simplista foi Primo Levi que, apesar de não ter vivido no gueto de Łódź, viveu por longo tempo em Auschwitz, onde refletiu muito sobre os judeus que colaboravam, de alguma forma, no extermínio ou no sofrimento

---

[201] ZELKOWICZ, Josef. **In those terrible days**: notes from the Łódź Ghetto. Jerusalem: Yad Vashem, 2002

do povo judeu, seja atuando como *Kapos* em campos ou como *Judenälteste* em guetos. Em uma obra escrita após o final da guerra[202], Levi aprofunda sua reflexão sobre o que chama de a “memória da ofensa”, como chama a maneira pela qual a posteridade viu os acontecimentos ocorridos na Shoá, o que Arnold Mostowicz chamou de “tribunal da história”.

Primo Levi alerta para o fato de que uma tendência humana muito comum é o que chama de “bipartição amigo-inimigo” (LEVI, 2004, p. 31), que evita os meios-tons e a complexidade, polarizando as personagens da história em “nós e eles”, bons e maus, derrotados e vencedores, preto e branco. Essa divisão, explica Levi, é oriunda de um desejo humano de simplificação que, apesar de compreensível, não pode ser utilizado para representar de maneira fiel uma realidade sobremaneira complexa.

No caso do Nazismo, Levi argumenta que tal simplificação seria ainda mais grave, pois que este tinha como um de seus objetivos degradar suas vítimas, desumanizando-as, sobretudo se fossem “disponíveis, ingênuas, carentes de uma estrutura política ou moral”. Por esse motivo, o escritor e químico italiano (2004, p. 34) enfatiza que existe uma “zona cinzenta” entre a consagrada dualidade do preto-branco, bom-mau, opressor-vítima, afirmando que o espaço entre esses extremos não é vazio, mas, contrariamente, estaria preenchido por “figuras torpes ou patéticas”, que não seriam necessariamente boas ou ruins.

O surgimento dessa zona intermediária, segundo o sobrevivente de Auschwitz (LEVI, 2004, p. 36), seria facilitado pelo próprio Nacional-Socialismo alemão, que precisa de auxiliares externos, seja através de líderes como os da França de Vichy e os judeus dos *Judenräte*, seja de colaboradores individuais como os mercenários ucranianos e os *Sonderkommandos* dos campos de extermínio.

Primo Levi discorre sobre a questão levantada polêmica levantada por alguns historiadores de que o Nazismo teria transformado algumas das vítimas em colaboradores, sobre a qual se posiciona de forma contrária. Novamente Levi rejeita esse tipo de simplificação e destaca que a disponibilidade de colaborar com os opressores igualmente seria matizada em diversos tons e motivada por fatores diversos. O autor enuncia alguns desses fatores no parágrafo destacado abaixo:

> Também essa disponibilidade (de colaboração) é matizada por nuanças e diferenciações infinitas: terror, engodo ideológico, imitação barata do vencedor, ânsia míope por um poder qualquer, mesmo que ridiculamente circunscrito no espaço e no tempo, covardia, e até lúcido

[202] LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. São Paulo: Paz e Terra, 2004

> cálculo dirigido para escapar das regras e da ordem imposta. (LEVI, 2004, p. 37)

Pelos motivos enumerados, Levi conclui que não se pode culpabilizar esses judeus da zona cinzenta, pois que a culpa maior residiria no sistema que os transformou em colaboradores, sendo cabível o julgamento destes unicamente por aqueles que tivessem vivido situações análogas e que tivessem experimentado o que significa agir em circunstâncias forçadas.

Melvyn Conroy (2006, s.p.) vai ao encontro do argumento de Levi quando, na introdução de sua obra, defende que somente se "estivemos no tipo de posição que ocuparam e enfrentamos a realidade das escolhas que tiveram que fazer, podemos reivindicar o direito de pronunciar um veredicto" (2006, n.p.).

Dentro desse debate sobre a culpabilidade de alguns judeus, Primo Levi evidencia a figura de Rumkowski, que não conheceu pessoalmente, mas cuja fama de líder colaborador dos nazistas no extermínio do próprio povo seguramente conhecia[203]. Uma vez que conheceu mais a fundo a história de Łódź e de seu gueto, Primo Levi (2004, p. 54) compreendeu que a difamada imagem de Rumkowski era um bom exemplo de um judeu que podia ser colocado na zona cinzenta, por ser muito mais complexo do que até então teria sido retratado.

Apesar de prezar a isenção na acusação dos que estavam na "zona cinzenta", Primo Levi não consegue fugir a um certo julgamento do *Judenälteste*, sugerindo que, caso tivesse sobrevivido à liquidação do seu gueto, Rumkowski não teria sido absolvido por nenhum tribunal que analisasse as suas ações e que nem mesmo seria possível inocentá-lo no plano moral pelos atos que cometeu (LEVI, 2004, p. 57).

Não obstante, Levi ressalta que haveriam atenuantes para o comportamento de Rumkowski, tanto externas, como a de viver dentro do sistema infernal criado pelo Nacional-Socialismo, quanto internas, pois que o líder judeu não teria a força e nem a envergadura moral necessária para fugir da distorção nazista que transformava vítimas em colaboradores. Ademais, o escritor italiano afirma que a falta dessas qualidades não seria uma particularidade de Rumkowski, mas que seria comum na maioria dos homens, o que o leva a questionar, de forma provocativa, se haveria

---

[203] Mesmo não conhecendo pessoalmente o *Judenälteste* de Łódź e nunca ter conhecido a cidade, Levi teve um contato com esse gueto e com o seu líder quando ainda estava confinado em Auschwitz, ao encontrar uma moeda do gueto inscrita com os dizeres "*Der Älteste der Juden in Litzmannstadt*". Depois de libertado do campo, Primo Levi esqueceu da moeda e sua história, só a lembrando disso quase vinte anos depois, durante a década de 70, quando buscou saber mais sobre esse gueto. Levi escreveu um conto sobre essa história da moeda, que em português está em uma coletânea de contos editada pela Companhia das Letras (LEVI, 2005, pp. 394-400).

homem algum com envergadura moral suficientemente forte para resistir às armadilhas do sistema nazista e que se comportasse de maneira moralmente adequada perante a necessidade material e a sedução do poder (LEVI, 2004, p. 58).

Primo Levi, nessa altura de sua argumentação, nivela Rumkowski a homens como Adolf Eichmann, apesar de não nomeado na discussão, mas que representaria a banalidade do mal de um sistema que transformava consciências medianas em colaboradores, em um parágrafo de forte impacto:

> A história de Rumkowski é a história desagradável e inquietante dos Kapos e dos funcionários do Lager; dos chefes que servem a um regime a cujos crimes se mostram deliberadamente cegos; dos subordinados que assinam tudo, porque uma assinatura custa pouco; de quem balança a cabeça, mas consente; de quem diz: 'se eu não o fizer, um outro pior que eu o fará'. (LEVI, 2004, p. 58)

Isso posto, seria possível colocar, além de Rumkowski, todos os líderes dos *Judenräte* nessa zona cinzenta, presos que estavam entre uma colaboração forçada e sua tarefa de velar pelos seus subordinados. É o que lembra o historiador Israel Gutman[204] quando se refere às críticas no pós-guerra sobre os *Judenräte* e a "caracterização abjetamente negativa" que recebeu, sobretudo pelos sobreviventes em seus diários e memórias, os quais, por sua vez, se tornaram referência para historiadores que deram continuidade a esse criticismo.

Gutman (In: TRUNK, 2008, p. xxxvi) ressalta que uma avaliação equilibrada só pode ser realizada se levar em consideração os registros e documentos feitos pelos próprios líderes dos *Judenräte*, comparando-os com outros líderes judeus e com os líderes não judeus dos países ocupados e dos campos de concentração, uma vez que a colaboração era um pré-requisito básico para a sobrevivência em um regime opressor como o Nazismo.

Em sua descrição sobre Rumkowski, Gutman afirma que não há como negar as contradições que eram inerentes à sua personalidade complexa, com um dinamismo e ambição que possibilitaram sua ascensão ao cargo mais elevado dentre os judeus de Łódź, mas que, ao mesmo tempo, deixava uma impressão repugnante e revoltante devido ao seu comportamento grotesco e sua "arrogância de escravo de ontem recém-empoderado" (GUTMAN, In: TRUNK, 2008, p. xxxviii-xxxix). Essa arrogância era comum entre outros líderes judeus como Jacob Gens em no gueto de Vilna e

---

[204] Israel Gutman foi um historiador sobrevivente do gueto de Varsóvia e escreveu a introdução *"The Distinctiveness of the Łódź Ghetto*" do livro de TRUNK, Isaiah. **Łódź Ghetto**: a history. Indiana: Indiana University Press, 2008, p. xxiv-lvii

Efraim Barasz em Białystok, conhecidos por transformarem seus guetos em campos de trabalho por acreditar, como Rumkowski, que a produtividade traria a salvação, atribuindo para si próprios todas as “conquistas” dos judeus em seus guetos.

Michael Unger (2010, p. 52) concorda com Israel Gutman ao afirmar que Rumkowski teria colaborado com os alemães, mas ressalta que tal colaboração foi motivada tanto pela suposição de que seria a melhor saída para os judeus de Łódź, quanto por falta de alternativa. Na conclusão de seu livro anteriormente citado que foi centrado no debate historiográfico sobre essa controversa figura, Unger afirma que avaliar Rumkowski e suas ações não é tarefa fácil, uma vez que, nas palavras do autor: “Por um lado, ele frequentemente provoca severa repugnância. Por outro lado, ele frequentemente mostrou coragem, determinação e admirável iniciativa*”* (UNGER, 2010, p. 52, tradução nossa).

É isso que o historiador Isaiah Trunk[205] defende em sua obra de referência sobre os *Judenräte*[206]. Trunk (1996, p. 570-575) faz uma distinção importante entre os conceitos de cooperação e colaboração no debate sobre a relação entre os *Judenräte* e as autoridades alemãs. O que geralmente é chamado de colaboração dos líderes judeus com os nazistas seria, na opinião do autor, melhor chamado de cooperação. No caso dos judeus, a cooperação com os dominadores não era opcional, por estarem esses subjugados a eles. Colaboração seria uma contribuição voluntária e, por isso, uma palavra inadequada para descrever o papel dos *Judenräte.*

Outra diferença apontada pelo autor entre essas duas categorias aparentemente semelhantes, porém com significados distintos, é que os não-judeus que colaboravam com os nazistas recebiam recompensas ou privilégios (TRUNK, 1996, p. 573). Não se faz necessário explicar que a cooperação dos judeus com os nazistas não lhes trouxe benefício algum, pelo contrário, os destituiu de seus bens, de suas propriedades, de sua honra e até de suas vidas. Ademais, tal cooperação trazia riscos morais, como o de ultrapassar a tênue demarcação entre cooperação e colaboração, caso fossem intoxicados com o poder ilusório que recebiam dos alemães ao receber alguma autoridade sobre suas comunidades vencidas.

---

[205] Isaiah Trunk nasceu em Kutno, Polônia, em 1905. Estudou em Łódź na década de 20 e viveu no gueto de Białystok durante a guerra. Mais tarde emigrou para Nova Iorque, onde exerceu a função de Arquivista-Chefe do YIVO desta cidade e onde viveu até sua morte, em 1981.

[206] TRUNK, Isaiah. **Judenrat**: The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi Occupation. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1996.

Trunk não nega a colaboração de alguns líderes judeus com os alemães, apenas alerta sobre a generalização comumente feita por alguns historiadores de que todo *Judenrat* teria colaborado com os nazistas. A realidade, mais complexa, seria que a maioria dos líderes e dos conselhos judaicos foi coagida a cooperar com os dominadores alemães e apenas alguns, corrompidos pelo poder aparente que receberam dos nazistas, teriam colaborado a fim de garantirem sua permanência no poder (TRUNK, 1996, p. 574).

Em outra obra anterior que focaliza o gueto de Łódź, originalmente publicada em 1962 (TRUNK, 2006, p. 400), Isaiah Trunk justifica os motivos que teriam levado o *Judenälteste* a se tornar um ditador do gueto. O tom do historiador nesta obra precedente é muito mais pesado ao se referir a Rumkowski, em uma postura crítica que depois atenuou, o que possivelmente pode ser explicado pelo fato de que Trunk ainda não havia realizado o estudo profundo sobre os *Judenräte* que deu origem ao livro sobre esse tema específico, que foi publicado em 1972. Através dessa pesquisa extensa sobre os diversos conselhos e lideranças judaicas durante o jugo nazista o fez perceber que o poder dos líderes judeus era, na verdade, muito restrito e que pouco poderiam ter feito para impedir o extermínio de suas comunidades (TRUNK, 1996, p. xvi-xvii), o que pode ter contribuído em sua relativização da culpa de Rumkowski no destino cruel de sua comunidade.

O célebre sociólogo Zygmunt Bauman (1998, p. 142) igualmente destaca, em crítica ao que chama de “severo julgamento” de Hannah Arendt sobre a colaboração dos *Judenräte*, que independentemente das atitudes amplamente diversas dos líderes judeus, o resultado final seria o mesmo: a aniquilação quase total das comunidades e de seus próprios líderes, destino ao qual não conseguiram escapar apesar dos privilégios recebidos. Apesar de destacar a importância da obra de Trunk sobre os *Judenräte*, a qual considera “a mais completa e abrangente investigação” (BAUMAN, 1998, p. 142) sobre os conselhos judaicos do período nazista, Bauman se utiliza do conceito de colaboração, problematizado pelo historiador polonês.

Zygmunt Bauman exemplifica a colaboração dos líderes judeus com os alemães citando Rumkowski e Jacob Gens, líder judeus do gueto de Vilna, que teriam exercido uma “colaboração ativa e consciente” (1998, p. 142) com os supervisores nazistas. Bauman cita indiscriminadamente os conceitos “colaboração” e “cooperação” ao longo do capítulo no qual analisa como a lógica nazista conseguiu a participação das

próprias vítimas no processo de genocídio do povo judeu [207] sem levar em consideração a distinção feita por Trunk.

Se utilizando do termo mais genérico “ajuda”, que não deixa claro se o concurso dos judeus foi opcional ou compulsório, Bauman afirma que a singularidade do Holocausto na história dos genocídios se deve a “essa ajuda substancial e diversificada” (1998, p. 143) dos líderes na destruição do povo judeu. Sem essa ajuda atípica da liderança comunitária no processo de genocídio de seu povo, o sociólogo argumenta que o Holocausto teria passado à história como um episódio “menos assustador” e não como o desafio que se apresenta aos historiadores e sociólogos que buscam entendê-lo (1998, p. 143).

Não obstante, no mesmo capítulo, Bauman (1998, p. 147) lembra que, apesar do “papel mediador crucial na incapacitação dos judeus”, a liderança judaica estava “à mercê de uma organização criminosa”, pois que subordinada as autoridades alemãs. Essa subordinação corrobora o argumento de Isaiah Trunk de que a colaboração dos líderes do *Judenräte* teria sido, apesar de exercida de formas e intensidades diversas, mais adequadamente chamada de cooperação.

Entretanto, ainda coagidos os líderes judeus teriam opções, defende Bauman. Na lógica inversa do genocídio “tradicional” que costuma dividir os atores em assassinos e assassinados, as posições no Holocausto não seriam claras e polarizadas, o que nos remete mais uma vez ao conceito de zona cinzenta de Primo Levi. Zygmunt Bauman aponta que, incorporada na estrutura nazista de poder, a liderança judaica tinha uma “gama de opções” dentro do espectro da cooperação com os dominadores alemães:

> A cooperação com os próprios inimigos jurados e futuros assassinos não escapava à sua medida de racionalidade. *Os judeus podiam portanto brincar nas mãos de seus opressores, facilitar a tarefa deles e apressar a própria perdição, enquanto guiados em sua ação pelo propósito racional de sobreviver.* (BAUMAN, 1998, p. 147, destaque original).

Neste item do presente capítulo, tentei mostrar como a discussão historiográfica apresentada, que teve origem na década de 60 com as primeiras críticas feitas por filósofos como Hannah Arendt e historiadores como Raul Hilberg sobre o papel dos líderes judeus durante o Holocausto, permanece viva e polêmica por estar permeada

---

[207] O capítulo em questão se utiliza do conceito “colaboração” no título, denominado “Pedindo a colaboração das vítimas” (In: BAUMAN, **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 142-176).

de opiniões divergentes e novas releituras sobre a atuação dos *Judenräte* e dos seus *Älteste*. Opiniões que não raro se apresentam como as únicas corretas, apesar de serem não raro parciais ao apresentar unicamente o lado negro ou o lado branco desse homem acinzentado que foi Mordechai Chaim Rumkowski, o "Rei dos Judeus" de Łódź, como foi chamado tantas vezes por contemporâneos, escritores e historiadores.

Essa discussão está fadada a ser sempre inconclusiva, uma vez que, neste Tribunal da História, estará ausente o principal julgado, o próprio Rumkowski, que não sobreviveu para assistir a derrota nazista e para poder justificar o motivo de ter agido da maneira pela qual é criticado ou reverenciado hoje, mesmo passados mais de 70 anos após a sua morte. Se estivesse presente em seu julgamento, provavelmente mentiria, provoca Primo Levi, "como sempre mentia, inclusive a si mesmo" (2004, p. 58), mas mesmo assim nos ajudaria a compreendê-lo, pois que a capacidade de representação é limitada, argumenta Levi.

Vazias também estão as cadeiras de centena de milhares de possíveis acusadores ou até defensores de Rumkowski, aqueles habitantes do gueto que viveram sob seu comando, uma vez que, assim como seu líder, não tiveram a oportunidade de serem ouvidos no Tribunal da História e apresentarem as suas visões sobre o homem que, durante mais de quatro anos, teve o destino dos judeus de Łódź nas mãos.

Em uma coleção de ensaios sobre as escolhas dos líderes judeus, provocativamente intitulada "A Terrível Escolha"[208], há um trecho do artigo de Melvyn Conroy que analisa as atitudes de Mordechai Chaim Rumkowski e que sugere uma explicação para a complexidade de tal discussão historiográfica:

> Ele (Rumkowski) foi claramente uma personalidade pouco atraente com uma série de fracassos, mas ele não estava sozinho nisso entre os líderes dos Judenräte, nem em adotar uma estratégia de salvação através do trabalho. Em outras palavras, ele continua a ser o que sempre foi – um paradoxo e um enigma, um homem cujo caráter e ações controversas continuarão a ser assunto de um intenso debate nos anos porvindouros. (CONROY, 2006, n.p., tradução minha)

---

[208] Tradução minha do original em inglês "*The Terrible Choice".* CONROY, Melvyn (Org.). **The Terrible Choice:** Some Contemporary Jewish Responses to the Holocaust. 2006. Disponível em: <http://www.jewishgen.org/Yizkor/terrible_choice/Terrible_Choice.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Ray Eichenbaum[209] tinha apenas 10 anos quando foi forçado a viver no gueto com sua família, enfrentando os quatro anos de existência deste até ser colocado nos transportes finais antes da liquidação do gueto com destino à Auschwitz. Único de sua família a sobreviver ao final da guerra, Eichenbaum emigrou para os Estados Unidos. Décadas depois escreveu uma peça sobre o líder judeu de Łódź, descrevendo como teria sido seu julgamento após a morte[210]. Sendo recebido pelos "poderes maiores", estes não conseguem decidir qual a sentença adequada para Rumkowski, que é condenado a vagar entre a Terra e o céu até que ocorra um novo julgamento.

Dessa vez, Rumkowski é recebido em um tribunal celestial, composto por anjos que ocupam as posições de juízes, promotores e defensores. Em uma postura humilde e submissa, o *Judenälteste* se justifica, confessando que cometeu erros em sua administração do gueto, mas alegando que fez o que pensava que seria o melhor para os judeus de Łódź. Após ouvir as acusações e justificativas, o juiz não consegue chegar a uma sentença definitiva, ordenando que o acusado novamente vagueie entre a Terra e o céu eternamente, ou até que chegue o dia em que os homens não façam mais guerras. Só então, quando derem à vida humana o valor que ela merece, é que Rumkowski poderia ser julgado. Nem a ficção consegue julgar taxativamente um homem numa situação tão trágica, aberrante e singular.

Essa peça evidencia a dificuldade que existe em sentenciarmos o homem Mordechai Chaim Rumkowski pelas suas atitudes como líder judeu diretamente subordinado aos nazistas. Como uma criança que viveu no gueto de Łódź e que foi uma das poucas que conseguiu sobreviver, nem mesmo assim Ray Eichenbaum atribui os sofrimentos vividos durante o confinamento no gueto apenas a Rumkowski.

Na frase final do prólogo que antecede a peça que escreveu, imaginando um processo celestial contra Rumkowski, Eichenbaum acaba por fazer uma pequena defesa do homem que um dia teve sua vida e a de outros milhares de judeus de Łódź nas mãos, ao atribuir sua sobrevivência a ele:

---

[209] "Holocaust survivor speaks at Burlington Temple". **The Enterprise**. Brockton, Massachussets, 25 maio 2016. Disponível em: <http://www.enterprisenews.com/news/20160525/holocaust-survivor-speaks-at-burlington-temple>. Acesso em: 28 mar. 2018

[210] "*Das Verfahren gegen M.H. Rumkowski*" é uma peça escrita por Ray Eichenbaum e que se propõe a representar o julgamento celestial de um processo instaurado contra o *Judenälteste* de Łódź após sua morte. A peça foi incorporada na íntegra na obra autobiográfica de Eichenbaum (EICHENBAUM, Ray. **Romeks Odyssee**: Jugend im Holocaust. Viena: Verlag für Gesellchaftkritik, 1996, pp. 117-170) e foi lembrada pelo historiador Gordon Horwitz em seu artigo historiográfico sobre Rumkowski (HORWITZ, In: GODA, 2017, pp. 68-69)

> Se, no entanto, este velho judeu não tivesse feito aquilo que fez, o autor da peça não estaria mais aqui, e sua peça não teria sido escrita. (EICHENBAUM, 1996, p. 117, tradução minha).

A posição desse sobrevivente, que não exime Rumkowski da culpa por ter cooperado com os nazistas no extermínio da comunidade judaica de Łódź, mas que, ao mesmo tempo, concede a este certo mérito pelas vidas que tentou salvar, mostra que a contradição permeia a discussão historiográfica sobre esse líder judeu. Sendo uma personalidade contraditória, que teve atitudes e escolhas contraditórias, não é de se admirar que contraditórias também sejam as opiniões de sobreviventes e historiadores sobre a figura e as ações de Mordechai Chaim Rumkowski.

Além do mais, é importante lembrar a tese de Primo Levi de que situações extremas podem levar à comportamentos moralmente questionáveis, aos quais todos nós estaríamos sujeitos se colocados em situações similares:

> (...) diante de casos humanos como esses, é imprudente precipitar-se emitindo um juízo moral. (...) É um juízo que gostaríamos de confiar somente a quem se achou em circunstâncias análogas e teve oportunidade de verificar em si mesmo o que significa agir em circunstâncias forçadas. (LEVI, 2004, p. 37)

Adam Brown (2008, pp. 132-133), em nítida crítica a essa posição de Levi, afirma que a separação entre a representação de uma figura como Rumkowski e o seu julgamento é algo praticamente impossível de ser feito, mesmo se tal julgamento for ilegítimo. Essa isenção de julgamento seria sobremaneira difícil se a representação for feita por sobreviventes que não conseguiriam separar o seu relato dos sentimentos ligados aos eventos e pessoas mencionadas.

Melvyn Conroy igualmente aborda essa dificuldade de isenção por parte dos sobreviventes na introdução de sua obra previamente citada, focada na análise de alguns líderes judeus diante do que chama de “escolhas terríveis”[211]. Conroy (2006, n.p.) admite que é compreensível que um indivíduo que presenciou a deportação de toda a sua família para campos de extermínio não tenha uma visão objetiva sobre as ações de judeus em posição de autoridade que teriam sido responsáveis por tal deportação.

Entendendo, como argumenta Leonard Tushnet (1972, p. ix), ser a absoluta imparcialidade algo inconcebível perante eventos terríveis como os do Holocausto, é compreensível a repercussão da discussão historiográfica sobre Chaim Rumkowski e

---

[211] CONROY, Melvyn (Org.). **The Terrible Choice**: Some Contemporary Jewish Responses to the Holocaust, 2006. Disponível em: <http://www.jewishgen.org/Yizkor/terrible_choice/Terrible_Choice.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

a variedade de opiniões mais ou menos parciais mantidas por sobreviventes e historiadores sobre as escolhas e comportamentos deste líder; sem que possamos determinar qual é a correta.

3. SER CRIANÇA NO GUETO DE ŁÓDŹ

Dentro da concepção nazista, não havia lugar para as crianças judias no novo mundo que se pretendia construir, o *Reich* de mil ano, marcado pela supremacia ariana. As crianças judias reprensentavam o futuro da raça que se pretendia exterminar, a raça judaica, culpabilizada por todos os problemas da Alemanha e do mundo. Portanto, enquanto estivessem nas mãos dos nazistas, o destino dessas crianças era um só: a morte.

Contudo, dentro de uma situação de guerra, na qual a Alemanha lutava em várias frentes ao mesmo tempo, o extermínio das crianças não era prioridade. Fundamentalmente, as crianças não são um risco presente, apenas um risco potencial, quando se tornarem adultos e multiplicarem sua raça. Os adultos eram os primeiros alvos de extermínio, sobretudo aqueles que representavam um risco imediato aos alemães, como os que pertenciam a partidos políticos, os intelectuais e os que participavam de movimentos de resistência. Esses eram os primeiros a serem mortos pelos nazistas em cada cidade que conquistavam, como ocorreu em Łódź após a ocupação alemã.

Enquanto os nazistas exterminavam seus opositores mais perigosos, as crianças judias continuavam a viver, ainda que suas vidas tivessem mudado súbita e imediatamente. Em um curto espaço de tempo, as crianças judias de Łódź tiveram que deixar suas casas e se mudar dentro de um gueto sujo e superpovoado, deixando para trás seus brinquedos, roupas e sua própria infância. A vida que conheciam e os sonhos que alimentavam foram destruídas com a chegada das tropas alemãs na rua Piotrkowska, quando foram forçadas a encarar a dura realidade de uma guerra e a ainda pior realidade do preconceito e da crueldade humana.

No gueto, as crianças ainda preservavam alguns aspectos de sua vida anterior, pelo menos enquanto os adultos salvaguardassem seu direito à infância, garantindo sua educação, lazer e proteção. As crianças aprenderam a viver simultaneamente em dois mundos, sendo esse primeiro o mundo bizarro e estranho criado pelos alemães onde o perigo era constante, e o segundo o mundo do pré-guerra, da normalidade, onde era permitido estudar, brincar e se relacionar (DWORK, 1991, p. 261). Quanto mais avançava a guerra e mais intenso se tornava o extermínio dos judeus, diminuía em consonância o espaço desse mundo, que se tornava apenas a lembrança de uma infância perdida para sempre.

Segundo Déborah Dwork, essa cisão ocorria na deportação aos campos de concentração, que decretava o fim da infância. Ali, separados de seus familiares e sem os seus poucos pertences deixados no gueto, as crianças só sobreviveriam na seleção inicial se fossem vistas como adultas, ou seja, capazes de trabalhar. As crianças cujos corpos frágeis e emaciados depois de anos vivendo no gueto não lhes permitia serem vistas como capazes, eram imediatamente levadas para os crematórios. A infância se encerrava definitivamente, tanto para aquelas que receberam a chance de sobreviver sem direito à infância e que se tornaram adultos prisioneiros de um campo onde eram forçadas a trabalhar; ou para aquelas que sequer receberam seu direito de viver, quanto menos de ter uma infância.

3.1. Crianças como objeto de estudo: dificuldades metodológicas

O Holocausto foi o maior genocídio da história da humanidade, se tornando um evento único não somente por sua barbaridade e crueldade, substantivos que praticamente se tornaram sinônimos da Shoá, como também pela burocratização do extermínio que resultou em números descomunais. O número de guetos e campos de concentração e extermínio está na casa dos milhares, enquanto que o de vítimas atinge a impressionante casa dos milhões.

A quantidade exata de judeus mortos no Holocausto ainda é desconhecida por faltarem registros de todas as vítimas, contudo o número mais aceito pelos historiadores, apesar de não ser consenso, é de seis milhões[212]. Dentre esse assombroso total de vítimas de origem judaica, estão aproximadamente um milhão e meio de crianças judias, número que, apesar de igualmente contestado por alguns, é o de maior consenso entre os historiadores.

As crianças, representando vinte e cinco por cento do total de judeus mortos no Holocausto, eram um alvo central para os nazistas, pelo seu duplo papel de serem ao mesmo tempo “inúteis e potencialmente ameaçadoras”, nas palavras da socióloga e sobrevivente Nechama Tec[213]. Inúteis porque, *a priori*, não podiam contribuir para o

---

[212] A estimativa sobre número total de vítimas do Holocausto foi mencionada na introdução do presente trabalho, onde expliquei de onde provêm os números de maior consenso, a saber, seis milhões de judeus mortos e um milhão e meio de crianças mortas.

[213] Nechama Tec é professora emérita de Sociologia na Universidade de Connecticut e especialista na temática da Shoá. Nascida em 1931 na cidade de Lublin, Polônia, Nechama Tec era criança de 8 anos quando sua cidade foi tomada pelos alemães, tendo sobrevivido ao Holocausto devido à ajuda de

esforço de guerra alemão através do trabalho, postulado esse que seria derrubado no gueto de Łódź; e ameaçadoras porque colocariam em xeque o ideal nazista de garantir a sobrevivência da raça ariana, a qual se acreditava ameaçada pela mestiçagem com "raças inferiores" como os judeus. As crianças judias eram o futuro da raça judaica que se pretendia exterminar para que reinasse a supremacia ariana.

Apesar da importância numérica e sentimental das vítimas infantis nesse incompreensível genocídio, o número de obras dentro da vasta historiografia do Holocausto que as colocam como tema central é escasso, numa aparente contradição somente explicável pela limitação de documentação disponível que nos possibilite o entendimento da situação específica das crianças na Shoá. Tal escassez pode ser explicada em parte, mas não exclusivamente, pela impessoalidade dos registros alemães, que oferecem basicamente números e estatísticas frias sobre os crimes cometidos contra os judeus, dentre os quais as crianças eram apenas mais um número ou nem isso, pois que nem sempre eram computadas como vítimas.

Debórah Dwork, importante historiadora da infância, atribui a fragmentação da documentação referente às crianças à política nazista e às alterações que esta sofreu (1991, p. xvii-xviii). Um exemplo de modificação mencionado pela historiadora seria o momento da implementação da "Solução Final" pelos nazistas, que a autora coloca entre o final de 1941 e início de 1942. Até esse, que seria um ponto de virada na política alemã em relação aos judeus, as crianças cuja idade não requeria o uso do distintivo imposto pelos alemães, obrigatoriedade cuja faixa etária variava de acordo com a determinação das autoridades locais, não entravam nos registros oficiais. Essas crianças menores eram consideradas meros apêndices de suas mães, uma vez que não eram vistas propriamente como indivíduos e, portanto, como um "problema" em si.

Nechama Tec (2005, pp.2-3) compartilha da mesma opinião, afirmando que até a metade de 1942, quando tiveram início as deportações dos "elementos inúteis" dos guetos para os campos de extermínio, as crianças eram vistas pelos nazistas como supérfluas. Incluídas no objetivo maior de exterminar os judeus da Europa, a destruição das crianças, sobretudo aquelas com menos de 10 anos de idade, recebia menor prioridade por parte dos alemães. Elas não apresentavam os mesmos riscos

---

poloneses católicos. Suas palavras estão na introdução do livro de Patricia Heberer (HEBERER, 2001, p. xxi).

dos adolescentes e adultos, que podiam se unir a movimentos de resistência e se vingar da morte dos parentes, tampouco podiam ter filhos. Mesmo inúteis por não poderem trabalhar para o Terceiro *Reich* produzindo bens e artigos de guerra, sua morte podia aguardar, não sendo prioridade para os alemães.

Uma vez implementada a “Solução Final”, as crianças forçosamente permaneciam com suas mães durante as deportações para os campos de extermínio a fim de que a ordem prezada pelos nazistas fosse assegurada. Apêndices de suas mães, a partir de então as crianças passariam a significar a sentença de morte destas que sequer eram consideradas para trabalho nos campos por terem dependentes vistos como inúteis para o esforço de guerra alemão. Sendo suas mortes um procedimento automático, Dwork afirma que seja compreensível que as crianças não tenham sido alvo de detalhados registros nazistas (1991, p. xx)

Mesmo sobre as crianças que foram resgatadas por indivíduos ou instituições e que sobreviveram às investidas alemãs na parte ariana de suas cidades ou em países neutros existe pouca documentação, uma consequência natural da ilegalidade na qual estavam inseridos tais resgates e dos riscos aos quais se expunham aqueles que participavam dessas ações, que intentavam manter as crianças e a si mesmos no anonimato (DWORK, 1991, p. xxi). Não obstante, a falta de registros ricos e abrangentes que permitam aos historiadores criar uma descrição o mais completa possível do conjunto de vivências e das circunstâncias específicas nas quais estavam inseridas as crianças no contexto da Shoá não é ocasionada somente pela falta de interesse ou de oportunidade daqueles que tinham, seja como perpetradores ou salvadores, a vida desses pequenos nas mãos.

A maior lacuna na documentação é àquela pertinente ao registro das próprias vítimas, no caso as crianças, sobretudo aqueles efetuados conforme aconteciam com os eventos descritos. Consideradas como todos aqueles que tinham menos de 18 anos (TEC, 2005, p. 3), as crianças compartilhavam das mesmas dificuldades enfrentadas pelas vítimas adultas que intentavam registrar os sofrimentos aos quais eram expostos pelos nazistas, tais como a falta de materiais para escrever e as próprias condições dos guetos e campos, que não lhes dava tempo nem oportunidade de manter um registro diário dos acontecimentos.

Entretanto, as pequenas vítimas tinham empecilhos adicionais como a falta de escolaridade entre muitas delas que, apesar de estarem na fase escolar, foram privadas de frequentarem a escola através das leis impostas pelos nazistas no *Reich*

e nos territórios ocupados, além da inexistência de escolas na maioria dos guetos e nos poucos campos nos quais as crianças eram toleradas por um tempo maior pelos alemães.

Ademais, existem agravantes inerentes à infância em si que dificultam quaisquer tentativas de se realizar uma história das crianças que busque resgatar a autêntica voz destas, como a incapacidade das crianças menores em se expressar por escrito de maneira clara e coerente sobre os acontecimentos e sobre seus próprios sentimentos (DWORK, 1991, p. xxii). De forma geral, as crianças não possuem o mesmo costume de escrever cartas regularmente e de documentar fatos como os adultos, mais conscientes da gravidade de determinados fatos e da importância de registrá-los para a posteridade (HEBERER, 2001, p. xvi).

Consequentemente, o que nos resta são diários contemporâneos escritos majoritariamente por crianças mais velhas e adolescentes; registros sobre elas escritos por adultos como pais, parentes e professores das crianças e mesmo por cronistas que intencionaram fazer uma história de seus guetos, como Emmanuel Ringelblum em Varsóvia e Josef Zelkowicz em Łódź; além de memórias de sobreviventes escritas, não raro, décadas após os eventos descritos.

A popularidade e difusão mundial de alguns diários como da adolescente Anne Frank acabaram por perpetuar uma ideia enganosa de que escrever um diário era uma prática fácil para aqueles que estavam escondidos na parte ariana e até que fosse estimulada pelos governantes. Na maioria dos casos, manter um diário no esconderijo era quase tão perigoso e desafiador quanto em um gueto, pois que havia o risco de ser encontrado em uma das buscas empreendidas pela Gestapo e se tornar uma evidência incriminadora inclusive contra aqueles que deram abrigo aos judeus fugitivos (DWORK, 1991, p. xxiii). Além do risco, não raro nos esconderijos também havia a falta de lápis, cadernos e papéis, como ocorria na maioria dos guetos.

Os diários que perduraram após o final da guerra foram majoritariamente escritos por adolescentes, sendo preciosos para compreender um pouco da visão de mundo juvenil. Contudo, não podem ser vistos como um espelho das percepções e das emoções das crianças pequenas que não sabiam ainda escrever, pois cada fase da infância tem suas características próprias quanto ao nível de compreensão do mundo ao redor, o que influi na interpretação que a criança faz dos acontecimentos e em sua reação a eles.

Por esse motivo, pode-se questionar o uso dos relatos de crianças mais velhas na construção de uma obra como a presente, que almeja compreender como as crianças foram afetadas pelas situações enfrentadas durante o seu confinamento no gueto de Łódź. Por exemplo, Dawid Sierakowiak, cujo diário escrito concomitantemente com os acontecimentos descritos foi muito utilizado como fonte no presente trabalho, tinha 15 anos quando começou a escrever seu diário, o qual manteve até a sua morte, que ocorreu em agosto de 1943, quando estava com 19 anos.

Apesar dos estudos sobre o Holocausto considerarem criança todos aqueles abaixo de 18 anos e não raro 19 anos, data utilizada em muitas tabelas feitas pelo Departamento de Estatística do Gueto, dificilmente Sierakowiak seria considerado criança nos dias atuais, o que pode suscitar indagações acerca da validade de suas opiniões e sua visão de mundo dentro de um estudo que almeja compreender a percepção infantil sobre os acontecimentos do Holocausto.

Também existem relatos de adultos sobre as vivências infantis cujo uso é questionado por ser uma visão externa que pode não representar a visão delas. Os adultos, mesmo aqueles que conviviam de forma próxima e constante com as crianças, tais como pais e professores, podiam somente descrever as ações das crianças e interpretar suas reações conforme seu entendimento.

Por esse motivo, Dwork sustenta que é imprescindível buscar a voz das crianças, pois que unicamente através delas é que podemos entender como esses seres sem experiência e vivência lidaram com “esse novo e bizarro mundo com suas novas e bizarras leis” (DWORK, 1991, p. xxxii, tradução minha). Dentro desse contexto, não podemos descartar relatos de adolescentes como o de Dawid Sierakowiak, pois que, entrando no gueto com 15 anos, tinha uma mentalidade ainda infantil em certos aspectos e preocupações comuns às das crianças menores, como a escola, os amigos e os desentendimento com o pai. Na falta da voz direta da criança pequena, há que se buscar aquela mais próxima, que é a das crianças maiores.

A voz das crianças pequenas que não sabiam escrever na época do gueto pode ser obtida nos relatos dos sobreviventes que rememoram suas vivências quando crianças. Apesar de termos excelentes memórias escritas e testemunhos orais, o uso desse tipo de fonte tem sua validade questionada por muitos historiadores. A maior objeção é quanto ao transcorrer do tempo, uma vez que a maioria dos testemunhos orais ou memórias escritas foram realizadas décadas após os eventos narrados pelos

sobreviventes, e quais efeitos traria à memória destes que, hoje adultos, relatam as experiências vividas quando crianças.

Muitos acadêmicos são abertamente críticos ao uso de testemunhos posteriores, que se constituiriam um risco na busca de um trabalho que busque ser o mais historicamente fiel possível. Patricia Heberer, historiadora do conceituado *United States Holocaust Memorial Museum* em Washington D.C., destaca como pontos negativos desse tipo de fonte na historiografia do Holocausto a “teleologia e a circunspecção” (HEBERER, 2001, p. xv) às quais estariam sujeitos esses testemunhos e que poderiam influir no relato dos sobreviventes.

Afinal, desde o final da guerra, tendo ouvido por décadas a fio sobre o Holocausto através de livros e da mídia, os sobreviventes podem ter sua memória contaminada por esse conhecimento obtido *a posteriori*, o que prejudicaria a credibilidade de seu relato. Justina Kowalska-Leder (2015, p. 8) afirma que a distância cronológica dos acontecimentos descritos pode fazer com que o testemunho traga consigo uma visão cristalizada da história, decorrente do conhecimento obtido *a posteriori* do curso e do resultado dos eventos.

Logicamente que essa preocupação se refere aos testemunhos orais e livros de memórias que começaram a surgir em massa a partir da década de 80, questionando os efeitos do tempo sobre a memória individual. Porém, ainda que em menor número, existem testemunhos coletados logo após o final da guerra, quando os eventos ainda estavam bem vívidos na mente dos entrevistados e não havia a intensa bibliografia que temos hoje sobre o extermínio dos judeus europeus. Sem apresentar os riscos que o passar das décadas inflige na percepção dos acontecimentos passados, seria natural supor que tais testemunhos fossem aceitos sem restrições pelos historiadores.

Contudo, não é o que ocorre, particularmente com respeito ao testemunho das crianças. Se a confiabilidade de um relato feito por um adulto sobre suas memórias da infância é questionada, mais ainda se duvida do relato de uma criança, cercada de uma aura de imaginação e criaividade, vista como sugestionável e com um pé na fantasia. A falta de domínio da linguagem torna ainda leva a criança a ser considerada incompetente para expressar de forma adequada sua vivência, o que, por sua vez, resultou na marginalização da criança como objeto de estudo pelos historiadores (MICHLIC, 2007, p. 14).

A dúvida que emerge em relação à veracidade de um relato infantil se encontra por detrás dos testemunhos dados por crianças judias no pós-guerra, como os publicados

em 1946 pela *Jewish Historical Comission*[214]. Os mais de cinquenta relatos colhidos de crianças que sobreviveram aos guetos e campos foram baseados em entrevistas orais que seguiam critérios pré-determinados em seus questionários, padronizando as entrevistas para obter uma imparcialidade por parte dos entrevistadores.

Seria de se esperar que um tipo de material como esse fosse considerado de extrema importância para o estudo da situação das crianças durante o Holocausto, por não apresentar os problemas já mencionados que cercam os testemunhos obtidos décadas depois. Todavia, não é o que aconteceu, visto que outros questionamentos foram levantados por historiadores sobre a credibilidade dos relatos obtidos entre 1945 e 1946, que acabaram por dar à obra em questão descrédito, deixando-a fora do cânone de fontes documentais do Holocausto, segundo afirma Joanna Michlic em seu artigo sobre essa coletânea (2007, p. 11).

Contudo, a hesitação no uso de testemunhos como fontes históricas vai além do recorte das crianças e abrange todo o espectro das memórias escritas e da história oral. Uma parcela considerável dos historiadores em geral desconsidera testemunhos orais ou escritos como fontes históricas, assim como ocorre entre os pesquisadores do Holocausto. Um dos maiores representantes deste último grupo é Raul Hilberg, cujas obras são respeitadas e que foram elevadas à categoria de referência na historiografia da Shoá, formando um grupo de discípulos na área, intitulada por Joanna Michlic (2007, p. 13) como “história dos perpetradores” por utilizarem unicamente registros e documentos oficiais, em sua esmagadora maioria produzidos pelos nazistas.

O tipo de metodologia utilizado por esse grupo de acadêmicos dispensa a adoção de testemunhos de quaisquer períodos por não atribuírem a estes legitimidade histórica devido à sua intrínseca subjetividade como relatos pessoais. Fora da subjetividade embutida nos testemunhos, outra crítica que esse grupo faz ao uso destes é o risco de se criar uma “história das vítimas” (MICHLIC, 2007, p. 15) que enfatize o heroísmo individual e mesmo coletivo dos judeus, criando uma narrativa histórica que pudesse ser utilizada com fins políticos e/ou nacionais.

Joanna Michlic (2007, p. 17) chega à conclusão, após a análise desta coletânea pioneira de testemunhos de crianças que viveram os desafios e ameaças nazistas, de

---

[214] A coleção de testemunhos, dentre eles 55 dados por crianças e 15 por adultos, foi publicada na Polônia na forma de um livro chamado *Dzieci Oskarja*. Em 1996 recebeu uma tradução para o inglês chamada *The Children Accuse* (MICHLIC, 2007, p. 11)

que esses relatos devem ser considerados como importantes fontes históricas. Contudo, Michlin reiteradamente lembra em seu artigo a importância da contextualização histórica, em uma abordagem balanceada que faça um contraponto entre os testemunhos pessoais e as evidências históricas fornecidas por fontes primárias, ambas com seus pontos fortes e suas limitações:

> Apesar de sua clara deficiência em termos de linguagem, e sua falta de referências precisas ao tempo, espaço e atores sociais, os testemunhos de crianças sobreviventes fornecem certas informações diferenciadas sobre acontecimentos e circunstâncias que dificilmente são encontradas em qualquer outro documento de arquivo. (MICHLIC, 2007, p. 12, tradução minha)

É dessa opinião igualmente a historiadora Debórah Dwork (1991, pp. xxxii-xxxiii), que defende o uso de desenhos, cartas, diários e anotações feitas pelas crianças durante a Shoá e o uso de testemunhos de adultos que eram crianças naquela época a fim de apresentar a perspectiva das crianças perante tais acontecimentos, perspectiva essa que era diferente da dos adultos, assim como o eram suas preocupações.

Justyna Kowalska-Leder (2015, p. 12) destaca a importância do registro escrito feito pela criança, por exemplo na forma de diário, utilizado como um meio de lidar com o caos que a ocupação alemã impôs em suas vidas, onde confidenciava suas emoções, dores e reclamações. Ademais, o diário frequentemente era utilizado na construção da identidade da criança e do jovem que, desabafando sobre o mundo ao redor, fazia uma autoanálise de seu comportamento e de seus sentimentos perante os acontecimentos que o afetavam.

Os testemunhos posteriores, apesar de serem feitos décadas após a vivência dos acontecimentos descritos, também cumprem as mesmas funções. Kowalska-Leder (2015, p. 13) afirma que os testemunhos servem para preservar a memória dos eventos e das pessoas falecidas, como uma forma de terapia na qual o sobrevivente lida com seus traumas e afirma sua identidade pessoal, além de testemunhar os sofrimentos sofridos pelos judeus durante o Holocausto.

A questão do trauma explica, segundo a autora, o hiato que surgiu entre o final da Segunda Guerra e o aparecimento da maior parte dos testemunhos a partir da década de 80. O trauma decorrente das situações extremas vividas, do risco constante de morte e da perda de entes queridos, aliada ao sentimento de culpa e remorso por ter sobrevivido enquanto outros pereceram ao seu redor, acaba por acionar um mecanismo de defesa no indivíduo. Esse mecanismo, por sua vez, força o

sobrevivente a se distanciar emocionalmente da fonte do trauma, gerando uma “dormência psicológica”, segundo definição de Robert Jay Lifton (In: KOWALSKA-LEDER, 2015, p. 14).

Assim sendo, os sobreviventes acabaram silenciando por décadas, não somente para não serem incompreendidos por seus interlocutores, mas para se preservarem de lembranças traumáticas que buscavam, sem sucessso, esquecer. Justyna Kowalska-Leder (2015, p. 15) conclui, após abordar a raiz do trauma e suas consequências sobre os sobreviventes que a Shoá não podia ser descrita, expressada, compreendida ou assimilada, seja emocional ou intelectualmente, na época em que ocorreu. Nos anos subsequentes outras motivações impediram os sobreviventes de narrar suas experiências, tais como o antissemitismo que foi reforçado no pós-guerra e que produziu uma onda de violência contra os judeus (KOWALSKA-LEDER, 2015, p. 17).

A partir do final da década de 1970, uma série de acontecimentos[215] ocorreu, deixando o cenário mais propício ao acolhimento dos relatos dos sobreviventes do Holocausto. Tais acontecimentos, somados ao efeito do passar dos anos sobre os efeitos do trauma, suscitou o aparecimento de testemunhos orais e escritos dos sobreviventes que se sentiam prontos para contar sua história de vida. Portanto, fica claro que os testemunhos tardios possuem sua justificativa e sua utilidade, tanto para a história quanto para o próprio sobrevivente.

Deborah Dwork (1991, p. xxxiii) defende a necessidade de se fazer uma correlação dos testemunhos e registros infantis, sejam contemporâneos ou tardios, com outros tipos de fontes, como documentos e descrições feitas por adultos e cronistas na época. Não obstante, ainda que os testemunhos posteriores e a produção infantil de desenhos e escritos apresentem falhas e imprecisões, eles não devem ser descartados pelos historiadores que focalizam a experiência das crianças no Holocausto.

Fazendo uma analogia das histórias infantis com fios de um tecido, Dwork argumenta que seu uso é imprescindível para tal intento:

> Portanto, enquanto que os desenhos, cartas, diários e registros das crianças não fornecem a visão geral produzida pelos relatos dos adultos, elas delineiam e clareiam o tecido de suas vidas. Cada um

[215] Justyna Kowalska-Leder (2015, p. 17) cita como exemplos de acontecimentos que favoreceram a receptividade dos testemunhos o movimento político-social *Solidarność* que surgiu na Polônia na década de 80, a visita do Papa João Paulo II a Auschwitz em 1979 e o documentário *Shoah* de Claude Lanzmann.

> deles reconta ou retrata um fio da vida individual de uma criança. Coletivamente eles tecem uma tapeçaria de experiências infantis; um panorama multifacetado de como era a vida para as crianças em uma série de situações diferentes (...). Além do mais, os testemunhos que as crianças que sobreviveram têm dentro delas, suas memórias pessoais e histórias orais, complementam e enriquecem os registros deixados por adultos sobre crianças e por crianças sobre si mesmas. (DWORK, 1991, p. xxxiii, tradução minha)

Seguindo a opinião de Dwork e de Michlic, acredito que nenhum relato deva ser sumariamente excluído da narrativa histórica que pretenda recriar a história das crianças no gueto de Łódź ou em quaisquer guetos e campos do período nazista. Utilizando com critério e realizando um estudo comparativo com as fontes documentais, é possível ser historicamente preciso e ao mesmo tempo recriar as experiências dessas crianças contando com suas próprias vozes e impressões sobre os acontecimentos tão cruéis dos quais foram vítimas indefesas.

Dessa forma, reitero a importância de utilizarmos tanto diários escritos concomitantemente com os fatos ocorridos por crianças e jovens quanto testemunhos tardios de sobreviventes que relatam na idade adulta suas experiências como crianças no Holocausto e justifico o uso de tais fontes no presente trabalho.

3.2. Crianças nos orfanatos e colônias do gueto

Quando o gueto estava em vias de ser isolado do restante da cidade, uma das primeiras ações do *Judenälteste*, naturalmente motivada pela sua experiência como diretor de Helenówek[216] e da preocupação que afirmava nutrir pelas crianças e órfãos, foi o estabelecimento de um orfanato em 12 de março de 1940 (TRUNK, 2008, p. 60), que reunia os órfãos de todos os orfanatos mantidos pela *Kehilla* no pré-guerra (ROSENBLUM, Szamaj. In: EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 212)

Quando o fechamento do gueto foi oficializado, a Administração judaica do gueto inicou um registro rigoroso de suas atividades, realizado pelo Departamento de Estatística. Um dos relatórios resultantes desse registro foi referente ao funcionamento do orfanato no período entre 1° de maio à 31 de dezembro de 1940[217], o primeiro ano do gueto. O relatório apresenta quatro tipos de dados, contabilizados

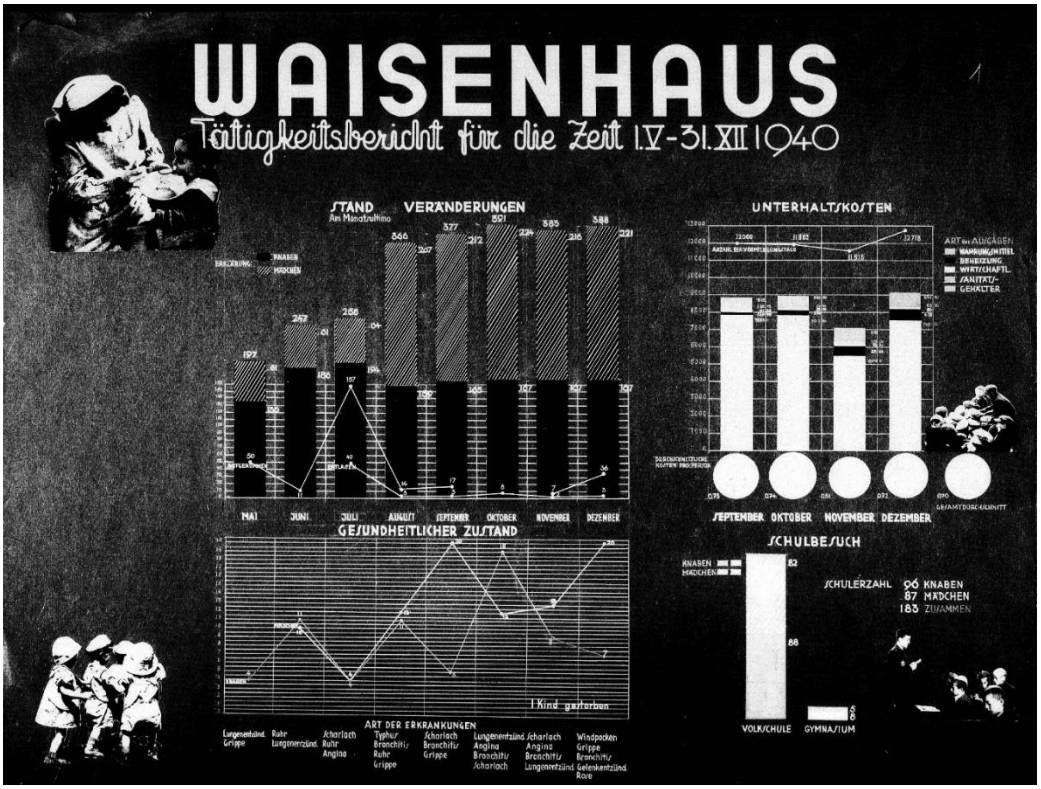
---

[216] Helenówek era o maior dentre os seis orfanatos judaicos administrados pela *Kehilá* de Łódź antes da guerra (TRUNK, 2008, p. 60).

[217] (RG-15-083M_0161_00000841), **Przełożony Starszeństwa Żydow w Getcie Łódzkim**, United States Holocaust Memorial Museum Archives, Washington, DC

mensalmente: o número de órfãos segundo o gênero das crianças; o número de crianças adoentadas e tipos principais de doenças; custo de manutenção do orfanato, distinguindo tipos de custos e sua proporção em relação à despesa mensal total; e frequência escolar, mostrando o número de órfãos que estudavam e em qual nível escolar.

Imagem 24 – Relatório de atividades do orfanato do período entre 01/05 à 31/12/1940



Fonte: RG-15-083M_0161_00000841 (USHMM)

As estatísticas nos mostram que o número de órfãos variou entre um mínimo de 197 crianças em maio de 1940, primeiro mês do gueto, ao máximo de 391 crianças no mês de outubro do mesmo ano. A alteração não ocorreu somente em relação ao número total de crianças no orfanato, como também em relação à proporção de meninos e meninas. Dos oito meses analisados pelo relatório, houve predominância de meninos nos primeiros três meses, tendência que foi invertida a partir do mês de agosto, quando as meninas passaram a ser a maioria no orfanato, permanecendo como maioria até o fechamento do orfanato em agosto de 1942[218].

[218] A proporção de meninos em relação ao total de crianças no orfanato foi a seguinte, em porcentagem: 69 em maio, 75 nos meses de junho e julho e de aproximadamente 43 nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 1940.

Em outro relatório[219], é possível observar a evolução do orfanato no gueto desde o isolamento do gueto em maio de 1940 até seu fechamento em agosto de 1942, pouco antes das deportações de setembro, quando as crianças foram os principais alvos de deportação. Observando os dados fornecidos pela tabela, é possível saber que o mínimo de crianças que o orfanato abrigou foi quando de sua inauguração em maio de 1940, quando residiam ali 197 crianças. Este número oscilou mensalmente até atingir o seu ápice em maio de 1942, quando o orfanato abrigou 741 órfãos.

Imagem 25 – Tabela feita pela Administração do gueto com dados numéricos referentes ao orfanato do gueto entre maio de 1940 e agosto de 1942

WAISENHAUS

V. 1940 – VIII. 1942.

	Zöglinge am Monatsanfang 1)			Aufgenommen		Ausgeschieden		davon gestorben		Verpflegstage	Unterhaltskosten pro Kopf und Tag (in Mk.)	Erkrankungen	Personal
	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Knaben	Mädchen	Knaben	Mädchen				
1940													
Mai	136	61	197	50	—	—	—	—	—	.	.	4	.
Juni	186	61	247	8	3	—	—	—	—	.	.	21	.
Juli	194	64	258	14	143	49	—	—	—	.	.	8	.
August	159	207	366	7	7	1	2	—	1		.	23	.
September	165	212	377	4	13	2	1	—	—	12000	0.74	25	.
Oktober	167	224	391	—	—	—	8	—	1	11963	0.74	31	.
November	167	216	383	2	5	2	—	1	—	11516	0,61	22	.
Dezember	167	221	388	14	22	1	2	—	—	12718	0.72	27	.
1941													
Januar	180	241	421	31	35	1	2	1	—	14221	0.63	20	30
Februar	210	274	484	14	12	—	1	—	1	13834	0.92	17	29
März	224	285	509	23	21	2	2	—	1	16648	1.06	20	31
April	245	304	549	17	19	—	—	—	—	17022	0.91	22	33
Mai	262	323	585	11	7	1	—	1	—	17933	0.87	21	34
Juni	272	330	602	17	25	1	—	1	—	18269	1.01	31	39
Juli	288	355	643	17	6	—	4	—	—	19896	0.95	29	54
August	305	357	662	8	6	1	2	1	2	20401	1.15	63	75
September	312	361	673	8	4	5	8	1	2	19666	1.24	42	85
Oktober	315	357	672	1	5	1	2	—	1	20377	1.44	43	90
November	315	360	675	2	6	1	3	—	—	19868	1.19	40	86
Dezember	316	363	679	4	2	2	3	—	1	20707	1.34	31	90

	Zöglinge am Monatsanfang 1)			Aufgenommen		Ausgeschieden		Gründe des Ausscheidens					Personal					
																Insgesamt		
	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Knaben	Mädchen	Krankheit	Verlangen der Familie	Selbständig geworden	Aussiedlung	In andere Anstalten überwiesen	Unmittelbar bei den Kindern Beschäftigte	Aerzte	Andere	Männer	Frauen	Zusammen
1942																		
Januar	318	362	680	15	22	20	8	18	3	2	5	—	30	2	34	12	54	66
Februar	313	376	689	9	13	5	3	6	1	—	1	—	33	2	52	16	71	87
März	317	386	703	20	19	2	11	8	1	1	3	—	34	2	52	16	72	88
April	333	394	729	15	12	5	10	13	2	—	—	—	43	2	61	17	89	106
Mai	345	396	741	7	6	73	100	14	8	19	—	132	57	3	80	32	108	140
Juni	279	302	581	11	26	15	14	25	4	—	—	—	59	3	84	25	121	146
Juli	275	314	589	48	44	39	45	11	11	1	—	61	59	3	85	23	124	147
August	284	313	597	17	4	3	6	2	7	—	—	—	59	3	83	23	124	147

Fonte: RG_083M_0168_00000629 (USHMM)

[219] (RG-15-083M_0161_00000627), **Przełożony Starszeństwa Żydow w Getcie Łódzkim**, United States Holocaust Memorial Museum Archives, Washington, DC.

O crescimento no número de crianças abrigadas no orfanato era diretamente ligado ao crescimento no número de crianças órfãs no gueto, que perdiam um ou ambos os pais devido à morte ou deportação destes. Um exemplo é o caso da família Kleczewska, composta pelo casal Mordechai e Miriam e seus quatro filhos Franka, Simcha, Yehuda e Moshe. Os pais morreram no primeiro ano do gueto, em 1940, deixando a filha mais velha, Franka, de 13 anos de idade, sozinha com seus três irmãos menores, que foram transferidos para o orfanato do gueto. Vivendo na colônia de Marysin na periferia do gueto, Franka mais tarde descobriu que seus irmãos haviam sido jogados da janela do orfanato e levados para fora do gueto, provavelmente para suas mortes[220].

Outro exemplo é o da família Lipszyc[221], formada pelo casal Yankel e Miriam e seus quatro filhos Rywka, Abramek, Cipka e Tamarcia. Vivendo em Łódź e colocados no gueto desde seu início, a família Lipszyc sofreu seu primeiro abalo com a morte do pai em junho de 1941 por problemas pulmonares. Pouco mais de um ano depois, em julho de 1942, faleceu a mãe devido às "doenças do gueto", como eram chamadas as doenças decorrentes da desnutrição, frio e exaustão. Rywka, a filha mais velha, tinha então 12 anos de idade não podia cuidar sozinha de seus três irmãos mais novos. A incumbência de cuidar dos quatro novos órfãos do gueto ficou então com os parentes, sendo que um tio ficou com duas crianças e outro tio com as outras duas crianças[222].

A oscilação no número de órfãos não decorre unicamente da entrada de crianças que eram recebidas mensalmente, mas igualmente pela saída de crianças que

---

[220] Única sobrevivente da família, Franka Kleczewska só conseguiu permanecer no gueto até o final da guerra por ter sido adotada pelo médico Michael Eliasberg, que trabalhava como cirurgião no gueto. Tanto Franka quanto seus pais adotivos sobreviveram ao final da guerra, tendo a jovem imigrado para Israel em 1948. A história de Franka faz parte da exibição de álbuns infantis do Holocausto promovida pelo Yad Vashem ("Don't Forget Me" – Children's personal albums from the Holocaust. **Yad Vashem**. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/albums/franka-kleczewska.asp.> Acesso em: 11 abr. 2018)

[221] Rywka Lipszyc escreveu um diário (LIPSZYC, 2015) no gueto de Łódź entre outubro de 1943 e abril de 1944, que foi encontrado enterrado perto dos crematórios em Auschwitz por uma médica soviética que acompanhava as tropas libertadoras.

[222] Nascida em 1929 e com 14 anos quando começou a escrever seu diário em 1943, Rywka já havia perdido até esse momento ambos os pais devido a doenças e também um irmão e uma irmã que estavam morando com um tio e que foram levados na *Spherre* de setembro de 1942. Rywka e sua irmã Cipka moravam com outro tio, também levado na *Spherre*, que deixou a esposa cuidando de seis meninas, sendo três suas próprias filhas, as sobrinhas Rywka e Cipka e outra sobrinha chamada Esther. Em julho de 1943, a tia morre, deixando sua filha mais velha, Estusia, de 20 anos, como responsável pelas duas irmãs e pelas duas primas, Rywka e sua irmã Cipka. Esther, de 4 anos, que era prima de Rywka e de Estusia, foi viver com outros tios (ZAPRUDER, In: LIPSZYC, 2015, pp. 11-51).

deixavam o orfanato por motivos diversos. O documento apresenta de forma detalhada o número de novas crianças acolhidas (*Aufgenommen)* e o número de crianças que deixaram o orfanato (*Ausgeschieden)* mês a mês, além das que morreram no período. Na tabela que apresenta os números referentes ao ano de 1942 são elencados os motivos pelos quais as crianças deixaram o orfanato, sendo eles a transferência para outra instituição, pedido da família, emancipação, deportação ou doença.

É possível ainda, através da análise da tabela em questão, ver a evolução no número de ófãos doentes em 1940 e 1941, que cresceu em conformidade com o montante de crianças abrigadas no orfanato. Em 1940, o mínimo foi de 4 doentes em maio, primeiro mês do orfanato e no qual havia um total menor de crianças, e o máximo de órfãos doentes ocorreu em outubro, mês que apresentou o maior número de órfãos. No ano seguinte, 1941, o número de crianças doentes atingiu o auge em agosto, quando 63 das 662 crianças abrigadas estavam com alguma doença, o que representava quase dez por cento do total.

As doenças apresentadas foram variadas, sendo algumas delas doenças chamadas infantis por serem comuns em crianças, tais como a catapora, a rosácea e a escarlatina. Outras eram provocadas pela falta de higiene em um gueto densamente povoado, que facilitava a disseminação de epidemias como tifo e disenteria, as quais os habitantes todas de todas as faixas etárias estavam sujeitos. Outras eram explicadas pelas condições de vida do gueto, quando o frio excessivo, a falta de alimentação adequada e a degeneração física resultavam em doenças como a gripe, a bronquite, a pneumonia, a agina e a doença articular degenerativa.

O mesmo documento nos permite ver a evolução no número de funcionários do orfanato entre janeiro de 1941 e agosto de 1942, havendo uma lacuna no ano de 1940, quando o número de funcionários não foi contabilizado. O corpo de funcionários do orfanato oscilou mês a mês, variando entre o mínimo de 29 funcionários em fevereiro de 1941 até o ápice de 147 nos dois meses finais do orfanato, julho e agosto de 1942. Proporcionalmente, o número de profissionais em relação ao número de órfãos variou consideravelmente, sendo que em fevereiro de 1941, quando o orfanato tinha 29 funcionários e 484 crianças, havia aproximadamente 16 crianças por cuidador, enquanto que em agosto de 1942, quando eram 147 os funcionários e 597 as crianças, a relação era de 4 crianças por cuidador.

As crianças órfãs não eram as únicas a preocupar o *Judenälteste*, uma vez que, ao transformar o gueto em uma grande fábrica, surgiu a questão das crianças que ficavam sozinhas em casa enquanto os pais trabalhavam nas longas jornadas de 10 a 14 horas diárias. Para evitar que crianças pequenas ficassem abandonadas em apartamentos impróprios, sem aquecimento ou comida, surgiu a ideia de desenvolver colônias de recreação infantis (*Kindererholungsheim*), também chamadas de semi-colônias (*Halbkolonien*), nas quais as crianças entre 4 e 7 anos poderiam ficar entre as oito e meia da manhã até as dezenove horas, recebendo três refeições diárias sob a supervisão de educadores. Tal ideia se concretizou através do decreto número 73 (*Bekanntmachung nr. 73*) datado de dia 28 de junho de 1940 e assinado por Rumkowski (UNGER, 2009, p. 135).

A primeira fase foi no verão de 1940, quando 6.283 crianças foram atendidas entre julho e outubro nas colônias de recreação, sendo 5.403 delas dentro da idade determinada pelo decreto e 875 crianças acima dos 8 anos, conforme tabela abaixo, elaborada pela Administração do gueto.

Imagem 26– Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número de crianças atendidas pelas colônias entre julho e outubro de 1940

Erholungsheime für Kinder

(JULI–OKTOBER 1940).

ERHOLUNGS-HEIME	I. TURNUS				II. TURNUS				III. TURNUS				Anzahl der Kinder die zwei Turnusse besucht haben
	Knaben	Mädchen	Zusammen	Zeitdauer des Turnus (in Tagen)	Knaben	Mädchen	Zusammen	Zeitdauer des Turnus (in Tagen)	Knaben	Mädchen	Zusammen	Zeitdauer des Turnus (in Tagen)	
I.	.	.	1668	53	.	.	1447	29	.	.	1613	31	992
II.	32	345	668	56	459	491	950	51	—	—	—	—	336
III.	—	—	—	—	—	—	—	—	205	387	592	48	—
IV.	—	—	—	—	134	122	256	71	—	—	—	—	—
V.	—	—	—	—	—	—	—	—	227	190	417	55	—
Zusammen	.	.	2336	X	.	.	2653	X	.	.	2622	X	1328

Kinder nach Altersgruppen.

ERHOLUNGS-HEIME	Im Alter v. 3—7 Jahren			In Schulpflichtigem Alter										Über 14 Jahre		
	Knaben	Mädchen	Zusammen	8 Jahre	9 Jahre	10 Jahre	11 Jahre	12 Jahre	13 Jahre	14 Jahre	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Zusammen
I.	.	.	3736	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
II.	.	.	1282	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
III.	48	75	123	78	92	95	83	70	39	10	157	310	467	—	2	2
IV.	133	118	251	—	—	—	—	2	—	1	1	2	7	—	2	2
V.	4	7	11	50	89	90	47	61	36	32	222	183	405	1	—	1
Zusammen	.	.	5403	128	181	185	130	133	75	43	380	495	875	1	4	5

Fonte: RG-15_083M_0168_00000624 (USHMM)

No mesmo anúncio, publicado em cartazes afixados nas paredes do gueto, foi divulgada a criação de colônias de verão para crianças entre os 7 e os 15 anos. Nas colônias, essas crianças maiores passariam os meses do verão em Marysin, na periferia noroeste do gueto, onde receberiam alimentação adequada, supervisão médica e reforço escolar. No mesmo decreto foi anunciado que, dentre as 11 mil vagas da colônia de verão, 7 mil delas seriam ofertadas gratuitamente e outras 4 mil em troca de pagamento (UNGER, 2009, p. 135).

Além da idade, os dois tipos de colônia anunciados divergiam na questão da estadia, pois enquanto na colônia de verão as crianças maiores ficavam em dormitórios durante todo o período das férias de verão, nas semi-colônias ou colônias de recreação as crianças menores ficavam somente durante o dia, retornando para seus lares à noite (HORWITZ, 2010, p. 82).

Marysin começou como uma colônia de verão e depois se tornou uma colônia permanente, abrigando três escolas, dois orfanatos, uma livraria, um centro cultural e um hospital para crianças[223]. A colônia em Marysin iniciou suas atividades em agosto de 1940 com 1.221 crianças, a maioria meninas. Nos dois anos subsequentes, o número de crianças abrigadas na colônia aumentou, sofrendo oscilações mensais, até atingir o máximo de 1.750 crianças em setembro de 1941. A tendência da maioria feminina entre as crianças foi invertida, sendo os meninos maioria entre janeiro de 1941 e agosto de 1942[224].

---

[223] Situado na extremidade nordeste do perímetro do gueto, Marysin era um complexo que abrigava, além da colônia de férias e da colônia permanente, outras instituições voltadas às crianças e adolescentes do gueto, oferecendo educação, alimentação e cuidados médicos. Anteriormente habitada majoritariamente por poloneses, Marysin era uma região rural pouco habitada na periferia da cidade. Incluída na delimitação do gueto, Marysin se tornou a área de lazer do gueto, sediando casas de veraneio das autoridades do gueto. O complexo educacional ali estabelecido foi denominado de Marysin II (PODOLSKA, 2004, p. 98).

[224] As meninas, maioria na colônia infantil de Marysin nos meses iniciais entre agosto e dezembro de 1940, só foram novamente maioria no mês de julho de 1941, permanecendo minoria ao longo do ano de 1941 e de 1942, até o fechamento da colônia em setembro de 1942 (documento RG-15_083M_0168_00000619)

Imagem 27 – Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número mensal de crianças na colônia de Marysin entre os meses de agosto de 1940 e setembro de 1942, distinguindo as crianças por gênero e idade

Kinderkolonien

a) Bewegung, Kinder nach Jahrgängen und Geschlecht

VIII. 1940 – IX. 1942

	Aufgenommene Kinder	Ausgeschiedene Kinder	Stand am Monatsende	Kinder[1] nach Jahrgängen und Geschlecht											Insgesamt		
				1935 und jüngere	1934	1933	1932	1931	1930	1929	1928	1927	1926	1925 und ältere	Knaben	Mädchen	Zusammen
1940																	
August – September	1221	148	1073	–	6	19	62	85	126	250	280	235	139	19	585	636	1221
Oktober	50	30	1093	–	4	16	56	76	116	215	255	227	139	19	543	580	1123
November	253	45	1301	–	6	19	71	102	147	271	314	241	157	19	645	701	1346
Dezember	52	398	965	–	10	21	76	105	146	271	308	241	156	19	658	695	1353
1941																	
Januar	142	54	1043	–	17	33	59	87	124	212	221	190	134	20	577	520	1097
Februar	54	12	1085	–	17	33	59	87	124	212	221	190	134	20	577	520	1097
März	129	40	1168	–	23	38	63	102	137	228	242	204	148	23	642	566	1208
April	45	14	1199	–	23	38	77	102	139	230	243	204	148	23	645	568	1213
Mai	97	87	1209	–	31	48	98	81	187	216	289	190	130	37	700	596	1296
Juni	190	49	1350	–	37	55	134	92	202	235	299	197	141	43	748	651	1399
Juli	230	24	1556	–	65	85	146	124	236	266	320	200	127	23	782	798	1580
August	168	37	1687	51	51	99	147	136	247	281	330	218	132	33	866	858	1724
September	63	68	1682	51	68	103	152	141	247	281	342	213	123	34	889	861	1750
Oktober	61	53	1690	51	73	106	153	144	245	287	336	208	116	25	902	841	1743
November	51	46	1695	47	78	108	153	144	247	281	336	204	119	24	909	832	1741
Dezember	32	69	1658	44	75	110	149	144	282	244	331	201	120	27	899	828	1727
1942																	
Januar	33	65	1626	47	75	110	147	142	274	233	320	197	119	27	881	810	1691
Februar	37	169	1494	47	74	113	149	139	272	223	308	193	118	27	868	795	1663
März	98	90	1502	62	81	116	155	137	262	194	288	174	98	25	832	760	1592
April	91	81	1512	76	84	118	156	139	258	191	287	167	95	22	883	760	1593
Mai	83	102	1493	86	91	121	161	142	265	188	285	153	84	19	821	774	1595
Juni	99	100	1492	88	98	126	170	144	271	185	270	147	78	15	830	762	1592
Juli	77	74	1495	107	102	132	170	140	265	180	254	137	69	13	833	736	1569
August	63	72	1486	122	107	134	171	142	258	173	249	131	59	12	826	732	1558
September	23	978	531	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.

Fonte: RG-15_083M_0168_000000619 (USHMM)

O número de quartos na colônia infantil em Marysin variou entre 165 nos meses de setembro à dezembro de 1940 e 220 entre os meses de janeiro à agosto de 1942, assim como também sofreu variações o número de crianças por cama do máximo de 1,9 crianças por cama entre janeiro e junho de 1941 para o mínimo de 1,2 crianças por cama entre setembro e dezembro de 1940[225].

No mesmo documento, temos uma tabela que contabiliza o número de crianças órfãs residentes na colônia e nos dois orfanatos[226] em Marysin, abaixo apresentada. O objetivo da tabela é apresentar a condição familiar das crianças que viviam de forma permanente em Marysin, dividindo-as em órfãs, meio-órfãs (órfãs de pai ou de mãe) e em uma categoria denominada “sem supervisão” (*ohne Aufsicht*).

[225] A média de crianças entre os meses de janeiro e junho de 1941 foi de 1.218 para um total de 618 camas, enquanto que a média dos meses setembro a dezembro de 141 foi de 1.260 para 801 camas (RG-15_083M_0168_000000620)

[226] Havia dois orfanatos em Marysin estabelecidos em junho de 1940, um situado à rua Marysińska 100 e outro no número 119 da rua Okopowa (PODOLSKA, 2004, p. 98). Em fevereiro de 1941, as autoridades alemãs ordenaram a transferência dos órfãos que estavam nos orfanatos em Marysin para um prédio que ficava na região central do gueto, na rua Franciskańska 102, que sediava, além do orfanato, uma escola secundária e uma escola vocacional (TRUNK, 2008, p. 60).

Em dezembro de 1940 somente vinte e três por cento (311 de um total de 1.353) das crianças sediadas na colônia eram órfãs ou meio órfãs, enquanto que em maio, apenas meio ano depois, a proporção havia dobrado, com quarenta e sete por cento (615 de 1.296 crianças) de crianças que não tinham um ou ambos os pais. O crescimento continuou de forma progressiva, até atingir o ápice em agosto de 1942, último mês da colônia em Marysin, quando oitenta e dois por cento das crianças ali residentes eram órfãs ou meio-órfãs (1.280 entre 1.558 crianças).

Fica evidente na análise dos números que a proporção de crianças órfãs e meio-órfãs na colônia cresceu de forma acelerada e contínua, revelando uma tendência cada vez mais forte no gueto de crianças que adentraram o gueto com ambos os pais e que, conforme o tempo passava, perdiam um ou os dois. Consequentemente, o crescimento do número de órfãos e meio órfãos em Marysin era uma consequência de um fenômeno maior, que atingia o gueto como um todo.

Temos vários exemplos de casos nos quais crianças e jovens se tornaram órfãos no gueto, como o já citado exemplo da menina Franka Kleczewska que foi viver na colônia de Marysin após a morte de ambos os pais, enquanto seus irmãos menores foram abrigados no orfanato.

Outro exemplo é o do jovem Dawid Sierakowiak, cuja mãe fraca e doente foi levada na deportação dos “incapacitados” para o trabalho em setembro de 1942 (ADELSON, 1997, p. 269-276), deixando Dawid e sua irmã menor Nadzia meio-órfãos. Sete meses depois, em março de 1942, foi a vez do pai falecer devido à problemas cardíacos relacionados ao enfraquecimento, frio e inanição (ADELSON, 1997, p. 307-308), deixando os dois irmãos órfãos. Quatro meses depois, em agosto de 1943, o próprio Dawid Sierakowiak morreu devido à tuberculose e fraqueza generalizada (ADELSON, 1997, pp. 33-34), deixando a adolescente Nadzia sozinha no gueto por um ano, quando foi levada nos transportes finais que deixaram o gueto rumo a Auschwitz em agosto de 1944, onde provavelmente foi morta.

Imagem 28 – Tabela feita pela Administração do gueto mostrando o número de quartos e camas na colônia infantil de Marysin e a condição familiar das crianças ali abrigadas entre setembro de 1940 e agosto de 1942

Kinderkolonien

b) Wohnbedingungen, Hygiene
(Durchschnittswerte)
IX. 1940 – VIII. 1942

	Wohnbedingungen						Hygiene	
	Räume	Oberfläche (in m²) insgesamt	Oberfläche (in m²) pro Kind	Öfen	Schlafstellen	Kinder pro Schlafstelle	Reinigungsbäder	Haarschneiden
September–Dezember 1940	165	2169	2,0	55	801	1,2	1137	1514
Januar – Juni 1941	191	2497	2,1	126	618	1,9	1142	1215
Juli – Dezember 1941	218	2671	1,6	145	900	1,8	3315	1847
Januar – August 1942	220	2680	1,8	176	1020	1,5	3299	.

c) Familienverhältnisse der Kiner
XII. 1940 – VIII. 1942

	Waisen	Halbwaisen	Ohne Angabe
1. Dezember 1940	101	210	.
1. Mai 1941	194	421	.
1. August 1941	409	572	.
1. Februar 1942	612	596	105
1. August 1942	756	524	133

Fonte: RG-15_083M_0168_000000620 (USHMM)

O número de órfãos não aumentava unicamente como decorrência da morte dos pais das crianças que já estavam no gueto, como também era influenciado pela chegada de crianças órfãs, oriundas de outros guetos e cidades vizinhas, seja através de deportação ou por fuga. Além dessas opções, também havia o envio de crianças da parte ariana da cidade, cuja origem judaica havia sido encoberta sem sucesso.

A Crônica do Gueto relatou no dia 17 de abril de 1942 a entrada no gueto de uma adolescente de 15 anos chamada Apolonia Piątecka, escortada no dia anterior da parte ariana da cidade ao gueto sem pertence algum. Filha de pais desconhecidos, viveu em um orfanato municipal até ser adotada pela família Grabowski, com a qual vivia nos últimos doze anos. Morando na principal avenida da cidade, Piotrkowska, e trabalhando como modista na parte ariana de Łódź, foi examinada por um comitê especial, que suspeitou de sua origem judaica e a enviou ao gueto. Uma vez isolada dentro das cercas, a jovem foi colocada no orfanato da rua Franciszkańska e provavelmente seria encaminhada para trabalhar na fábrica de chapéus do gueto, apostaram os cronistas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 148).

A chegada de órfãos era constante e frequentemente registrada na Crônica do Gueto, onde é possível ver que crianças de todas as idades e de diversas cidades e vilarejos alcançavam o gueto. Entretanto, os registros são pouco detalhados e deixam de informar os detalhes da chegada dos órfãos, tais como os motivos de serem levados ao gueto e como chegaram ali. Mesmo assim, através da análise fica evidente que era considerável o número de crianças que chegavam ao gueto sem os seus pais, quer estivessem vivos e dos quais por algum motivo foram separadas, quer fossem órfãs.

O aumento nos índices de crianças que haviam se tornado órfãs no gueto foi potencializado após as deportações de setembro de 1942, quando não apenas crianças e idosos foram deportadas para Chełmno, como também muitos adultos que “enfrentavam” os soldados da *SS* ou que estavam doentes e fragilizados. A deportação desses adultos considerados inúteis ou resistentes resultou em um número ainda maior de crianças órfãs. Houve também pais que esconderam seus filhos e foram em seu lugar, já que a *SS* levava qualquer membro da família quando não encontrava os selecionados para deportação.

Com a finalidade de cuidar desses novos órfãos, a Administração do gueto criou uma Comissão Especial em 22 de setembro, incumbida de encontrar um lar para essas crianças e providenciar roupas adequadas. O resultado foi a criação do Comitê de Proteção à Juventude que, através do incentivo de conceder cupons de ração suplementares de comida, encontrava famílias dispostas a acolher esses novos órfãos (LIPSZYC, 2015, p. 59).

O Comitê supervisionava o processo de adoção e fornecia apoio financeiro aos órfãos, tais como roupas, cupons para consultas médicas e rações complementares chamadas *Bajrat*, conhecidas como ração “B” (ZAPRUDER, In: LIPSZYC, 2015, p. 19). O auxílio financeiro e a doação de bens de primeira necessidade como sapatos e roupas seriam concedidos aos órfãos que não recebessem o suficiente em seu trabalho para adquirir esses itens, sendo estendidas para as famílias de baixa renda que aceitaram acolher órfãos em sua casa e que não tinham meios de se sustentar (DOBROSZYCKI, 1984, p. 297).

Trabalhando intensamente, o Comitê produziu resultados rápidos, encontrando lar para 200 crianças que ficaram órfãs após a *Spherre* até o dia 4 de outubro e cadastrando aproximadamente 500 famílias que haviam se oferecido para acolher essas crianças (DOBROSZYCKI, 1984, p. 268). Até 30 de outubro a Comissão já havia colocado 520 órfãos com suas novas famílias (DOBROSZYCKI, 1984, p. 279).

No dia 7 de dezembro a Crônida do Gueto reportou que a Comissão Especial já havia abrigado 720 crianças e que em breve mais 300 encontrariam um lar. Foi ainda mencionada a intenção de transferir para lares outras 300 crianças que estavam temporariamente vivendo em cinco albergues para adolescentes, permanecendo nesses albergues apenas adolescentes de 16 e 17 anos e crianças consideradas incapazes de serem abrigadas por famílias devido a doenças ou problemas comportamentais. Outra tentativa anunciada pelos cronistas na mesma data foi a de

reunir esses jovens de 16 e 17 anos em grupos de quatro ou cinco e encaminhá-los a apartamentos mobiliados, onde estariam sob a supervisão atenta da Comissão (DOBROSZYCKI, 1984, p. 297).

Isaiah Trunk destaca que os órfãos do gueto, quer fossem os que já eram órfãos ou os que haviam perdido seus pais no gueto, eram crianças especialmente sofridas, não apenas por estarem desprovidas de suas famílias, mas por serem objeto de exploração:

> Tais crianças (órfãs) não raro eram vítimas indefesas de exploração. As melhores partes de sua ração alimentar eram tiradas deles para os doentes, para os próprios filhos, ou eram injustiçados de outra forma. Também acontecia que as famílias, após a perda de seus filhos, acolhiam uma criança desconhecida e a tratavam como seu próprio filho. (TRUNK, 2008, p. 302)

O cuidado com os órfãos não era a única preocupação de Rumkowski, que igualmente se preocupava em garantir um futuro para as crianças, o que explica a atenção que o *Judenälteste* dedicava à educação, tanto no nível básico quanto em cursos preparatórios, seja para o mercado de trabalho ou para uma *aliyah* na Palestina. Disso decorre a singularidade do sistema educacional do gueto de Łódź, que não pode ser analisado sem levar em consideração a atuação de Rumkowski na liderança do gueto e suas prioridades, por sua vez compreendidas dentro da sua própria história de vida, como analisei no capítulo anterior.

3.3. Crianças nas escolas do gueto

O ano letivo polonês, assim como ocorre no restante da Europa, tem início em setembro e termina em junho, quando começa o período de férias. Em 1939, o início do ano letivo coincidiu com o início da Segunda Guerra Mundial, sendo que em Łódź, invadida pelos soldados alemães em 8 de setembro, o retorno das aulas estava previsto para o dia 11, apenas três dias depois da invasão[227].

[227] Em Varsóvia, o início do ano letivo em 1939 estava previsto para 1° de setembro, exatamente o dia da invasão alemã, o que fez com que as escolas não abrissem. No dia 08 de outubro, o Alto Comando das forças de ocupação alemã na Polônia emitiu uma ordem permitindo a reabertura das escolas. Contudo, no final de novembro, após a substituição dos militares pelas autoridades civis alemãs, uma nova ordem foi publicada anunciando o fechamento das escolas judaicas, pelo suposto risco de disseminação de doenças contaminosas. A última escola judaica de Varsóvia foi fechada no dia 04 de dezembro de 1939 (TRUNK, 1977, p. 197).

As recém-estabelecidas autoridades alemãs da cidade solicitaram aos cidadãos que continuassem suas rotinas, buscando manter uma aparência de normalidade que, em última instância, poderia apenas ser artificial, uma vez que a sensação de normalidade não era sentida pelos moradores, sobretudo pela parcela judaica da população. Parte da tática dos dominadores de assegurar uma aparente normalidade era garantir a continuidade das aulas, o que ocasionou a abertura de todas as escolas, inclusive das escolas judaicas, dentro da data prevista no calendário escolar, 11 de setembro (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 209).

Havia 31 escolas elementares públicas judaicas na cidade funcionando nesse início de ano letivo, frequentadas por 17.902 alunos do nível fundamental ao ensino médio (TRUNK, 2008, p. 54). Além das públicas, Łódź contava com mais 32 escolas judaicas, sendo doze *cheders*[228] com 1.452 alunos, dez escolas de ensino médio com 1.861 estudantes e outras dez escolas elementares ligadas às escolas de ensino médio com 1.112 alunos. Isso significa que em setembro de 1939, quando do início do ano letivo 1939-1940, havia 63 escolas judaicas com um total de 22.327 alunos inscritos (TRUNK, 1977, p. 207).

Todavia, nas escolas judaicas o reinício das aulas estava ainda mais distante de apresentar a normalidade pretendida pelos alemães, uma vez que professores e alunos eram abordados no caminho para a escola, sofrendo violência física e emocional. Para evitar que os filhos fossem perturbados no caminho para a escola ou que fossem convocados ao trabalho forçado, muitas famílias judaicas impediram seus filhos de frequentar as aulas. Alguns estudantes abandonaram a escola a fim de trabalhar e contribuir para a renda familiar, uma vez que muitos pais estavam desempregados ou haviam perdido grande parte de seus bens após a chegada dos alemães.

O adolescente Dawid Sierakowiak, extremamente lúcido e perspicaz apesar de seus recém-completados 15 anos de idade, registrou com aborrecimento em seu diário no dia 11 de setembro que seus pais não lhe deram permissão de ir à escola, especialmente depois de ouvir dos colegas que as aulas naquele dia foram “normais”, normalidade questionada pelo jovem ao se utilizar de aspas (ADELSON, 1997, p. 63-64). Ainda que estivesse aborrecido pela proibição paterna de comparecer às aulas, os registros que Sierakowiak fez em seu diário nessa primeira semana escolar

[228] *Cheder* eram escolas religiosas primárias particulares.

justificam o receio dos milhares de pais e mães em permitir que seus filhos frequentassem as escolas, uma vez que contêm uma série de relatos que o adolescente ouviu sobre pessoas sendo agarradas para trabalhos forçados e sofrendo agressão por parte dos alemães, exatamente a preocupação dos pais.

Uma série de mudanças afetaram o cotidiano dos estudantes judeus desde os primeiros dias do período letivo. O próprio Dawid Sierakowiak, que desabafou em seu diário sobre a impossibilidade de comparacer ao primeiro dia de aula, nem chegou a ter aulas em sua habitual escola secundária[229], pois que esta foi fechada e seus alunos foram encaminhados ao Liceu n°1, juntamente com outras turmas de outros dois liceus. Só na terça-feira subsequente, dia 19 de setembro, foi que finalmente Sierakowiak conseguiu comparecer às aulas na nova escola, sendo colocado em uma sala com 15 meninas e 19 rapazes, quantidade que o fez afirmar que a sala estava abarrotada (ADELSON, 1997, pp. 63-69).

Tamanhos empecilhos resultaram em um declínio na taxa de frequência nas escolas, sendo que somente um terço, ou 7.336 alunos[230] (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 207), dos 22.327 que estavam inscritos em setembro efetivamente frequentavam as aulas quando do isolamento do gueto em maio de 1940. Tal declínio foi o resultado de meio ano de terror nazista, que teve um impacto direto e profundo na educação de crianças e jovens judeus de Łódź nesse primeiro ano letivo da guerra.

Mesmo com tamanhas e numerosas dificuldades, muitas crianças e jovens insistiam em frequentar a escola, buscando o conforto que um ambiente familiar proporcionava no meio de tanta instabilidade e temor. Dawid Sierakowiak era um desses jovens obstinados que não se desestimulou com o trajeto de cinco quilômetros à pé até a escola, afirmando que todo esforço valia a pena para poder frequentar as aulas (ADELSON, 1997, p. 69).

Inclusive valia a pena correr o risco de ser apanhado para trabalho forçado no caminho para a escola, como acabou acontecendo com o jovem que, no dia 04 de outubro, resolveu pegar um trajeto mais curto para a escola. No caminho, foi convocado por um aluno do liceu alemão para fazer atividades inúteis e degradantes,

---

[229] O dia 11 de setembro caiu numa segunda-feira, sendo que na terça era véspera de Rosh Hashanah, feriado que fez com que as aulas retornassem somente na segunda-feira seguinte (ADELSON, 1997, p. 64)

[230] Um registro anônimo sobre o ano letivo de 1940-1941 afirma que os 7.366 alunos que frequentavam as aulas em abril de 1940 estavam divididos da seguinte forma: 6.265 alunos em escolas primárias, 728 alunos no ginásio e o restante em escolas religiosas (In: TRUNK, 2008, p. 86).

como pegar com as mãos folhas do chão e encher poças com areia, enquanto os transeuntes riam da cena. Este trabalho degradante durou meia hora, sendo então Sierakowiak liberado para continuar seu trajeto até o Liceu, onde o fato de chegar atrasado por motivo de agressão não surpreendia mais os professores por ser um evento demasiadamente recorrente (ADELSON, 1997, p. 75-77).

Uma das primeiras decisões de Mordechai Chaim Rumkowski, que se dizia sobremaneira preocupado com a educação das crianças, após seu apontamento como *Judenälteste* foi a de formar um conselho de especialistas na área de educação. Tal decisão surgiu após a autorização que Rumkowski recebeu do comissário alemão de Łódź, Albert Leister no dia 25 de outubro, de supervisionar as escolas judaicas da cidade, que deveriam ser mantidas através de um imposto que seria cobrado dos próprios judeus (TRUNK, 1977, p. 207).

O Conselho Educacional, como a princípio foi nomeado, era liderado por Eliash Tabaksblat, que já havia ocupado o importante posto de superindentente do sistema escolar público de Łódź e que agora seria o supervisor das escolas judaicas da cidade. Tabaksblat formou uma equipe composta por cinco profissionais com experiência em bem-estar social[231], pois pretendia garantir, além da educação, refeições quentes aos alunos, pois muitos já passavam fome com as restrições feitas aos judeus pelos alemães.

Apesar de sofrerem mudanças constantes na carga horária, no número de aulas e nos conteúdos ministrados[232], as escolas judaicas continuaram em funcionamento até em 18 de dezembro de 1939, quando foram fechadas com o início da transferência dos judeus para os limites do novo gueto, sendo reabertas já no gueto estabelecido. Devido à imprevista interrupção, o ano letivo 1939-1940, que deveria se encerrar em junho, foi estendido até setembro de 1940 (LÖW, 2010, p. 195).

Em maio de 1940, o recém-isolado gueto contava com trinta e cinco escolas elementares com 6.263 alunos, duas escolas religiosas com 283 alunos, uma escola secundária com 728 alunos e uma escola vocacional com 92 alunos, totalizando 7.336

---

[231] O grupo liderado por Eliash Tabaksblat era formado por Dr. Braude, pelos diretores de escola Brandsteater e Michal Ginsberg, o editor Isaiah Uger e o poeta Yitzchak Katznelson (EILENBERG-EIBENSHITZ, 1998, p. 208).

[232] Dawid Sierakowiak deixa bem claro em suas entradas do diário nos meses de outubro, novembro e dezembro, afirmando, em 13 de novembro: “As aulas na escola são irregulares de novo. Há mudanças frequentes no horário, o número de aulas foi reduzido e vários professores estão ausentes. As mudanças são infinitas” (ADELSON, 1997, p. 94).

alunos em trinta e nove escolas, número bem menor do que aquele de inscritos em setembro, conforme anteriormente mencionado. Dentre esses estudantes, 5.542 alunos, o equivalente a três-quartos do total, recebiam alimentação nas escolas, o que era um dos maiores objetivos de Tabaksblat (TRUNK, 2008, p. 54).

O primeiro ano letivo da guerra, que iniciou dez dias após a invasão da Polônia em setembro de 1939 e se encerrou um ano depois, em setembro de 1940, meio ano após o estabelecimento do gueto, foi conturbado. Apesar da hesitação do início das aulas, da interrupção durante a transferência interna da população de Łódź e da rearticulação do sistema escolar para se adaptar às novas condições do gueto, as aulas prosseguiram, oferecendo um pouco de normalidade na vida das crianças e adolescentes judeus da cidade em meio à tantas mudanças.

O sucesso do ano letivo, finalizado graças aos esforços da equipe de Tabaksblat, fica patente em seus números, expressos em gráficos elaborados pelo Departamento de Estatísticas do gueto[233]: ao longo do ano letivo, foram 11.783 estudantes atendidos no sistema escolar do gueto e 377 professores empregados.

Uma vez dentro gueto, o Conselho Educacional foi renomeado e se transformou no Departamento Escolar[234], que sofreu uma série de mudanças a fim de se adaptar à nova realidade do gueto e garantir o acesso escolar a todas as crianças e jovens, o se provou um desafio logístico. Afinal, das 31 escolas judaicas que existiam em Łódź em setembro de 1939, somente 8 delas tinham seus edifícios dentro do perímetro do gueto, o que gerou superlotação nas salas, que chegaram a ter 90 alunos por sala no ensino médio (TRUNK, 1977, p. 208). Esse foi um dos desafios deste novo

---

[233] O número de alunos foi contabilizado em uma tabela que distingue os alunos segundo o tipo de escola, a saber: pré-escola, escolas primárias (subdivididas em secular, religiosa e especial) e escolas secundárias (subdivididas em ginásio e vocacional). Ademais, a tabela destrincha o corpo discente segundo o ano de nascimento e o sexo do estudante. Analisando a tabela, é possível saber que, do total de 11.873 alunos, 188 estavam na pré-escola, 10.906 nas escolas primárias e 689 nas escolas secundárias, sendo que mais da metade do total era composto por meninas, que somavam 6.518, contra os 5.265 meninos. O documento se chama *Aufstellung nach Jahrgängen und Schultypen* e faz parte da coleção *Przełożony Starszeństwa Żydow w Getcie Łódzkim*, contida no arquivo do *United States Holocaust Memorial Museum* em Washington D.C., sob o registro RG-15_083M-0003-00001010.

[234] O Departamento Escolar era situado à rua Francizkańska, a mais extensa do gueto, número 27, no mesmo prédio que abrigava o quartel da polícia judaica e o tribunal do gueto. Esse edifício também sediava duas escolas, sendo que havia outras escolas na mesma rua, uma no número 13/15 e outra no número 29, ambas transformadas em outubro de 1941 nos chamados “coletivos” que abrigavam os judeus ocidentais. Após as deportações de maio de 1942, quando a maioria dos judeus ocidentais foi transportada para Chełmno, ambos os edifícios se transformaram em fábricas (PODOLSKA, 2004, pp. 92-94).

departamento, arranjar locais com as mínimas condições de sediar uma escola, dentro de um gueto já lotado e com prédios em precário estado.

Para facilitar o gerenciamento do sistema escolar do gueto, cada membro da diretoria do Departamento Escolar se responsabilizou por um tipo de escola, ficando Eliash Tabaksblat como supervisor das escolas elementares, o Dr. Sonnenchein pelas escolas religiosas e Brandsteater entrou no lugar de Tabaksblat como diretor geral. Com a partida de Sonnenchein e Bransteater de Łódź a configuração do Departamento Escolar mudou, permanecendo Tabaksblat na diretoria com seu novo assistente, Moshe Karo, que havia sido secretário das escolas judaicas de ensino médio da cidade. No fim de 1940, uma nova mudança no Departamento Escolar, com o apontamento por Rumkowski de Samuel Lew como diretor, permanecendo Tabaksblat e Karo, o primeiro responsabilizado pelas escolas seculares e o segundo pelas escolas religiosas (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 209).

Imagem 29 – Rumkowski (sentado, centro) com membros de sua administração, incluindo Eliahu Tabaksblat (em pé, quarto a partir da direita) e Moshe Karo (em pé, quinto a partir da esquerda)

Fonte: Catalog no. 1772, Registry no. 05595P (Ghetto Fighters House Arquives)

O Departamento Escolar realizou algumas alterações importantes no currículo escolar, como a mudança da língua oficial de ensino do polonês para o iídiche. Além da adoção do ídiche, outras alterações foram feitas com o objetivo de reforçar o Judaísmo no ensino, como a implementação de uma carga de 10 a 12 horas semanais

de estudos religiosos (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 209-210), abrangendo o ensino da língua hebraica, da Bíblia e da história judaica (TRUNK, 1977, p. 209). Essa foi uma grande mudança para muitas crianças que desconheciam as leis e tradições judaicas por terem sido criadas em famílias assimiladas ou mesmo convertidas ao Cristianismo.

A introdução de aspectos religiosos na educação não foi um desafio somente para as crianças, uma vez que havia igualmente professores assimilados que, além de não conhecerem o Judaísmo, não eram fluentes no iídiche, pois que a maioria deles no lecionavam em escolas públicas e não em escolas judaicas, ensinando em polonês, língua oficial do país[235]. Para que pudessem instruir os alunos em iídiche precisavam primeiro dominar a língua, o que trouxe a necessidade de se criar cursos de ídiche voltados para os docentes, a fim de os preparar para lecionar na nova língua oficial do gueto[236].

A Administração do gueto, através de seu Departamento de Estatísticas, realizou um levantamento sobre as línguas faladas pelas crianças e adolescente a fim de determinar quantos alunos tinham domínio do iídiche. A partir dos dados coletados, foi feita uma tabela na qual é possível observar que, das 13.085 crianças que compunham o corpo discente na ocasião da reforma do currículo, realizada entre novembro e dezembro de 1940, 11.265 falavam iídiche, o que representava 86 por cento do total, número considerável[237].

---

[235] Dos 482 professores do gueto, 319 lecionavam em escolas polonesas no pré-guerra e não tinham condições para ensinar em iídiche (TRUNK, 1977, p. 209), o que representava em torno de sessenta e seis por cento do total.

[236] Anna Eilenberg-Eibeshitz (1998, p. 210) afirma que em apenas cinco meses 250 professsores do gueto foram formados no curso de iídiche, o que os capacitava a lecionar na língua oficial do gueto.

[237] Das 11.265 crianças do corpo discente do gueto que tinham conhecimento de iídiche, 3.377 falavam unicamente esta língua, enquanto o restante, 7.888 crianças, tinha domínio de uma segunda língua, geralmente polonês ou alemão. A tabela está na coleção *Przełożony Starszeństwa Żydow w Getcie Łódzkim*, contida no arquivo do United States Holocaust Memorial Museum em Washington D.C., sob o registro RG-15_083M-0168-00000570.

Imagem 30 – Tabela feita na ocasião da reforma do currículo escolar (nov-dez 1940) sobre o domínio de línguas dos estudantes do gueto

Schülerschaft nach Sprachenkenntnis und Herkunft

Ergebnis einer Rundfrage zur Zeit der Schulreform November – Dezember 1940

Schuljahr 1940/41

	Vor dem 1. IX. 1940 im Gettogebiet wohnhafte			Aus der Stadt eingesiedelte			Aus dem Altreich eingesiedelte			Zusammen		
	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Zusammen	Knaben	Mädchen	Zusammen
An der Rundfrage beteiligte Kinder	3393	2329	5722	3876	3417	7293	39	31	70	7308	5777	13085
Nur jiddisch Sprechende	1474	780	2254	796	322	1118	3	2	5	2273	1104	3377
Nur polnisch Sprechende	119	133	252	670	950	1520	9	—	9	798	983	1781
Nur deutsch Sprechende	—	1	1	2	—	2	23	13	36	25	14	39
Jiddisch u. polnisch bezw. deutsch Sprechende	1800	1415	3215	2408	2245	4653	4	16	20	4212	3676	7888

Fonte: RG-15_083M-0168-00000570 (USHMM)

Outra dificuldade era encontrar livros didáticos em iídiche, os quais eram escassos e limitados em gênero. Para contornar esse empecilho, os professores improvisaram, se utilizando do *Gettozeitung*, o jornal oficial do gueto em iídiche, para lecionar até que alguns textos educativos fossem produzidos na gráfica do gueto (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 210). O historiador alemão Andrea Löw destacou o esforço empreendido pelo Departamento Escolar em trazer a tradição e o ensino do Judaísmo através do resgate da língua iídiche com os cursos e confecção de livros didáticos, ao afirmar:

> Apesar das difíceis condições de vida no gueto grande importância foi dada à formação de jovens. Eles queriam produzir livros escolares, por meio dos quais a história e religião judaica, a tradição judaica bem como o iídiche pudessem ser ensinados. (LÖW, 2010, pp. 195-196, tradução minha).

Tamanha complexidade e organização do sistema escolar do gueto de Łódź despertou a atenção de alguns historiadores como Patricia Heberer, que escreveu um livro sobre crianças em diversas situações no Holocausto[238] no qual dedicou um item do capítulo no qual focaliza a educação nos guetos ao sistema educacional de Łódź, por considerá-lo único no mundo dos guetos[239]. Heberer inicia esse item abordando a figura de Mordechai Chaim Rumkowski, a quem atribui qualidades como a de possuir

[238] HEBERER, Patricia. **Children during the Holocaust.** Maryland: AltaMira, 2011

[239] No gueto de Varsóvia, somente em setembro e outubro de 1941 foi permitido pelas autoridades alemãs a abertura de 16 escolas, que atendiam 10 mil alunos, o que representava apenas vinte porcento das crianças em idade escolar (TRUNK, 1977, p. 199).

“imensa habilidade organizativa” e “extraordinária autoridade” (HEBERER, 2011, p. 115).

Patricia Heberer admite que, por ter um estilo autocrático de governar, Rumkowski foi uma figura controversa entre seus contemporâneos e que ainda suscita polêmica entre historiadores, mas afirma ser incosteste seu mérito na “impressionante gama de serviços sociais” que o gueto de Łódź oferecia, que existia graças à sua liderança e atuação (HEBERER, 2011, p. 115). Sendo Heberer, um desses serviços sociais ofertados aos habitantes do gueto era a educação, objeto de um “interesse crescente” do líder judeu que seria extremamente preocupado com o bem-estar das crianças por causa de sua “extensa carreira” como diretor de um orfanato[240].

O tamanho e complexidade do sistema escolar aumentaram no ano letivo de 1940-1941, segundo ano letivo e o único realizado integralmente dentro do gueto, que se iniciou em 29 de outubro de 1940, apenas um mês após o encerramento tardio do ano letivo de 1939-1940 em setembro do mesmo ano (LÖW, 2010, p. 195). Na ocasião, o gueto contabilizava quarenta e cinco escolas, sendo trinta e seis primárias, quatro religiosas, duas especiais[241], duas de gramática e uma de música, todas com cantinas próprias que ofereciam refeições aos mais de 14 mil alunos[242] que as frequentaram no período (H.E.A.R.T., 2007, s/p). Tamanha rede escolar atendia quase sessenta e três por cento das crianças em idade escolar do gueto (HEBERER, 2011, p. 115).

Parte fundamental deste sistema era Marysin, subúrbio do gueto apelidado por Patricia Heberer de “pulmão verde” e “oásis do gueto”. Além das escolas fundamentais, Marysin sediava duas escolas de ensino médio e uma escola vocacional que até janeiro de 1941 eram situadas na parte central do gueto e que

---

[240] Rumkowski reconhecia seu mérito na abrangência do serviço social do gueto, o que ficou patente no discurso que ele fez em 01 fevereiro de 1940, quando afirmou que havia criado uma impressiomante rede de hospitais, postos de emergência, escolas, orfanatos e colônias. O *Judenälteste* afirmou ainda que havia assegurado um lugar na escola para cada criança no gueto, que 15 mil delas recebiam café da manhã e almoço e que 7.500 crianças haviam recebido roupas quentes. Além do mais, ele anunciou que nas colônias de verão as crianças recebiam tudo que poderiam receber dentro das circunstâncias do gueto. Lembrou ainda que concedia auxílio financeiro total a quarenta e cinco por cento da população do gueto e auxílio parcial a vinte e cinco por cento, o que representava metade das despesas do gueto (ADELSON, 1989, pp. 108-109).

[241] Uma escola era para crianças com deficiência mental e uma para crianças surdas e mudas (EILENBERG-EIBESHITZ, 1998, p. 211).

[242] O número de alunos e de professores no ano letivo de 1940-1941 varia conforme os autores consultados. Andrea Löw (2010, p. 195) fala em 17.500 alunos e 648 professores, enquanto Isaiah Trunk (2008, p. 55) fala em 14.944 alunos e em 482 professores.

foram transferidas por Rumkowski em uma tentativa de afastar da vista das autoridades alemãs a existência de cursos superiores, que não eram bem vistos pelas autoridades alemãs[243].

Imagem 31 – Criança e professora analisando um mapa na colônia de Marysin

Fonte: LOOSE, 2010, p. 62

Dando à Marysin uma imagem quase idílica, Heberer alega que "ali, longe da miséria urbana e do desespero, as crianças podiam brincar nos campos abertos de Marysin, cercadas por árvores e flores do campo" (HEBERER, 2011, p. 116, tradução minha). Anna Eilenberg-Eibeshitz (1998, p. 212) compartilha da mesma opinião, comparando Marysin a um "oásis de campos verdes e calma" e chegando a chamá-lo de "paraíso", pois que na periferia as crianças seriam melhor cuidadas e protegidas dos perigos e epidemias que grassavam na parte central e mais urbana do gueto.

Provavelmente por tal razão Patricia Heberer resolveu nomear o item sobre a educação no gueto de Łódź de "Jardim de Éden", aproveitando a comparação feita pelas crianças de uma escola de Marysin em um agradecimento a Rumkowski, a quem chamaram de "querido pai" e de "bom anjo das crianças", pela oportunidade de viver em um local que se assemelhava a um paraíso[244].

---

[243] Os alemães não aprovavam a existência de cursos superiores no gueto, o que ficou patente com a curta duração das *Wszechnica*, uma espécie de universidade que oferecia cursos de especialização para os formandos do ensino médio. Estabelecidas em agosto de 1941, essas faculdades tinham 250 alunos inscritos e cerca de 30 docentes no mês de setembro, mas foram fechadas pouco tempo depois por Rumkowski devido à proibição por parte das autoridades alemãs (TRUNK, 1977, p. 209).

[244] "Para você, nosso querido pai, o bom anjo das crianças, nós, as crianças da Escola No. 25 lhe desejamos um ano de alegrias e bênçãos. Nossos corações estão repletos de gratidão pela comida

A opinião das historiadoras provavelmente se baseia na crença na sinceridade do agradecimento feito pelas crianças a Rumkowski, que deve ser questionada por se tratar de uma homenagem ao líder que constantemente buscava reconhecimento e louvor por parte dos habitantes do gueto, podendo não ser resultado de uma manifestação espontânea de gratidão por parte das crianças que estudavam em Marysin. Assim como outras homenagens feitas ao líder judeu nas oficinas e em datas comemorativas, a pressão de agradar ao *Judenälteste* motivava tais demonstrações de gratidão e apreço, sempre na esperança de serem favorecidos pela homenagem feita.

Dessa forma, não seria implausível que os professores tenham concebido o agradecimento feito pelas crianças como um modo de sensibilizar o seu líder e conseguir algum benefício para elas. Um indicativo nesse sentido é o registro de Dawid Sierakowiak em seu diário no dia 22 de setembro de 1941, quando comenta um episódio ocorrido algumas semanas antes (ADELSON, 1997, pp. 175-176). Sierakowiak estava na escola quando seu professor estava colhendo dos alunos assinaturas que acompanhariam as saudações dirigidas a Rumkowski. O jovem assinou, mas em seguida seus amigos se recusaram a assinar em protesto a Rumkowski[245]. Esse relato mostra que a iniciativa de fazer esse álbum tenha partido dos professores e não de um desejo altruísta por parte das crianças de agradecer ao *Judenälteste* pelas benesses que ele lhes proporcionava.

A visão idílica de Marysin retratada pelas historiadoras mencionadas igualmente diverge da opinião do adolescente Sierakowiak, que desabafou em seu diário pessoal em 27 de abril de 1941 sobre a desagradável viagem à Marysin em seu primeiro dia da nova escola. O jovem diz que o trajeto no campo aberto de Marysin era longo e que o terreno tornava a caminhada em dias de chuva extremamente desafiadora, sobretudo usando calçados surrados como os seus. A escola em Marysin descrita por Sierakowiak estava longe de ser idílica, sendo um prédio pequeno em cujo interior

---

para o corpo e a alma com a qual você nos satisfaz dia a dia. E pela maravilhosa visão, o Jardim de Éden, que você nos concede". (Tradução minha do inglês). A imagem e a tradução do original para o inglês desta página do álbum encontram-se no livro de Patricia Heberer (2001, p. 117) e na página da exposição *"Give me your children": Voices from the Łódź Ghetto*, disponível em <https://www.ushmm.org/exhibition/lodz>/, acesso em 26. ago 2018

[245] Dawid Sierakowiak fazia parte de um grupo de jovens comunistas que se reuniam para estudar obras de Marx e outros teóricos do comunismo e que tinham por objetivo a criação de um partido político de oposição à política de Rumkowski.

somente havia bancos, sem qualquer outro material, nem sequer uma lousa (ADELSON, 1997, p. 120).

O adolescente relatou ainda que no final desse primeiro dia de aula os alunos receberam a ilustre visita de Rumkowski, acompanhado por Moshe Karo, supervisor do Departamento Escolar, e por Boruch Praszkier, supervisor da rede de cozinhas do gueto, que vieram inspecionar as instalações da escola, a qual havia sido aberta com grande dificuldade, segundo o *Judenälteste* informou aos alunos em seu discurso. Dois dias depois, Dawid Sierakowiak admitiu que as aulas eram de qualidade, apesar do desconforto que a estrutura física da escola oferecia aos estudantes (ADELSON, 1997, p. 121). Isso mostra o engajamento dos professores e dos alunos na educação, apesar de todas as dificuldades encontradas no gueto.

O agradecimento no qual consta a comparação de Marysin com o paradisíaco Jardim de Éden faz parte em um álbum temático presenteado ao *Judenälteste* por ocasião do *Rosh Hashanah,* o Ano Novo judaico, comemorado nos dias 22 e 23 de setembro de 1941 e que marcou a entrada do ano 5702 no calendário judaico, conforme registrado pela Crônica do Gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 76).

O álbum era encadernado em couro e continha várias páginas com dedicatórias e agradecimentos, sendo cada uma delas confeccionada por alunos e professores de uma das escolas do gueto. Ao final do álbum, constava a assinatura dos 14.587 alunos e 715 professores da rede escolar do gueto (SHAPIRO, 2010, s/p).

Imagem 32 – Capa do álbum confeccionado pelo Departamento Escolar para Rumkowski

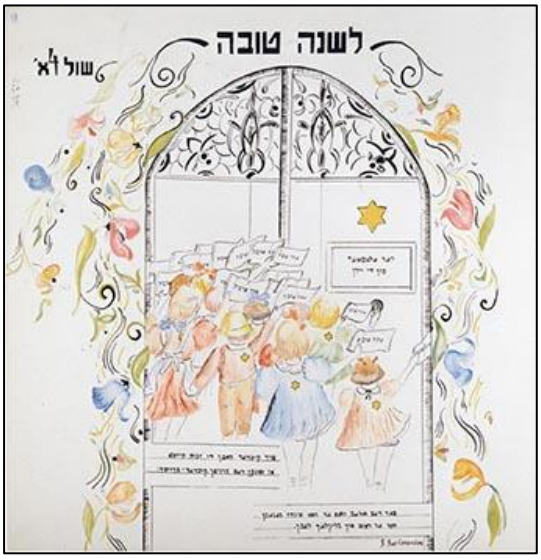
Fonte: USHMM

Imagem 33 – Página do álbum com assinaturas dos alunos do gueto

Fonte: http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/%C5%81odz

No segundo dia do *Rosh Hashanah*, 23 de setembro, Rumkowski, se recuperando de uma doença não definida pelos cronistas, recebeu em seu apartamento uma delegação de crianças que vieram lhe entregar o álbum comemorativo em nome de todo o Departamento Escolar e de todos os milhares de alunos matriculados nas escolas elementares, ginásios e colônias do gueto. Além das gravuras e assinaturas, as mensagens que visavam desejar um feliz ano novo ao líder judeu também incluíam agradecimentos pela proteção e preocupação que ele demonstrava ter pelas crianças do gueto ao assegurar o direito delas à educação.

Imagem 34 – Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 4a



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

Legenda: “Nós crianças estamos hoje honradas em agradecer ao bom amigo das crianças por tudo que nos concedeu. Que ele possa ter uma longa e feliz vida”. (tradução minha[246])

[246] Tradução minha feita para essa pesquisa, baseada na tradução em inglês feita pelo United States Holocaust Museum a partir do original em íidiche para a exibição *"Give me your Children": Voices from the Łódź Ghetto”.* As imagens dos álbuns e suas traduções em inglês encontram-se disponíveis em: <https://www.ushmm.org/exhibition/lodz/>.

Imagem 35 – Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 17a

Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

Legenda: “Você derrama sua vida em nós. Nós crianças, pequenas e grandes, nós vemos você se esforçando. Nós sentimos em nossos corações que você é nosso eterno amigo. Pelas refeições na escola nós te agradecemos muito. E hoje te desejamos um bom ano”. (tradução minha)

Imagem 36 – Página do álbum feita pelos alunos da escola No. 22

Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

Legenda: “As crianças da escola elementar 22 em Marysin II enviam suas sinceras saudações de ano novo para o honrado e amado Sr. Presidente. Nós crianças oramos a Deus para abençoar aquele que estabeleceu um lar para nós e que cuidou muito, e que Ele lhe conceda longos, saudáveis e felizes anos”. (tradução minha)

Contudo, esse resquício de normalidade estava com seus dias contados, uma vez que nesse mesmo 23 de setembro de 1941, logo após a saída das crianças que presentearam o *Judenälteste* com o álbum, Rumkowski recebeu uma convocação das autoridades alemãs para que se dirigisse imediatamente ao escritório em Bałut

Market, onde foi informado da chegada iminente de milhares de deportados da Europa Ocidental para o gueto.

O *Judenälteste* não foi totalmente surpreendido por essa notícia, o que fica evidente no discurso que havia pronunciado na manhã desse mesmo dia 23 de setembro na Casa de Cultura do gueto. A Crônica registrou a tônica do discurso no qual, ao invés de trazer palavras de esperança no novo ano que se iniciava, sobressaíram premonições sombrias e afirmações enigmáticas, como a de que “nuvens ameaçadoras” pairavam sobre o gueto. Rumkowski ainda teria pedido aos presentes que orassem a Deus para os que protegesse de novas aflições, afirmando que faria sua parte e que estava confiante de que a comunidade venceria todas as dificuldades (DOBROSZYCKI, 1984, p. 76).

A chegada dos novos deportados que assomaram aos milhares no já populoso gueto marcou o fim da educação formal no gueto. O álbum de *Rosh Hashanah* se tornou o símbolo do último ano letivo completo que a maioria daqueles milhares de crianças e adolescentes iria viver, uma vez que a maioria delas não sobreviveria ao final da guerra. Com a chegada dos judeus ocidentais, as escolas receberam outra função e e outros frequentadores, não mais as crianças e adolescentes ávidos para aprender e esquecer um pouco a fome, deixando por algumas horas a dura realidade do gueto e sonhando com um futuro onde seriam profissionais que colocariam em prática seus conhecimentos num mundo pacificado.

A partir de então, as escolas se transformaram em albergues improvisados, as mesas dos alunos foram utilizadas como armários onde milhares de judeus deportados do Grande *Reich* guardavam com receio seus poucos pertences, selecionados às pressas durante as *Aktionen* que os retiraram de seus lares cômodos de cidades cosmopolitas como Berlim, Praga, Viena e Frankfurt e os levaram para o sujo gueto de Łódź.

Dessa maneira, chegava ao fim a experiência de desenvolver um sistema educacional que preparasse as crianças do gueto para um futuro fora de suas cercas. O fim da preparação para um futuro promissor em um mundo pacificado era mais um indicativo de que não haveria sequer um futuro para a maior parte das crianças e jovens do gueto, como efetivamente não houve.

Apesar da chegada dos transportes trazendo ao gueto milhares de judeus ocidentais, ainda assim teve início o ano letivo 1941-1942 no dia 29 de outubro de 1941 (TRUNK, 2008, p. 55), praticamente um mês após o encerramento do ano letivo

1940-1941, que terminou em 27 de setembro (LÖW, 2010, p. 195). O jovem Sierakowiak escreve em seu diário que o ano letivo que acabaria segundo o planejamento escolar em 29 de setembro foi adiado por causa da chegada dos deportados de pequenas cidades próximas, que ocupariam os prédios escolares, como o seu em Marysin, onde teve seu último dia de aula em 26 de setembro (ADELSON, 1997, p. 177).

O álbum com a assinatura de milhares de discentes e centenas de docentes serve como uma amostra dos primeiros dois anos de existência do gueto, quando este contava com um amplo sistema educacional com mais de 15 mil crianças matriculadas desde da pré-escola até o ensino médio (SAGIE; MORGENSTERN, 1997, p. 8).

A comparação exagerada de Patricia Heberer desse sistema com um “Jardim de Éden” presumivelmente decorre da singularidade de Łódź no que concerne à educação nos guetos da era nazista, que foi chamada pelo historiador Lucjan Dobroszycki como um “fenômeno raro” nos territórios ocupados (DOBROSZYCKI, 1984, p. 122). Ingo Loose (2010, p. 17) defende que, ainda que para muitas crianças a maior motivação para frequentar as escolas fossem as refeições ali oferecidas[247] e não a instrução em si, a educação no gueto de Łódź deve ser objeto de admiração por ter almejado trazer valores nobres tais como o cultural e o intelectual às condições ordinárias de vida no gueto .

Dobroszycki faz tal observação em nota de rodapé na entrada referente aos dias 10 a 13 de janeiro de 1941 da Crônica do Gueto, na ocasião das festividades dos oitenta e cinco graduandos do Liceu que durou uma semana inteira. No dia 04 de janeiro, descreve a Crônica, se realizou a cerimônia de formatura desses alunos na Casa de Cultura com a presença dos professores, familiares dos formandos, membros do Departamento Escolar e do próprio Rumkowski, sendo que estes últimos proferiram discursos antes da entrega dos diplomas. Segundo a opinião dos cronistas, os formandos estariam por muito tempo em dívida com os habitantes do gueto e com seu líder pela oportunidade de estudar e pelas festividades em sua homenagem que foram

[247] Dawid Sierakowiak escreve em seu diário em 6 de maio de 1941 que os alunos recebiam uma sopa diária nas escolas que, apesar de dar uma “excelente dose de energia durante as aulas” (ADELSON, 1997, p. 124), era insuficiente. Tanto era insuficiente que, apenas uma semana depois, no dia 13 de maio, Sierakowiak diz que um colega de classe havia morrido no dia anterior de fome e exaustão, sendo o terceiro aluno da sua classe (ADELSON, 1997, p. 127). No dia seguinte, em uma reunião do conselho dos estudantes da escola em Marysin da qual era líder, Sierakowiak e seus colegas conseguem pleitear uma sopa complementar para os alunos mais enfraquecidos pela fome.

organizadas sob condições tão difíceis; dívida esta que seria quitada através do trabalho desses jovens (DOBROSZYCKI, 1984, p. 122).

Ainda na mesma entrada, a Crônica destacou a grandiosidade do sistema escolar ao afirmar que as escolas iriam se destacam como tópicos dourados na história do gueto e que a diversidade de instituições de cuidado às crianças eram verdadeiros monumentos ao ardente amor que Rumkowski mantinha pelas crianças e jovens. Os cronistas noticiam que, mesmo recebendo informações de que as condições de vida em outros guetos eram melhores do que em Łódź, seus jovens estavam condenados à delinquência por falta de opções, uma vez que não havia escolas para eles, situação que não ocorria ali por causa do grande amor e da preocupação do *Judenälteste* pelo futuro das crianças e jovens do gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 122).

A fim de proteger as crianças e adolescentes da deportação, Rumkowski fez com que fossem integrados na força de trabalho do gueto, convicto que estava de que apenas o trabalho salvaria os judeus de Łódź. A Crônica do Gueto registrou essa empreitada do *Judenälteste*, anunciando no dia 2 de julho de 1942 que a campanha de empregar crianças acima dos 10 anos estava surtindo um “vigoroso progresso” e que as que ainda não tinham conseguido uma posição receberiam trabalho nos próximos dias. Os cronistas ainda mencionam a intenção de Rumkowski de empregar crianças acima dos 8 anos de idade, o que era “categoricamente negado pelos círculos autoritários”, a saber, as autoridades alemãs do gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 218, tradução minha).

Além de trabalhar, a maior parte das crianças recebiam treinamento na *szkolka*, uma pequena escola improvisada dentro das fábricas que ofereciam cursos de capacitação ao trabalho, tais como costura manual e em máquinas, corte e desenho. Além desses cursos profissionalizantes, os jovens recebiam alguns conteúdos escolares como de aritmética e iídiche, além de terem aulas sobre assuntos mais práticos como higiene e contabilidade (OCHAYON, s.d).

Por exemplo, na oficina de alfaiataria, localizada na rua Franciszkańka 29, era oferecido um curso complementar que preparava crianças e jovens para a profissão, uma das mais importantes do gueto. A Crônica do Gueto reportou em 23 de julho que, até o momento, 2 mil crianças haviam sido empregadas como aprendizes no curso[248].

---

[248] O curso preparatório oferecido pela oficina de alfaiataria tinha duração de dois meses e oferecia aulas de segunda à sexta das 8 às 16 horas, além de aulas aos sábados das 8 às 12 horas, conforme relatado pela Crônica do Gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 228).

Além de duas horas diárias de costura à máquina e outras duas horas de costura manual e de aulas práticas de corte e desenho, os alunos recebiam aulas mais genéricas, como uma hora semanal de matermática e higiene, além de aulas diárias de íidiche. O cronista Bernard Ostrowski, que noticiou a criação desse curso profissionalizante de alfaiataria na Crônica, disse que tais tipos de cursos educacionais deveriam ser considerados como um evento de grande importância para o futuro das crianças do gueto (DOBROSZYCKI, 1984, p. 228). ´

Outra oficina importante que contratava muitas crianças e que lhes fornecia um curso era a Oficina de Vestuário e Roupas de Cama, que produzia roupas de baixo, vestidos e roupas de cama para os alemães. Localizada no prédio na rua Franciskańska 13/15, que havia sido uma escola e que depois se tornou um dos coletivos para os deportados oriundos de Praga, a oficina oferecia cursos profissionalizantes de corte e costura (ZAPRUDER, In: LIPSZYC, 2015, p.22)[249]

Imagem 37 – Professora e alunas do curso da oficina de costura do gueto

Fonte: https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/albums/franka-kleczewska.asp

Mais uma vez a Crônica do Gueto nos mostra como funcionava na prática esse sistema, afirmando no dia 21 de julho de 1942 que 13 mil crianças tinham sido

[249] A ração “B”, sigla de *Bajrat*, tradução em polonês da palavra alemã *Beirat*, que era o nome do conselho de judeus, também chamado de *Kehilá.* Esse cupom especial de ração alimentar recebeu esse nome porque era entregue aos membros da Adminstração judaica, considerada a elite do gueto (ZAPRUDER, In: LIPSZYC, 2015, p. 60 n13).

empregadas até o dia 20 de julho pelo Departamento Escolar em treinamento nas oficinas como aprendizes e que outras 1.800 crianças entre 10 e 17 anos de idade tinham sido empregadas nas fábricas somente nos 20 primeiros dias deste mês de julho (DOBROSZYCKI, 1984, p. 226). Em agosto, um total de 13.861 crianças e adolescentes estavam empregados nas diversas fábricas e oficinas do gueto, número que representava quase vinte por cento do total de operários do gueto (TRUNK, 2008, p. 56).

Entrando nas oficinas como aprendizes, categoria inferior à do trabalhador especializado e que, portanto, não oferecia a mesma segurança quanto ao risco de deportação, havia a necessidade de tornar as crianças o mais rápido possível em tranalhadores. Por esse motivo, eram realizados tais cursos profissionalizantes que, por serem de curta duração, geralmente dois meses no total, traziam duas vantagens: a de oferecer vagas para um grande número de crianças por ser alta a rotatividade nos cursos e a de formar rapidamente trabalhadores especializados, protegendo-as assim das deportações (DWORK, 1991, p. 195).

Dessa forma, sem a possibilidade de ingressarem no sistema educacional formal após o fechamento das escolas, mais de 7 mil crianças (SAGIE; MORGENSTERN, 1997, p. 8) receberam uma educação genérica que, apesar de insuficiente, lhes brindava com algumas horas de uma suposta normalidade, uma vez que a própria ideia da infância é associada intrinsicamente com a educação escolar.

Em 29 de julho de 1942, as autoridades alemãs proibiram todo tipo de aulas no gueto (LÖW, 2010, p. 196). A partir deste momento, as aulas ocorreram basicamente de forma clandestina e desorganizada, sendo, em sua maioria, conduzidas espontaneamente por professores que, com o fim da educação formal, ingressaram como operários nas fábricas, onde davam aulas às crianças que ali trabalhavam (TRUNK, 2008, p. 56).

Além de protegê-las contra deportação, a inserção das crianças na força de trabalho e nos cursos profissionalizantes cumpriam uma função adicional, a de preservar as crianças dos riscos da vida no gueto, tais como a delinquência e o contrabando. Vale lembrar que foi com o propósito de retirá-las das ruas e de apartamentos fechados e vazios que Rumkowski criou a colônia de Marysin, dando às crianças do gueto educação, lazer, alimentação adequada e proteção.

Com o fechamento das escolas e da colônia em Marysin, as crianças que não trabalhavam, seja por não terem a idade mínima necessária ou que não conseguiram

posições no trabalho e nos cursos oferecidos pelas oficinas, encontraram ocupações alternativas, aproveitando o tempo ocioso para encontrar meios de sobreviver. Dessa forma, essas crianças assumiram papéis arriscados, como de pedintes, de vendedores e de “mineiros”, correndo o risco de serem presas ou deportadas[250].

3.4. Crianças como força de trabalho no gueto

Desde seu apontamento como *Judenälteste,* Mordechai Chaim Rumkowski adotou uma estratégia para tornar o gueto e seus habitantes úteis aos alemães, almejando assim salvar o maior número possível de habitantes. Tal estratégia era a ênfase no trabalho, que se tornou o lema do gueto de Łódź, transformado em um grande complexo industrial ou em um campo de trabalho. Apostando na utilidade dos judeus através do trabalho, o *Judenälteste* foi bem-sucedido em sua tentativa de evitar a liquidação precoce do gueto ao torná-lo uma importante peça para o esforço de guerra alemão, o que fez com que fosse o gueto mais longevo da era nazista.

Na prática, milhares de judeus de Łódź investiram suas últimas forças em longos turnos de trabalho pesado e mal remunerado enquanto alimentavam a esperança de que o trabalho traria a salvação. Dentre eles, milhares de crianças e jovens que perderam sua inocência e amadureceram rapidamente ao adentrar o mundo do trabalho, esperando apenas sobreviver ao final da guerra e ter um futuro. Para a maioria deles, uma vã esperança.

---

[250] Isaiah Trunk (2008, p. 301) alega que a vida nas ruas era perigosa para as crianças por envolvê-las em atividades que eram proibidas no gueto, tais como o comércio de rua, o contrabando e o furto, condenadas com a prisão ou a deportação.

Imagem 38 – Frase de Rumkowski escrita em uma parede e que se tornou o lema do gueto: "*Unser einziger Weg is arbeit*" (Nosso único caminho é o trabalho)

Fonte: USHMM (https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/motto-of-mordechai-chaim-rumkowski)

A estratégia do líder judeu teve início antes do cercamento do gueto quando, em abril de 1940, Rumkowski tomou a iniciativa de oferecer a mão-de-obra judaica para os dominadores alemães, propondo o desenvolvimento de indústrias no gueto, sendo que a primeira oficina de alfaiataria foi inaugurada no dia 20 deste mês, dez dias antes do gueto ser completamente isolado do restante da cidade (TRUNK, 2008, p. 53). Duas semanas após o cercamento do gueto, o líder judeu apresentou para o prefeito de Litzmannstadt uma carta na qual dizia possuir quase 15 mil trabalhadores especializados que poderiam produzir mais de 70 artigos para exportação[251].

Investindo na criação de fábricas e oficinas, Rumkowski determinou o estabelecimento do Departamento Central de Fábricas em 1º de outubro de 1940 a fim de centralizar a administração de todo o aparato industrual do gueto, que cresceu exponencialmente até atingir o ápice em 1943, quando havia 117 fábricas e oficinas no gueto (TRUNK, 2008, p. 153). Este Departamento estava em constante comunicação com o *Gettoverwaltung*, a administração alemã do gueto, através da qual recebia pedidos para a *Wehrmacht* ou para indústrias particulares alemãs (TRUNK, 2008, p. 149).

[251] Em uma primeira carta, datada em 13 de maio de 1940, Rumkowski afirmava possuir no gueto 14.850 trabalhadores especializados, dentre eles 9.550 alfaiates. Na segunda carta dirigida ao prefeito da cidade, o *Judenälteste* anuncia possuir mais 3.345 trabalhadores especializados, como carpinteiros, serralheiros, artesãos, entre outros (TRUNK, 2008, p. 148).

Em 4 de janeiro de 1942, em ocasião do novo ano do calendário[252], o ancião judeu proferiu um discurso, no qual ressaltou o avanço industrial do gueto no ano anterior, afirmando categoricamente aos presentes:

> Todos nós sabemos que durante os quase dois anos no gueto nós vivemos muitos períodos ruins. Quando eu volto a minha mente eu primeiro me encho de orgulho pela velocidade recorde em que o gueto foi transformado em um local de trabalho. De fato, do nada nós criamos estabelecimentos enormes para trabalho produtivo, nós colocamos em funcionamento as mais variadas empresas e fábricas. Hoje nós empregamos um exército de quase 50.000 pessoas. Tal número de trabalhadores deve ser tratado seriamente por todos, incluindo, em primeiro lugar, aqueles que fazem política. Todos aqui devem perceber que os decisores políticos que eu acabei de mencionar categoricamente exigem que o gueto seja dedicado ao trabalho (DOBROSZYCKI, 1984, p. 111, tradução minha).

Depois de apresentar a ênfase no trabalho como uma exigência alemã que apenas lhe cabia cumprir, o discurso prosseguiu com a afirmação do *Judenälteste* de que ele próprio havia intentado mostrar a utilidade dos habitantes do gueto através do emprego destes nas diversas oficinas existentes. Em suas próprias palavras, vemos a autodefesa de Rumkowski e sua acusação velada de que alguns moradores do gueto estavam atrapalhando este, que era o seu objetivo básico:

> Desde o início eu tenho me esforçado para atingir um objetivo básico. Esse objetivo é ser capaz de demonstrar às autoridades alemãs que o gueto é composto exclusivamente por pessoas trabalhadoras, que todos os moradores fisicamente aptos tenham sua própria linha de trabalho. Infelizmente, uma grande parte da sociedade do gueto não quis entender isso, meu objetivo básico. As pessoas até ridicularizaram minhas intenções, não levando em conta nem minha idade nem minha posição. A esse respeito, meus esforços foram um completo fiasco. A difícil tarefa de corrigir os males causados por essa falta de entendimento por parte do público agora me aguarda. (DOBROSZYCKI, 1984, p. 112, tradução minha).

A intenção do líder do gueto de Łódź ao proferir esse discurso era se isentar de futuras responsabilidades, alegando que um eventual fracasso de sua estratégia seria resultado da falta de engajamento de parte da população e que somente seriam deportados os que intencionalmente não se integrassem neste objetivo. E, de fato, quando teve que entregar listas com o nome dos selecionados para deportação aos alemães, Rumkowski justificou sua escolha com base no critério da inserção na força de trabalho.

---

[252] Apesar de não corresponder ao ano novo judaico, Rumkowski decidiu dar um discurso de ano novo ao adentrarem mais um ano no calendário e refletirem sobre os eventos transcorridos no gueto ao longo de 1941. O local escolhido para a cerimômia de ano novo foi a Casa de Cultura, que ficou repleta de dignatários da administração judaica do gueto, sendo que a abertura ficou a cargo de Leon Rozenblat, chefe da Polícia Judaica (DOBROSZYCKI, 1984, p. 111).

Entre janeiro e maio de 1942, 55 mil judeus foram deportados de Łódź para o campo de extermínio de Chełmno (TRUNK, 2008, pp. 229-238), sendo que a maioria dos deportados era composta por judeus ocidentais que haviam chegado ao gueto entre outubro e novembro de 1941. Recém-chegados e ainda pouco integrados ao gueto, a maior parte deles não trabalhava, fato que foi utilizado por Rumkowski como motivo para a escolha deles para deportação. Inclusive no mesmo discurso de ano novo, o líder adverte que, se um contingente de deportados lhe fosse exigido pelas autoridades alemãs, ele o selecionaria entre os "parasitas" do gueto, aqueles que se recusassem a trabalhar (DOBROSZYCKI, 1984, p. 114).

Portanto, o alerta de Rumkowski para o ano que se iniciava e para todos os anos porvindouros que o gueto poderia viver era para que cada habitante do gueto trabalhasse. Esse era mais do que um conselho, era uma advertência de que esse era o único meio de garantir sua sobrevivência. Enfaticamente, como sempre era ao discursar para a multidão, Rumkowski conclui, afirmando:

> Um plano no limiar do novo ano! O plano é trabalho, trabalho, e mais trabalho! Eu vou me empenhar com uma vontade de ferro para que o trabalho seja encontrado para todos no gueto (...) Na execução do plano geral, eu poderei demonstrar, com base em estatísticas irrefutáveis, que os judeus do gueto consitituem um elemento produtivo, e que eles são, forçosamente, necessários (DOBROSZYCKI, 1984, p. 115).

Em 1º de junho de 1942, Rumkowski fez um novo discurso perante uma audiência de cinco mil ouvintes no qual abordou as deportações ocorridas ao longo desse primeiro semestre, enfatizando que considerável parte da culpa cabia aos próprios elementos que, por serem "relutantes em trabalhar", se impuseram esse risco a si mesmos, sendo deportados. Afinal, haviam sido convocados ao trabalho no último discurso e avisados das possíveis consequências da sua "ociosidade" (DOBROSZYCKI, 1984, p. 195).

A Crônica do Gueto comentou o discurso do líder judeu destacando o foco dado ao trabalho ao longo de toda a sua fala, na qual ainda afirmou que queria empregar mais dez mil habitantes, inclusive arranjando posições nas oficinas para crianças e idosos. A conclusão dos cronistas foi que, apesar de as deportações terem parado, a ênfase dada por Rumkowski no aumento da força de trabalho indicava que a questão das deportações "poderia surgir de novo se as reservas de trabalho não fossem totalmente esgotadas nas oficinas do gueto" (DOBROSZYCKI, 1984, p. 195).

Tentando evitar ter seu nome incluído nas temidas listas de selecionados para deportação, cada habitante do gueto procurava uma vaga nas fábricas para si e para o restante de suas famílias. O resultado desse esforço foi o crescimento do número de empregados no gueto, que quase dobrou entre setembro de 1941 e setembro de 1942, passando de pouco mais de 40 mil para 74 mil (TRUNK, 2008, p. 156).

Enquanto o número de empregados nas fábricas aumentava, o número total de habitantes diminuía, o que resultou em um crescimento considerável na proporção dos que trabalhavam em relação ao total da população. No dia 1º de junho de 1942, quando Rumkowski fez seu discurso, havia 104.469 pessoas[253] no gueto, das quais aproximadamente 70 mil estavam empregadas nas fábricas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 195).

A Crônica do Gueto, em um tom atipicamente pessimista, destaca na entrada do dia 28 de junho de 1942 que:

> O gueto não apenas se tornou um campo de trabalho, onde não existe lugar para as pessoas que não estão trabalhando, mas também um tipo de laboratório experimental Nietzscheniano no qual apenas os "muito fortes" emergem ilesos... (DOBROSZYCKI, 1984, p. 215, tradução minha)

Nessa seleção darwiniana, os menos aptos ao trabalho eram os maiores alvos e os primeiros apontados para deportação. Afinal, o crivo utilizado para selecionar os que permaneceriam no gueto e receberiam mais uma chance de sobrevivência por ora e os que não teriam mais o direito de lutar pela sua vida era o potencial de trabalhar. Dentro desse parâmetro, havia uma distinção entre as crianças maiores e menores, já que essas últimas não teriam condições físicas para trabalhar.

A linha divisória entre as crianças consideradas incapazes e as capazes foi colocada nos 10 anos de idade, sendo o critério utilizado nas deportações de setembro, quando foram selecionadas para os transportes com destino ao campo de extermínio as crianças abaixo dessa idade-limite. Gordon Horwitz justifica a lógica desse critério da seguinte forma:

> Considerações utilitaristas do potencial de trabalho entre os jovens judeus mais desenvolvidos fisicamente significavam que tal alvo afetava em grande parte apenas aqueles considerados muito jovens e sensíveis para serem úteis. Com o propósito de categorizar quem entre eles deveria viver e quem morrer, os alemães haviam traçado

[253] A Crônica do Gueto divulgava mensalmente as alterações populacionais no gueto contabilizadas pelo Departamento de Estatísticas, onde é possível ver o impacto das deportações na população, que passou de 162.681 habitantes em 1º de janeiro (DOBROSZYCKI, 1984, p. 127) para 104.469 em 1º de junho (DOBROSZYCKI, 1984, p. 193), após a deportação de 55 mil pessoas para Chełmno e de mortes ocorridas no período dentro do gueto.

> uma linha aos dez anos de idade: aqueles acima dessa idade, que considerava-se possuir o potencial para o trabalho (dedos hábeis o suficiente para enfiar uma agulha, coordenação afiada o suficiente para guiar um par de tesouras, músculos fortes o suficiente para empunhar um martelo) eram poupados; aqueles mais novos, especialmente os bebês – tão famintos, tão chorões, completamente inúteis em uma oficina – eram apenas mais bocas para alimentar. (HORWITZ, 2010, p. 193)

A inserção das crianças na força de trabalho foi rápida e intensa, particularmente a partir do surgimento dos boatos, que se mostraram fundamentados, da iminente deportação dos menores de 10 anos. Em menos de seis meses, entre março e agosto de 1942, o número de crianças abaixo de 17 anos empregadas nas diversas oficinas do gueto mais que dobrou, passando de 6.940 para 13.881 (TRUNK, 2008, p. 299). Na colônia infantil de Marysin, metade das crianças que ali residiam em julho de 1942 (784 dentre um total de 1.569 crianças) estavam empregadas nas fábricas e oficinas do gueto, sobretudo em áreas na qual o trabalho manual não era tão extenuante, como nas oficinas de sapataria e bordado[254].

Imagem 39 – Crianças trabalhando em máquinas de costura em uma oficina no gueto

Fonte: Photograph 1602/176 (Yad Vashem)

Tal inserção no mercado de trabalho incluiu também os órfãos, a quem Rumkowski dedicava especial atenção, conforme foi abordado no primeiro item do presente capítulo. O aumento no número de órfãos que trabalhavam nas oficinas do gueto é

[254] USHMM RG-15_083M_0168_00000619: “Kinderkolonien: Bewegung, Kinder nach Jahrgängen und Geschlecht, August 1940 bis September 1942”; “Arbeitsstellen der Kinder, 31 Juli 1942”

comprovado através das tabelas e estatísticas feitas pela Administração do gueto. Por exemplo, em setembro de 1941 haviam 377 crianças no orfanato, das quais somente 19 trabalhavam, o que representava apenas cinco por cento do total[255]. Em março de 1942, se aproximando a ameaça das deportações e o esforço por parte do líder judeu de empregar crianças nas fábricas, a proporção subiu para dez por cento (75 crianças trabalhavam dentre um total de 729 abrigadas no orfanato), enquanto que em junho eram vinte e seis por cento (155 trabalhando dentre 589 abrigadas no orfanato)[256].

Digno de menção é o envolvimento crescente de crianças mais novas no trabalho, que é nítido na análise dos dados referentes ao número de órfãos empregados nas fábricas nos meses de março e junho de 1942, presentes em outra tabela do mesmo documento. Em março, todos os 75 órfãos que trabalhavam tinham acima de 14 anos, sendo que 45 deles tinham acima de 16 anos. Três meses depois, em junho, dos 155 órfãos empregados nas oficinas, 94 deles tinham menos de 14 anos, o que representa mais de sessenta por cento do total. Essa integração das crianças cada vez mais novas no trabalho é um nítido exemplo da tentativa de preservar o maior número delas da deportação, que Rumkowski sabia iminente e inadiável.

Imagem 40 – Crianças trabalhando em uma fábrica de metal

Fonte: LOOSE, 2010, p. 41

[255] USHMM RG-15_083M_0168_00000627: “Waisenhaus: Mai 1940 bis Dezember 1941”; “Im Ressorts beschäftigt”.

[256] USHMM RG-15_083M_0168_00000630: “Waisenhaus: Zöglinge nach Alter und Geschlecht, Januar bis August 1942”; “Im Arbeitsressorts beschäftigte Zöglinge nach Alter, März und Juni 1942”.

Em 1° de setembro de 1942, data que marcava o terceiro ano da guerra, foram deportados os doentes, retirados à força dos hospitais do gueto por homens da *SS*. A polícia judaica do gueto foi acionada para colaborar na ação, bloqueando todos os acessos dos hospitais a fim de barrar a entrada de familiares que assomavam em frenesi para proteger ou ao menos ver seus entes queridos e de evitar a fuga de pacientes.

Sabendo que muitos haviam conseguido escapar dos hospitais e querendo preencher a cota estipulada pelas autoridades alemãs, no dia seguinte a polícia judaica realizou buscas nas casas dos familiares dos pacientes e, caso não encontrassem o foragido, levavam alguém da família em seu lugar (ADELSON, 1997, p. 266).

Apesar da terrível notícia, os habitantes do gueto estavam ainda mais alarmados pelo rumor de que essa era somente a primeira etapa de uma tragédia ainda maior, que seria a deportação de crianças abaixo de 10 anos e de idosos acima de 65 anos. No dia 4 de setembro, cartazes foram afixados nas paredes do gueto avisando sobre um anúncio que seria feito por Rumkowski. Milhares de pessoas lotaram a praça na rua Lutomierska diante do Corpo de Bombeiros, onde o líder judeu costumava fazer seus discursos (ADELSON, 1997, p. 36), ansiosas para terem a confirmação dos rumores tão inacreditáveis.

O *Judenälteste* veio à público justamente confirmar o boato, transformando sua exigência em um pedido à população do gueto, utilizando de seu dom da oratória não para conseguir a simpatia dos ouvintes, o que seria impossível perante o teor do anúncio que faria. Mas, usando seu poder de argumentação, Rumkowski tentou conseguir ao menos compreensão do público e empatia, para que entendessem quão difícil era para ele tomar tal decisão.

Josef Zelkowicz, habitante do gueto e um dos principais escritores da Crônica do Gueto, registrou em seu diário pessoal o discurso de Rumkowski, conhecido até hoje pela frase: “Dêem me suas crianças”:

> O gueto sofreu um duro golpe. Eles exigem o que é mais caro para ele – as crianças e os idosos. Eu não tive o privilégio de ter um filho meu e, portanto, dediquei meus melhores anos às crianças. Eu vivi e respirei junto com as crianças. Eu nunca imaginei que minhas próprias mãos seriam forçadas a fazer esse sacrifício no altar. Na minha velhice, sou forçado a esticar as mãos e a implorar: ‘Irmãos e irmãs, dê-os para mim! Pais e mães, me dêem seus filhos...’ (ZELKOWICZ, 2002, p. 280-283, tradução minha)

Não obstante, Rumkowski deixa claro que esse pedido não vinha dele, mas sim de uma ordem recebida dos seus superiores alemães. Justificando sua atitude de vir à público fazer uma tão odiosa solicitação de pedir a pais e mães que entregassem de forma voluntária seus próprios filhos para deportação, o líder judeu alega que só estava procedendo dessa forma para proteger os habitantes do gueto e evitar que os alemães fizessem uma captura truculenta e aleatória de pessoas para serem deportadas. Tomando a ação em suas próprias mãos, Rumkowski afirmou que assim procedia para salvar a própria comunidade judaica de Łódź, tarefa que havia abraçado ao assumir o cargo de *Judenälteste:*

> Ontem, no decorrer do dia, recebi a ordem de enviar mais de 20.000 judeus do gueto e, se não o fizesse, me disseram, "faremos isso sozinhos". A questão era se devíamos aceitar essa odiosa tarefa e fazermos isso sozinhos ou deixar para os outros. Mas como fomos guiados não pelo pensamento: ‘quantos serão perdidos?’, mas ‘quantos podem ser salvos?’, chegamos à conclusão – eu e aqueles que estão mais próximos de mim no trabalho, - que, por mais difícil que fosse, deveríamos assumir a execução deste decreto. (ZELKOWICZ, 2002, p. 280-283, tradução minha)

Nesse ponto do discurso, Rumkowski explica porquê escolheu deportar crianças e idosos, uma vez que, ao tomar para si a tarefa de realizar a deportação, tinha autonomia para selecionar quais membros da população seriam levados nos transportes. Nas primeiras levas de deportados, ocorridas ao longo do primeiro semestre de 1942, o líder judeu havia colocado nas listas os ditos “elementos indesejáveis” do gueto, que eram aqueles envolvidos em movimentos políticos de resistência e os que haviam cometido crimes, e os judeus ocidentais que, além de não trabalharem em sua maioria, não eram da comunidade judaica de Łódź. Portanto, Rumkowski não se sentia na obrigação de protegê-los, priorizando os moradores do gueto, aos quais havia prometido velar.

Contudo, uma vez que já havia deportado os indivíduos inúteis e estranhos à comunidade, Rumkowski tinha a difícil tarefa de escolher quem, dentre a população de mais de cem mil almas que compunha a comunidade judaica da cidade, poderia permanecer no gueto e quem seria colocado nos transportes com rumo ao desconhecido. A maioria dos doentes havia sido levada no início de setembro, restando dois grandes grupos populacionais: o dos adultos que, em sua maioria, trabalhavam nas oficinas do gueto produzindo os itens pedidos pelas autoridades alemãs; e o dos dependentes, que eram os idosos e as crianças que, além de não

poderem trabalhar, ainda necessitavam de auxílio financeiro da Administração judaica para comprar seus cupons de alimentação.

Ciente que o gueto só continuava a existir porque a produção de itens os tornava úteis aos dominadores alemães, Rumkowski provavelmente deduziu que reduzir o número de trabalhadores iria prejudicar a produção, o que, por sua vez, causaria insatisfação por parte das autoridades alemãs que detinham o poder de represália. A única alternativa era preencher a cota exigida pelos alemães para deportação com os dependentes, que eram dispensáveis por não serem produtivos e, portanto, se tornavam inúteis.

Como membros que não são vitais, eles poderiam ser extraídos do corpo, composto pelos elementos vitais do gueto, que eram os operários. Essa foi a analogia feita pelo líder judeu em seu discurso, tentando convencer os pais e mães do gueto de que a entrega das crianças e idosos era necessária para a sobrevivência do gueto como um todo:

> Eu devo realizar esta operação difícil e sangrenta, eu devo cortar membros para salvar o corpo! Eu devo levar as crianças, e se eu não fizer, outros também serão levados... (...) Um judeu alquebrado está diante de vocês. Não me invejem. Esse é o mais difícil decreto que já impus. Eu estendo minhas alquebradas e trêmulas mãos e imploro: me dêem sacrifícios a fim de prevenir outros sacrifícios, a fim de proteger essa comunidade de 100 mil judeus. (...) Eu compreendo o que é arrancar um membro do corpo. (...) O que vocês querem? Deixar 80 a 90 mil pessoas vivas ou destruir todas elas? Julguem como quiserem, mas é meu dever proteger o máximo de sobreviventes possível. (...) É preciso um coração de ladrão para exigir o que estou exigindo de vocês. Mas se coloquem no meu lugar, pensem logicamente, e cheguem às suas próprias conclusões. Eu não posso agir de outra forma, uma vez que o número daqueles que serão salvos supera em muito o número daqueles que temos que entregar. (ZELKOWICZ, 2002, pp. 280-283, tradução minha)

No dia 5 de setembro, um sábado, as autoridades determinaram uma *Shpere* (iídiche para a palavra alemã *Gehsperre*), ou toque de recolher, proibindo a população de sair às ruas enquanto os policiais e médicos entravam nos apartamentos para retirar idosos, crianças e doentes, evitando, dessa forma, que se escondessem. A polícia judaica começou a ação pelos asilos e orfanatos do gueto, uma missão mais fácil do que a de retirar os idosos e crianças de suas famílias, quando enfrentaram resistência dos familiares.

Imagem 41 – Crianças da colônia de Marysin são colocadas em uma coluna para serem deportadas durante a *Sphere*

Fonte: Photograph 50334 (USHMM)

O número de capturados pela polícia judaica para deportação foi considerado pequeno demais para as autoridades alemãs que, não confiando que a polícia judaica cumprisse com a meta dentro do prazo estipulado, colocou a Gestapo na ação. No dia 6, com a atuação da Gestapo, a operação tomou um aspecto mais agressivo, com a retirada sem piedade das crianças que choravam dos braços de suas mães desesperadas.

A ação foi concluída no dia 11 de setembro, conforme foi anunciado em cartazes afixados no gueto no dia 12, um sábado, quando a *Gehsperre* completou uma semana. Assinado por Hans Biebow, a autoridade alemã máxima no gueto, o anúncio afirmava que as fábricas voltariam a funcionar normalmente no dia 14, segunda-feira. O resultado dessa semana de ação para deportar os “elementos inúteis” do gueto foi a deportação de 15.859 pessoas para Chełmno, segundo cálculo do Departamento de Estatísticas de Łódź, além de pelo menos 600 pessoas que foram mortas durante a ação, totalizando 16.500 pessoas (TRUNK, 2008, p. 247). Dentre elas, estavam 5.862 crianças levadas nos transportes juntamente com idosos e doentes (PODOLSKA, 2004, p. 19).

Imagem 42 – Crianças deportadas durante a *Gehsperre* de setembro de 1942 embarcando nos vagões que as levariam ao campo de extermínio de Chełmno

Fonte: Photograph 50365 (USHMM)

O diferencial dessa que ficou conhecida como a deportação de setembro de 1942 não é unicamente a crueldade de selecionar para deportação crianças pequenas inocentes, que iriam sozinhas para um futuro desconhecido. O que diferenciou essa leva de deportação das anteriores, que haviam ocorrido no gueto meses antes, foi justamente a percepção de que a deportação era apenas uma desculpa e que, na realidade, o destino dessas crianças, idosos e doentes não era um distante e misterioso “leste”, mas sim a certa e fria morte.

Se nas deportações do primeiro semestre ainda havia a ilusão de que os deportados do gueto seriam realocados em outros lugares, onde trabalhariam e seriam bem alimentados, não era mais possível acreditar que crianças pequenas, idosos e doentes teriam o mesmo futuro esperançoso. O próprio público-alvo das deportações não deu margem à crença de que eles seriam necessários para o trabalho em outra localidade. A separação da deportação de setembro de 1942 não era a ilusão esperançosa de um “até breve”, mas a certeza de um “adeus”.

Imagem 43 – Criança selecionada para deportação se despede dos familiares através da cerca da Prisão Central, onde são mantidos os que serão deportados

Fonte: USHMM (https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/family-members-say-goodbye-to-a-child)

Como Zelkowicz - que descreveu de forma detalhada e repleta de emoção toda a ação, desde os primeiros rumores até o dia seguinte, quando supostamente a vida dos habitantes do gueto retornaria à normalidade após o fim do toque de recolher - desabafou em sua crônica, a dor da separação foi agravada pela quebra da esperança e a certeza da fria despedida:

> Se apenas fosse uma ‘deportação’. Se apenas tivesse houvesse a menor garantia de que os deportados seriam autorizados a continuar a viver – ainda que sob as condições mais difíceis – a tragédia não seria tão horrível. Os judeus sempre estiveram prontos e dispostos a vagar. A vida dos judeus sempre esteve baseada na habilidade de se ajustar às piores condições. (...) A vida dos judeus sempre esteve associada com o seu Deus antigo, que – eles acreditam – nunca os abandonou. De alguma forma, eles acreditavam, tudo terminaria bem. De alguma maneira, Deus iria salvar suas miseráveis vidas... Portanto, se as pessoas tivessem a menor confiança, o menor raio de certeza de que eles seriam levados à outro local, esse novo e insondável decreto não teria causado tamanha agitação no gueto. Afinal, sempre existiram tantos novos e insondáveis decretos, cada um tendo que ser aceito, gostando ou não. Se assim fosse, esse decreto também seria digerido de alguma forma. Mas nesse caso, ninguém tem nem mesmo um vestígio de dúvida de que os deportados do gueto não estão sendo levados para outro lugar. Eles estão sendo levados à perdição, pelo menos os idosos...Eles estão sendo jogados na pilha de lixo, como se diz no gueto...Sendo assim, como alguém pode persuadir alguém a aceitar o novo decreto? (ZELKOWICZ, 2002, pp. 262-263, tradução minha)

A deportação de setembro de 1942 não foi a primeira, nem a última, tampouco a maior do gueto de Łódź. Mas suas implicações foram as mais impactantes, ao ponto de ser a mais conhecida da história do gueto e a principal responsável pelo acalorado e polêmico debate historiográfico que existe a respeito da atitude do *Judenälteste* Mordechai Chaim Rumkowski, que se dizia o protetor das crianças e que se tornou seu algoz.

A *Sphere* marcou a primazia do lema do gueto, que era o trabalho como único meio de salvação, sobre a preocupação que Rumkowski tinha com as crianças e órfãos. Entre salvar o gueto e proteger as crianças, a escolha do *Judenälteste* ficou clara após o pedido de entregar as crianças para deportação: o gueto deveria sobreviver, ainda que as crianças que Rumkowski apregoava amar não sobrevivessem.

Após o fim da ação, restaram 89.446 dos quase 105.961 mil habitantes que viviam no gueto em 1º de setembro, segundo levantamento feito pelo Departamento de Estatística e divulgado pela Crônica do Gueto no dia 1º de outubro (DOBROSZYCKI, 1984, p. 266). Lucjan Dobroszycki, em sua obra na qual analisa a Crônica do Gueto, afirma que praticamente todos que permaneceram no gueto eram considerados aptos ao trabalho, uma vez que esse havia sido o critério para as deportações. O resultado, segundo o autor, foi que o gueto passou a ter uma pirâmide demográfica desproporcional:

> De fato, a estrutura demográfica do gueto formava uma pirâmide altamente disforme: um cone truncado sem uma base. A ausência de pessoas ainda que um pouco avançadas na idade ou de crianças pequenas era muito evidente. (DOBROSZYCKI, 1984, p. lix, tradução minha).

Dobroszycki se apoia em informações dadas pela Crônica, como a fornecida na entrada de 25 de setembro de 1942, na qual os cronistas afirmam que praticamente não havia no gueto pessoas acima de 65 anos e abaixo de 10 anos (DOBROSZYCKI, 1984, p. 261). Isaiah Trunk afirma que após as deportações de setembro de 1942 mais de quatro quintos da população do gueto estava empregada nas fábricas e oficinas do gueto, inclusive as crianças que haviam escapado às deportações e que conseguiram permanecer no gueto (TRUNK, 2008, p. 248)

Forçadas a trabalhar e sem direito a uma infância comum, as crianças amadureciam rapidamente. Como os adultos a quem assistiam diariamente indo para o trabalho exaustos, as crianças também carregavam seus corpos frágeis e emaciados até as oficinas, se agarrando na esperança de que sobreviveriam ao gueto

e que o futuro seria melhor que o doloroso presente. De uma forma realista e, por isso mesmo, triste, Isaiah Trunk define a sina das crianças no gueto de Łódź:

> Com um orgulho trágico, crianças e adolescentes carregavam em seus ombros frágeis parte do difícil trabalho escravo no gueto, o que dava a elas, essas "criaturas supérfluas", o direito de viver e uma chance ilusória de sobreviver. (TRUNK, 2008, p. 172, tradução minha)

Imagem 44 – Fotografia dos operários da fábrica de móveis do gueto, mostrando o grande número de crianças ali empregadas

FONTE: Photograph 95212B (USHMM)

Para a esmagadora maioria, sobreviver era, de fato, uma chance ilusória, mesmo para aqueles que se engajavam no trabalho. Oskar Singer, um dos cronistas do gueto, escreveu em seu diário, no dia 28 de julho de 1942, a sina de um adolescente, Alfred B., que havia chegado ao gueto nos transportes vindos de Praga em outubro de 1941 (SINGER, In: HEBERER, 2011, pp. 138-140). O jovem sionista de 16 anos já havia recebido um diploma de treinamento vocacional agrícola para o preparar para sua emigração à Palestina. Uma vez no gueto, Alfred e sua mãe foram procurar emprego, pois seu pai, que trabalhava como advogado em Praga, havia feito uma cirurgia grave pouco antes da deportação ao gueto, onde haviam retirado metade de seu estômago, o que lhe impedia de fazer qualquer esforço físico, uma vez que ainda estava se recuperando da cirurgia.

Alfred consegue uma vaga no batalhão de construção do gueto e se vigor físico rapidamente se esvai com a fome e os constantentes ferimentos de trabalho. Um ferimento mais profundo na perna causa uma infecção que impede o jovem de trabalhar por semanas, o que, por sua vez, aumenta a sua fome e fraqueza, já que

não recebe a sopa extra no trabalho. Ainda em convalescença, Alfred decide procupar um novo emprego, mas o Departamento Escolar, responsável por arranjar vagas nas oficinas para as crianças e jovens, não tinha nenhuma colocação para ele. Insistindo e possuindo experiência no trabalho de metal, Alfred consegue uma vaga na oficina metalúrgica, onde durante todo o dia deve subir e descer as escadas carregando pedaços grandes de metal.

Em casa, Alfred ainda ajuda a mãe, que também trabalha na oficina de sapatos, nas tarefas domésticas, esvaziando as latrinas e carregando baldes com água para seu apartamento, além de ficar horas na fila de entrega de alimentos, o que lhe enfraquece mais ainda. Novamente de cama, o médico que o avaliou avisa que seu coração está fraco e que sua magreza exige uma alimentação melhor, conselho que o próprio médico sabe ser inútil no gueto. Ao menos Alfred consegue uma vaga na oficina de carpintaria, onde o trabalho seria mais leve do que na metalúrgica.

Poderia começar o novo trabalho amanhã, voltando a receber o pão extra na oficina. Mas, estando de cama, Alfred já estava dois dias sem comer, mas a perspectiva de um trabalho mais leve e de voltar a receber alimentação lhe renovam as esperanças, contanto que Alfred aguentasse mais um ddia, pois no dia seguinte tudo seria melhor. Contudo, não haveria dia seguinte para Alfred, que dormiu o sono dos justos para nunca mais acordar, sonhando com a esperança de dias melhores que nunca vieram. Esse foi o destino de muitas crianças que, trabalhando com todas as forças escassas de seus corpos frágeis, não conseguiram sobreviver para ver seus sonhos de um futuro melhor se concretizarem.

3.5. O destino das crianças do gueto

A partir de 1941 com a chegada dos deportados do *Reich* e de províncias da região de *Warthegau* e sobretudo após setembro de 1942 com as deportações dos “elementos inúteis”, o gueto deixou de possuir sua característica de prezar pelo bem-estar social, que o diferenciava de outros guetos e que chamou a atenção de muitos historiadores, que acabaram elogiando Rumkowski por seu mérito nesse campo de atuação.

Tal descaracterização ocorreu devido à transformação das instituições de serviços públicos e sociais, tais como orfanatos, asilos, escolas e até hospitais em fábricas

(DOBROSZYCKI, 1984, p. lx). Afinal, todos aqueles aos quais eram devotadas as instituições de bem-estar social, a saber, idosos, doentes e crianças pequenas, não tinham mais lugar em um gueto no qual apenas os adultos e capacitados ao trabalho podiam viver, pelo menos enquanto suas forças físicas perdurassem e conseguissem mostrar sua utilidade às autoridades alemãs.

O historiador Isaiah Trunk lembra que não foi apenas o perfil demográfico do gueto ou a sua estrutura que mudou, como também mudou a vida de cada habitante que permaneceu no gueto após as deportações de setembro, a esmagadora maioria deles sofrendo com a perda de uma mãe ou pai idosos, um filho ou um cônjuge adoentado. O gueto era outro, assim como seus habitantes também não eram mais os mesmos após o trauma que a *Shpere* deixou em cada morador do gueto. As crianças que conseguiram escapar da deportação também não seriam mais as mesmas, afirmou Trunk:

> A família do gueto foi assim transformada em uma espécie de célula de trabalho, onde cada membro, a partir de crianças de nove e dez anos de idade, teve que mudar para sua própria existência e sustento. (TRUNK, 2008, p. 299)

O trabalho nas fábricas trazia um componente comportamental para as crianças e adolescentes do gueto, expostos precocemente ao ambiente competitivo do mundo do trabalho. Isaiah Trunk (2008, p. 302) destaca a atitude não compassiva dos gerentes das fábricas para com esses pequenos empregados e a sujeição destes às conversas desmoralizantes dos adultos. Nesse ambiente impróprio ao desenvolvimento do caráter infanto-juvenil, era fundamental o papel das mulheres e dos antigos professores que trabalhavam nas fábricas juntamente com estas crianças, uma vez que a atitude destes para com elas era de proteção e de resguardo.

As crianças do gueto se tornavam pequenos adultos, uma vez que desde cedo lidavam com situações difíceis, as quais normalmente seriam poupadas, tais como brigas e mortes de familiares, fome e preocupação com dinheiro. Além disso, agora estavam sujeitas ao ambiente competitivo e extenuante do trabalho.

Não obstante, para as crianças não havia opção, uma vez que não podiam se esquivar do trabalho, uma vez que ele era a única chance de sobrevivência. Ademais, muitas crianças se tornaram o principal ganha-pão da família (TRUNK, 2008, p. 299), seja porque haviam se tornado órfãs e precisavam sustentar seus irmãos menores ou porque seus pais não recebiam o suficiente para comprar os cupons de alimentos ou estavam desempregados.

Outra situação que forçou o amadurecimento precoce das crianças do gueto foi a desagregação familiar que ocorria na maioria dos lares do gueto, provocada pela fome que resultava em disputas por comida e por brigas frequentes. Essa situação surgiu logo nos meses iniciais do gueto, mas se acentuava em épocas de fome agravada por falta de suprimentos, como durante os períodos de deportação.

A Crônica do Gueto havia reportado com certo humor em 12 de janeiro de 1941 em uma matéria intitulada “Paradoxos da vida no gueto” que um menino de 8 anos se dirigiu até o escritório da polícia judaica para fazer uma acusação contra seus pais por não terem lhe dado sua ração de pão que lhe era de direito. O garoto insistiu que uma investigação fosse feita e que os responsáveis fossem punidos, atitude que fez com que os cronistas afirmassem somente, de forma irônica: “sem comentários” (DOBROSZYCKI, 1984, p. 6).

Em 1º de outubro de 1942, após o fim da *Sphere* de setembro, os 89 mil habitantes de Łódź, ainda fragilizados pelo trauma da separação brusca de seus familiares, retomavam suas rotinas do gueto, enfrentando um período de calmaria, devido à interrupção das deportações e a um aumento na quantidade de alimentos (TRUNK, 2008, p. 248; DOBROSZYCKI, 1984, pp. 262-263). Esse período mais estável perdurou ao longo de 1943, retornando o período de agitação e preocupação em fevereiro de 1944, quando Rumkowski anunciou a deportação de 1.500 pessoas para trabalhos forçados fora do gueto[257].

No dia 15 de junho, Rumkowski foi informado pelo chefe da Gestapo, Dr. Bradfisch, de que grupos de trabalhadores deveriam ser deportados para trabalho na Alemanha em ruínas. O líder judeu respondeu prontamente, publicando um anúncio no dia imediato, 16 de junho, no qual requisitava pessoas que se voluntariassem ao trabalho fora do gueto. Para convencer as pessoas a se oferecerem voluntariamente para deportação, Rumkowski prometeu que as famílias permaneceriam unidas, receberiam uma troca de roupa e a permissão de levarem consigo quinze quilos de bagagem, conforme noticiou a Crônica do Gueto nesse mesmo dia (DOBROSZYCKI, 1984, p. 503).

---

[257] O anúncio oficial de Rumkowski foi publicado em 12 de fevereiro determinando que 1.500 trabalhadores fossem deportados e que comparecessem perante uma comissão médica que iria examinar as condições físicas dos candidatos. Com medo do destino das deportações, a população do gueto não atendeu à determinação, forçando Rumkowski a anunciar um toque de recolher no dia 20 de fevereiro, colocando a polícia judaica para averiguar casas e fábricas do gueto. Após a ação, 1.240 pessoas foram selecionadas para deportação, incluindo doentes (TRUNK, 2008, p. 252).

Lucjan Dobroszycki (1984, p. 503 n21) ressalta em nota de rodapé na entrada da Crônica em 16 de junho de 1944 que reproduz o anúncio de Rumkowski que não é possível saber se Rumkowski tinha conhecimento de que essa primeira leva de transportes era o início da liquidação do gueto, já determinada pelas autoridas alemãs, nem se sabia que o real destino dos deportados não era a Alemanha, mas sim Chełmno. Os cronistas, por sua vez, não acreditavam que esse seria o início do fim, pois que afirmam terem ouvido de fontes próximas às autoridades alemãs que não havia a intenção de liquidar o gueto, uma vez que os pedidos para as fábricas continuavam chegando e que, portanto, era de seu interesse manter o funcionamento das fábricas do gueto.

Uma semana depois, no dia 23 de junho, saiu na estação de Radogoszcz em Marysin o primeiro transporte que levava 562 pessoas do gueto para um futuro desconhecido. No entanto, a maioria da população não desejava sair do gueto mesmo recebendo promessas de Rumkowski e das autoridades alemãs de que teriam melhores condições de vida trabalhando na Alemanha e que “ninguém tinha nada a temer” (DOBROSZYCKI, 1984, p. 513).

Apesar das garantias, os habitantes do gueto estavam desconfiados, sobretudo após o retorno à estação de Radogoszcz no dia imediato dos vagões que deveriam levar os deportados para a distante Alemanha, conforme relata a Crônica do Gueto em 24 de junho de 1944 (DOBROSZYCKI, 1984, p. 514). O rápido retorno dos trens era um indicativo de que o destino dos deportados era algum local mais próximo, o que de fato era, já que o destino era o campo de extermínio de Chełmno.

Depois de suportarem por longos quatro anos todas as vicissitudes da vida no gueto e sobreviverem a muitas tragédias pessoais, os judeus de Łódź queriam resistir mais um pouco, acreditando que na proximidade do fim da guerra. Conforme os dias passavam e mais transportes saiam do gueto, menos voluntários apareciam para serem deportados, mesmo com a tentadora oferta de receberem comida caso decidissem partir.

A polícia judaica fazia rondas noturnas para capturar os que estavam escondidos, mas não obteve bons resultados, já que o número de capturados foi pequeno (HORWITZ, 2010, p. 282). No entanto, não podiam se esconder por muito tempo, já que precisavam sair de suas residências para trabalhar, caso contrário não receberiam seu mísero pagamento com o qual comprariam seus cupons de ração alimentar. As rondas policiais passaram a ocorrer durante o dia, pegando os operários

quando andavam pelas ruas. O cronista Oskar Rosenfeld comparou essas buscas por candidatos para deportação como uma caça a seres humanos em seu texto na Crônica em 13 de julho de 1944 (DOBROSZYCKI, 1984, p. 525).

Apesar de parecer iminente a liquidação do gueto, seus habitantes continuavam a ter esperança, a acreditar que sobreviveriam mais um dia no gueto, até que o gueto fosse liberado pelas tropas dos Aliados. Oskar Rosenfeld, um dos principais cronistas do gueto, escreveu um texto na Crônica no dia 25 de junho no qual admite que todos no gueto sabiam da seriedade da situação e que tinham conhecimento de que a existência do gueto estava em risco. Contudo, ainda assim os moradores alimentavam a esperança de que sobreviveriam a mais esse desafio, conforme aponta Rosenfeld:

> Ainda assim – a fé judaica em uma justiça que irá enfim triunfar não permite um pessimismo extremo. As pessoas tentam se consolar, enganam a si mesmas de alguma forma. Mas praticamente todos dizem a si mesmos, e aos outros: “Somente Deus sabe quem estará melhor: a pessoa que fica aqui ou a que parte!” (ROSENFELD, In: DOBROSZYCKI, 1984, p. 515, tradução minha).

Novamente os mais pobres, doentes e sem contatos com gerentes de oficinas ou autoridades do gueto eram os primeiros a ser deportados. Entre os dias 23 de junho e 14 de julho, dez transportes já haviam deixado o gueto com 7.196 deportados (HORWITZ, 2010, p. 282), praticamente dez por cento da população do gueto, que em 1º de julho de 1944 totalizava 73.217 pessoas (DOBROSZYCKI, 1984, p. 519).

Conforme os dias passavam e mais transportes saiam do gueto levando os deportados, menos voluntários apareciam para serem deportados, mesmo com a tentadora oferta de receberem comida caso decidissem partir. A polícia judaica fazia rondas noturnas para capturar os que estavam escondidos, mas não obteve bons resultados, já que o número de capturados foi pequeno (HORWITZ, 2010, p. 282).

No dia 15 de julho Rumkowski ouviu das autoridades alemãs que as deportações seriam interrompidas, notícia que se espalhou rapidamente pelo gueto, levando alívio e alegria aos moradores. Contudo, essa foi uma alegria fugaz, pois no dia 17 de julho Biebow solicitou ao Departamento de Estatísticas do gueto uma lista da população do gueto classificada de acordo com sexo, idade e capacidade para trabalhar, o que trouxe de volta a ameaça da deportação. No dia 19 de julho, o gueto sofreu uma nova redução de tamanho que atingiumil pessoas que residiam nas ruas Drewnowska, Stodolniana e Podrzeczena (TRUNK, 2008, p. 258-259).

Enquanto tais determinações alimentavam o medo de novas deportações ou mesmo de uma liquidação total do gueto, outros acontecimentos reacendiam as

esperanças dos habitantes que sonhavam com uma libertação iminente. No final de julho, os alarmes da cidade soaram frequentemente indicando ataques aéreos nas proximidades, enquanto o barulho das explosões fazia o chão do gueto tremer, indicando a proximidade do Exército Vermelho, que estava próximo a Varsóvia na ocasião (TRUNK, 2008, pp. 259-260). A Crônica do Gueto mostrava o otimismo da população nas entradas da última semana de julho de 1944, acreditando em um final próximo da guerra.

Contudo, o final da guerra ainda estava distante, enquanto que o final do gueto se aproximava. No dia 2 de agosto, Rumkowski publica um decreto avisando que o gueto seria transferido para outra localidade e que todas as famílias deveriam partir juntas nos transportes que teriam início no dia imediato. Os transportes partiriam levando grupos de trabalhadores, iniciando pelas oficinas de alfaiataria (TRUNK, 2008, p. 260).

Apesar da ordem, poucos operários apareceram para deportação, mostrando que a população não deixaria o gueto voluntariamente depois de sofrer por mais de quatro anos e com a possibilidade cada vez mais próxima da libertação. Consequentemente, nenhum transporte deixou o gueto no dia 03 de outubro, o que forçou Rumkowski a fazer novos e reiterados apelos aos habitantes do gueto, em um total de vinte e seis anúncios nos quais tentava incentivar os trabalhadores a embarcar nos transportes (TRUNK, 2008, p. 261).

Várias táticas de convencimento foram utilizadas no início de agosto de 1944 para que os moradores do gueto entrassem nos vagões que os levariam para sempre longe do gueto: discursos de Rumkowski, de Biebow e de Bradfisch, prefeito e chefe da gestapo local nas oficinas prometendo segurança para os que fossem deportados; cortes ne entrega dos cupons de ração alimentar dos trabalhadores que se recusassem a se apresentar para deportação; rondas feitas pelas polícias alemã e judaica em determinadas ruas para capturar pessoas para deportação; fechamento de fábricas e oficinas; e a redução do tamanho do gueto com a exclusão de novas ruas de seu perímetro nos dias 10 e 25 de agosto (TRUNK, 2008, pp. 263-265).

O último decreto de Rumkowski como *Judenälteste* foi publicado em 24 de agosto determinando que as luzes fossem apagadas nos apartamentos abandonados e nas oficinas fechadas (TRUNK, 2008, p. 266). No dia 30 desse mesmo mês, Rumkowski parte com sua família nos últimos transportes que deixaram Łódź rumo a Auschwitz.

Permaneceram no gueto dois pequenos grupos, o primeiro com aproximadamente 500 pessoas liderado por Aaron Jakubowicz, vice-presidente do gueto e chefe do

Departamento Central de Fábricas, que conseguiu selecionar muitos familiares e conhecidos seus. A função desse grupo era separar todos os equipamentos que haviam nas fábricas fechadas do gueto para serem transportados para a Alemanha. Neste grupo, havia cerca de 30 crianças. Eles permaneceram na função até 22 de outubro, quando foram os homens foram enviados para o campo de Sachenshausen e as mulheres para Ravensbrück, sendo depois transportados para outros campos. A maioria dos membros desse grupo sobreviveu à guerra (TRUNK, 2008, p. 268).

O segundo grupo tinha entre 500 a mil pessoas e foi chamado de Unidade de Limpeza (*Aufräummungskommando*) recebeu a função de limpar o gueto, retirando móveis e objetos que restaram nos apartamentos abandonados e fazendo inventórios dos bens para Biebow, que coordenava esse grupo. Em 17 de janeiro de 1945, sabendo da proximidade do Exército Vermelho, Biebow convocou uma chamada de todos os judeus, mas somente cinquenta pessoas apareceram, sendo que os demais se esconderam. No dia 19, as tropas soviéticas libertam o gueto, que havia se resumido em algumas centenas de pessoas[258] que estavam escondidas.

O saldo das deportações de agosto de 1944, as últimas do gueto, foi um total de aproximadamente 67 mil deportados a Auschwitz, restando somente por volta de mil e quinhentas pessoas em setembro de 1944 (TRUNK, 2008, p. 267), quando o gueto já estava ofialmente liquidado, número composto pelos membros dos dois grupos acima descritos.

O número exato de crianças que sobreviveram escondidas no gueto, nos grupos que permaneceram para desmontar o gueto e que foram liberadas em Auschwitz após a deportação final do gueto é desconhecido. Sabemos apenas que de dezenas de milhares de crianças restaram poucas dezenas. A maioria das crianças que viveu no gueto Łódź morreu ali mesmo, vítimas da fome, do frio e das doenças, ou encontrou suas mortes nos caminhões de Chełmno nas deportações de 1942 e 1944. Ou seja, para a maioria das crianças judias que viveram nesse gueto, o destino final foi a morte.

A esperança de toda criança do gueto e que era responsável pela resiliência que demonstravam cotidianamente em meio às condições extremas de vida, era sobreviver à guerra. E sobreviver significava, por sua vez, viver fora das cercas do gueto e ter a liberdade de estudar, trabalhar e viver em um mundo cheio de

---

[258] Alexandra Zapruder (In: LIPSZYC, 2015, p. 168) diz que os soviéticos que libertaram Łódź em janeiro de 1945 encontraram no gueto 877 pessoas.

possibilidades. Em última instância, sobreviver significava ter um futuro, alvo que fazia com que o presente cruel se tornasse menos insuportável.

Essa esperança era compartilhada por todas as crianças e jovens do gueto até o momento em que a dura realidade demonstrasse que não haveria futuro para elas. O fim da esperança no futuro não raro acabava com as últimas forças da criança ou jovem que, então, acabava por sucumbir à inanição e doenças que há tanto vinha lutando. Enquanto houvesse esperança, havia forças.

Nos diários, álbuns e cartas de crianças escritas no gueto, percebemos que era essa esperança no futuro que dava forças para que continuassem sobrevivendo mais um dia no gueto. O adolescente Dawid Sierakowiak deixa transparecer repetidamente em seu diário a esperança que o motivava a estudar, ler, ensinar e trabalhar, apesar de sua fraqueza e das terríveis condições de vida do gueto, que não raro lhe desanimavam com as evidências da vitória da crueldade e da desumanidade sobre a esperança.

Por exemplo, ao iniciar um novo caderno de diário em 6 de abril de 1941, Sierakowiak afirma, em um misto de esperança e dolorosa percepção da cruel realidade:

> Estou começando um novo caderno de anotações de meu *Diário* e, deste modo, ouso expressar o desejo de que ele se tornará o começo de um período novo, mais brilhante e melhor de minha vida, do que aquele que abrangi no caderno precedente. No entanto, isso parece ser apenas outro castelo no ar. Apesar da suntuosa (e cara) ração de comida do feriado[259], a situação continua tão trágica quanto antes. Não há esperança de melhoria. (SIERAKOWIAK, In: ADELSON, 1997, p. 113).

Na ocasião, os judeus de Łódź já estavam confinados no gueto há quase um ano, sendo que infelizmente 1941 seria um ano ainda mais difícil do que o precedente com a falta de alimentos, epidemias e a chegada de milhares de deportados de outras cidades e vilarejos, que colocariam ainda mais empecilhos à já desafiadora vida dos habitantes do gueto.

Ao longo de 1941, o jovem Sierakowiak continuou seus estudos na escola em Marysin e a dar aulas particulares a filhos de famílias mais abastadas do gueto, geralmente de membros da Administração do gueto que tinham maiores benefícios.

---

[259] Durante a Páscoa, os habitantes do gueto ganhavam um cupom especial de *Matzoth*, o pão ázimo para comemoração desse feriado religioso. Contudo, a porção de *Matzoth* era demasiadamente cara, impedindo que muitos habitantes, como a família de Dawid Sierakowiak, tivessem dinheiro suficiente para comprá-la. O adolescente destaca no dia 7 de abril que a “inanição do feriado” seria igual à dos outros dias da semana (ADELSON, 1997, p. 113).

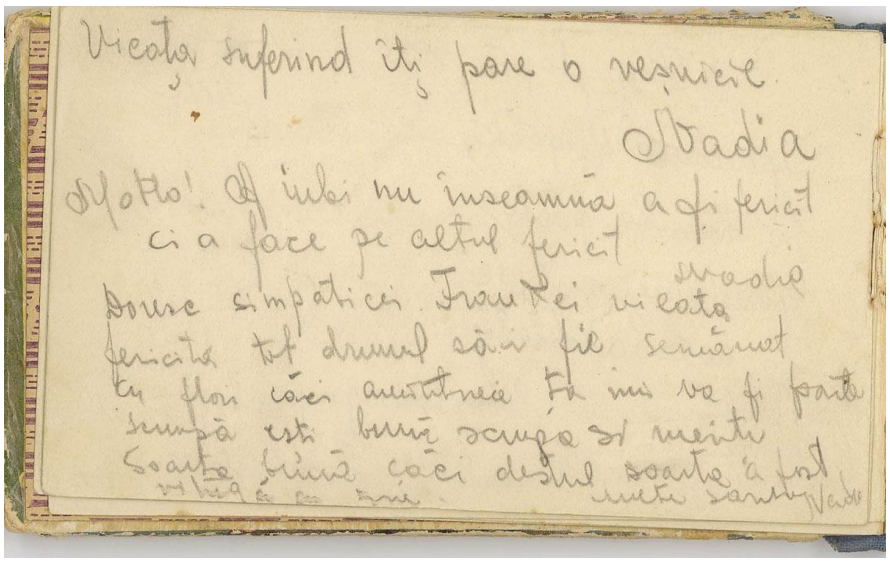
Lutando para se manter ocupado com seu trabalho, estudos e leituras a fim de esquecer a fome constante, Sierakowiak levava cada dia em uma rotina enfadonha, esperando o tempo passar rapidamente enquanto a guerra continuasse, o que, por sua vez, significava que permaneceriam no gueto (ADELSON, 1997, pp. 171-172).

Contudo, quando a rotina de Dawid Sierakowiak forçosamente mudou com o fechamento das escolas e ele começou a trabalhar como aprendiz na oficina de selaria, o adolescente desabafa e deixa transparecer toda a esperança e o idealismo tão característico da juventude. Na entrada de seu diário, no dia 23 de outubro de 1941, o jovem de 16 anos escreve:

> Minha carreira de estudante foi suspensa, pelo menos durante algum tempo. Será que um dia voltarei a ser estudante? Não sei. Ouso duvidar disso. Mas, quem sabe? O principal agora é ganhar uma renda e sobreviver à pobreza. Apenas aguentar, apenas continuar. A guerra vai demorar um longo tempo e nossa tarefa agora é lutar com todas as nossas forças para continuarmos vivos. A meta imediata: superar o inverno. Tenho certeza de que uma vida maravilhosa e radiante ainda está esperando por nós. (SIERAKOWIAK, In: ADELSON, 1997, p. 187).

Nas cartas que as crianças escreviam para seus colegas, a esperança era um dos temas mais frequentes. Votos de uma vida melhor eram demonstrações de carinho e amizade, trocadas em dedicatórias e em ocasiões festivas, como no exemplo abaixo, retirado do caderno da sobrevivente Franka, no qual sua colega Nádia lhe faz uma dedicatória marcada pelo otimismo no futuro.

Imagem 42 – Dedicatória da criança Nádia para a colega Franka Kleczewska (abril de 1942)



FONTE: https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/albums/kleczewska.asp

Legenda: Uma vida de sofrimento parece durar para sempre. Lema! Amar não significa ser feliz, mas fazer os outros felizes. Desejo-lhe um mundo agradável e uma vida feliz. Que seu

> caminho seja coberto de rosas. A partir de hoje, você merece lembranças doces e um destino melhor. Porque até agora o destino tem sido cruel para nós. Nós sofremos o suficiente. (Tradução minha do inglês)

Contanto, por mais que a esperança resistisse com toda sua força, a realidade era por vezes negra demais para continuar acreditando que tudo iria melhorar. Diferentemente dos contos e fábulas infantis que sempre trazem uma moral ou um final feliz, o mundo real era demasiadamente distante do mundo de fantasias e, em muitas ocasiões, não dava margem a ilusões.

O cansaço físico, a fome constante e a falta de notícias que afirmassem que o final da guerra estava próximo deixava os moradores do gueto em um estado de apatia e pessimismo. Sem entrever algo concreto que apontasse para uma virada na situação do gueto, continuar a viver sob tão pesados fardos parecia impossível, como desabafa em seu diário a adolescente Rywka Lipszyc, de 14 anos, em 24 de novembro de 1943:

> Estou cansada da vida. (...) Ah, Deus, quando tudo isso vai terminar? Não quero mais viver. Acabei de pensar: “É uma pena que os judeus não possam se matar”. Aparentemente não podemos nem pensar nisso. Não estou mais aguentando. (...) Ah, quando vamos ser libertados? Porque vou enlouquecer de verdade...Não tenho tempo...(LIPSZYC, 2015, p. 63)

Entretanto, basta prosseguirmos a leitura do diário de Rywka Lipzsyc para perceber que a menina, apesar do cansaço físico e mental, continuava a viver, estudar e trabalhar. A jovem demonstra acreditar em um futuro ao dar atenção em seu diário a assuntos corriqueiros e típicos da adolescência, como as brigas com as primas com quem morava, com sentimentos românticos que nutria por uma amiga e com atividades que mantinha no gueto, como clubes de leitura e teatro.

Mas esses temas, considerados comuns para uma garota de 14 anos, estavam misturados com outros temas, que mostram o impacto que a vida no gueto tinha sobre essas crianças e jovens. Por exemplo, em várias ocasiões Rywka lembra dos seus familiares que morreram nesses três anos de confinamento no gueto. Em 31 de outubro de 1943 ela confessa em seu diário sua incredulidade perante a morte de ambos os pais, do quais nunca antes havia imaginado se separar (LIPSZYC, 2015, p. 60). Pouco tempo depois, no dia 13 de dezembro, ela escreve sobre a falta que sente de sua irmã e de seu irmão que haviam sido levados na *Sphere* de setembro de 1942 (LIPSZYC, 2015, p. 66).

Assim como Dawid Sierakowiak, Rywka Lipszyc vivia em estado sentimental que alternava entre a esperança e o desânimo, mas a primeira predominava no fim das

contas. Do mesmo modo que o jovem de 19 anos termina seu diário com um tom de otimismo, a adolescente de 14 anos escreve a última entrada de seu diário, em 12 de abril de 1944, com um misto de esperança no futuro e de tristeza no presente:

> Ah, o tempo está tão bonito! Bonito! Bonito! Ah, estou tão feliz, esse é um consolo tão grande...(...) Em momentos como este, quero tanto viver. Há menos tristeza, mas ao mesmo tempo estamos mais cientes de nossas circunstâncias miseráveis, nossas almas estão tristes e...é preciso muita força oara não desistir. Olhamos para esse mundo maravilhoso, esta bela primavera, e ao mesmo tempo nos vemos no gueto, privados de tudo; não temos a menor alegria, porque, infelizmente, somos máquinas com instintos animais bem desenvolvidos. Eles são visíveis por toda parte (principalmente durante as refeições). Tudo isso nos afeta tanto que ficamos cada vez mais enfadados. Ao olhar para nós, é possível ver quanto esforço fazemos para ter uma vida diária melhor, em que...Por que devo escrever sobre isso? Eu quero, quero tanto. Quando percebo que somos privados de tudo, que somos escravos, tento deixar esse pensamento de lado para não estragar esse pequeno momento de alegria. Como é difícil! Ah, Deus, quanto tempo mais? Acho que somente quando formos libertados desfrutaremos de uma primavera de verdade. Ah, que saudade da querida primavera...(LIPSZYC, 2015, p. 149)

Essa dualidade do texto, que oscila entre o otimismo e o pessimismo, mostra a contradição interna que se tornou uma característica dos habitantes do gueto de Łódź. Mas, ao mesmo tempo, essa entrada do diário de Rywka Lipszyc nos mostra a lucidez que uma menina de 14 anos tinha sobre a intenção nazista de desumanizar os judeus e da situação trágica que viviam no gueto. E era justamente essa lucidez que enfrentava a persistente esperança que Rywka e Dawid precisavam para continuar vivendo nas condições adversas do gueto.

CONCLUSÃO

Recriar a vida de cada um dos milhares de crianças e jovens que viveram no gueto de Łódź em algum momento ao longo dos seus mais de quatro anos de existência é uma tarefa praticamente impossível. Não há documentos nem registros oficiais de todas essas crianças, das quais muitas sequer sabemos o nome, quanto menos podemos conhecer detalhes de sua vida.

Se os documentos são escassos e incompletos, ainda mais escassos são os registros produzidos pelas próprias crianças, seja pelas limitações intrínsecas à infância como a falta de alfabetização, pelas condições de vida no gueto como a falta de materiais para escrita ou ainda pela destruição de diários e outros registros feitos pelas crianças, que foram queimados ou perdidos no final da guerra.

Os pouco numerosos diários, cartas e desenhos que sobreviveram à liquidação do gueto não receberam o devido reconhecimento pela historiografia, sempre envolta em debates acerca da credibilidade dos registros realizados pelas crianças. Tais questionamentos justificam a falta de pesquisas focalizadas nas crianças como objeto de estudo e de obras que enfoquem as crianças em situações específicas. As obras que buscam analisar as crianças e suas vivências não raro englobam diversas situações distintas, em uma generalização que é explicada pela falta de fontes primárias sobre cada uma delas.

Os testemunhos feitos por sobreviventes que relembram as experiências vividas décadas antes quando eram crianças também têm sua credibilidade questionada, sendo desprezados por muitos historiadores que levantam dúvidas acerca dos efeitos da teleologia e da memória sobre os relatos tardios. Dessa forma, o uso de testemunhos posteriores como fonte ainda não é um consenso dentro da historiografia.

A limitação das fontes primárias sobre as crianças encarceradas no gueto de Łódź acarreta na exiguidade de fontes secundárias sobre essa temática, o que dificulta uma pesquisa como a que foi feita no presente trabalho, no qual se buscou obter uma compreensão acerca das principais situações nas quais as crianças estavam inseridas e como reagiram perante os acontecimentos.

A inexistência de obras que centralizem as crianças do gueto de Łódź não decorre exclusivamente da limitação de documentos e registros sobre elas, como está inserida em um fenômeno mais abrangente, que explica a carência de pesquisas

historiográficas centradas nas crianças de modo geral. A historiadora da infância, Déborah Dwork (1991, p. 254), que escreveu uma obra sobre as crianças na *Shoá* anteriormente citada neste trabalho, afirma que a História é a história dos adultos, uma vez que os adultos são considerados os membros ativos da sociedade. Consequentemente, as crianças, vistas exclusivamente como futuros membros dessa sociedade, estão de forma gritante ausentes da História. Na melhor das hipóteses, segundo Dwork, a história das crianças se torna uma preocupação periférica dentro da História.

Não obstante, se essa marginalidade não tem fundamentos, no caso específico do Holocausto é ainda menos justificável, uma vez que as crianças têm um papel central para o entendimento deste evento. Sendo a *Shoá* o "desafio mais radical" que nossa sociedade já vivenciou, Déborah Dwork defende que o "coração dessa catástrofe foi a morte de um milhão e meio de crianças", pois que elas são inquestionavelmente inocentes. Compreender um evento tão trágico como o Holocausto é impossível sem uma análise da "quintessência do mal", que foi a perseguição dessas crianças inocentes. Afinal, aponta Dwork, o relacionamento da sociedade com as crianças é o núcleo de nossa civilização, o que impossibilita a escrita da História sem o reconhecimento de sua centralidade (DWORK, 1991, p. 254).

O extermínio de crianças que eram inocentes e incapazes de se defender foi, de fato, o aspecto mais tenebroso do Holocausto, aquele que mostrou até onde pode chegar a brutalidade humana. E, por ser tão chocante, acabou por se tornar um aspecto desprezado na historiografia, justamente por envolver sentimentos. Não há como ficar indiferente ou imparcial diante do sofrimento e da morte de crianças, que naturalmente evocam a sensibilidade humana. Se atualmente muitos se negam a falar ou a ouvir sobre o Holocausto, por ser um assunto doloroso que acabou por se tornar um tabu por apresentar até onde vai a crueldade humana, fica fácil compreender porque a maior parte dos historiadores se esquivou de estudar sobre as experiências vividas pelas crianças na *Shoá.*

Déborah Dwork argumenta que a falta de vontade dos historiadores em pesquisar sobre as crianças se deve ao fato de não se aceitar a morte de inocentes, ainda mais incompreensível do que o genocídio de adultos. Os adultos não são vistos como totalmente indefesos, tendo a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, por mais difícil a situação na qual esteja inserido. Já as crianças, por serem indefesas por natureza, devem ser cuidadas e protegidas, exatamente o que deixaram de ser na

Shoá. De tal contradição decorre, segundo Dwork, a preferência dos historiadores em estudar o que aconteceu com os adultos, quando se consegue ter um maior distanciamento emocional do objeto de estudo:

> Pesquisar e analisar a sistemática destruição dos adultos é, consequentemente, subjetivamente diferente de investigar o mesmo programa aplicado às crianças. No primeiro caso, o historiador tem a opção de lamentar que os adultos não tenham feito mais, mas no caso das crianças eles apenas podem chorar suas mortes. (DWORK, 1991, p. 256, tradução minha)

Se a morte de crianças nos choca por ser injustificável e brutal, ela ainda levanta outra questão, ainda mais indigesta, uma vez que não se restringe à análise dos assassinos que tiveram o sange frio de matar esses seres puros, mas que questiona a humanidade da nossa sociedade. Segundo Dwork (1991, p. 256), a maneira com a qual a sociedade trata os inocentes e indefesos são pontos centrais através dos quais podemos entender e julgar uma determinada sociedade.

Portanto, o fato de um milhão e meio de crianças ter morrido enquanto o restante do mundo estava indiferente ao seu sofrimento, quando deveríamos nos responsabilizar por elas e as defender da opressão, é um dilema que coloca em xeque a humanidade como um todo e estende a culpa dos perpetradores nazistas a todos que permitiram que esse genocídio se concretizasse. Não é à toa que um assunto assim desagradável seja deixado à margem das análises históricas.

Outro motivo que levou a história das crianças à marginalidade dentro dos estudos da *Shoá* foi sua não inserção na narrativa da resistência judaica. Déborah Dwork afirma que essa exclusão é um erro, já que a resistência não se faz unicamente com armas. Os judeus resistiram aos alemães de diversas formas, muitas envolvendo a proteção das crianças judias, tais como as organizações e indivíduos que resgataram e esconderam crianças. Outra forma de resistência, segundo a historiadora, foi feita por alguns *Judenrat* ao priorizar o cuidado das crianças, concedendo-lhe grande parte de seus parcos recursos para alimentá-las e dar-lhes educação (DWORK, 1991, p. 255).

Dwork cita apenas as atitudes dos líderes judeus Adam Czerniaków do gueto de Varsóvia e Jacob Gens do gueto de Vilna que resistiram aos nazistas e buscaram manter seus princípios e responsabilidades ao direcionar parte dos recursos à proteção das crianças[260]. Entretanto, acredito que Rumkowski igualmente poderia ser

---

[260] Provavelmente a exclusão de Rumkowski na lista de líderes que resistiram ao proteger as crianças não foi mero esquecimento de Dwork, que claramente distingue Czerniaków e Rumkowski quando

incluído nesse grupo, pois que criou orfanatos, escolas, cursos profissionalizantes e auxílios financeiros para as crianças, investindo no futuro delas. E investir nas crianças, acreditando que elas teriam um futuro, é uma forma de resistir às investidas alemãs, que queriam desumanizar e exterminar os judeus.

A coragem de resistir foi além dos líderes e de organizações, sendo demonstrada pelos pais das crianças ao escolher enviar seus filhos para outros lugares ou deixá-los ao seu lado com o fim de protegê-los dos nazistas. E as próprias crianças demonstraram grande coragem, resistindo à situação de horror e morte que lhe era imposta ao se agarrarem à vida, se adaptando ao mundo estranho e bizarro que eram forçadas a habitar para que mantivessem certos aspectos de normalidade.

Frequentando as escolas, estudando, brincando, formando grupos e organizações juvenis e se relacionando com a família e amigos, as crianças desafivam a máquina da morte nazista, que lhes dizia que não tinham direito de viver. E só o fato de viverem, enfrentando os empecilhos do frio, da fome, da exaustão e das condições desumanas do gueto, todas táticas nazistas para matar não somente o corpo dos judeus, como extirpar deles a sua alma e sua humanidade, já era um claro ato de coragem e de resistência.

Apesar de toda a coragem e resistência, a máquina da morte nazista devorou a imensa maioria das crianças confinadas pelos alemães no gueto de Łódź. As que conseguiram sobreviver não se livraram das dificuldades ao deixar o gueto, uma vez que o pós-guerra não lhes foi complacente. Além de virem frustradas suas esperanças de reencontrar entes queridos dos quais foram forçosamente separadas nas deportações, as crianças que retornaram aos seus antigos lares se depararam com a dureza dos vizinhos e conhecidos que tomaram sua casa e seus pertences.

Sem família, sem posses e enfrentando a indiferença de seus governantes, as crianças e jovens sobreviventes continuavam à margem da sociedade, que não reconhecia o seu sofrimento[261]. Essas crianças perderam anos de educação, a

---

escreve que, enquanto o primeiro preferiu se matar do que entregar as crianças de seu gueto para deportação, o segundo auxiliou no extermínio de sua própria comunidade (DWORK, 1991, p. 173). A historiadora ainda diferencia Rumkowski de Gens, ao lembrar que os dois líderes que adotaram uma política de salvação pelo trabalho em seus guetos tiveram atitudes diferentes quando defrontados com a questão de quem selecionar para deportação. Priorizando os membros produtivos da população, Gens deciciu proteger as crianças e deportar apenas idosos e doentes, enquanto Rumkowski incluiu as crianças no grupo a ser deportado (DWORK, 1991, p. 174).

[261] Déborah Dwork (1991, p. 267) enumera alguns fatores que explicam a marginalização dos sobreviventes, a saber: sua pouca representatividade, pois foram poucos os que retornaram a seus

oportunidade de ter uma socialização com os adultos e com outras crianças em uma situação normal, de ter uma infância despreocupada e envolta em brincadeiras inocentes e de ter um lar estruturado. Voltando a viver fora das cercas do gueto, essas crianças não receberam apoio algum para normalizarem suas vidas e se adequarem ao mundo novo que encontravam após anos de reclusão (DWORK, 1991, p. 268).

Pode-se questionar a utilidade de um trabalho como esse, que almeja trazer à tona as vidas e mortes das crianças que viveram no gueto de Łódź entre 1940 e 1944, visto estar sujeito a tantas dificuldades metodológicas, ter sido desprezado pela historiografia tradicional e por ter como objeto de estudo as crianças, marginalizadas não apenas dentro da historiografia como na própria história.

Não obstante, concordo com Déborah Dwork na centralidade das crianças tanto na sociedade quanto na historiografia, já que a escrita da história tem como motivação principal o entendimento da sociedade da época analisada a fim de se compreender os eventos estudados. É possível analisarmos a evolução e as transformações da humanidade ao longo de sua história através do tratamento dado às crianças, que variou em conformidade com as mudanças que ocorriam na sociedade. Não causa estranhamento o fato da Organização das Nações Unidas (ONU) ter sido criada em 1945 após o final da Segunda Guerra Mundial e nem a Declaração Universal dos Direitos da Criança tenha sido promulgada por esta organização em 1959, quando o conhecimento sobre o Holocausto e sobre a morte de milhares de crianças era maior.

Além de centrais no estudo da sociedade de uma época através de suas atitudes para com elas, as crianças também são centrais para o entendimento de determinados acontecimentos. O que muitos historiadores colocam como um impeditivo no uso do relato das crianças, a saber, a sua falta de compreensão do mundo que as faz ter uma visão simplista e limitada dos acontecimentos, pode ser uma grande vantagem. Isso porque as crianças não estão infectadas pelos preconceitos e ideias preconcebidas dos adultos que, por sua vez, impedem uma visão imparcial dos fatos.

Como aponta Justyna Kowalska-Leder (2015, p. 278), as crianças não possuem pressupostos internalizados nem leis éticas que balizem seu entendimento, o que faz

---

lares; a falta de compreensão por parte da sociedade de então da dimensão e dos horrores do Holocausto; a atitude dos governos sociais-democratas e socialistas eleitos na Europa pós-guerra de tratar todos os cidadãos com igualdade, sem levar em consideração a necessidade e especificidade dos sobreviventes judeus.

com que enquadrem as ocorrências na categoria mais simples do bom ou do mau. Esse enquadramento decorre dos efeitos de tal ocorrência, que é vista como boa se traz alegria e má quando traz sofrimento. Essa simplificação tão detestada pela historiografia tem sua utilidade, sobretudo diante dos recorrentes debates acerca da culpabilidade do Holocausto ou mesmo do negacionismo.

O extermínio de seis milhões de judeus e de um milhão e meio de crianças pode ser extenuamente debatido e analisado, questionado e comprovado, pormenorizado em todos os seus aspectos específicos, detalhamento esse que se faz necessário a fim de que se compreenda todo o alcance do Holocausto. Todavia, de tempos em tempos é importante que a humanidade se lembre de algo simples, mas fundamental: que o Holocausto foi mau. Parece uma simplificação demasiadamente óbvia, bem típica de uma criança. No entanto, a objetividade simplista da criança deixa em evidência o óbvio que os adultos frequentemente esquecem ao intrincar e complexificar tudo, por isso é necessária em alguns momentos.

Precisamos constantemente lembrar que o Holocausto foi mau, um evento trágico que manchou para a sempre a história da humanidade ao evidenciar o mal que ainda existe dentro do ser humano, que nem sempre consegue ser humano e fraterno para com seus semelhantes. Sem lembrarmos de sua maldade instrínseca, o Holocausto pode ser estudado e revirado por pesquisadores de todas as áreas e ainda assim ser repetido. Somente enfatizando esse mal que estava por detrás de cada decisão e de cada ação desse evento traumático é que podemos prevenir que algo tão ruim volte a acontecer; que é, no fim das contas, o objetivo de todos aqueles que abraçam essa dura tarefa de estudar o Holocausto.

As crianças, com sua simplicidade e sua inocência, podem nos ajudar a alcançar a dimensão que esse evento trouxe para a humanidade, não apenas na primeira metade da década de 1940 quando ocorreu, mas que reverbera até os dias atuais. Através de suas confissões livres nos diários podemos entender como eram impactadas pelos grandes e pequenos acontecimentos decorrentes das decisões feitas pelos alemães em gabinetes. Através de seus testemunhos feitos na idade madura conseguimos averiguar os traumas que tais acontecimentos causaram em seu emocional e psicológico, que também afetam a segunda e mesmo a terceira geração dos sobreviventes.

As crianças também nos permitem uma análise da sociedade de então e da humanidade de forma geral, suscitando o questionamento sobre o papel de cada ser

humano perante seus iguais dentro de um mundo repleto de nacionalismos, preconceitos, xenofobia e indiferença, oriundas do ainda tão enraizado egoísmo humano. Esse é o trauma coletivo que todos nós devemos carregar, o de termos deixado que milhões de pessoas inocentes fossem mortas de forma bárbara e desumana perante um mundo que assistia impassivo ao extermínio em massa.

Como não podemos rebobinar a fita da história, nos resta aprender a lição a fim de que tamanha barbaridade não seja repetida e honrar a memória daquelas vítimas que desapareceram sem serem notadas, sem deixar vestígios de sua existência. Não podemos fazer como os nazistas que acreditavam que algumas vidas não valiam a pena e que, portanto, poderiam ser eliminadas sem dó nem piedade. Enquanto que o nome de muitos assassinos e dirigentes nazistas são lembrados até hoje, incontáveis vítimas foram esquecidas para sempre, tornando todo seu sofrimento e garra em vão.

Essas pessoas devem ser lembradas, sobretudo as crianças que, em sua fragilidade, tiveram que endurecer seus espíritos e enfrentar um mundo cruel, lutando por um futuro que não lhes foi concedido. A luta dessas crianças em viver deve ser lembrada, para que tenhamos sempre em mente que toda vida humana, independetemente da etnia, idade ou nacionalidade, tem valor.

Afinal, essa é uma lição que ainda não foi aprendida, mesmo passados mais de setenta anos do final da Segunda Guerra e da libertação dos campos e guetos, onde pudemos ver o horror do Holocausto. Ainda hoje crianças são vítimas da guerra, particularmente no Oriente Médio e na África, sofrendo com bombardeios, armas químicas e fome. Mas, especialmente, são vítimas da indiferença da humanidade que acompanha nos seus televisores, computadores ou celulares o sofrimento desses pequenos inocentes sem fazer nada para impedir ou para proteger essas crianças.

Enquanto essa lição não for aprendida, o risco de um novo Holocausto permanece como sombra a nos espreitar, esperando as circunstâncias certas para ocorrer. E muitas delas já se fazem presentes, como a intolerância, a xenofobia, a indiferença e a ambição de líderes políticos. Por isso, se faz imprescindível a permanente lembrança do Holocausto através de pesquisas como essa, que evidenciem toda a maldade humana.

Esse trabalho objetivou lembrar de um dos aspectos mais negros do Holocausto, que foi o sofrimento e a morte inflingidas às crianças e, ao mesmo tempo, resgatar sua humanidade, já que os objetivos nazistas eram desumanizar e exterminar essas crianças. Esse resgate tão merecido infelizmente não pode ser feito a contento, uma

vez que é impossível conhecer os nomes e as vidas de todas as crianças que foram confinadas no gueto de Łódź. Contudo, todo esforço nesse sentido é válido, ainda que sejam necessários vários estudos e pesquisas mais aprofundadas para que possamos conhecer as crianças e compreender suas vidas e mortes.

O motivo por trás da escolha do gueto de Łódź como recorte espacial quando se poderia analisar outros guetos e campos nos quais viveram crianças é devido à singularidade deste que se tornou o maior gueto de trabalho do Holocausto. Como apontou o sobrevivente Abraham Cykiert, conforme mencionado no item sobre o debate historiográfico a respeito de Rumkowski[262], o gueto de Łódź foi singular por ter se tornado praticamente um complexo industrial, cuja produção e faturamento despertou a atenção de membros do alto escalão nazista[263].

Dentro de um gueto de trabalho, onde a seleção dos que seriam deportados e dos que permaneceriam dependia da capacidade física para trabalhar, a situação das crianças merece um destaque maior, por serem naturalmente excluídas desse critério. Se as crianças são centrais em qualquer estudo histórico, sobretudo dentro da tragédia do Holocausto, maior centralidade ainda possuem em um gueto que, por natureza, as excluíam.

Se a singularidade do gueto reside, segundo afirma Cykiert, na decisão de Rumkowski em abril de 1940 de oferecer às autoridades alemãs a mão-de-obra judaica especializada para a produção de bens, seria natural que as crianças fossem desde o início marginalizadas. Afinal, em um gueto que se voltou ao trabalho desde seu isolamento em maio de 1940, seria mera consequência o fato de serem excluídas as crianças por não se adequarem ao perfil desejado pelas autoridades.

Contudo, não foi o que ocorreu, uma vez que o próprio Rumkowski, que havia decidido pela tática da salvação pelo trabalho, estabeleceu como prioridade o cuidado das crianças e órfãos do gueto. Era evidente que manter esses dois focos divergentes na administração do gueto seria uma situação insustentável a longo prazo, uma vez que um dos dois haveria de ser abandonado em algum momento a fim de que o outro

---

[262] Referência ao item 2.3 da presente obra, intitulado “As principais correntes do debate historiográfico sobre o papel de Rumkowski como *Judenälteste*”. Abraham Cykiert foi mencionado na página 129.

[263] O gueto foi assunto de conversas do chefe da *SS* Heinrich Himmler, que chegou a visitar o gueto e conversou pessoalmente com Rumkowski, do arquiteto-chefe do *Reich* Albert Speer e do *Gauleiter* da região de Warthegau Arthur Greiser.

fosse priorizado. Foi o que aconteceu em Łódź em setembro de 1942, o ano mais difícil que o gueto viveu, pressionado pelo excesso populacional ocasionado pelas levas de recém-chegados de vilarejos vizinhos e de cidades do *Reich* que, por sua vez, motivou as deportações que ocorreram ao longo desse ano.

A deportação das crianças foi o momento mais marcante na história do gueto e na vida de Rumkowski, o homem que se dizia o amigo das crianças e a quem a Crônica do Gueto chamava de “patrono sensível e protetor das crianças”, que eram a “maçã de seus olhos” e a quem dedicava um “ardente amor”[264]. A partir de então, Rumkowski deixou de aparecer tanto em público e perdeu parte da autoridade aparente ilimitada que detinha até então. Rumkowski não foi mais o mesmo, nem o gueto foi mais o mesmo depois de praticamente todas as famílias se despedirem de suas crianças que eram sua alegria e a esperança em um futuro da comunidade judaica de Łódź.

A situação das crianças foi particularmente singular dentro do já singular gueto de Łódź. Recebendo acessso à educação formal que era uma raridade no mundo dos guetos e rações extras de alimentos difíceis de encontrar no gueto, como leite e manteiga (DWORK, 1991, p. 179), as crianças de Łódź eram vistas como privilegiadas pelos cuidados que recebiam do líder judeu. Os órfãos do gueto também eram acolhidos nos orfanatos, onde recebiam cuidados médicos, alimentação e educação, o que não acontecia em outros guetos, como em Varsóvia, onde a cena de órfãos morrendo de fome nas ruas era corriqueira.

Entretanto, a proteção e a garantia de certos aspectos de normalidade da infância logo seriam interrompidas com a pressão das autoridades alemãs para que a população do gueto fosse dimunuída a fim de reduzir os custos de manutenção do gueto. Com o poder de escolha nas mãos, Rumkowski escolheu se livrar dos elementos indesejáveis e inúteis do gueto, como criminosos, os envolvidos no mercado negro ilícito, opositores políticos e os judeus ocidentais que se recusavam a trabalhar. Mas, livre desses alvos mais óbvios de deportação, o *Judenälteste* foi forçado a se livrar do outro tipo de elementos inúteis, que eram os doentes, idosos e as “suas crianças”, como as chamava.

Antes de apelar para esse recurso final, o líder judeu tentou empregar as crianças acima de 8 anos sem sucesso, enfrentando resistência por parte das autoridades alemãs. Todavia, obteve certo sucesso empregando crianças a partir dos 10 anos nas

---

[264] Entrada da Crônica do Gueto nos dias 10-13 de janeiro de 1942 (DOBROSZYCKI, 1984, p. 122).

oficinas como aprendizes e tornado-as trabalhadores, única forma de as proteger das deportações. Apesar de milhares de crianças serem inscritas nos cursos e empregadas nas fábricas do gueto nos meses anteriores à *Shpere* de setembro de 1942, a maioria foi levada para Chełmno.

Das crianças que conseguiram permanecer no gueto, suas vidas podem não lhes terem sido tiradas, mas sua infância foi. Os dois aspectos mais interligados à infância, que são a escola e a família, foram desestruturadas, sendo a primeira após o fechamento das escolas normais com a chegada dos judeus ocidentais ao gueto no final de 1941 e a segunda com a morte dos pais por doenças ou com a separação trazidas pelas deportações.

Tornando-se adultas por serem inseridas no mundo do trabalho, por se tornarem as responsáveis pelos irmãos menores e frequentemente o ganha-pão da família, as crianças que permaneceram no gueto não eram mais crianças. Esse fardo das responsabilidades adultas fez com que as crianças envelhecessem e que, em muitas ocasiões, invertessem seu relacionamento com seus pais, por tomarem atribuições que costumeiramente eram deles, como cuidar e dar o sustento (KESTENBERG, 1996, pp. 137-138).

As crianças eram as mais suscetíveis às terríveis circunstâncias da vida no gueto, não somente pela fragilidade inerente à infância, mas por serem precocemente sujeitas às responsabilidades da vida adulta. O historiador Isaiah Trunk define assim a especificidade do sofrimento das crianças reclusas no gueto de Łódź:

> As crianças no gueto carregavam em seus ombros frágeis todo o fardo da vida no gueto. Após um dia de trabalho de quatro a oito horas (dependendo de sua idade), elas tinham que cuidar das tarefas domésticas (limpar, fazer fogo, preparar a escassa refeição, se houvesse algo para cozinhar). Elas também precisavam ficar em pé por horas a fio nas filas caóticas em frente às lojas de comida, onde às vezes elas eram espancadas pelos policiais do gueto. (TRUNK, 2008, p. 301)

No entanto, segundo Judith Kestenberg (1996, p. 138), psiquiatra infantil que trabalhou com sobreviventes do Holocausto, dentro dessa criança adulta vivia uma criança normal em desenvolvimento, cujas fantasias e impulsos estavam prontas para emergir assim que uma oportunidade aparecesse. Isso significa que a criança não deixava de existir, apenas era soterrada e reprimida dentro do adulto que era forçado pelas circunstâncias a surgir precocemente. Essa precocidade, por sua vez, ocorre quando a realidade é demasiadamente dura, fazendo com que a criança adquira uma

percepção dos acontecimentos que, em uma situação normal, só seria adquirida em uma fase posterior de desenvolvimento infantil (KESTENBERG, 1996, p. 140).

Tal foi o efeito do gueto de Łódź sobre suas crianças que, além de sofrerem as mesmas privações das crianças de outros guetos, como fome, frio, doenças, perda de entes queridos e ausência de aspectos centrais da infância, como a escola, os brinquedos e brincadeiras típicas, sofriam com pressões adicionais. Inseridas no mundo adulto do trabalho e impelidas a um amadurecimento precoce, as crianças judias de Łódź trabalhavam até a exaustão, alimentadas na esperança pela promessa vã de que o trabalho lhes salvaria a vida. Como apontou Déborah Dwork:

> Possivelmente foi essa esperança, ou talvez somente o hábito de viver, ou talvez a básica e elementar fome que era o maior ímpeto para as crianças assumirem tarefas até então adultas como trabalhar nas fábricas do gueto, contrabandear e mendigar. (DWORK, 1991, p. 196).

Tal amadurecimento precoce, que afetou as poucas crianças sobreviventes para o resto de suas vidas e que tirou os últimos instantes da infância das crianças que não puderam chegar à idade adulta, aliado ao sofrimento que a esperança dava às crianças e jovens que, como Dawid Sierakowiak, ficavam em constante luta interior entre a realidade amarga e a esperança que cada dia mais parecia infundada, eram dolorosos diferenciais do gueto de Łódź. A singularidade desse imenso gueto de trabalho, que fez com que parecesse que seria salvo da liquidação e que permitiu aos seus moradores sonhar com um futuro fora de suas cercas, motivando-os a trabalhar com seus últimos resquícios de força física, resultou em um sofrimento ímpar para aqueles que, sobrevivendo até 1944 e ouvindo o barulho da artilharia soviética, não se conformavam em deixar o gueto.

Se os moradores do gueto de Varsóvia, sabendo que não havia mais esperanças para eles, decidiram antecipar suas mortes e lutar, enaltecendo a sua humanidade ao se recusar a morrer de forma passiva nas mãos dos nazistas, os moradores do gueto de Łódź lutaram a dura batalha da esperança. Batalha diária que consumiu suas últimas forças, até o dia em que a exaustão venceu a esperança ou em que seus corpos emaciados não passaram na seleção em Auschwitz.

Para os poucos adultos e as pouquíssimas crianças que sobreviveram escondidas no gueto ou nos grupos ali deixados para desmontá-lo ou que, transportadas a Auschwitz, conseguiram permanecer ali até sua libertação, as marcas foram permanentes. Se a esperança de sobreviver vingou, frequentemente não se pode falar

a mesma coisa da esperança de rever seus entes queridos, dos quais a maioria foi separada para sempre. E, para as crianças que, cheias de traumas, foram libertas do gueto, o gueto nunca as deixou completamente, ficando de forma irrevogável em suas memórias, afetando todas as suas vivências presentes e futuras. Elas podem ter saído do gueto, mas o gueto nunca saiu dos seus sobreviventes.

Esse trabalho buscou fazer um panorama das situações vividas pelas crianças no gueto de Łódź para enfatizar suas vidas, uma vez que a maioria delas é mais conhecida por suas mortes. Um número numa tabela de vítimas não representa tudo que essas crianças viveram, as dores que sofreram, as lições que aprenderam, os potenciais que tinham e os sonhos infantis que alimentaram. Saber que essas crianças estudaram, que brincaram, que trabalharam, que tinham planos para o futuro nos aproxima delas, ainda que, infelizmente, não conseguimos conhecer a cada uma individualmente.

Obviamente esse é um panorama incompleto, mas é uma peça a mais nesse imenso quebra-cabeças que é recriar as vivências das crianças que viveram e morreram no gueto de Łódź. Acredito que essa obra, ainda que tenha falhado em trazer à tona todas as vozes das crianças desse gueto, possa acrescentar aos estudos sobre as crianças nas diversas situações do Holocausto e sobretudo do gueto de Łódź, uma vez que não existe nenhuma obra no cenário mundial que focalize unicamente as crianças no gueto de Łódź. Ademais, este trabalho com certeza enriquece os estudos sobre o Holocausto no Brasil, onde o conhecimento do gueto de Łódź como um todo é escasso.

Espero ter contribuído para a composição desse quebra-cabeças histórico que é a pesquisa sobre as crianças no gueto de Łódź e reitero a importância de novos estudos que se aprofundem nessa temática, pela singularidade desse gueto e pelo papel central que as crianças têm neste gueto e na história como um todo.

REFERÊNCIAS BIIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Ben. **...E o mundo silenciou.** São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1972

ADELSON, Alan. **O diário de Dawid Sierakowiak**: a visão do Holocausto por um jovem do gueto de Łódź*.* Rio de Janeiro: Record, 1997

ADELSON, Alan; LAPIDES, Robert. **Łódź Ghetto**: inside a community under siege. New York: Viking Penguin, 1989

ALTMAN, Linda Jacobs. **Warsaw, Lodz, Vilna**: The Holocaust Ghettos*.* New Jersey: Enslow, 2015

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, p. 135

BAUER, Yehuda. **A history of the Holocaust** – revised edition*.* Connecticut: Franklin Watts, 2001

_____. **Rethinking the Holocaust**. New Haven: Yale University Press, 2001

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do gueto de Varsóvia*.* Barueri: Manole, 2010

BREITBURG, Victor; KRYGIER, Joseph. **A rage to live**: surviving the Holocaust so Hitler would not win*.* New York: To Life Ink, 2012

BRYKS, Rachmil. **A Cat in the Ghetto.** New York: Persea Books, 2008

CHARI, Anatol; BRAATZ, Timothy. **From Ghetto to Death Camp:** A memoir of Privilege and Luck. Lexingston, Kentucky: The Disproportionate Press, 2011

COHEN, Sharon Kangisser; FOGELMAN, Eva; OFER, Dalia. **Children in the Holocaust and its aftermath:** historical and psychological studies of the Kestenberg archive. New York: Berghahn Books, 2017

CONFINO, Alon. **A World Without Jews**: The Nazi imaginations from persecution to genocide*.* New Haven: Yale University Press, 2014

CYTRYN, Avraham. **Youth Writing Behind the Walls**: Avraham Cytryn's Lodz notebooks. Jerusalem: Yad Vashem, 2005

DAWIDOWICZ, Lucy. **A Holocaust reader***.* New Jersey: Behrman House, 1976

_____. **The Holocaust and the Historians**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981

DOBROSZYCKI, Lucjan. **The chronicle of the Łódź Ghetto, 1941-1944**. Connecticut: Yale University Press, 1984

DROICK, Carolin. **Das Alltagsleben im Getto Łódź am Beispiel der westeuropäischen Juden**. Köln: GRIN Verlag, 2009

DWORK, Debórah. **Children with a Star**: Jewish Youth in Nazi Europe. New Haven: Yale University Press, 1991

EICHENBAUM, Ray. **Romeks Odyssee**: Jugend im Holocaust. Viena: Verlag für Gesellchaftkritik, 1996

EICHENGREEN, Lucille. **From ashes to life**: my memories of the Holocaust. San Francisco: Mercury House, 1994

_____. **Rumkowski and the orphans of Łódź**. San Francisco: Mercury House, 2000

EISEN, George. **Children and play:** games among the shadows. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1988

EPSTEIN, Leslie. **King of the Jews:** A novel of the Holocaust. New York: Coward, McCann & Geoghegan, 1979

FOGEL, Heniek. **A hidden diary from the Łódź ghetto, 1942-1944**. Jerusalem, Yad Vashem, 2015

FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha nazista e os judeus, volume II**: os anos de extermínio, 1939-1945. São Paulo: Perspectiva, 2012

FRIEDMAN, Philip. **Roads to Extinction**: Essays on the Holocaust. New York: Conference on Jewish Social Studies, 1980

GIGLIOTTI, Simone; TEMPIAN, Monica. **The Young Victims of the Nazi Regime:** migration, the Holocaust and postwar displacement. London: Bloomsbury Academic, 2016

GILBERT, Martin. **O Holocausto**: a história dos judeus na Europa na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Hucitec, 2010

GLAS-WIENER, Sheva. **Children of the Ghetto.** Fitzroy, Australia: Globe Press, 1983

GODA, Norman J.W. **Jewish Stories of the Holocaust**: New Transitional Approaches. New York: Berghahn Books, 2017

GROSSMAN, Mendel. **My secret camera**: Life in the Lodz Ghetto. London: Frances Lincoln, 2008

HEBERER, Patricia. **Children during the Holocaust.** Maryland: AltaMira, 2011

HILBERG, Raul. **La destrucción de los judíos europeus**. Madrid: Akal, 2005

_____. **Perpretrators Victims Bystanders**: The Jewish Catastrophe 1933-1945. New York: Harper-Collins, 1992

_____. **The Destruction of the European Jews**: Student Edition. New Jersey: Holmes & Meier, 1985

HOCHBERG-MARIAŃSKA, Maria; GRÜSS, Noe. **The Children Accuse.** London: Vallentine Mitchell, 1996

HOFMANN, Edith. **Unshed Tears**. Glasgow: Omnia Books, 2001

HOLLIDAY, Laurel. **Children in the Holocaust and World War II**: their secret diaries. New York: Pocket Books, 1996

HORWITZ, Gordon. **Ghettostadt**: Łódź and the making of a nazi city. Massachussets: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010

IBLER, Reinhard. **The Holocaust in the Central European Literatures and Cultures**: Problems of Poetization and Aestheticization. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2016

KASSOW, Samuel D.. **Quem escreverá nossa história?** Os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

KESTENBERG, Judith S.; BRENNER, Ira. **The Last Witness:** The Child Surrvivor of the Holocaust. Washington D.C.: American Psychiatric Press, 1996

KORCZAK, Janusz. **Diário do Gueto**. São Paulo: Perspectiva, 1986

KOWALSKA-LEDER, Justyna. **Their Childhood and the Holocaust:** a child´s perspective in Polish documentary and autobiographical literature. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015

LAKS, Aleksander Henryk. **O Sobrevivente:** memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz. Rio de Janeiro: Record, 2014

LANGER, Lawrence. **The Holocaust and the literary imagination.** New Haven: Yale University Press, 1977

_____. **Versions of Survival.** Albany: State University of New York Press, 1982

LAQUEUR, Walter. **O terrível segredo:** a verdade sobre a manipulação de informações na “Solução Final” de Hitler. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

LEMOULLEC, Erik G. **Remember your name.** [S.l., s.n.].

LEVI, Primo. **71 contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____. **Os afogados e os sobreviventes.** São Paulo: Paz e Terra, 2004

LEWIS, Jon. **Voices from the Holocaust**. London: Constable & Robinson, 2012

LIPSZYC, Rywka. **O diário de Rywka**: encontrado em Auschwitz em 1945, publicado pela primeira vez 70 anos depois. São Paulo: Seguinte, 2015

LONGERICH, Peter. **Holocaust**: The Nazi Persecution and the Murder of the Jews. New York: Oxford University Press, 2010

LOOSE, Ingo. **Berliner Juden im Getto Litzmannstadt 1941-1944**: Ein Gedenkbuch. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2009

_____. **Das Gesicht des Gettos**: Bilder Jüdischer Photographen aus dem Getto Litzmannstadt 1940-1944. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2010

LÖW, Andrea. **Juden im Getto Litzmannstadt**: Lebensdedingugen, Selbstwahrnehmung, Verhalten. Göttingen: Wallstein Verlag, 2010

MACHEJEK, Andrzej. **Żydzi Łódzcy**: Jews of Łódź. Łódź: Wydawnictwo Hamal Andrzej Machejek, 2015

MATAS, Carol. **Daniel's story**. New York: Scholastic, 1993

MAYER, Arno J. **Why Did the Heavens Not Darken**: The 'Final Solution' in History. Brooklyn: Verso, 2012

MAZOWER, Mark. **O império de Hitler**: a Europa sob domínio nazista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

MIRON, Guy. **The Yad Vashem Encyclopedia of the Ghettos during the Holocaust,** volume I. Jerusalém: Yad Vashem, 2009

MOSTOWICZ, Arnold. **With a Yellow Star and a Red Cross**: a Doctor in the Łódź Ghetto. Middlesex: Vallentine Mitchell, 2005

PODOLSKA, Joanna. **Traces of the Litzmannstadt-Getto**: a guide to the past. Łódź: Piątek Trzynastego Wydawnictwo, 2004

POLANSKY, Antony. **Polin:** A Journal of Polish-Jewish Studies, vol. 6. Oxford: Blackwell, 1991

POLIT, Monika. **Mordechaj Chaim Rummowski**: Wahreit und Legende. Osnabrück: Fibre, 2017

POZNAŃSKI, Jakub. **Tagebuch aus dem Ghetto Litzmannstadt**. Berlin: Metropol Verlag, 2011

REICHER, Edward. **Country of Ash**: A Jewish doctor in Poland, 1939-1945. New York: Belleuve Literary Press, 2013

REES, Laurence. **The Holocaust:** A New History. New York: PublicAffairs, 2017

ROY, Jennifer. **Estrela amarela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

ROSENFARB, Chava. **The Tree of Life**: a Trilogy of Life in the Łódź Ghetto. Book One: On the Brink of the Precipice, 1939. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985

_____. **The Tree of Life**: a Trilogy of Life in the Łódź Ghetto. Book Two: From the Depts I Call You, 1940-1942. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985

_____. **The Tree of Life**: a Trilogy of Life in the Łódź Ghetto. Book Three: The Cattle Cars Are Waiting, 1942-1944. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985

ROSENFELD, Oskar. **In the beginning was the ghetto**: notebooks from Łódź. Illinois: Northwestern University Press, 2002

ROSS, Henryk. **Łódź Ghetto Album**. London: Chris Boot, 2004

SAGIE, Carmit; MORGENSTERN, Naomi. **The Legend of the Lodz Ghetto Children**: Teacher's Handbook. Jerusalem: Yad Vashem, 1997

SAMUSIA, Pawła; PUSIA, Wiesława. **Fenomen getta łodzkiego:** 1940-1944. Łódź: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego, 2006

SEM-SANDBERG, Steve. **Os destituídos de Łódź**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

SENDER, Ruth Minsky. **The cage.** New York: Simon & Schuster, 1997

STARGARDT, Nicholas. **Testemunhas da Guerra**: as crianças no regime nazi. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2007

SZPILMAN, Władisław. **O pianista**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008

TRUNK, Isaiah. **Judenrat**: The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi Occupation. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 1996

_____. **Judenrat**: The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi Occupation. New York: Scarborough Books, 1977

_____. **Łódź Ghetto**: a history. Indiana: Indiana University Press, 2008

TUSHNET, Leonard. **The Pavement of Hell**. New York: St. Martin's Press, 1972

UNGER, Michal. **Reassessment of the Image of Mordechai Chaim Rumkowski**. Jerusalem: Yad Vashem, 2004

_____. **The Last Ghetto**: Life in the Lodz Ghetto. Jerusalem: Yad Vashem, 2009

VALENT, Paul. **Child Survivors of the Holocaust**. New York: Brunner-Routledge, 2002

VAN PELT, Robert Jan. **Lodz and Getto Litzmannstadt:** Promised Land and Croaking Hole of Europe. Ontario: Art Gallery of Ontario, 2015

WEINTRAUB, Mietek. **The Arrival:** I sought God in hell. Jerusalem: Penina Press, 2012

WEISS, Helga. **O diário de Helga.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013

WOOD, Angela Gluck. **Holocausto**: os eventos e seu impacto sobre pessoas reais. Barueri: Amarilys, 2013

ZAPRUDER, Alexandra. **Salvaged Pages:** young writer's diaries of the Holocaust. New Haven: Yale University Press, 2015

ZELKOWICZ, Josef. **In those terrible days**: notes from the Łódź Ghetto. Jerusalem: Yad Vashem, 2002

ZYSKIND, Sara. **Stolen Years**. New York: New American Library, 1983

_____. **Struggle.** Minneapolis: Lerner Publications Company, 1989

ARTIGOS

BLOOM, Salomon F. "Dictator of the Lodz Ghetto: The strange History of Mordechai Chaim Rumkowski". **Commentary Magazine**. Feb. 1949, pp. 111-122. Disponível em: <https://www.commentarymagazine.com/articles/dictator-of-the-lodz-ghettothe-strange-history-of-mordechai-chaim-rumkowski/>. Acesso em: 13 jul. 2017

BROWN, Adam. "Traumatic Memory and Holocaust Testimony: Passing Judgement in Representations of Chaim Rumkowski". **Colloquy: Text Theory Criticism**, vol. 15, pp. 128-144, 2008. Disponível em: <http://www.colloquy.monash.edu.au/issue15/brown.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2018

CONROY, Melvyn (Org.). **The Terrible Choice:** Some Contemporary Jewish Responses to the Holocaust. 2006. Disponível em: <http://www.jewishgen.org/Yizkor/terrible_choice/Terrible_Choice.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

EINWOHNER, Rachel L. The Need to Know: Cultured Ignorance and Jewish Resistance in the Ghettos of Warsaw, Vilna and Łódź. **The Sociological Quartely,** v. 50, 3 ed., pp. 407-430, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.15338525.2009.01146.x/abstract>. Acesso em: 08 abr. 2014

Franka Klecwezka's Personal Album: Final Messages from the Lodz Ghetto. "Don't Forget Me" – Children's personal albums from the Holocaust. **Yad Vashem**. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/albums/franka-kleczewska.asp.> Acesso em: 11 abr. 2018

Give me your Children: Voices from the Łódź Ghetto. **United States Holocaust Memorial Museum**. Disponível em: <https://www.ushmm.org/exhibition/lodz/>. Acesso em: 26 ago. 2018

Holocaust survivor speaks at Burlington Temple. **The Enterprise**. Brockton, Massachussets, 25 maio 2016. Disponível em: <http://www.enterprisenews.com/news/20160525/holocaust-survivor-speaks-at-burlington-temple>. Acesso em: 28 mar. 2018

Izrael Kalmanowicz Poznański. **Virtual Shtetl**. Disponível em: <http://www.sztetl.org.pl/en/person/27,izrael-kalmanowicz-poznanski/>. Acesso em 05 mar. 2017

Łódź. **The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe**, Nova York. Disponível em: <http://www.yivoencyclopedia.org/getfile.ashx?id=ce3a5619-5deb-46a5-9d6c-03cb078d357f&width=280>. Acesso em: 29 ago. 2018

KUPERSTEIN, Isaiah. Rumors: a socio-historical phenomenon in the ghetto of Łódź. **The Polish Rewiew,** Vol. 18, n. 4, 1973, pp. 63-83. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25777159>. Acesso em: 06 out. 2015

METZGER, Jackie. Coping with Reality: Two Teenagers Poets in the Łódź Ghetto. The International School for Holocaust Studies. **Yad Vashem.** Disponível em: < https://www.yadvashem.org/articles/general/two-teenage-poets-in-the-lodz-ghetto.html>. Acesso em: 27 jul. 2017

MICHLIC, Joanna. The Children Accuse (Poland, 1946): Between Exclusion from and Inclusion into the Holocaust Canon. **Society for the History of Children and Youth.** Newsletter 9, 2007, pp. 11-19. Disponível em: <http://www.history.vt.edu/Jones/SHCY/Newsletter9/Newsletter9.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018

NS- Verbrecher: Zuchthaus zu Haus. **Der Spiegel,** Hamburgo, 24 out, 1966. Disponível em: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-46414807.html>. Acesso em: 17 jul. 2017

OCHAYON, Sheryl Silver. The Legend of the Lodz Ghetto Children. **Yad Vashem**. Disponível em: <http://www.yadvashem.org/articles/general/the-legend-of-the-lodz-ghetto-children.html>. Acesso em 14 maio 2018

Operation Reinhard. Holocaust Encyclopedia. **United States Holocaust Memorial Museum.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005195>. Acesso em 16 mai. 2017

SCHLOTT, René; LEFFERS, Jochen. “Väter und Mütter, gebt mir eure Kinder!”. **Der Spiegel Online**. 26 jan. 2018. Disponível em: <http://www.spiegel.de/einestages/chaim-rumkowski-rede-im-ghetto-lodz-gebt-mir-eure-kinder-a-1189369.html>. Acesso em 12 ago. 2018

SHAPIRO, Robert Moses. Łódź. **The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe**, Nova York, 2010. Disponível em: <http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Łodz>. Acesso em 15 jun. 2018

Sergey Nutkevitsh. **Yiddish Leksikon**. 2018. Disponível em: <yleksikon.blogspot.com/2018/01/Sergey-nutkevitsh.html>. Acesso em abr. 2018.

TEC, Nechama. Jewish Children: Between Protectors and Murderers. **Occasional Paper of the Center for Advanced Holocaust Studies.** Washington D.C.: United States Holocaust Memorial Museum, 2005, pp. 1-23. Disponível em: <https://www.ushmm.org/m/pdfs/Publication_OP_2005-04-03.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

The Lodz Ghetto: 1940-1944. **Holocaust Education and Archive Research Team, H.E.A.R.T.**, 2007. Disponível em: <www.holocaustresearchproject.org/ghettos/Lodz/lodzghetto.html>. Acesso em: 11 set.2018

TIEDENS, Larissa Z. Optimism and Revolt of the Opressed: A Comparison of Two Polish Jewish Ghettos of World War II**. Political Psychology***,* v. 18, n. 1, p. 45-69, março 1997. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0162-895X.00044/abstract>. Acesso em 08 abr. 2014

Transcript for “Give me your children”: voices from the Lodz Ghetto, **United States Memorial Museum**, Washington D.C. Disponível em: <www.uhsmm.org/wic/en/article.php?ModuleId+10007282>. Acesso em: 05 out. 2015

TRUNK, Isaiah. Note: Why Was There no Armed Resistance against the Nazis in the Lodz Ghetto? **Jewish Social Studies***,* v. 34, n. 3/4, p. 329-334, 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4467145>. Acesso em: 06 out. 2015

Two Nazi Officers Sentenced for Killing Thousands of Lodz Jews. **Jewish Telegraphic Agency**, Nova York, 20 nov. 1963. Disponível em: <http://www.jta.org/1963/11/20/archive/two-nazi-officers-sentenced-for-killing-thousands-of-lodz-jews>. Acesso em: 17 jul. 2017

Yesodei haTorah: Chapter Five. **Chabad**, Nova York. Disponível em: <http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/904980/jewish/Yesodei-haTorah-Chapter-Five.htm>. Acesso em: 29 jun. 2017